



A
BARCA DE GLEYRE

12 TÔMO



— A Barca de Gleyre, 1.º Tomo



OBRAS COMPLETAS
DE
MONTEIRO LOBATO
EM 30 VOLUMES

1.ª SERIE — LITERATURA GERAL
(13 volumes)

VOL.

- 1 — Urupês
- 2 — Cidades Mortas
- 3 — Negrinha
- 4 — Ideias de Jéca Tatú
- 5 — A Onda Verde e O Presidente Negro
- 6 — Na Antevéspera
- 7 — O Escandalo do Petroleo e Ferro
- 8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital
- 9 — América
- 10 — Mundo da Lua e Miscelanea
- 11 — A Barca de Gleyre — 1.º Tomo
- 12 — A Barca de Gleyre — 2.º Tomo
- 13 — Prefacios e Entrevistas

2.ª SERIE — LITERATURA INFANTIL
(17 volumes)

VOL.

- 1 — Reinções de Narizinho
- 2 — Viagem ao Céu e O Saci
- 3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden
- 4 — História do Mundo para as Crianças
- 5 — Memórias da Emilia e Peter Pan
- 6 — Emilia no País da Gramatica e Aritmetica da Emilia
- 7 — Geografia de Dona Benta
- 8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções
- 9 — D. Quixote das Crianças
- 10 — O Poço do Visconde
- 11 — Histórias de Tia Nastacia
- 12 — O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza
- 13 — O Minotauro
- 14 — A Chave do Tamanho
- 14 — Fabulas
- 16 — Os Doze Trabalhos de Hercules — 1.º Tomo
- 17 — Os Doze Trabalhos de Hercules — 2.º Tomo



EDITORA BRASILIENSE LTDA.
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — SAO PAULO

Manly H. R. F.

A BARCA DE GLEYRE

1.º TOMO

DIREITOS RESERVADOS PELA
EDITORA BRASILIENSE LTDA.
SÃO PAULO

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRASIL

2964

NOTA — Esta é a 3.^a edição do 1.^o Tôm de “A Barca de Gleyre”
publicada na 1.^a Série das “Obras Completas de
Monteiro Lobato”.

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO

1.^a Série ★ LITERATURA GERAL ★ VOL. II

Monteiro Lobato

A
BARCA DE GLEYRE

I.^o TOMO

Quarenta anos de correspondencia literaria
entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel



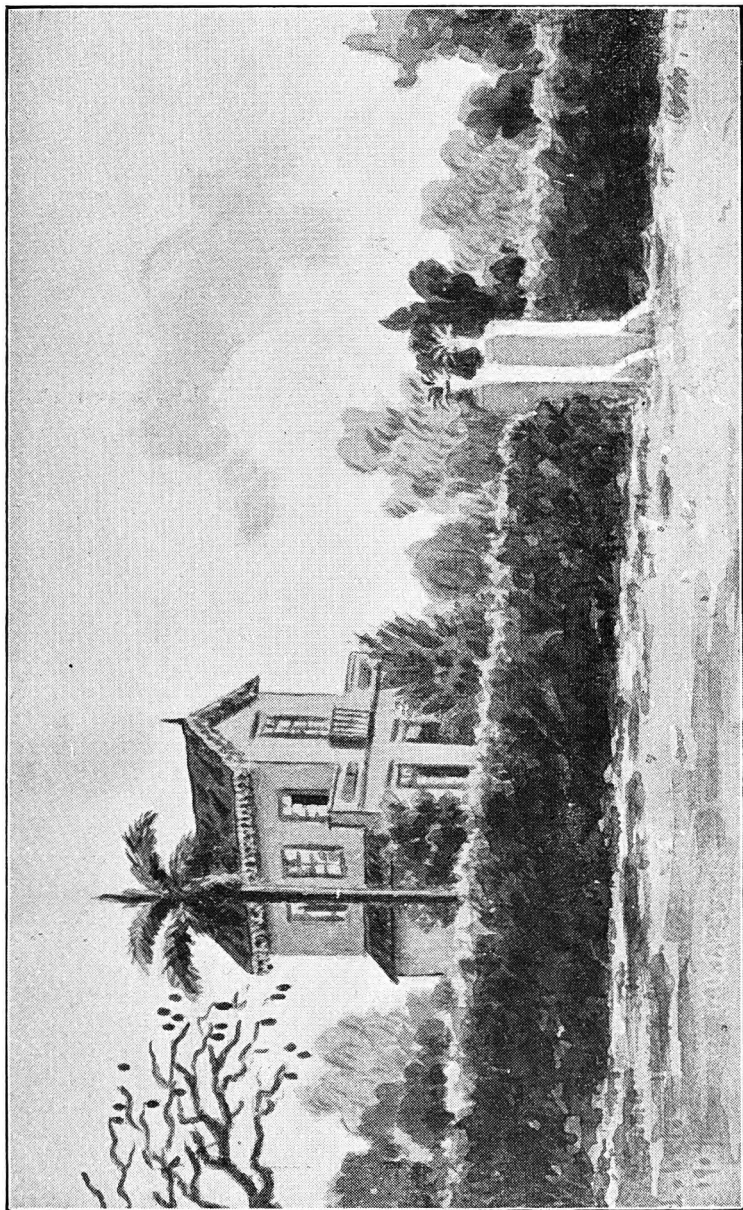
1950

EDITORIA BRASILIENSE LIMITADA

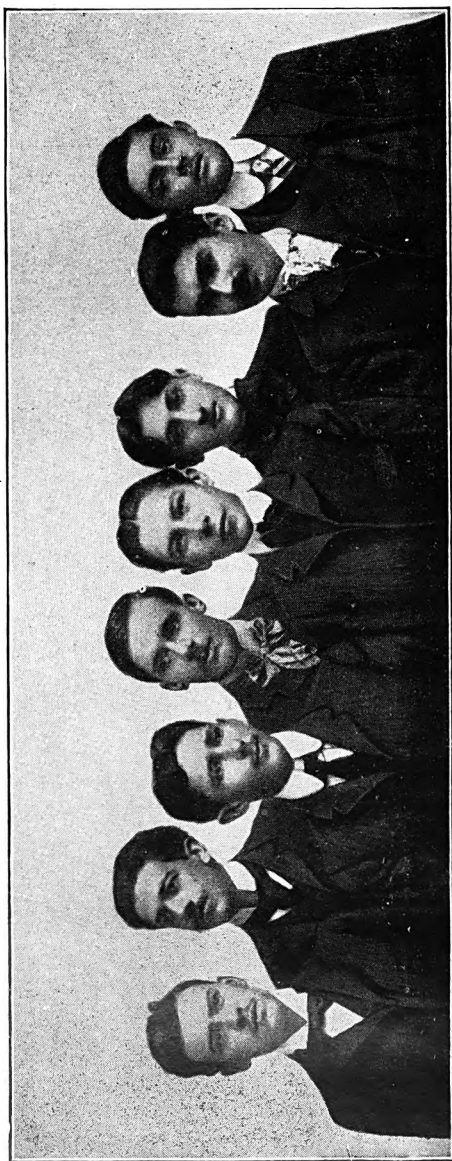
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

A BARCA DE GLEYRE

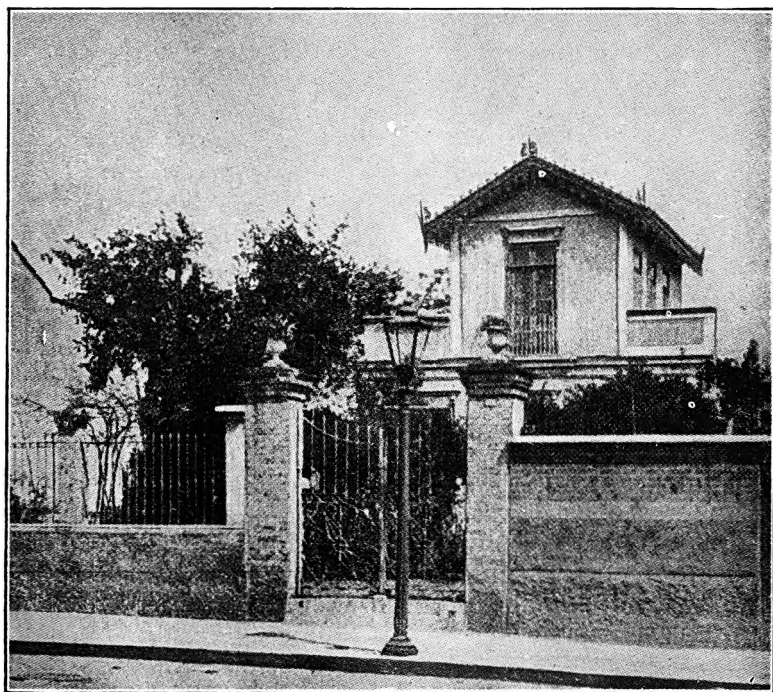
1.º TOMO



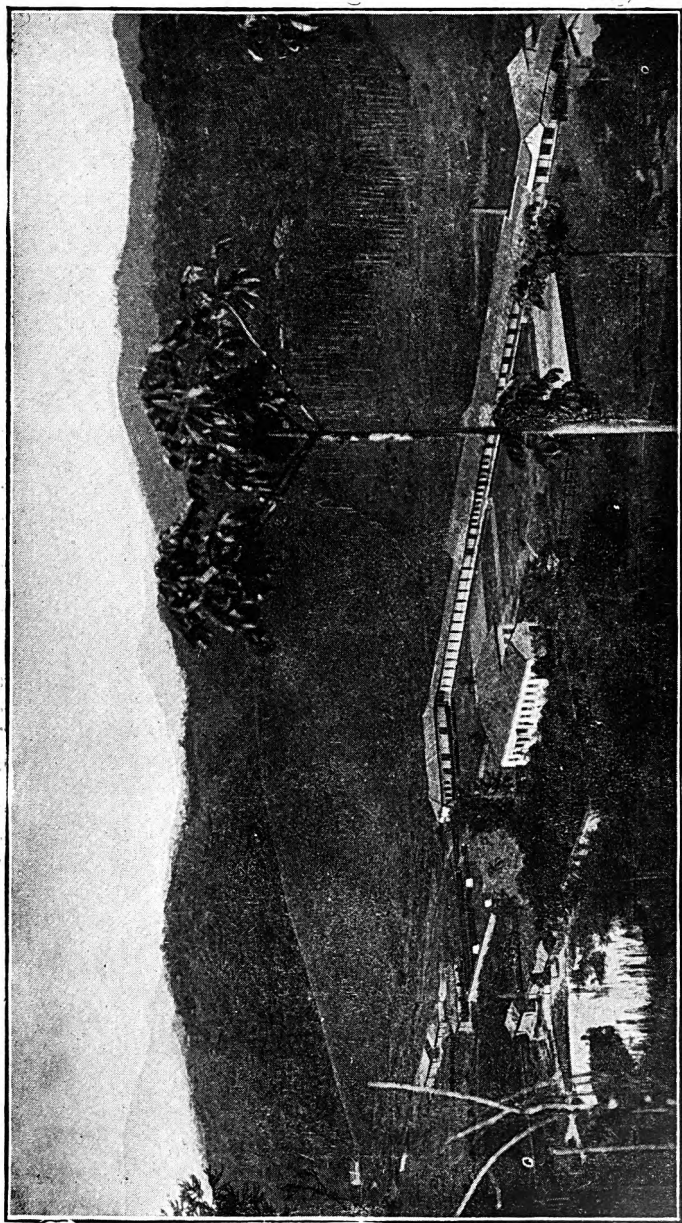
O Minarete, no Belenzinho, segundo uma aquarela de Monteiro Lobato.



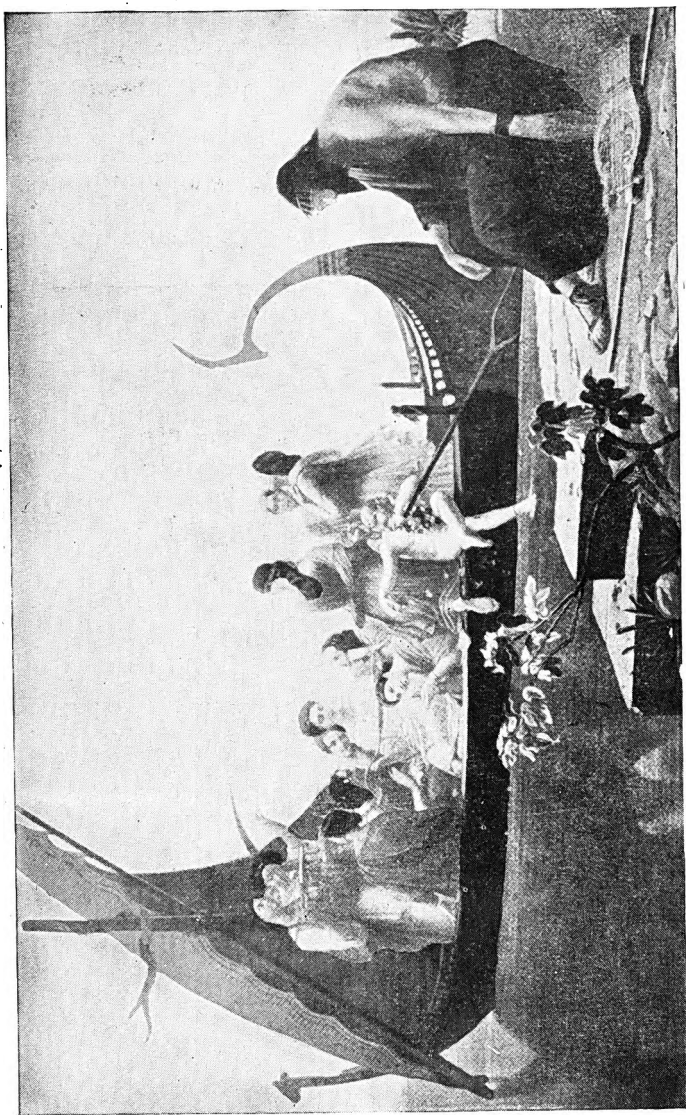
A Catinçalha: (da esquerda para a direita): Lino, Tito, Albino, Rangel, Candido, Raul, Lobato e Ricardo.



Aspecto atual do antigo Minarete.



A fazenda do Buquira, onde Lobato escreveu os Urupês



"Ilusões Perdidas", quadro de Charles Gleyre.

Estas memorias....

Edgard Cavalheiro

Quando, ha cerca de um ano, Monteiro Lobato me proporcionou a leitura de um punhado de folhas datilografadas contendo parte da correspondencia trocada com Godofredo Rangel, vi logo o originalissimo livro que seria a sua reunião em volume. O livro sai agora e, não sei bem por que agradável designio, cabe-me a grande alegria de precede-lo de algumas palavras. Neste portico devia estar Godofredo Rangel — o assiduo correspondente, o amigo de tantos anos, aquele que acima de todos melhor poderia explicar a genese e o desenvolvimento de uma amizade que constitui, dentro da nossa literatura, um caso original, unico.

Caso unico, na verdade, e talvez não só na historia literaria do Brasil. Cartas de escritores — aos amigos, parentes, bem amadas, colegas, etc. — são comuns. Os volumes da correspondencia de Flaubert são em maior numero que os da sua produção original. E ninguem desconhece as centenas de cartas de Vitor Hugo á sua noiva. Mas uma troca de cartas entre dois amigos, e sobre o mesmo assunto, que tenha durado quarenta e tantos anos, parece-nos coisa inedita.

Se o fato em si é original, as consequencias são originalissimas. Pois aqui estão as “memorias” de um homem, escritas sem ele saber, compostas sem plano preconcebido, realizadas com um maximo de fidelidade e isenção de animo. Sabemos todos como são falsas,

duvidosas ou apaixonadas as historias dos homens que escreveram sua propria vida.

Nem Santo Agostinho ou Kropotkin, Rousseau ou Goethe, escaparam ao perigo das "poses", dos "gestos" para a posteridade. Aliás, o proprio autor do *Fausto* reconhecia que só ironicamente podemos falar na primeira pessoa do singular. Uma coisa é preparar laudas de papel para encher com recordações do passado, mesmo com a mais pura das intenções. Outra, muito outra, é chegar ao fim de uma acidentada existencia e receber de um amigo, com o qual nos carteamos durante quarenta e tantos anos, centenas e centenas de paginas, com os tipos de letras mais variaveis possiveis e os mais estranhos papeis, e verificarmos que essas cartas nada mais representam senão a nossa propria existencia, pormenorissadamente contada. Paginas amarelecidas pelo tempo, mas todas elas tão vivas pelo que revelam de duas personalidades! Uma — alma tímida e timorata, encaramujada, em longinquos lugarejos, aparentemente satisfeita no ramerrão de uma vida sem tropeços, sem altos e baixos. Outra, inquieta, insatisfeita, buliçosa, desambientada em Areias ou Taubaté, em São Paulo ou Rio de Janeiro, ambicionando sempre campos mais vastos, passando por grandes experiencias, precisando cair no bruhaha de New York para encontrar campo propicio para os seus altos sonhos. Enquanto Godofredo se conforma ou parece conformar-se com a vidinha de juiz nos inacessiveis municipios mineiros, Lobato aventura-se na capital paulista, mete-se em negocios, chega a nosso adido comercial em New York, funda companhias para a exploração do ferro e do petroleo, numa eterna inquietação, numa febril atividade. São almas dispares, aparentemente nada têm de comum.

Um, espirito interiorizado, dominado por complexos de inferioridade, escrevendo muito (chegando a numerar romances com a facilidade com que o outro numerava contos) mas nada ou muito pouco publicando.

nem quando o amigo, dono de uma editora e de uma grande revista, insiste nos originais. Outro, com grandes intervalos na produção; mas divulgando muito, até mesmo ligeiras notas de cadernos íntimos, pois, algo cético por natureza, tem momentos de febricitante entusiasmo. Se o primeiro raramente se eleva e grita, o segundo está sempre gritando, e jamais aceitará situações intermediárias. Onde, então, o ponto de contacto a uni-los? Que estranho élo terá sido esse que os ligou tão intimamente? Em que regiões personalidades tão contraditórias poderiam tão harmoniosamente se encontrar? É fácil a resposta: ambos eram visceralmente literatos. A literatura que os uniu nas tertulias boemias do "Minarete" manteve-os ligados para sempre. Como um visgo: que neles grudasse, a doença literaria não mais os deixou e, vítimas do mesmo mal, nesses amplos, estranhos e misteriosos dominios eles se irmanavam, numa fraternidade isenta de malícia, fonte perene de compreensão, encantamentos e alegrias insuspeitadas. As "belas letras", como era habito dizer, levou-os ás primeiras conversas quando estudantes. Formados, seguiram destinos diversos. Mas o "virus" estava inoculado e do mal literario poucos se livram a tempo, embora a ausencia de ambiente e estimulo tornem a tendencia quasi sempre um martirologio.

É ainda com os pseudonimos da republica de estudantes que trocam as primeiras cartas. O ano está recuado, 1903. E Lobato vai prevenindo: "Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente em cartas interminaveis; mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa."

Desde então não cessam as cartas. Muitos anos depois o habito tornara-se uma segunda natureza. Não se tratava, porém, de uma amizade no sentido comum, dessas que exigem a presença fisica da pessoa querida. Reclamam, sem duvida, visitas, planejam viagens em

conjunto, convidam-se mutuamente. Mas não ha uma necessidade por assim dizer organica do encontro pessoal, da conversa verbal. Tanto que Lobato podia acentuar que o habito "de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangeis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangel epistolografo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as ideias e as manhas."

De que tratam eles em tantas cartas? De tudo. Especialmente de livros e autores. De vez em quando uma ligeira incursão sobre assuntos domesticos, politicos ou sociais, mas a preocupação absorvente é quasi sempre de ordem literaria. Impressões de leituras, discussões em torno de obras, estilos, tendencias. As leituras são muitas. Uma miscelanea de autores e assuntos, todos sofregamente devorados. Por vezes pequenas pausas. Enfardados, procuram produzir. Trocam então criticas, submetem um ao outro suas produções, estimulam-se, sem, no entanto, abdicar do direito de critica.

Contando — numa linguagem despida de pretensões, sem o publico como elemento controlador, sem outro censor que o amigo certo — suas inquietações espirituais, suas preocupações artisticas ou descobertas nos campos da estilistica ou da filologia, Lobato vai traçando a linha seguida pelo seu espirito tanto no terreno do estilo propriamente dito, como no da concepção da arte, suas causas e efeitos.

O simples fato de não cortejar qualquer especie de leitor permite-lhe abrir-se com a mais absoluta franqueza, com certa rudeza mesmo. Que importa se o que está escrevendo irá prejudica-lo aos olhos do publico? A carta é intima, não chegará até mãos profanas. Isso não só valoriza imensamente estas "memorias", como é a mais segura garantia da autenticidade dos sentimentos nelas expressos.

Aliás, nada comprova melhor este aspecto do livro do que as contradicções, os vai-e-vens em que se debate o escritor. Sobretudo nos anos de formação, quando

ainda em Taubaté ou Areias, tateia caminhos, procurando o genero a que se dedicar, debatendo-se na incerteza da verdadeira vocação. As notas, neste sentido, são preciosas, e com elas podemos reconstituir a estrada percorrida até a publicação de *Urupês*, momento em que as cartas assumem outra feição e o escritor, abandonando a pacatez de uma cidade morta ou a vida sem grandes atropelos de uma fazenda, aventura-se aos altos negocios, transformando-se nessa coisa algo absurda para o nosso meio: o profissional da pena, o intelectual que faz da inteligencia arma social, nobilitando o vocabulo até então pejorativo e quasi somente aplicado a seres aereos, subjetivos, sem contacto com a vida ou sem nela se integrarem como partes ativas do mecanismo social. Mais do que esse periodo, porém, interessará aos "fans" de Lobato o conhecimento minucioso das suas experiencias para chegar a *Urupês* ou *Cidades Mortas*.

Aos jovens escritores de hoje, ou a esses rapazes que datam quinhentas paginas de poesias feitas em dois meses, e que antes da maioridade já ostentam numerosa bagagem literaria, o aprendizado do escritor Lobato, que este livro revela, servirá de severa advertencia, de preciosa lição. O ex-estudante que em 1904, com o canudo de bacharel debaixo do braço, seguiu para a cidade de Taubaté, talvez já tivesse escrito contos suficientes para encher um ou mais volumes. A publicação de um livro trar-lhe-ia, com toda a certeza, prestigio entre os companheiros que ficavam, garantindo-lhe invejavel situação na cidade que o aguardava com o orgulho de mais um filho doutor. Mas ele não tem presa. Sabe que está irremediavelmente condenado a ser literato. "Tentei", escreve em junho de 1904, "arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossivel. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento". Contava então 22 anos de idade. Muitos sonhos enchiam-lhe as noites. Planos não faltavam. Mas ele bem sabe que para se fazer boa literatura é

necessario, antes de mais nada, esta coisa simplissima: viver. “Estamos moços”, escreve ao amigo, “e dentro da barca. Vamos partir. Qual é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber dizer. Nada de imitar seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos... Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.”

É todo um programa esse trecho. Saber sentir, saber ver, saber dizer... Dentro desse triptico a coerencia do aprendiz de escritor é perfeita. Modelar. Nada o afastará. Nem mesmo as glorias que os primeiros trabalhos lhe trazem. É facil ir respingando, aqui e ali, dia-a-dia, semana-a-semana, mês-a-mês, ano-a-ano, as aquisições feitas, as lições aprendidas e decoradas, os tropeços vencidos. As descobertas que vai fazendo ao longo do caminho são apontadas com a alegria das grandes descobertas, dos grandes achados, ou a constatação, melancolica dos rumos errados, dos fracassos em perspectiva. “Na propriedade da expressão está a maior beleza: dizer “chuva”, quando chove, “sol”, quando soleja. Acho o “percutir” muito de gatilho de espingarda, muito metalico; monjolo é pau e pau que bate noutro não percutete, dá um choque balofo”. Ou então: “Nos grandes mestres, o adjetivo é escasso e sobrio — vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores.” Agora uma auto-critica: “Tenho um defeito grave: espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros.” As ambições são amplas: “Quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever drama. Contos com perspectivas. Contos que façam

o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível com olhos grandes, parados. Contos estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo — e que interesse a esse amigo. Tenho examinado os ultimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. Nada além de amoréscos e adulteriosinhos de Paris. Isso fede. Serão como os de Kipling — com paisagens, arvores, ceu, passarinhos, negros...” Mas não basta querer. Ele bem o sabe... “O meu conto, agora... Que tristeza, Rangell Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos.”

Chega o desanimo, a insatisfação, a perspectiva do fracasso: “Sou incapaz de produzir um conto.” “Creio que não passo de um cronista.” “Hoje, que positivamente já falhei...” Foge para a leitura. Devora livros sobre livros. “Ando vogando em Anatole...” “Tenho lido um milhão de coisas.” Descobre a literatura inglesa e ela o deslumbra. Kipling, Dickens, Shakespeare, Wells... Mas os contos continuam não saindo como deseja. Outras fugas, outros derivativos. “Nasçi pintor e pintor morrerei”, comunica ao amigo, acrescentando: “e mau pintor.”

Reside então em Areias, onde é promotor publico. “Areias, Rangell Isto dá um livro á Euclides. Areias, tipo da ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado.” Está longe de pressentir que o lugarejo sem vida, do qual “nem Shakespeare tiraria sequer um titulo de drama” fornecer-lhe-á motivos para um dos seus mais deliciosos livros. No momento aquilo é um suplicio. Sente-se apodrecer. Somente a leitura o salva. Os livros e a correspondencia com o amigo, que lhe é de muito valor como incentivo, “como enchimento do tem-

po vasio, como occupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano”.

Mas um dia morre-lhe o avô, e ele herda uma fazenda, passando de promotor a fazendeiro. Começa então o contacto directo com a terra, com os pobres caboclos. E aos poucos vai sentindo que algo se está “gestando” nele. “Gesto uma obra literaria, Rangel, que realizada será “algo nuevo”. Anota então, que entre os brasileiros cultos e as coisas da terra ha um divorcio. Não sabe ainda como será essa obra que sente nascer num processo inconciente. Pensa num romance. Ou numa serie de contos e coisas e com uma ideia central. “Nessa obra apparecerá o caboclo como o piolho da terra, tão espontaneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho de galinha... Já te escrevi sobre isso: e se a ideia volta e insiste é que de fato está se gestando, bem vivinha e será parida no tempo proprio.”

A ideia não mais o abandonará. Algumas linhas mestras repontam aqui e ali: o grande incendio das matas nas queimadas de agosto; a obra de pilhagem e depredação inconciente do jéca; a tristeza e depauperamento de uma raça fadada a desaparecer. Observa que a nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que jamais penetraram nos campos. Falseiam o caboclo e sua miseria, tudo colorindo com as tintas roseas de um otimismo criminoso. “Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural.” Sente que não é de um livro, e sim de um libelo que a nossa literatura está precisando. O livro sairá quando tiver de sair. “Não procuro escreve-lo, ele é que tem de formar-se dentro de mim como um tumor.” Mas os trabalhos que irão compor *Urupês* ganham contornos, corporificam-se em forma de contos ou cronicas. Primeiro é o artigo “Ve-

lha Praga". Depois "Mata-pau". Em seguida "Chóo-Pan". Refaz pela quarta ou quinta vez "Os Faroleiros". Se divulga algum desses trabalhos em revista ou jornais, é com intenção de reve-lo mais tarde, pois nada melhor do que a correção em texto já impresso.

A repercursão e o começo de glória que ameaçam envolvê-lo com a divulgação dos primeiros contos, em lugar de estímulo somente servem para refrear-lhe os impulsos. Volta, por uns tempos, a usar os velhos pseudônimos dos tempos de estudante. Agrada-lhe, porém, o efeito produzido pelos artigos. Nele vê um despertar de consciências adormecidas. Resiste, porém, á tentação do livro, que ainda não está maduro. "Não tenho pressa, nem entusiasmo. Já estou muito longe do assanhamento dos 18 anos", afirma em 1917.

O aprendizado fôra arduo. As cartas nos dizem que passou uma temporada debruçado no dicionário de Aulete. "O que mais aprecio num estilo é a propriedade exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística." A esse demorado passeio pelo país dos vocabulos, seguem-se outros passeios: a obra de Machado, a centena de volumes de Camilo, Camões, todo o Balzac, Stendhal, Kipling, Euclides — quantos outros mais! Não frequenta filólogos, preferindo aprender diretamente nos mestres. Confessa sua ignorância em questões gramaticais, afirmando guiar-se pelo tacto e pelo faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Camilo apaixonou-o. Chega mesmo a transforma-lo em base de operações, para as incursões em outros setores. Convida o amigo para um passeio através do mundo camiliano, como "remedio contra o estilo redondo dos jornais, que somos obrigados a ingerir todos os dias. Camilo é laxante. Cada vez que mergulho em Camilo saio lá adiante mais eu mesmo — mais topetudo. E o topete filosofico eu o extraio de Nietzsche." Estranha combina-

ção, na verdade, mas que se harmonizava perfeitamente com o espirito irrequieto, insatisfeito, buliçoso e combativo do panfletario de "Velha Praga". E por isso mesmo contraditorio. Tanto assim que logo percebe estar abusando de Camilo, e alerta o amigo: "Abusamos de Camilo como certos sifiliticos abusam do mercurio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva." Ser aquilo que numa enfatica advertencia o rapazinho de 22 anos aconselhava: "Seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa."

Mas fugir á bitola comum não significa desprezo pelo que nos precederam. Se é verdade que estilos não se fabricam nem se ajustam por influxo de regras, não é menos verdade que o desprezo ás experiencias e conquistas feitas só denotará ausencia de espirito critico, falta de senso. Aprendendo com os mestres, Lobato não se submete, porém, a eles. Consome anos na procura do meio de expressão mais adequado ás suas ideias, pois quer vesti-las decentemente. Refaz quatro ou cinco vezes o mesmo trabalho. Longos romances são reduzidos a exiguos contos. Anota que tanto ele como o amigo estão dando espaço demais ao cenario, com prejuizo das figuras. Quantas outras observações não vai anotando no decorrer dos longos meses de incubação, até o momento em que se sente maduro, com o instrumento já amolado, em forma. A afirmativa feita em 1905 — "ou dou um dia coisa que preste, que esborra-che o indigena, ou não dou coisa nenhuma" — vai, enfim ser concretizada. *Urupês* está no ponto.

Não é este o lugar para comentarios sobre o que se seguiu á barulhenta estreia que foi a publicação desse livro, nem para acompanharmos o autor através dos anos que vieram depois, anos cheios de realizações e glorias,

fracassos e decepções. As cartas ora divulgadas mostram o que foram as lutas de mestre Lobato, nos varios setores em que empregou sua extraordinaria capacidade de trabalho. Industria de livros, ferro, petroleo, traduções, literatura infantil... São capitulos de uma vida a ser contada para exemplo das gerações vindouras.

Por ora, acentuemos tão somente a lição proporcionada pelo contista, na inquieta busca a que se entregou, de criar um estilo, de erguer uma obra literaria que no setor só iria encontrar paralelo na do mestre Machado. Que importa se mais tarde ele proprio, no mar das suas contradições, tão humanas e por isso mesmo tão comoventes, abandone o genero que tantas glorias lhe trouxe? A lição aí está: a arvore deu os frutos esperados! Estas cartas — se tantas outras coisas não nos dissessem de um homem que é uma das mais puras expressões da nossa vida intelectual — serviriam de excelente roteiro aos moços que ora começam e que, deslumbrados pelo éxito facil, se entregam á illusoria notoriedade das grandes bagagens literarias, como passaporte para a imortalidade. Além de serenidade e experiencia, honestidade e talento, arte é tambem esforço, é tambem, principalmente, arduo aprendizado. “Noventa e nove por cento de transpiração e um por cento de inspiração: eis o genio”, dizia Edison.

Que os moços procurem nestas cartas o caminho percorrido pelo mestre, não para imita-lo ou submeter-se passivamente ao seu modo de ver e de sentir as coisas, mas sim como ponto de partida para outras aquisições e outros feitos. Procurem, não só a lição do conteur, mas do mestre da vida, daquele que já no fim da carreira podia escrever ao amigo: “Tenho sido tudo e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser”. Insatisfação, inquietude, inconformismo...

Ai dos satisfeitos, dos suficientes, dos conformados!...

TRES NOMES...

Nesta casca de arvore quero escrever tres nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem; e qual seria o terceiro, senão o de Ricardo o Inesquecivel?

ESCUSATORIA

Estas cartas se salvaram, das que escrevi a Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos. Quarenta anos do mesmo amigo e mesmo assunto, que fidelidadel... E a consequencia foi se tornarem uma rarissima "curiosidade". Não sei em nenhuma literatura de tão longa correspondencia, sobre o mesmo assunto, entre só dois sujeitos.

O genero "carta" não é literatura, é algo á margem da literatura... Porque literatura é uma attitude — é a nossa attitude diante desse monstro chamado Publico, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegancia, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. O proprio genero "memorias" é uma attitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos posteros — até Rousseau fez assim — até Casanova.

Mas cartas não... Carta é conversa com um amigo, é um duo — e é nos duos que está o minimo de mentira humana. Ora, como da minha conversa escrita com Rangel se salvassem quasi todas as cartas, tive ensejo, um dia de le-las — e sinceramente achei que constituíam uma "curiosidade editoral" de bom tamanho. E que teriam interesse para o publico justamente porque ao escreve-las nunca me passou pela mente que jamais

fossem dadas a publico. Mas vacilei. Da-las ou não? Tão intimo tudo aquilo. Tantas perversidadesinhas para com os amigos, tanta piada para cima do Nogueira — o companheiro que no fundo mais admiravamos... Além de que isso de cartas é sapato de defunto. Depois que o autor morre é que elas aparecem.

Pensei, pensei, pensei. Por fim, vá lá. Tenho serias duvidas sobre se estou ainda vivo — e se as cartas saírem com a minha revisão de semi-vivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniencias que um semi-morto já não subscreve.

1903

*Primeira visita de Lobato a Rangel **

(Bilhete deixado no Minarete para Ricardo e Rangel, os dois muezins iniciais).

TÉ, MUEZINS!

Asas da saudade abertas ao vento! Por elas arrastado transportei-me hoje — sabado — ao Minarete fecundo.

Estava deserto. No ar parado moscas zumbiam. Moscas zumbiam no ar parado... Tristeza. Desolação. Sobre a mesa dormiam um Flaubert e um Coelho Neto. Não os despertei. Mas dum companheiro de soneca, Bruno de Cadiz, furtei alguns sonetos desconhecidos. Era o *album do Minarete* e nele revi a cena ini-

* Minarete, era como chamavamos o chalézinho amarelo da rua 21 de Abril, no Belenzinho, uma rua sem calçamento, toda sebes de espinheiros. Devia haver, mas não me lembro, casas por lá, afora o chalézinho do Minarete centro dum terrenão de Chacara. Uns cinquenta metros de frente, cerca viva com o portão de ferro no centro — o classico portão de ferro com pilas'tras de tijolo e vasos em forma de urna em cima. Dentro dos vasos, essas pobres plantinhas que lembram pés de ananás, mirradas, atrofiadas, impedidas de crescer pela angustia de espaço para as raízes. No mais, laranjeiras, ameixeiras, creio que um pé de romã, o coqueiro ao lado, a horta e uma grande paineira á esquerda. Era ali a toca do Rangel.

Diz ele em carta recente: "Eu naquela epoca trabalhava como escrivão de subdelegacia no posto policial do Braz. Foi

cial dos Domingos Boemios, e nele encontrei recordada a “memoravel farpela côr de pinhão do Lobato”.

Boa farpela! A mais espetacular que ainda possuí. *Alfaiataria Galo*. Mereces na verdade mais que uma simples menção — mereces biografia, ó veneranda companheira da “vecchia zimarra”, da famosa capa de bor-racha do Lino e da “fatiota verde do Tito.” Se algum dia me acudir engenho e arte, juro-te, farpela côr de pinhão, que te narrarei a mocidade, a maturidade e a melancolica velhice.

onde conheci o Ricardo, que um dia lá apareceu como reporter do “Correio Paulistano”. Vendo que, na folga do serviço, eu estava a ler um romance de fancaria, aconselhou-me coisas de mais valor; e convidando-me a ir á sua casa, lá me emprestou, para iniciação literaria, o *Germinal* de Zola.

Pouco depois fui removido para o Belenzinho, e como o novo posto policial ficasse longe da casa de meu cunhado, que era onde eu morava, aluguei os altos do futuro Minarete a um Sr. Julio, excelente criatura que morava com sua gente no andar terreo. Dois comodos. Por eles eu pagava 20 mil réis por mês — e podia dar-me esse luxo porque vencía 120 mil réis pela verba da guarda-cívica. E lá fiquei morando, só indo á casa de minha familia para o jantar.

Algum tempo depois appareceu Ricardo da visita ao meu sotão, como eu dizia; e tão encantado ficou que resolveu tambem mudar-se para lá — ao meu modo, isto é, só dormindo e almoçando lá. Nosso almoço era coisa sumariissima. Prato de resistencia, uma boa gemada batida em copo, na qual despejavamos café quente.

Na biquinha do terreiro lavavamos o rosto e as vasilhas do café — e nessa labuta Ricardo perdeu certa manhã o valioso brilhante dum seu anel.

Muitas vezes, acompanhados pelo Raul e o Artur Ramos, que logo começaram a apparecer em companhia do Ricardo, saíamos do Minarete á meia noite. Para alguma farra? Nunca. Para do alto do Belenzinho, perto duma fabrica de vidro, vermos os efeitos do luar sobre o rio Tietê. Sem qualquer resolução preconcebida, nada conversavamos sobre amores e nada sabiamos das pequeninas aventuras uns dos outros. Eram coisas vulgares e

Havia ainda sobre a mesa... Ceus!... Que prodigioso acontecimento! Que jamais prevista prodigalidade! Havia tinta!...

.....

Silencio. No ar parado não canta o sino. Só voejos de moscas e o leve sussurro do vento na folhagem da paineira. As folhas do coqueiro afluam ao vento. Silencio... Subito, um apito distante corta o espaço e, triste e melancolico, vem ferir-me o ouvido. É a Cen-

despresiveis, ao lado de nossas elevadas cogitações sobre a arte pura...

Um dia, creio que domingo, Ricardo appareceu com o Raul, o Lobato (pela primeira vez), o Tito e penso que tambem o Artur Ramos e o Albino; fizemos uma refeição coletiva na horta, perto do coqueiro. Ainda me lembro: o Tito, no final, teve uma frase de sensação, comparando os restos do "banquete" aos destroços dum campo de batalha. Eu já conhecia e respeitava o Tito, sem que ele o soubesse, isso desde que... Mas tenho de parar, porque as reminiscencias não teriam fim."

Rangel morou no Minarete um ano ou pouco mais. Ricardo e eu moramos uns meses. Estou a imaginar como surgiu a denominação do chalézinho. Ricardo entra lá pela primeira vez, vai á sacada e encanta-se com a vista agreste, com o coqueiro ao lado e a paineira á esquerda. E numa expansão: "Mas é uma torre, Rangel! Veja que amplidão de vista se descortina! Uma torre — um Minarete!... E você é um muezin..."

Depois da adesão do Ricardo, deu-se a minha. Fiz como ambos: lá dormia e almoçava; o jantar era na cidade, em casa duma irmã. Lembro-me que entrei para o Minarete com grande furia reformatória. Os dois commodos eram caiados dum tom roseo já sujo. Resolvi deixar aquilo um encanto. Vou á cidade, compro na Casa Ferreira um lindo papel meio crepon, de listas de tres dedos de largura, uma azul claro, outra côr-de-rosa desmaiado e outra café com leite mais leite que café — uma belezal! E pus-me a empapelar o comodo da frente. O papel só deu para tres paredes. E como não houvesse dinheiro para mais, ou arrefecido já estivesse o entusiasmo, o empapelamento não foi por diante. O comodo ficou como aqueles venezianos ou florentinos que usavam as pernas em maillot, cada uma duma côr...

tral... E em meu coração brotam pungentes saudades da minha infância em Taubaté. O' infância minha na roça, quanta poesia, etc. etc. O meu passado que não volta mais, etc. etc. Adeus, vou-me embora, vou-me levado para outras terras. As recordações angustiam-me, etc. etc. Adeus, muezins ausentes, que deixam as portas abertas. E se eu fosse um ladrão?

Havia duas inscrições na parede. Uma delas: AQUI SÓ SE COME PÃO DO ESPÍRITO. Inscrição de defesa, ou espan-tativa dos "penetras" que só se lembravam de visitar os muezins na hora da gemada... E também havia um letreiro contra os cacetes: AS VISITAS DOS PROFANOS SÓ PODEM DURAR DEZ MINUTOS. Lembro que um dia, depois de ter estado lá o Ercole de Beccari, apareceu uma nova inscriçãozinha a lapis, em letra medrosa e miudinha: *Dio vigltao!* O extremamente miudo da letra era uma clara precaução para que aquilo passasse ignorado aos olhos de Deus, que, muito velho que é, deve te-los cansados...

Nas visitas que os outros companheiros do Cenaculo nos faziam, era praxe, lá do portão, "bateram" o Hino do Minarete, cuja musica fôra composta pelo Rangel. As palavras reproduziam a grita de guerra dos terasconeses como aparece no *Tartarin* de Daudet, com leve alteração no fim:

Dé brin o dé bran
Cabussaran
Dou fenestron
De Tarascon
Dedins lou Rose.

Queria dizer que, por bem ou por mal, jogariam (o inimigo) de cabeça para baixo, da janela de Tarascon dentro do Rodano. Em vez do "dou fenestron de Minaron dedins lou Rose", o nosso hino rezava: "dou fenestron de *Minaron* dedins lou *Tetiose*". A janela de Tarascon passava a ser sacada do Minaron, ou Minarete; o Rose virava Tetiose, ou o Tietê.

Cada vez que lá no portão soava o hino, o muezin que estivesse em casa aparecia á janela e saudava o visitante com o "Vé!" dos tarasconeses.

— Vé, Costecaldel ou Vé, Bompardi

Em resumo: O Lobato veio visita-los e perdeu o latim. Volta amanhã. Deixa *Lendas e Narrativas* e *Robert Helmont*. Está de férias por todo um mês. Adeus. Té, Bezuquet! Vé, Tartarin!

LOBATO

E o Costecalde ou o Bompard respondia lá de baixo com o "Té!"

— Té, Bezuquet! ou Té, Tartarin!

Porque todos nós andávamos cheios do *Tartarin de Tarascon* de Daudet e cada um personalizava um dos heróis do romance. Ricardo era o Tartarin. Rangel, o Bezuquet. Candido Negreiros, o Bompard. Artur Ramos, o espingardeiro Costecalde. Eu, Pascalon o Engraçado. Havia até o Chameau — aquele camelo da Argélia que não largava de Tartarin e tentou acompanhá-lo na sua volta á França. Chameau era um menino aí de 16 anos, filho do capitão Julio, que muito admirava e rentava o Ricardo, sem nunca abrir a boca. Naquele tempo todo mundo tinha posto militar. O "Sr. Julio" do Rangel era capitão.

E quais as vítimas que no Hino do Minarete eram "arremes-sáveis" no Tietê? Está claro que os "penetras", os filantes de gemada e os detestados "literatos do Braz" — Macuco, Artur Coulart e outros, perenes alvos das nossas ironias de genios de primeira classe. Por aquele tempo florescia no Braz, em torno de Artur Coulart, uma panelinha de literatos de pernas tão curtas que seus nomes não conseguiam transpor a varzea do Carmo.

O nosso grupo, ligado por misteriosa afinidade mental, era composto de Ricardo Gonçalves, ou o Ricardito, o maravilhoso poeta que nos mantinha em perpetuo estado de encantamento e tão cedo se foi. Godofredo de Moura Rangel, o mais delicado e bonitinho do bando; vegetou toda vida como juiz e hoje, na aposentadoria, geme os reumatismos em Belo Horizonte. Candido Negreiros, o aristocrata do grupo, rico e elegantemente fraco dos pulmões (dava-se ao luxo de ter pulmões, coisa que nós outros nem sabíamos o que era); foi o primeiro a desertar: morreu poucos anos depois num sanatorio da Suíça. Tito Livio Brasil, o grandalhudo, jornalista pantagruelico, orador á outrance, eterno perpetrador de trocadilhos mesmo depois de passada a moda; mora hoje em S. Paulo, sempre enorme e bamboleante. Albino de Camargo, o nosso filosofo absoluto, o eterno duvidador que não tinha coragem de afirmar coisa nenhuma e nem sequer concluía as frases: no meio do caminho duvidava do que queria dizer e parava: foi deputado estadual pelo Partido Democratico e

Segunda visita

Rangel:

Estive ontem e voltei hoje. Ninguém ainda. Só as moscas, o Flaubert e o Coelho. Muezins infieis que desertaram o Minarete! Por Alah que já é serem errantes — beduinos dos desertos da boemia. Que a ira do Profeta vos caia sobre a cabeça. Volto amanhã á mesma hora.

LOBATO

é lente de psicologia e logica no ginasio de Ribeirão Preto, onde duvida dos alunos e da logica. Raul de Freitas uma criatura de grande doçura, irredutivelmente romantico e já naquelle tempo mais parasitado de saudades que o Bernardim Ribeiro; funcionario publico, vive hoje a sofrer as consequencias de duas operações cirurgicas que peoraram o soneto; Raul era a sombra do Ricardo e a sua memoria sobressalente: quando na recitação dum poema Ricardo engasgava, Raul desengasgava-o, pois sabia na ponta da lingua os mil sonetos e mais coisas que o poeta gostava de recitar. Lino Moreira, a bomba voadora do grupo, o Desmoulinzinho, o orador apopletico e fulminante, o mais nervoso e impetuoso dos homens; hoje purga o pecado da exaltação na placidez dum cartorio de notas na rua Rosario, Rio.

Estes formavam o verdadeiro Cenaculo, o grupo inicial. Com o tempo outros se foram agregando, como o José Antonio Nogueira, primo do Rangel, que um dia nos caiu no Minarete como um bendengó vindo dos ceus de Minas, egresso dum tremendo seminario daquelle Tibét, onde já andava de batina e quasi padre; um sopro de Voltaire revirou-lhe as crenças de pernas para o ar — e Nogueira emergiu em S. Paulo como Lazaro saído do tumulo, esgrouviado, desconfiado do sol, um desvario no olho, a pingar por todos os poros Deus e farelos da teologia, ainda na terrível luta mental do crer ou não crer; foi lá no Minarete que o evadido ao campo de concentração teologico travou relações com Zola, o sorvete, o amendoim torrado e outras liberdades de pensamento. O tempo transformou a descabelada e esgrouviada magreza do Nogueira no volumoso e notabilissimo juiz que é hoje no Rio de Janeiro, onde preside o Tribunal de Apelação e planta uma “Nova Floresta” de meditações filosoficas nas colunas do venerando e ainda existente “Jornal do Comercio”. Julio Costa, um professor recém-formado, esteve em observação como possível

Primeira carta

S. Paulo, 9, 12, 1903, ou 9 de Yewsky do ano II do nascimento do Cenaculo. (A ideia foi do Tito. Os meses ficaram assim: Janeiro, Bruno. (*) Fevereiro, Raul. Março, Tito. Abril, Lino. Maio, Rangel. Junho, Julio. Agosto, Nogueira. Setembro, Albino. Outubro, Candido. Novembro, vago. Dezembro, Yewsky).

Rangel, anjo do Cenaculo:

Acabo de profanar a palavra "anjo", pois ao escreve-la arrotei. É que saí do almoço com as ingestões ainda mal assentadas lá dentro. E por que escrevo em momento assim improprio? Porque amanhã, sabado, entro em exame oral e estou com os minutos contados, a recordar definições e textos desta horrivel séca que é a "materia". E escrevo hoje, em vez de após ao exame

cenaculoide — mas, qual estrela cadente, afundou em Guaratinguetá e nunca mais soubemos dele.

Artur Ramos era um adido ao Cenaculo; não cultivava arte nenhuma, mas cultivava carinhosamente a adoração pelo Ricardo, de quem era parente, satellite e guarda-costa. Ricardo gostava de meter-se em pancadarias, e nessas ocasiões Artur funcionava como um precioso batalhão da reserva. Edgard Jordão apareceu tarde, sem tempo de integrar-se no bandinho.

No bilhete que deixei no chalé num dia em que fui visita-los, o estilo em falsete imitava o "no ar parado um sino canta" do Bilac, e fazia troça do saudosismo romantico do Raul em suas "cronicas da saudades" saidas no *Mtnarete* jornal. Essa visita não foi a primeira, como por engano está no titulo. Talvez fosse a segunda. Logo depois tambem me instalei lá.

* Bruno de Cadiz, pseudonimo literario de Ricardo Gonçalves.

(como seria o natural), porque acabo de ler no *Minarete* (*) a tua primeira joia, meu Rangel, o teu primeiro vagido literario impresso, pois que manuscritamente tens

* *Minarete*, o jornalzinho que Benjamin Pinheiro manteve em Pindamonhangaba de julho de 1903 a julho de 1907. Benjamin havia se formado em direito e como pretendesse derrubar a situação municipal dominante, tinha necessidade dum ariete demolidor. Descutimos o assunto. Surgiu o problema do nome. Eu, que morara com o Benjamin numa republica, estava nesse tempo morando no Minarete do Belenzinho. "Pois dê ao jornal o nome de *Minarete*, sugeri, e no primeiro numero explicaremos aos povos o que é minarete — aquelas esguias torres das gentes islamicas, de cujo topo, ao cair da tarde, os muezins convocam os fieis á prece. Um jornal é um minarete de cujo topo o jornalista dá milho ás galinhas da assinatura e venda avulsa. Fica muito bem esse nome — e é nome que não está estragado. *Tribunas do povo*, por exemplo, existem centenas." Benjamin aprovou a ideia e o *Minarete* veio ao mundo em formato 25x35. Esse calibre revelou-se logo insufficiente para abalar a fortaleza do situacionismo politico local; era uma Flaubert de matar sanhaço. Seis meses depois Benjamin punha o *Minarete* no calibre 80x49 — e a fortaleza empalideceu. Com quatro anos de bombardeio, a situação veio abaixo e, gloriosamente chamuscado de polvora, Benjamin subiu á Prefeitura.

O *Minarete* começou com escandalo e foi um perpetuo escandalo na pacatez da "Princesa do Norte", como se cognominava Pindamonhangaba. Essa cidade fôra rica outrora, no tempo do Imperio, mas atravessava o peor periodo da sua decadencia, nos tragicos anos anteriores ao Renascimento do Vale do Paraiba, começado com a introdução da cultura do arroz e das industrias. Pinda morria, coitada; Pinda desabava. Os recursos da Camara não davam nem para reparar uma parede do teatro, que estava aluindo. E Benjamin, de Pinda, me fazia por carta encomenda de pelouros. "Zé Bento: preciso de um artigo bastante severo, atacando a Camara por causa duma racha na parede do teatro. E outro sobre o capim que ha nas ruas. Ataque de rijo". E eu atacava, mesmo sem conhecimento pessoal da extensão da racha nem da quantidade do capim das ruas. Outra carta dizia: "Ha um chafariz sem agua em tal largo. Meta o pau". Outra dizia: "E' preciso pôr culpa na Camara do preço da carne. Quero um artigo intitulado *Carnes Verdes*. Imagine só o escandalo: os açougueiros andam ganhando 50\$ em cada boi! A carne está por um absurdo. A mil réis o quilo, a de primeira! Mil réis,

vagido muito. Não calculas como aquilo está bom, sobretudo na primeira parte. Todos, sem exceção, gostamos imenso — e foste proclamado o *primus inter pares* do Cenaculo. Enquanto o resto dessa cainçalha se

sim, Zé Bentol. E a banha, a 800 réis! Inda ontem compramos aqui em casa dois quilos de lombo de porco, sabe a como? A 800 réis o quilo! Meta o pau na Camara”.

Eu me divertia fazendo de longe o *Minarete* quasi inteiro. Quantos numeros totalmente escritos por mim — o soneto, os contos, o “humorismo”, as “variedades”, o rodapé, o artigo de fundo! Isso me forçava a um grande sortimento de pseudonimos, para dar ao publico a impressão de que o jornal dispunha de um exercito de colaboradores: Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon o Engraçado, Ruy d’Hã, Helio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima, etc. etc. E todos lá do Cenaculo nele escreviamos. Bruno de Cadiz publicava as saudosas cronicas do *Album do Minarete*. Raul de Freitas, as suas tão sentimentais *Recordações*. Candido appareceu nos primeiros numeros com a coluna *Fen dé Brut*, assinando Bompard. Rangel assinava Bezuquet. Albino assinava Guy d’Han. Ricardo tambem publicou no *Minarete* muitos dos seus sonetos e as traduções de Rostand o Lecomte.

Os artigos de encomenda — os “pelouros” — eram os classicos “Melhoramentos Municipais”, “Cemiterio Municipal”, “O Calçamento”, “Fechamento de Portas”, “Policiamento”, “Iluminação Publica”. Um dia aconteceu um caso curioso. Eu estava em S. Paulo, morando na republica do Candido, e lá recebi uma carta do Benjamim: “Preciso dum artigo sobre a iluminação publica. Pinda está ás escuras. O pessoal da Camara quer iluminação a alcool; nós da opposição temos de querer outra: lampiões belgas, por exemplo. Meta o pau no alcool e defenda o lampião belga”.

Eu ia saindo para a aula quando recebi a carta, e disse ao Candido que estava de folga: “Leia isso e faça o que o Benjamim quer”. Quando voltei, de tarde, vi umas tiras na mesa do Candido.

— “Escreveu o que pedi?”

— “Sim”, respondeu ele lá da cama, onde lia o *Tartarin de Tarascon*.

amofina por aqui, infecunda e lorpa, só alcançando sucesso pela furia, como o Lino ou com desordens, como o Bruno, lá num socavão mineiro nosso Anjo progride

Corri os olhos. Infamel! Havia feito uma molecagem. Propusera o lampião belga, mas viera com um exemplo da França, pura brincadeira na qual figuravam personagens do *Tartarin*. Dizia ele: "Em 1893 a cidade de Beaucaire, na França, passou pelas mesmas indecisões que nós. Queriam substituir a luz baça e insuficiente das feias e mal cheirosas lampadas de azeite por coisa melhor. A Camara Municipal, de que era presidente Mr. Pegoulade, o mesmo que depois tanto se notabilizou na construção de pontes sobre o Rodano, abriu concorrência. Os projetos vieram aos milhares: a elegante luz elétrica, o álcool, o gás, tudo. Havia entre eles um mais humilde: o da iluminação de Beaucaire por meio de lâmpioes belgas, e tão vantajoso eram os seus termos, que a Camara se deteve no estudo. Foi aceito esse projeto, e dali a seis meses, no dia 14 de julho de 1894, ocorreu a inauguração com a presença do Prefeito e mais pessoas gradas. O efeito foi magnifico, com grande pesar dos despeitados (que existem em toda parte) e hoje raras são as cidades sobre o Rodano que não sejam iluminadas a lâmpioes belgas. Suas vantagens são enormes, e temos a certeza de que, aceito o nosso alvitre, dentro em pouco veremos as nossas ruas claras em vez de escuras, e não teremos a vergonha de dizer com que a Princesa do Norte é iluminada. Etc."

— "Ora, Candidol exclamei desapontado. Pedi um artigo serio e você me vem com brincadeira. Beaucaire, Mr. Pegoulade... Pontes sobre o Rodano... Não posso mandar isto.

— "Mande. Eles não percebem...

Coei a cabeça, indeciso. Mandar ou não mandar? Por fim, com preguiça de escrever outro, mandei. O Benjamim que decidisse.

Dias depois recebemos o *Minarete* de 16 de julho de 1903, com o artigo de fundo "AS ESCURAS" exatinho como Candido o escrevera. Lá estava Mr. Pegoulade, um dos heróis do romance de Daudet, transformado em Presidente da Camara de Beaucaire, a cidade de Tartarin... E o curioso é que foi tiro e queda. Lida em sessão da Camara por um vereador oposicionista, homem do Benjamim, a brincadeira do Candido causou sensação. Se Beaucaire, uma cidade da França, resolvera assim o seu problema da iluminação publica, por que Pindamonhangaba não faria o mesmo? E o situacionismo foi derrotado. A Camara aprovou a solução apresentada pelo artigo de fundo do *Minarete*. "E

desembaraçado e já apresenta contos dignos de Daudet. (*)

Franqueza, Rangel, invejo-te muito! Nesse andar *chegarás*. Quem leu os teus comecinhos n'O *Comba-*

requeiro senhor Presidente," disse o vereador oposicionista, "que este artigo seja transcrito nos anais da Camara para memoria da posteridade". Foi aprovada a transcrição — e lá deve estar nos Anais da Camara de Pindamonhangaba o artigo de brincadeira do Candido...

Foi essa a primeira vitoria de Benjamim nos negocios municipais. Abriu caminho para outras, e quando chegaram as novas eleições ele derrotou estrondosamente o situacionismo e virou o Mr. Pegoulade da Princesa do Norte.

O *Minarete* foi um jornal *sui generis*, inteiramente fora dos moldes do jornalismo do interior. Escreviamos para nós mesmos, para brincar uns com os outros, e os leitores pindamonhangabanos viviam tontos com aquelas incompreensibilidades. O primeiro numero abriu com o rodapé dos LAMBEFERAS, um romance absurdo, de capitulos curtos e esquizofrenicos. Amostras:

"CAPITULO V

Chegamos. Almoçamos. Descançamos. Dormimos.

"CAPITULO XII

Em que em vez da "rapariga interessante" se fala no destino que teve uma dália murcha.

"CAPITULO XVII

Que não passa dum parentesis aberto no interior para tratar do inconveniente de se encherem demais os bules de café."

CAPITULO XXXV

(Suprimido a pedido do bom senso.)

Tambem no *Minarete* saiu "O QUEIJO DE MINAS ou HISTORIA DE UM NÓ CEGO", "romance joco-serio, em capitulos curtos e português de lei, com duas mortes tragicas e outras coisas interessantissimas, no qual os autores deixam de escrever os pedaços que os leitores habitualmente pulam". Era meu e do Rangel, mas não chegou a bom termo. Em dado momento impliquei-me com um dos personagens do Rangel e matei-o. Rangel revidou, matando um dos meus — e assim foi até ficarmos em campo só nós dois, os autores. *Et le combat cessa, faut de combatants...*

* Primeiro conto de Godofredo Rangel no *Minarete*, "Simbolico Vagido", no qual descreve o seu proprio nascimento e o seu primeiro vagido....

tente (*) e agora lê o teu *Vagido*, apalpa o progresso. Mas deixemos isto, porque tens a mania de modestia e o sestro de me considerar ironico. Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas interminaveis — mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.

* Oscar Breves, sizudo funcionario dos Correios, mantinha um jornaleco desses de “pegar anuncios” — *O Combatente*. Um dia os rapazes do Cenaculo “invadiram” o jornal de Oscar Breves e transformaram-no em algo supremamente vivo. Nele publicou Rangel um longo itinerario de viagem, *De S. Paulo ao Guarujá*, um primor de descritivo em que denunciava o seu talento. Rangel empreendera essa viagem com apenas 7 mil réis no bolso, e teve de voltar de Guarujá a Santos a pé, assustando os caranguejos da lama preta do mangue e alimentando-se de pão e bananas. (*) O nosso introdutor n’*O Combatente* fôra o Ricardo, pelo qual o Oscar Breves tinha uma admiração em que metade era medo. Fez parte do “comando” invasor o Tito Franco, um rapaz sem pescoço, atarracado, famoso em S. Paulo pelo seu extraordinario talento e pelo horror que tinha aos banhos. Tito Franco inventou logo uma “scie”. Em cada numero d’*O Combatente* ele tomava á conta um figurãozinho qualquer da mocidade elegante de S. Paulo e “serrava-o”. A primeira vitima foi Heraclito Viotti, moço muito evidente e feio. O até então austero jornal do Breves, tão respeitador de tudo, incapaz de rir-se, sempre cheio de artigos severissimos (como a série “Gremios da Defesa Nacional” do proprio Breves), appareceu inopinadamente com versos do Ricardo, cronicas e brincadeiras dos outros e o tal itinerario do Rangel. Mas o peor foi que entre um artigo e outro vinha um “bigode” com uma frase em negrito dentro — artes do Tito Franco — e todas as frases cantavam, com variante de forma, sempre a mesma coisa: a feiura do Viotti. Um dizia: “Como é feio o Viotti!” Outro dizia: “Mas

(*) Consultei-o sobre este ponto, e em carta de outubro de 1943 veio esta nota: “Viatel com 7\$000 no bolso, o que dava para a passagem de 2.^a e para comer alguma coisa pelo caminho (deu para umas sardinhas e um café): o “café”, tomado em Santos no dia da volta, consistiu numa media de 60 réis e um pão de 40 réis, se não me falha a memoria. Como unica bagagem levei um cobertorzinho e a escova de dentes... Eu não sabia que a passagem da barca dava direito á viagem de trem na ilha, e porisso fiz o trajeto a pé, ida e volta, af seus 9 quillometros.”

Mando um *Estado* com o discurso do Ramalho Ortigão, e o começo do meu *Diario*. E vai uma revista com capa minha.

Responda sem demora se está disposto a ser caceado á distancia — telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes tres dias.

YEWSKY

S. Paulo ... 1903

Rangel:

Ainda com os dedos tropegos dum interminavel ponto de Direito de Falencias que acabo de copiar, venho responder á tua carta, que esteve encalhada no Minarete, do qual eu e Ricardo fugimos e está agora habitado só pelo Nogueira. Anda o Nogueira injetando vida e calor no corpo apalermado do Cenaculo, espantando o tédio mortal que nos ia consumindo. Vive a citar Voltaire e Max Nordau, todo ideias “caóticas e proteicas”, como ele mesmo as classifica. Ricardo batizou-o

é muito feio o Viottil” E outro: “E’ feio demais o Viottil” e assim por diante. O Breves, coitado, ficou muito vexado com aquela quebra de compostura, mas como reagir contra toda uma alcatéia de cães terribilissimos? E acovardou-se. No numero seguinte a vitima foi um Benedito de Sales Guerra, moço da moda. Tito Franco implicou-se com a sua elegancia e fez os “bigodes” assim: “Como é elegante o Sales Guerra!” — “Mas é muito elegante o Sales Guerra!” — “Para elegancia, o Sales Guerra!” e vinte vezes isso pelo jornal inteiro. E desse modo viveu *O Combatente*, a publicar as nossas maluquices, até que o Breves foi chamado á policia e teve de fechar o pobre jornal. A razão da “scie”, na explicação do Ricardo, era que, para justificar o titulo, *O Combatente* tinha de combater qualquer coisa — e não somente a gramatica, como quando o Breves o escrevia sozinho...

de “anacronismo ambulante”. Será, mas é antes de tudo um fole, um insuflador de vida. O depauperado Cenaculo reviveu, coisa que parecia impossível. Todas as noites, no café Guarani, tres, quatro, cinco e às vezes todos os cenaculoides nos reuníamos, e nos olhávamos sonolentos, chupando cigarros silenciosamente, sem que uma ideia viesse sacudir os nervos dos cenaculoides embotados. O Candido puxava mais uma historia dos seus famosos tios; o Tito lançava á mesa um trocadilho nojento. Ricardo não tirava os olhos de moscas invisíveis; o Albino bocejava. Só a força do habito nos arrastava áquela mesinha para mais noites de tédio em comum. Nem o Raul tinha animo de vir com “uma do Eça” — e Lino, o irascível, desertara. Pois bem: o Nogueira aparece lá uma destas noites e tudo se transforma. Tra-va-se logo violentissima e intermina discussão em que saiu tudo, desde o Jeová bíblico até o Macuco. Choque elettrico! Todos nos lançamos contra o Nogueira, todos nos acotovelamos para “lapidar” o Nogueira! Até o Lino emergiu da rua Quinze em garoa e veiu berrar. O Candido zumbia como mamangava. O Albino gania. Tito zurrava. Pandemonio puro. *Té, Nogueira!...*

LOBATO

S. Paulo ... 1903

Bezuquet:

Não és capaz, nunca, de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimenta-

va S. João no deserto: içá torrado! Sabe, Rangel, que o içá torrado é o que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia? Está diante de mim uma latinha de içás torrados que me mandam de Taubaté. Nós, taubateanos, somos comedores de içás. Como é bom, Rangel! Prova mais a existencia do Bom Deus do que todos os argumentos do Porfirio de Aguiar. Só um ser Onipotente e Oniciente poderia criar semelhante petisco.

Mas deixemos de lado o Içá e o seu Excelso Criador e falemos do teu cartão do dia 17. Sabe quando consegui agarra-lo? Ontem, 11! E sabe onde? Na insondavel profundidade daquilo que com tamanha modestia o Nogueira chama "bolso". O Bolso do Nogueira! Tremei, futuros cartões do Rangel! Aquilo é o Baratro! É o Elevador do Jacinto Galião. O que lá cai, engancha como o peixe do Grão Duque.

A pesca do teu cartão processou-se no Guarani sob a espectativa ansiosa de todos. A mão do Nogueira desceu ás profundas do Baratro como um escafandro; e lá dentro, com muita pericia, aqueles dedos teologicos agarraram o soterrado e o foram tirando, lento e lento, num esforço de forceps. Respirações suspensas! A musica pára! Por fim surge á luz do gás o teu cartão, Rangel — o primeiro chegado daí.

Lemo-lo com unção. No pedacinho em que dizes: "Dia e noite érro por montes e vales..." Tito desfechou o trabuco do trocadilho: "Ah, ele *erra* por montes e vales? Como *acertou* indo para lál" Pausa para a pancadaria grossa; só depois da chacina do Tito é que a leitura prosseguiu.

O nosso Minarete havia desabado, (*) mas com a entrada lá do prodigioso ermitão Nogueira as ruínas “desarruinaram-se”. Ele é uma prodigiosa trombeta de Josué ás avessas. O Nogueira é a Guerra, é a Teologia Beligerante! É Louis Veuillot! É novamente Ezequiel

Andamos agora cheios de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cosmico e ler Nietzsche berradamente do alto das massaranduvias. E panteizar. Em fevereiro, uma algara contra Buenos Aires. Em março, o lançamento d’O Gato, todo unhas e mios famelicos. Em junho...

Exames adiados para dezembro. Companhia de operetas num sucesso doido. Tito falou na aula do Lessa sobre a morte do Ferreira Viana. O Largo do Rosario, firme no mesmo ponto. (**) Raul mais cheio

* Alusão a um artigo do Rangel, “Se o Minarete desabasse...”

** O Largo do Rosario, assim chamado porque ficava ali a igreja do Rosario, traz hoje o nome de Praça Antonio Prado. S. Paulo tinha naquele tempo uns 400 mil habitantes. O Triangulo, formado pelas ruas 15 de Novembro, Direita e S. Bento, era a sala de visitas da cidade, e o Largo do Rosario, ponto de confluencia da rua 15 com a de S. Bento, constituia a capital do Triangulo. “Fazer o Triangulo”: expressão das mais comessinhas. Depois do jantar toda gente ia fazer o Triangulo, e lá todo mundo encontrava todo mundo. O ponto de parada das rodinhas era o Largo do Rosario — as rodinhas literarias, as esportivas e as elegantes. O primeiro de nós que chegava, parava — ficava á espera dos outros. E vinham os outros — era infalivel. Depois de reunidos, iamos para o Café Guarani, no começo da rua 15 e lá ficavamos até tarde, a bebericar “laranjinhas” (100 réis o calice). No Guarani tinhamos a “nossa mesa”, a primeira da entrada, á direita.

de "ohs" do que nunca. Ricardo, uma mistura de sambuca, versos, tédio e extravagancias. Candido, magro e intragavel, todo tios. Lino, nervoso como sempre e felidio: arreganha e morde. São as noticias da terra e do bando.

LOBATOYEVSKY

P. S. — O *Minarete* vai sair em formato maior.

S. Paulo 13,12,1903

Rangel:

Venho da casa do Ricardo, que esteve uns dias de cama, tomado de febre: ressaca de idilio com uma moreninha do Braz. E deu-me um papel dizendo: "Carta do Rangel." Meti aquilo no bolso e vim. Depois de refestelado, abri e *qu'est ce que c'est que ça?* Papiro egipcio? Coisa cuneiforme da Babilonia? Mas como não sou Champollion, examinei o papel e fiquei na mesma. Em todo caso, como Bruno classificara aquilo de "carta do Rangel", fui obrigado a admitir que sim — mas não em consequencia dos meus esforços decifratorios. Depois tive a intuição de tudo. Você leu que Zola havia perdido as suas primeiras obras por impossibilidade de decifra-las e quer que aconteça o mesmo com as tuas primeiras cartas. Pois está acontecendo — e pelo menos nesse ponto estás igualado a Zola.

Amanhã entro em exame. O Albino já rodou para Ribeirão Preto com lata ao rabo — um miserável grau 4. E aquele Sheridan (*) que nos desancou a todos,

* Pseudônimo de Lino Moreira, com o qual assinava os artigos publicados no *Minarete*. O primeiro artigo de Sheridan foi um tremendo ataque ao Cenaculo, do qual só foi poupado Godofredo Rangel, o mais querido de todos pela sua extrema bondade e delicadeza. O ataque de Sheridan apareceu no 21.º numero do *Minarete* sob forma de carta ao Redator: “Eis em dois traços, senhor Redator, quem sou: um neurastenico, doente febril, alucinado; na cabeça, um caos de visões sombrias e fantasmagóricas; na língua, o prurido da difamação; na alma, odio e fel; e nas resfolegantes narinas, o fardo do ridículo, do ignobil, do imbecilizante. Modificando algo da minha terrível indole, consegui conviver algum tempo com meia duzia de precoces temperamentos literarios já dignos de analise. Desabrocham esses espiritos tenros e notavelmente pretensiosos dentro dum vocabulo engraçado e cristão — o Cenaculo. Estudei-os com requintado regalo de feroz apreciador da pretensão humana: meia duzia de rapazes fundamentalmente parvos.... E note, Egregio Redator, que nesta incultissima Pauliceia eles são o escol, a gema purissima do espirito nacional, o seletto pensamento latino em seu maximo esplendor. Vejamos com rapidez o desfile dos silhuetados:

“1) Yewsky (Lobato): baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. E’ o “magister dixit” da comandita de elogios mutuos. Espirito multiforme e versatil, elastico e cientifico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosoficas com a sofreguidão dum comboio celere através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso genero literario, a critica. Estuda muito. Lê obras ponderosas... Escreve romancécicos e esboça infames aquarelas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vizinha alambicada, exprimendo as mãos, deixa transparecer nos labios sarcasticos uma ponta de superioridade, seguro de si, orientado solidariamente pela meditação de pesados autores e provoca silencio ou sono. Chama todo mundo de imbeci-i-l. Em resumo: farofas de filosofo num cerebro de literato á Machado de Assis.

“2) Candido Negreiros: o mais irritante de todos. O mais aristocratico, o que mais bem se veste. Mania de viagens. Feio e antipatico, e seco no trato. Voz pausada e todo ele pretensões. Fumaças de escritor elegante ou, melhor, galante... Possui tios

menos a você, é mesmo o Lino. Bem que tentou esconder-se, desancando-se também a si próprio — mas o estilo é o homem, e o Lino está mais ali do que na rua

—
aos milhões e todos esses tios são herois, fidalgos, talentosos. Amigos de caçadas. Filhote espurio do Graça e do Eça.

“3) Bruno de Cadiz (Ricardo): Seria um apreciável tipo de meridional se não fosse um pequeno defeito físico num dos braços e o ar gíngado de capoeira. E’ poeta... sentimentalismo piegas cheirando a caipira e atrazo. Tem alguns sonetos sofríveis. E’ um agitador socialista, de um nihilismo vermelho e desorientado. Não é orador, não é polemista, não tem a solidez, robusta de preparo, dos paladinos das grandes idéias. Lírico sedício e característico. Victor Hugozinho da roça...

“5) Martinho Dias (Tito Brasil): Este é pavoroso! Vem das noites sombrias da historia do Curso Anexo e vai para a eternidade das reprovações. Estudante crônico. Alto, corpulento, o andar mais impagável do mundo: parece um regulo da Hotentocia, balançando a majestosa figura por entre a turba de basbaques que o temem, cheios de espanto. Tipo vulgar, plebeu e porisso popularissimo. E, ou diz-se, jornalista. Desde menino de tres anos que “desbastava” o estilo. Falador de pessima dicção e grotesca expressão, muito afetada. Faz trocadilhos tão maus que só a Inquisição lhe daria as penas merecidas” — e por aí além. Lino desanca a todos, arraza-o a todos, menos ao Rangel, do qual diz:

“11) Rangel, o anjo do Cenaculo. Muitissimo simpático, grande pureza de linhas. Olhos grandes e bons, meigos, de grande ternura. O fulgor de seus magnificos olhos tem qualquer coisa de paternal e ironico, mas de uma ironia leve, fina, aerea, encantadora. Bondosissimo. Trato de moça, cativante, suave, irresistivel. Generoso, modesto, duma modestia sincera. Belo e robusto talento. Tem contos e descrições admiraveis. Ha de notabilizar-se na literatura como o maior e mais brasileiro dos nossos contistas. Agora estuda a natureza da montanhosa Minas. Belas paginas! Seu estilo nervoso e cantante tem em cada cenaculoide um apaixonado saboreador. Muito de Bourget e tudo de Daudet”.

A bomba de Sheridan foi o grande successo literario de Lino Moreira, e o fato de em onze retratos só poupar ao Rangel prova que encanto era o Rangel para todos nós. Mas Lino também traçou o seu proprio retrato, ótimo como caricatura: 4) L. M. Este moço tem muito de arlequim e palhaço, com excessos de ademanes, trejeitos e parolice estouvada e estafante de arengador

Braulio Gomes. (*) Ricardo entristeceu com a referencia ao defeito do braço — e de toda a descalçadeira foi o de que não gostamos. O resto está otimo — e estimulante. E aquele Souza Castelo, que nos “A pedidos” do *Minarete* surgiu em defesa do Cenaculo, é o Tito. Está uma defesa peor que o nariz dele.

LOBATO

Taubaté, 28,12,1903

Rangel:

Escrevo ao pingar duma chuva miuda e sem fim que nos alaga ha dois dias. As ruas são passagens de lama bem amassadinha pelas rodas dos carros e patas dos animais. Sair é um impossivel, e chega a ser rasgo de ousadia por o nariz fora da janela. Estamos encarcerados numa prisão de fios de chuva -- coisa mais aprisionante que grades de ferro. Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa, com Mirabeau, Theroigne de Mirecourt, Lafayette e o resto; recita-me arengas de Lameth, Robespierre e Marat; descreve-me o carater altivo de Mme. Veto, de par com a molenguice toici-

romantico. É o mais acabado tipo do “falador” nacional. Barulhento e superficial. Fala por todos os poros. Mania de discursos; celebrizou-se como fazedor de brindes e artigos sibilinos, inextrincaveis, fabulosos. Falta-lhe imaginação poetica, nutrida de metáforas, calor, vida, brilho, elevação. Não tem nada disso. Se crescer e aparecer, será mais um papagaio chato e nulo numa cadeira de deputado...”

* A familia do Lino morava na rua Braulio Gomes.

nhenta de Luiz 16. Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na historia de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanázinha. Ainda ha pouco, ao fechar o *Assomoir*, estava Zola a descrever-me o jantar da *blanchisseuse avec un tas d'amis ouvriers, polissons pleins de gaieté, de debarbouillements, de fripouilles emousseuses*. Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da India primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro — fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan — o sereno evocador da verdade. Renan é agua clara e filtrada. Descansa-me. Ainda ontem estive a explicar-me o *Eclesiastes*, esse tão amado livro do Jacinto Galião — e lá vi eu a fonte em que Nobre & Cia. bebem inspirações. Aquele: “e isto não será tambem vaidade?” é uma novidade velha como Matusalem. Hoje pedi uma conferencia ao Sr. Oliveira Martins, e nem bem começou ele: “O socialismo é a evolução...” alguém me chamou e lá deixei o homem latindo. Ontem o amigo Eça me enfiou a historia dum frei Genebro, santo que se rebojava em estrume de boi para castigar a carne innocentissima, e que apesar disso foi para o banho-maria do Purgatorio. Um leitãozinho de tres pernas (a quarta ele assara e comera) havia pesado mais na balança do Supremo Juiz do que todo o esterco do refocilamento. Eça está muito querido cá em casa; todos os “adoram”. A semana passada appareceu-nos um comediografo, José Piza, e durante tres dias só lidamos com o Eça. Meu avô lê a *Cidade e as Ser-ras*, minha irmã lê a *Ilustre Casa dos Ramirez*, eu leio suas historias de santos — e como somos só tres neste

imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê o Eça.

E você? Conta-me tudo — os planos, as novas ideias, a influencia do queijo em tua mentalidade. Lino entra em exame amanhã. Tito arrancou um plenamente em Filosofia e deixou o resto para março. Candido extorquiou plenamente em todas as cadeiras. Do Ricardo e do Raul nada sei.

LOBATO

1904

Taubaté, 4 de Bruno, de 1904

Rangel:

Acabo de ler tua carta e dou parabens pelo “bisbilho”. Otimol! Vou adotar. Não está em nenhum dicionário. Sonoro e lindamente onomatopaico. Uma floresta vive cheia de bisbilhos.

Queres a minha opinião sobre a *Canaã* e a *Chacara*, e insistes nisso. *Canaã* é o que chamam uma obra-forte, e obra-forte quer dizer obra-fraca. Não é paradoxo. As obras-fracas no presente são as incompreendidas, ou de compreensão só possível no futuro. E as fortes são as que de tal modo satisfazem ás exigencias do presente que provocam estouros de entusiasmo — obras despo-ticas. Mas passam com a passagem dessas exigencias. Acho a tese de *Canaã* muito atual: imigração, coloniza-ção, absorção, etc. Quando tudo mudar, daqui a cem anos, quem vai interessar-se pelas ideias de Milkau e Lentz? Quem hoje lê os romances sobre a escravidão? Os argumentos da *Cabana do Pai Tomás* nos fazem sorrir — e eram tão fortes no tempo que deflagraram uma guerra. Os romances de Mme. de Stael nos dão ideia de anquinhas, saia balão. *Canaã* será um grande livro enquanto perdurarem os nossos problemas imigratorios; depois irá morrendo — e os futuros leitores pularão os pedaços de Lentz e Milkau. Já o *Braz Cubas* é eterno

pois enquanto o mundo for mundo haverá Virgílias e Brazes; mas Milkau é um metafísico de hoje, tem ideais de hoje e filosofa hoje; amanhã só será lido pelos futuros Melos Moraes.

Quanto á tua *Chacara*, está primorosa — mimosa, bem lapidada. Ha umas coisinhas. Aquela “cabeça derubada sobre o colo” me sôa mal. Derrubar uma arvore, derrubar um trono; para a cabeça duma pobre velhinha fica melhor “pendida”. Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer “chuva” quando chove — “sol” quando soleja. E a porca que entra exata na rosca do parafuso.

“Balbucío adoravel”. E preciso expulsar do teu vocabulario este adjetivo que o Macuco e a pandilha do Braz puseram a perder. O “adoravel” está babado demais, gosmento. “*Doídas saudades*”: é um perigo este adjetivo; fatalmente o tipografo comporá “doidas” e o revisor deixará passar. “Espaços tremulos de asas *ruflantes*”: restos do nefelibata; coisa sonante, harmoniosa, mas *trop litteraire*. “O baque dos monjolos *percutia*”: acho o “percutir” muito de gatilho de arma, muito metálico; monjolo é pau e um pau que bate noutro não percuta, dá um choque balofo. O “sem fim das colinas” está magnifico. É teu? Quanto ao fecho (a pergunta final), não compreendo bem a sua razão de ser. Tudo mais, ótimo.

Sapho de Daudet, tenho. Mais alguns Maupasants, aceito. Dos romances só li *Bel Ami* e *Notre Coeur*. Ha outros? Pierre Loti é uma besta. Afeta simplicidade. Em agua assim rasa, só temos guarús e sapinhos rabudos. Mas nas profundidades dum Dostoievsky ha to-

dos os peixes — pesadelos do mar — e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe.

Recebi os retratos e o desenho. Cultive. Pegue no lapis e desenhe do natural. Nada de copias. Croquis só.

Li 1500 paginas de Lamartine e estou saturado. Mais tarde te contarei a minha doença: *delirium legens*, especie de *delirium tremens* dos bebados. Leio tanto, que quando vou para a cama meu cerebro continua a ler maquinalmente.

Tenho muitas novidades. Quando tua provisão af escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro — e que homem! Que estilo de fonte!

Comecei no *Minarete* "Memorias dum Velho". Imagino-me velho e de retorno da Europa, e conto o estado em que encontrei todos os amigos.

LOBATO

S. Paulo 10,1,1904

Rangel:

Tua carta é um atestado da tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-se mister uma obsessão constante, uma conciente martelação na mesma ideia — e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que as aquisições sejam inconcientes, num processo de sedimentação geologica. Qualquer coisa que cresça por si, como a arvore, apenas arrastada por aquilo que Aristoteles chamava entelequia — e que em você é o rangelismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cerebro. Andas a fazer com

ele como os comilões ininteligentes que comem até adoecerem. Esqueça que ha literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural. Ande muito a pé ou a cavallo, converse com toda gente, coma bem, namore caboclinhas nas estradas, vá aos serões do senhor Cura, arrote — e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura. E tambem verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente.

Ja notei que esses constantes e permanentes contactos com as Grandes Ideias e os Grandes Prestigios operam do mesmo modo que aqueles inumeros “confortos” do Jacinto Galião das *Cidades e as Serras*. Enfaram, esmagam. Pensamos que aquilo saiu da cabeça dos autores como Minerva da cabeça de Jupiter e achamos-nos inferiores, com grande dôr do nosso amor proprio. E, perturbado, com os olhos tontos pela doença, chegamos até a ver em mim *algo nuevo*, quando na realidade o que ha é um pouco da coisa saborosa que o Sieur de Montaigne inventou (literalmente): bom senso, *horse sense*, como dizem os ingleses — senso de cavallo. O Bom Senso é a filosofia da justa medida, do ver-claro, do enxergar até de noite, como os cavalos.

Perguntas quantas horas “literatizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com appetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragedia de Euripedes, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro — e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando ha appetite; fora daí é uma insuportavel *corvée*. Tambem não es-

crevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham — ou quando o Benjamin me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamin. Não tenho horas prediletas — minhas horas são as que coincidem com a disposição. Ha horas em que nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem facil e claro. Outras ha em que estamos imaginosos, todo cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair o pinto. Queira você tirar o pinto antes do tempo — o pinto morre. Estomago e cerebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-las, Rangel.

Estou de viagem para Taubaté, onde vou ganhar dinheiro e junta-lo para o sonhado *tour du monde*. Podias te mudar para lá e organizaríamos o trust da advocacia no Norte de São Paulo. O Benjamin seria o nosso representante em Pinha e o Pereira de Matos em Caçapava. *Sare*, homem! Estás malissimo de engurgitamento literario. Vomite o Flaubert.

LOBATO

P. S. — Ontem, no Largo do Rosario, classificamos a Cainçalha (não é mais o Cenaculo). Ricardo: Cão Lirico que ladra á lua; Tito, Cão Rafeiro, ou como propôs o Raul, Cachorro, só, sem mais nada; Lobato: Bulldogue; Edgard: Cão de Fila; Raul: cachorrinho de estimação ou cãozinho de colo; Candido: Cão de Raça; Rangel: Cachorro de caipira; Lino: Cachorro que late e não morde; Tito Franco: Perro Imundo; Nogueira: Podingo de Clerigo; Julio Costa: Cachorro Ensinado; Albino: o Cunegundes. Lembra-te o Cunegundes, aque-

le vira-lata que vivia pelos cafés e restaurantes, um velho cachorro atôa, sem dono?

LOBATO

Taubaté, 20,1,1904

Rangel:

Tua carta veio como aragem. Eu estava com saudades dum vôo e aqui não ha asas — só se discutem coroneis politicos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*; andava descontente comigo mesmo, com as minhas ideias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte — todo odios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as ideias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo. Bem que eu procuro humilhar essa feição do meu espirito. Ela teima. Mas acho que hoje amarrei o magister na argola do canil.

Meu Soriano de Sousa está em S. Paulo, no fundo dum caixão, ou dum dos meus caixões, o que é peor; impossivel te servir. De Daudet só tenho aqui *Nababo*, *Tartarin*, *Jack* e *Sapho*. E as cartas do moinho. E tenho ainda algum Machado de Assis, algum Eça, Herculano e... os *Dez Contos* do Goulart. O Goulart é o meu Montaigne — o livro de cabeceira. Ali aprendo como não se deve escrever. A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente historica e cientifica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta*,

o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantú grande; e o Elysée Reclus grande; e inumeras preciosidades nacionais, como a coleção inteira da *Revista Ilustrada* do Angelo Agostini, a do *Novo Mundo* de J. C. Rodrigues e mais coisas assim. Ha uma coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto em menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. Coisas horriveis, mas muito bem desenhadas — do tempo da gravura em madeira. Cenas de indios sioux escalpando colonos. E negros achantis de compridas lanças, avançando contra o inimigo numa gritaria. Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da India. Viuvias na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados á tromba de elefantes. E indios da Terra do Fogo, horriveis, a comerem lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir... E tragedias do centro da Asia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito. Eram os romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. Certa vez encontrei naquela biblioteca um album de fotografias que me tumultuaram o sangue: só mulheres nuas!... Mas não eram mulheres nuas, Rangel: eram nus do Salon. Eu não sabia distinguir. Tambem encontrei lá todas as obras de Spencer. Essa biblioteca, pela maior parte, fôra dum filho de meu avô que depois de formar-se em S. Paulo deu de correr mundo, andou pelo Egito e outros paises historicos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Napoles. Secretario de legação. Sua bagagem veio para

Taubaté, com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali.

Obrigado pelo *Mont Oriol. Pierre et Jean* já li. *Toine*, não. Escreveste á margem: “Sigo para São Paulo a 2 de Raul.” Que mês é Raul?

E agora, um puxão de orelhas: Por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, “se não for incomodo”, e mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pones nas nuvens (como o Rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sêdes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça, botar a minha sêde acima da tua! Sêde é sêde. Outro vício teu é a tal modestia. Parece que você faz da modestia palanque donde melhor regalar-se com a vaidade humana. Seja todo portas e janelas abertas, homem!

Queres mais impressões sobre *Canaã* (note que não digo “minha humilde opinião”, “meu fraco parecer”. Para que?) Li *Canaã* num exemplar do Candido, faz tempo, e achei um livro forte, sadio, certo — e com excelentes paisagens. Na pintura de cenas Graça Aranha é criador. Tudo vive. Na cena do teodolito, ao lado do magistral desenho do carater de Felicissimo — que é a vasta classe dos mulatos pernósticos — ha na boca do

alemão um “Estes mulatos!...” que pega muita gente. Outra cena que me ficou: a do caçador morto no ranquinho, rodeado dos cães amigos que lhe defendem o corpo contra a invasão dos *padres*. Originalíssima e com uns toques epicos. Suas descrições de florestas fazem-me sentir um mormaço e um cheiro de folhas e musgos molhados. Não é mais a mata descrita pelas receitas de Chateaubriand. É mata, mato de verdade. Os escuros dos verdes, os humidos, os fofos, a calma dos troncos, a paciência de tudo, a paulama, a cipoeira, os farfalhos — todo o “jogo de futebol parado” da botânica. Equivale a Antonio Parreiras — o nosso unico pintor que pinta matas certas.

A nossa justiça está ali “escarrada”; posso dar outros nomes a todos aqueles tipos forenses.

O livro conduz duas coisas paralelas, uma realista, outra simbolica. Milkau e Lentz são dois *revenants* do tempo de Byron vestidos á moderna, que passam pelo romance como nuvens, filosofando ao modo de Goethe no *Wilhelm Meister*, defendendo ideias polares — mas ligados pela mesma superioridade mental; Milkau simboliza a boa Alemanha contemplativa e musical, e Lentz simboliza a Alemanha perigosa que eu tenho medo surja de Nietzsche. São os Froments dos “Evangelhos” de Zola. Em baixo desse nevoeiro de filosofia, a boiar mansamente por toda a obra, vemos a vida brasileira sem nenhuma deformação patriotica, com todas as suas chinfrinices — e personagens apequenados pelo contraste com a violentissima natureza tropical.

Acho Graça Aranha novo. Abre caminho para o artista-filosofo, o artista de cultura moderna que ha de

substituir os meros naturalistas descritivistas á Zola (mas sem o genio esmagador de Zola). Zola me lembra o martelo-pilão das fabricas de ferro; os seus imitadores são martelos de quebrar coquinhos. O naturalismo foi uma reação violenta contra os exageros do romantismo. Mas o naturalismo passou da conta e por sua vez está provocando reações. O naturalismo acabou em fotografia colorida. O adjetivo de que o Macuco mais gosta deve ser o “nitido”, e não ha cretino que ao dar opinião sobre *qualquer* pintura (a *Gioconda* ou um Corot) não venha com o classico: “Como está nitida!” Pois foi isso. O naturalismo morreu no nitido fotografico.

Graça Aranha é um artista e um sociologo; este pasará mas aquele fica; os sociologos lidam com problemas passageiros; só os artistas lidam com coisas eternas.

Se gosto de Stendhal? Imenso. Amigo velho na historia da pintura, nas viagens, nas “promenades” em Roma, no *Le Rouge et le Noir* (um assombrol), na *Chartreuse de Parme*. A descrição que Stendhal faz da batalha de Waterloo é a maior das maravilhas. O heroi não viu nada, só viu a si mesmo e aos companheiros mais proximos, e as cercas que andou pulando na fuga. Mais tarde é que veio a saber que *aquilo* fôra a famosa batalha de Waterloo. No *Le Rouge et le Noir* o vermelho é o espirito napoleonico e o preto é o padre — a Reação. Stendhal tem relampagos; é sempre original, quasi sempre sincero e poucas vezes atraente (á moda dos “faceis”). Genio.

Estou agora em Shakespeare, a *Tempestade* e Oliveira Martins, *Teoria do Socialismo*.

De Goethe só tenho o *Fausto* na tradução de Gerard de Nerval, o *Wilhelm Meister* — e as conversas com Erckmann.

Ando com ideia de traduzir o *Príncipe* de Machiavel. Nossos tempos são corruptos sem estilo e sem filosofia. Com o Machiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores.

Chega. Não tenho tido noticias de ninguem do Cenaculo.

LOBATO

Taubaté, 5,2,1904

Rangel:

Salve! Aplaudo com viva satisfação tua ideia de zéfernandear jacinticamente na doce paz desses vinhedos de Caldas, entre bons queijos e tijelões de leite gordo, a respirar o cheiro dos capins-melados e a morrinha do senhor Cura. Mas não te desleixes do Horacio e do Virgilio das *Bucolicas* para irrigação das flores do espirito nas noites calmas, depois de jantares bem arrotados. Que concilies sabiamente a dupla cultura do cerebro e do estomago. Sei que andas firmado em bons principios, embora a alguns eu possa opor opiniões em contrario, como á tua ideia do mal de vinho e leite juntos no estomago, "porque vira queijo". Que importa que o queijo entre feito ou seja feito lá dentro? Um velho curandeiro instruiu-me nestas ciencias. Quanto á "quentura do abacaxi", diz ele que os organismos variam, e o que é equador para um pode ser polo para outro. E documentou o asserto com o pão, que é quente para o

forneiro e fresco para o freguês. No mais, de pleno acordo. E que tal o *Tratado das Couves*? Vou mandar-te uma assinatura do *Boletim da Agricultura*, que é de graça e ensina coisas substanciais.

Esta carta, Rangel, está sendo interferida por um *pssiu...*

Aquele "Um Literato" que saiu no *Minarete* está bom; não digo ótimo, mas bom.

Onde anda o Nogueira?

Impossível, Rangel. A interferencia continua. Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 2,6,1904

Mas, Rangel amigo,

você se complica demasiadamente. A primeira pagina da tua carta parece um fragmento do *Assim Falou Zaratustra* do meu Nietzsche.

— ?

— Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um polen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. "Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais solidas *verdades absolutas*." E é. Roi o miolo das arvores — e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na apparencia é um phenomeno de aggregação conciente, é no fundo o contrario disso: é desagregação inconciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi accumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens — os loucos — as excepções: é que eles se apresentam ás massas em trajes menores, como Galileu, ou nós, como Byron, isto é, despídos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa epoca). “Desagregação inconciente”, eu disse, porque é inconcientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas — ideias e sensações — que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n'alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem — a camada de anti-naturalismos, enfim.

É assim, meu Rangel, que eu explico o phenomeno da *inconfundibilidade* dos grandes artistas, e o phenomeno da pasmosa confundibilidade da caravana imensa dos Goularts e Macucos. E foi assim que cheguei á minha ideia do aperfeiçoamento humano, a *concientização do inconciente*, na qual *medito*. Penso nela como Newton — só isso. Senti a maçã cair e penso no que a fez cair.

Perdoa-me o pedantismo ou imodestia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia — e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silencio e concentração, e este S. Paulo, com seus italianos

que anunciam coisas *friescas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barullho. Felizmente as férias estão chegando, e naquele placido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filosofo.

Que crueldade a tua, Rangel, com essa mania de explorar o meu magisterdixismo! Queres agora que eu diga de Byron... Que diga o que penso... Byron era um como nós, Rangel, mais bonito, aristocrata, com muito dinheiro e coxo. Revoltou-se contra o *temple enseveli* que todos temos dentro de nós (Maeterlinck). E como fosse poeta, pôs a revolta em versos. Taine estudou-o lindamente na *Historia da Literatura Inglesa*, que tenho aqui. Queres? O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados poeticos daquele tempo. Todos byronizaram. Era a moda. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo. "Talhado para grandezas, para criar, crescer, subir..." Depois parnasianamos com Raimundo e Alberto. E zolaizamos com Aluizio, etc. Chega.

Sabes que o Nogueira reapareceu? Mas está outro. Está *ex*. Corado, gordo, sem a cartolinha verde em cima da cabeça e sem o Volney por dentro. Veste-se á positivista. Mas o templo incendiado ainda fuma e ha brasas sob os escombros. Às vezes deita uma chama — mas é fogo fatuo. Ontem o vi presenciando a demolição da igreja do Rosario. Que quadrol Eram dois demolidos um diante de outro — a velha igreja e o Nogueira. Olhavam-se com ternura e entendiam-se.

A proposito dessa igreja disse o *Diario Popular*: "Quem sabe se não é o som dos sinos o que vai depois

transformar-se em canto de ave, murmúrio de águas, cílios de brisas, etc.” Aquelas corruilas do Belenzinho talvez fossem ex-sons, Rangel.

Ricardo, o nosso maravilhoso Ricardo, descamba como um sol. Se continua a viver, é capaz de acabar Cadete ou Joanito — tocador de modinhas. Foi reprovado em exame de geometria e *eufemizou*, dizendo que se havia levantado. Não demonstre que sabe da sua bomba; finja, como nós, que acredita no levantamento. Ricardo é sensível como todo um pé de sensitiva. Este mundo não serve para ele, este nosso mundinho idiota. Querer que Ricardo, uma árvore de imagens e sensibilidades ultra-humanas, saiba o quadrado da hipotenusa e outras indecências! Todos nós, Lino, Albino e Tito, andamos agora rebelados contra o socialismo e a atacar com os mais sordidos argumentos o maravilhoso socialismo-sentimento do Ricardo — e ele, em vez de refutar-nos, sofre, vê nisso hipotenusas atacando um perfume. A mim o que me está fazendo vacilar nas velhas ideias é um livro de Le Bon: *Psicologia do Socialismo*.

Albino filosofa com a superior intuição de Hegel. Acho-o uma cabecinha de ouro — mas serio demais para a nossa roda. Lino, depois da reprovação, parece que assentou; estuda e trabalha. Foi bomba que em vez de destruir construiu. Tito irradia felicidade. Atingiu o ideal supremo: virou o Cabo Eleitoral, o general Glicerio da Academia. Catequizou duas turmas de calouros e impera, papiza infalivelmente, sempre a bambolear o corpanzil como marinheiro recém-desembarcado. O João Ramos continua trabalhando naquele seu terrível serviço de procurar emprego. Planeja agora

uma ida ao Acre, donde voltará derramando dinheiro pelo caminho, como lata furada. Artur jura que o Ricardo é um genio e ai de quem duvidel! O prolixo Breves, sempre atento na Patria; ontem me disse que vai "compor um pequeno artigo de interesse geral em que aventará a ideia, bastante evidente aliás, de, como medida preventiva de futuras incursões bolivianas, promover-se a colonização do Acre com elementos etnicos brasileiros, quais sejam (para frisar a ideia com um exemplo) o sempre infeliz e vitimado elemento cearense, que, como a experiencia de longos anos cabalmente o comprova, etc. etc."

Tenho lido o teu *Guarujá* e nada digo, porque dizer algo é elogiar e elogiar é estragar. Quanto á *Ave-Maria*, perfeita. Todos aqui fomos unanimes no adjetivo, inclusive o Edgard Jordão. Já combinamos o nosso encontro contigo daqui anos: nas galerias da Academia de Letras por ocasião da tua posse. Tens de te precaver é contra os desequilibrios á Ricardo. Essa instabilidade conduz ao tombo. Repare no maravilhoso equilibrio de Olavo Bilac. E veja o calmo Zola, o calmo Goethe, o calmo Machado de Assis, o calmo Daudet. Ando com ideia de que os tais desequilibrios amaluçados, a tal boemia *à outrance*, é falta de confiança em si proprio e preparo de escusas para o fracasso. "Coitado! Seria o maior prodigio do seculo, se não fosse o alcool, se não fosse a desordem, etc." E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve em tua porta isto da *Gaya Scienza* de Nietzsche:

VADEMECUM — VADETECUM

*Mon allure et mon langage t'attirent,
Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?
Suis-toi toi même fidèlement
Et tu me suivras, moi! Tout doux! Tout doux!*

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida pratica” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer — vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas.

Está um frio de fim de vida. Meus dedos enregelam-se. Vou sair, andar, tomar sol. Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 16,6,1904

Rangel:

Sairam daqui ha minutos o Ricardo, o Albino e o Lino. Desde o meio dia, uma interminavel conversa por entre numeros d'O *Combatente* e chicharas de café. Sete horas de parolagem. Foste lido e vivamente discutido. Uns põem-te logo abaixo de Machado de Assis; outros arrumam-te em cima dele e achatam-no. Houve berreiros. Albino afirmou sob palavra de honra que ninguem escreve com a tua “propriedade”. Ricardo jurou que tens o segredo do termo insubstituivel. Eu pus o *De S. Paulo ao Guarujá* ao lado das excursões de

Maupassant — ao lado direito! Todos fanatizados por você — e eu com medo que isso te perca. Estás sendo vitima duma *gavage* de elogios — como em Strasburgo fazem com os gansos do *foie-gras*. Cumpre que resistas, sereno, impassível, superior.

A tua operosidade contagiou o Ricardo, que anda a trabalhar num poema — *O Minarete*. Albino amigou-se com a metafísica alemã. Nogueira, no fundo do Braz, arranca do cranio as primeiras faiscas da “Positividade Hindú.” Tito gesticula dia e noite: é ensaio para o grande discurso do dia 18. Eu matuto naquela lei da “Concientização do Inconciente”. Em suma: o Cenaculo renasce, tumido de esperanças, apopletico de coragens. Uma ansia de caminhar! Incubar, é o grande lema. O “Trabalhai mancebos”, de Zola. E todos viramos formiguinhas.

Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um calice e acaba pau d’agua de cadeia.

Aqui até o dia 20; de 20 a 1.º, em Taubaté.

LOBATO

S. Paulo, 11,7,1904

Rangel:

Quanta atribulação, meu carol! Tua ultima chegou no momento em que eu partia para Taubaté, na folga do mês de greve que nos deu esta nossa inefavel academia. Fui com planos de responder de lá — mas sobre-

vieram atribulações. Andei leguas a cavalo, lá pelos sertões do Buquira, e cheguei até ás raias de Minas. Voltei para Taubaté derreado, bambo. Tive lá o Candido uma noite por vinte minutos, elegante, raro, com projetos de tres meses em França. E cá estou de novo em S. Paulo — mas ainda atribulado. Mudei-me para um quarto de frente na rua Araujo 26, com um lampião de rua bem junto á minha janela. Tenho luz de graça. E defronte ha uma visinha janeleira que já piscou. Em vez de namora-la, meti-me pelo futebol — Palmeiras. Joguei varios dias seguidos e fiquei mais derreado que com as leguas do sertão. Estou cheio de pisaduras e dodóis.

Isto deve ser o que na *Vida Intensa* o Th. Roosevelt quer. O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo cronicas de futebol e jógo. Diz o Tito que é mania — e diz-lhe o Raul: “Jacques, tu es un âne.” Seja como for, asseguro-te que o futebol apaixona e contunde.

Ricardo viveu duas semanas de sonhos com *O Corvo*. O mesmo *Gato* de outrora com mudança de nome apenas. E com o mesmo calor com que miavamos o *Gato* em nossa mesinha do Café Guarani, passamos a crocitar o *Corvo*. O Breves andava querendo reviver *O Combatente* e Ricardo propôs-lhe que mudasse o nome para *O Corvo*. Breves devia ter amarelado por dentro, mas de medo não contrariou. Concordou e foi preparar a traição. Ricardo precisava dum *Corvo* para demor um poeta Simões Pinto que de vez em quando espicha um sonetinho aqui e ali. O primeiro vôo estava marcado para o dia primeiro; na mesinha sabiamos de cor todas as maravilhas do numero. Havia até um

artigo do Mario Corvo, aquele corvo legitimo de Minas. Pois no melhor da historia o Breves acovarda-se e foge — desiste de lançar o jornalecol Grande furia do Ricardo. Bufos. Raul suspira. Albino dá de ombros.

O caso do *Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não ha dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele. Eu era para ele um dogma. Era eu dizer e era ele executar. Ficou de tal modo submisso, logo no começo do nosso curso naquela republica da Alameda dos Adradas, que até seus namoros eram conduzidos por mim. Benjamim recebia as cartas da namorada em Pinda e eu preparava as respostas. Certa vez ia ele saindo para a aula quando o carteiro chegou. Havia carta de namoro. E e Benjamim entregou-me a carta fechada: “Estou sem tempo, Lobato. Leia e responda.” E eu conduzi tão bem esse amor, fiz cartas tão progressivamente amorosas, que quando chegaram as ferias e ele se foi, eu disse cá comigo: “Encontram-se e casam-se galopantemente.” Mas saiu o contrario. No ano seguinte, quando terminadas as ferias o Benjamim voltou, a primeira carta que do namoro recebeu foi de rompimento. Dizia na essencia isto: “Tudo está terminado entre nós. Alguma outra mulher anda metida no meio. Você não é o mesmo das cartas, Benjamim. Em vez do ardor que eu esperava, só encontrei um gelo...”

Bom, a cama está a chamar este corpo contuso. Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 24,8,1904

Rangel:

Antes de mais nada, resposta ás perguntinhas. 1) Bilhetes de loteria comprei tres em tua intenção, todos alvos como a neve. 2) O artigo d'O *Combatente* é do Tito Franco, um apendice do Cenaculo, um chato, atarracado, sem pescoço e fedorento, mas prodigiosamente culto e inteligente. Será um perigo para as instituições no dia em que tomar o primeiro banho. 3) O artigo de João Chagas vem n'O *Paiz*.

O meu romance é a coisa mais complicada do mundo. Começa com duas gravidezes na mesma casa: a da mulher do fazendeiro, da qual sairá Cristina, e a duma preta cozinheira, da qual sairá Bocatorta. A linda sismografica das sensações (considero o romance uma coordenada de sensações) pode ser traçada assim: (falta pedaço)

.....

Rangel: ha muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não ha Nietzsches nas livrarias desta Zululandia. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior genio da filosofia moderna — e o que vai exercer maior influencia. É o homem “objetivo”. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referencia. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos,

e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal.

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas — da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-tel” Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa caustica. Tira todas as gafeiras.

E que estilo, Rangell! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de tatorana: vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, vôa de pulo em pulo — e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta. É a mais prodigiosa irregularidade artistica. Quando leio Nietzsche sinto odio contra Flaubert o Impecavel. Nietzsche é o Grande Pecador.

No começo você estranhará, por que ele é ele, excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais — e daí tanto grifo no texto. Eu acho que Nietzsche te vai curar de todas as doenças do intellecto que acaso tenhas e das que possas a vir a ter. A chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconcientemente se retrata como um “semeador de horizontes” — e é. E no *Assim Falou Zaratustra* ele se define assim (definindo um personagem ideal): “J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une a une du sombre nuage suspendu sur

les hommes: elles annoncent l'éclair qui vient, et disparaissent en visionnaires." Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes. É o abismo verlainiano da filosofia do Futuro Proximo. Se não me entendes, demite-te do cargo de meu amigo n.º I. Nietzsche *anunciou* e afogou-se numa dolorosa loucura, que sua irmã conta num livro. Fico impaciente pelas tuas reações químicas em face dessa Catalise feita homem. Se não vierem como as quero, merecerás a Presidência de Minas, ao lado do Francisco Sales e do Bressane.

LOBATO

P. S. — Mais uma vez insisto em que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas "formulas" já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião de Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenaculo — e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos que não nos enganar com adjetivos.

L.

S. Paulo, 2,9,1904

Rangel:

Já te deve estar assustando a minha negra ingratidão: quasi um mês sem carta! É que me vieram atribulações. Mudança de casa, uma ida ao Rio e outra a S. Vicente com o Lino; e por cima disso tudo uma espessa nuvem de desanimo e horror á pena. Mas o

sal marinho restituiu-me o equilibrio e pus-me a escrever a todos os amigos.

Muito nos lembramos de você lá em Santos, e verificamos o bom descritivo da tua viagem ao Guarujá. Os buracos de caranguejos na lama preta do mangue, o homem do escarro no trem, a barca. O meu plano era ir a Guarujá a pé, como fizeste, mas o Lino e o Sancho Pança que ha em mim não concordaram. Minha irmã mostrou-me hoje o teu "postal". É a mania de agora. Ha quem deite no correio vinte, trinta "postais" por dia, com "pensamentos". Circulam muitos retratos de Lina Cavallieri, da Bela Otero e da Cleo de Mérode, amante do rei Leopoldo da Belgica, um insigne tranca realengo.

O mundo está se amaricando, Rangel. Até o Tito — tradicionalmente sensato — afundou no "postal" da politicagem academica e nos enche os ouvidos com historias: "Porque o Vergueiro...", "Porque o Bias Bueno..." Totalmente obcecado pela politica e pela palavra "marnel". Tito só vê hoje no mundo marneis — e paus, charcos, lodo, lama, atascas, sentinas, cloacas, chafurdeiros, e até em sonhos atola-se em tudo isso. Veja no *Minarete* os artigos de Martinho Dias, que é o Tito literario.

E o Lino anda obcecado pelo Euclides da Cunha. Durante toda a nossa estada em Santos só me deu Euclides — a mim que só queria siris e agua salgada. Determinou esse estado d'alma um ditirambo sobre o academico saído no *Onze de Agosto*.

E por falar: esse jornal abriu um concurso de contos. Vim a saber disso tarde, sem tempo de te avisar. Concorri. Os juizes são um Silvio de Almeida e um Amadeu Amaral. Se me derem o premio, suprimirei o "um" a ambos; em caso contrario, passarão a ser "um tal" Amadeu, um tal Silvio.

Ricardo traduziu o primeiro ato do *Cyrano de Bergerac*. Bateu o Rostand longe. Ah, se ele leva a obra até o fim!... Mas não creio. Ricardo não tem folego. Acho-o bem melhor dos nervos agora. Mais ordeiro, mais reconciliado com a vida. Já deixou aquela republica da rua General Osorio, onde morava com o Raul, o Tito e outro. Que republica, meu Deus! Ricardo entrava de madrugada e metia o pé na porta. Mais simples arromba-la do que tirar a chave do bolso. E o Edgard Jordão fez o mesmo, uma noite em que appareceu por lá "acompanhado" apesar de não ser cidadão dali. Por fim dormiu lá uma noite o Tito Franco, e disso veio a derrocada final da já vacilante republica. Tito Franco é essencialmente porco, como o Brasil é essencialmente agricola. Tresanda como toda uma tribu de hotentotes. O ultimo banho que tomou foi ás mãos da parteira. É um tipo chato, atarracado, sem pescoço, intelligentissimo, mas com idiosincrasia pela agua. Levou a sujeira ao epico. É o Carlos Magno da gafeira. Uma só vez dormiu lá, mas foi o suficiente para impregnar a republica de tal cheiro que o remedio foi entregarem as chaves á Saude Publica. Dizem que nessa noite o outro Tito, o nosso, passou acordado até á madrugada, preparando o discurso para a sessão do

clube Onze de Agosto. E que passeava de lá para cá, de tiras em punho, com paradas diante do intruso semi-bebado espapaçado no chão: “É preciso tomar banho, Tito Francol” E este: “Boa piadal! Boa piadal!”

O Nogueira progride, assenta as ideias, descasca-se, começa a aceitar a civilização e o positivismo; já encostou a metafisica e agora filosofa com Spencer. Mais uns meses, e está mandando fazer roupas no Carnicelli. O Raul continua Mario a chorar sobre as ruínas de Cartago. A Cartago do Raul é o Cenaculo.

Vou mandar *Roman Brésilien*, de Adrien Delpech. Bem bom.

LOBATO

S. Paulo, 30,9,1904

Rangel:

Impossível escrever hoje. Esta pena está de fato enferrujada porque anda muito sem uso. Não me compreendo. Ha tinta, ha papel, ha vontade de escrever — e a pena enferruja porque a vontade não tem pernas. Está *cul-de-jatte*. Tenho duas cartas do Candido a responder e nada me sai. Tenho milhões de coisas a te contar — coisas do Raul, do Nogueira, do Lino, e tudo vai ficando para quando vieres. Tua ultima carta martelava longamente sobre a tua paixão, mas só me conseguiu provar uma coisa: que não amas. Isso é literatura, Rangel, não é amor. Quem ama não é derramado assim. E, depois, nesse buraco de Minas, a quem has de amar, Moura? Se aqui não aparece mulher que

corrobre e vivifique, aqui que é S. Paulo, que esperar dessas terras que só expluem queijos?

O *Combatente* tem trazido o teu *Guarujá*, e o Oscar Breves continua sempre “apurado” — e tremendamente prolixo.

“Adeus, meu anjo, meu eterno amor, meu galhinho de alecrim; lembra-te sempre daquela que no fundo desta cidade, noite e dia, o coração palpita por TI.” É assim que termina a carta de amor que recebi da vizinha fronteira.

LOBATO

S. Paulo, 27,10,1904

Rangel:

Exames na janela! A chave pende no prego n.º 4 e eu com duas cadeiras vazias e sem coragem de enche-las! E pretendo o grau 8! “É o cumulo da presunção”, diria o Oscar Breves — homem inferior que só apanha o verniz das coisas. “É o cumulo da confiança”, dirá você, homem superior que sabe descer ao fundo das psíquicas. E acertarás, meu grande, meu arqui-precioso, meu divino Rangell! Seja como for, voltei hoje para meu quarto cheio de tremendíssimas intenções, disposto, como nunca, a empanturrar-me de ciencia. Mas assim que abri o Paula Batista, o cão do visinho á esquerda prorrompeu em uivos á lua que nem um poeta; os filhos do visinho da direita vieram brincar sob a minha janela; e a filha dos visinhos da casa fronteira veio á porta da rua para o seu habitual dedo de namoro no-

turno. De modo que essas tres irreductiveis intuições humanas — o visinhato, o cão e o namorado noturno — interpuseram-se como uma trindade de aço entre mim e a ciencia do Paula Batista, e com tal prepotencia que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma quarta instituição humana: conversar por escrito.

Não quer isto dizer que te escrevo apenas porque não posso estudar, dando-te uma posição de secundariedade. Ha uma fina nuança escolastica no caso. *Distingo!* Mas não me aprofundo na materia de medo de ter de recorrer a citações do Doutor Iluminado ou do Doutor Maravilhoso, ou do Doutor Serafico. Evidentemente foi o Nogueira quem me instruiu sobre todos estes opiatos.

Rangel, Rangel! A tua personalidade periga. Andamos todos apreensivos. A velha Tarasca soluça e chora. (*) Para mim tu estás noivo, homem infame! Para o Candido, tu estás casado, homem secretoivo! (Na carta que recebi ontem me dizia ele: “Rangel casado, Lobato! Tudo perdido!” e vinha com umas tantas considerações da mais sã moral. Chegou até ao patetico — ele, Candido Negreiros!) Para o Ricardo, estás viuvo — já de luto aliviado. O Raul quer ser padrinho do teu filhote Barbarin de Minaron, (**) que o Tito jura ser parecidissimo contigo — e o Lino move pausinhos para

* Alusão ao Cenaculo, aqui comparado ao monstro Tarasca, da cidadezinha de Tarascon, referido no *Tartarin de Tarascon*, de Daudet.

** Evidente alusão ao nome de Tartarin de Tarascon e ao de Barbara, namorada do Rangel.

que o pequeno seja batizado segundo o rito maçom. Eu, como de espirito mais pratico, procuro obter do Dr. Franco da Rocha um bom lugar para você no Juqueri. Decididamente estás louco ou em vertiginosa via disso. Tua ultima carta é um prodromo. Ideias de suicidio...

Mas, como ia dizendo, tu és um homem admiravel. O teu talento é desses em que uma epoca se cõa todinha para a Posteridade. Aqui nesta taba de nome Brasil, etc. etc. A tua *Viagem de S. Paulo ao Guarujá* dada n' *O Combatente* é uma dessas coisas que, etc. etc. Rangel: falemos serio. Pelo amor de Barbara escreva alguma coisa quanto antes. Ando sequioso por elogiarte, por pagar a divida de bombons que tenho para com você. Quero retribuir. Quero afogar-te em mel. Tenho uma pipa de elogios ineditos para te derramar em cima, para te ungir, como outrora se ungiam os reis — e não me proporcionas ensejo, não escreves nada, cultivas a esterilidade absoluta! Falar em tua ultima obra prima é repetir um ditirambo já safado. Glozamo-la em tantos tons que já não resta nenhum. Chegamos a ir ao Guarujá, a refazer a tua viagem para melhor nos certificarmos da perfeição descritiva. Fizemos tudo — e em paga de tanto, emudeces como peixe! Nenhum outro primor pingou da pena tão exaltada...

Avidos, todos os dias corremos jornais e revistas e estudamos os pseudonimos, desconfiados de que te escondas nalgum novo. Nada, nada...

Vamos, Rangel, exsolve-te em luz que nos dissipe a crosta de decepção que se forma e me alivie a mim dos remorsos. Minha divida para contigo está grande

demais. Esmaga-me. Minha divida de elogios retribui-torios... As tuas cartas são puras delicias do genero humano. Sabes tocar valsas inebriantes nas cordas sensiveis do meu Fraco. Dá-me aso, pois, ó meu prodigioso amigo, de tambem dedilhar um bocadinho a guitarra do teu Fraco.

Adeus. O cão cessou. As crianças recolheram-se. A filha dos vizinhos deixou o resto para amanhã. É a calma que se restabelece. Volto ao Paula Batista. Fica o Chatterton e mais coisas para outra vez.

Um abraço do teu

LOBATO

P. S. — Concorre ao concurso de contos da FOLHA NOVA. Condições: 1 — Conto com enredo; 2 — que não exceda de 200 linhas; 3 — que chegue lá até o dia 15 de novembro; 4 — que preste.

Ha tres premios.

Mexe-te.

L.

S. Paulo, 3,11,1904

Rangel:

Os ditirambos epistolares denunciavam em você um futuro chefe politico de Caldas, ou futuro deputado federal pelo Francisco Sales. Com tal arte e labia no jogo dos adjetivos bombons, um homem engatinha até muito longe, até aos cimos da politica, do magisterio

ou da arte official. Tens pés de lã e mãos de veludo e uma bela tropa de adjetivos! Se eu fosse Presidente da Republica, ao receber tua carta telegrafaria em resposta: "Rangel, corre, vôa, vem ser meu Ministro da Fazenda". Como não posso dar-te uma pasta, mando-te um livro (creio que em cada carta prometo um livro). Gosto de prometer, Rangel, mesmo que não tenha intenção de dar. Quem promete já dá alguma coisa. É um livro maravilhoso: "Relatorio sobre os Filtros Rapi-dos", do Dr. Ferreira Ramos.

Dizes que progredi no francês e é verdade: aprendi uma coisa. E sabes como? O Silvio de Almeida, um dos juizes do concurso de contos, votou no meu, mas com uma advertencia: "Primeiro lugar, apesar do titulo". Sabe qual era o titulo do meu conto? *Gens ennuyees!*... Alguem lá da casa do Silvio me deu a informação. Corei como romã e fui ao meu velho Sevène (Lembra-te? *Calypso ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulysses...* — *La rue du Savon — Pend-toi, Crillon; nous avons vaincu et tu n'y etais pas*) e verifiquei que "gens" em francês é macho e não femea, como pus no titulo. Voei á tipografia para fazer a correção. Era tarde...

Queres noticias daqui? Tragicas!... Raul, mais surdinho ainda, mais recurvo, mais humilde, é um *épave* do Cenaculo. Perambula á noite pelo Triangulo, entra nos cafés e espia os grupos; mete-se nas multidões e afuroa, sempre á cata dum fragmento qualquer do Cenaculo. Raul está engurgitado de "Ohs" e não encontra ouvidos em que os deposite. E esbarra em mim e não

me vê; esbarra no Tito e não o vê; esbarra no Lino e não o vê — e assim por diante até o Ricardo. Ao Ricardo também não vê, mas a atração de imã que Ricardo sempre exerceu sobre ele puxa-o — e Raul adere e sorri com beatitude. Surdinho e tonto dos olhos.

Por puro milagre, ontem reunimo-nos três no Progredior, Lino, Albino e eu. Não demorou muito e Raul entrou. Entrou e espiou todas as mesas. Nós amoitamos, “para ver”. Espia de novo, esbarra-nos com a ponta da capa e sai, suspirando. Querido Raul!

Ricardo deu em rabula. Está outro; já olha a vida mais burguesmente; defendeu um reu em Pindamonhangaba, citou Lombroso, enorme triunfo.

Lino prepara-se novamente para atacar o seu Porto Artur: — aquele inexpugnável Primeiro Ano.

Tito... Lembra-se, Rangel, daquele eterno “Jacques, tu es un âne”, do *Petit Chose* de Daudet? Pois o Tito virou o nosso Jacques. “Tito, tu és uma besta”, é o que todos lhe damos — e ele sorri aquele tremendo sorriso rabelésiano. Grande alma o Tito!

Nogueira sumiu depois da morte do pai e Albino anda esplendido de filosofia. Dá de ombros com a maior perfeição. O Edgard sempre assombroso, gênio tetrico, todo misterios — *Noite na Taverna* feita homem. Que olhos tem! Candido, na fazenda, diz que toca violão e canta modinhas. Julio aparece às vezes de relance.(*). Adeus, tempos do Minarete! Aquelas “manhãs de rosa

* Julio Costa, um quasi-cenaculoide: Cão ensinado (era professor). O Nogueira protestava contra a palavra “cenaculoide”; queria “cenaculista.”

com alacridade de festivos sinos..." (*) "Os saraus do Recreativo..." O Belemzinho... Adeus! Adeus!...

Suspiros do

LOBATO

S. Paulo, 7,11,1904

Triste coisa o desanimo... Devido a um atroz acesso de desanimo, desses que nos transformam em budistas, deixei de escrever-te, de rir, de ler — de viver, em suma. Mas passou e já tenho animo de pegar nesta realmente enferrujada pena para contar assombros do Nogueira. Esse homem formidavel, filho do conubio danado de Duns Scott e do Caraça, do qual o ano passado guardaste tão profundo ressentimento a ponto de em tua ultima obra o mimoseares com tres ironias, o Nogueira demoliu-se todinho e reconstruiu-se de novo. Está o assombro de S. Paulo. Usa hoje, externamente, colete branco, terno cinza, colarinhos Santos-Dumont, botinas de pelica, pince-nez, ares doutorais; e internamente usa habilidades sinuosas, pruridos de gentleman, Marcel Prévost e as ideias politicas de Tito. Grudou-se á politica municipal do Belemzinho, da qual é figura obrigatoria com o seu fraque (tem fraque, sim), com

* A primeira cronica do Raul publicada no 3.º numero do *Minarete*: "Manhãs de rosa com alacridades festivas de sinos! Manhãs de ceu de porcelana, azues e claras! Oh as madrugadas de maio, frescas e cheirosas — como eu vos adoro!..." Raul está inteiro nessa cronica. Aos 20 anos já era uma saudade feita homem.

o seu pince-nez de ouro (ouro de verdade, sim); e nas jantas partidarias de varios coroneis desforra-se dos jejuns do Minarete. Afez-se ao carolismo do mulherio — e elas o adoram pela sutileza com que destrincha um caso de consciencia ou explica uma nuança do dogma. Reza em publico com grande contrição, confessa-se com um padre que é tambem influencia politica, tira o chapéu até para as bananas de São Tomé e vive num regalo, com dinheiro no bolso e amizades femininas. Está quasi civilizado. E quasi porque aquele celebre gesto das mãos penduradas á altura dos sovacos ainda persiste. Basta um minuto de distração e pelo menos o braço direito vai se encolhendo em forma de V e a mão pendura. Já beijou uma mulher casada e anda pensando em comprar monoculo.

Saltando de Norte a Sul, direi que o Breves morreu — o Breves jornalista, porque o outro, da “burocracia biologica”, esse vige e viça, sempre “apurado” e na concha. O Tito Franco deu de fazer n’O *Combatente* piadas contra o Chefe de Policia, e o Chefe — diz o Ricardo — chamou o Breves para explicações e Breves as deu com desesperante prolixidade. Dizem que começou assim: “Senhor Doutor e conceituado Chefe do Policiamento Local, a mamãe...” e enveredou por aí, com a eterna mamãe puxando fila. E o caso é que O *Combatente* morreu. Perdeste o unico editor, meu caro Rangel. Onde outro que tome a serio o teu, o nosso preconizadissimo talento? O Breves publicou o teu *De S. Paulo ao Guarujá* apenas por sugestão do Ricardo. O poeta abriu-se diante dele em exclamações sobre a tua genia-

lidade. Ele sorria aquele celebre sorriso postal que era uma obra prima de incredulidade, e de medo do Ricardo te publicava. Agora, de medo do Chefe de Polícia nem sequer edita mais o jornaleco. O Breves é todo medos — da mamãe, da esposa, do Ricardo, do Tito Franco, da policia, do administrador dos Correios. O futuro biografo do Breves tem que pôr entre as suas obras primas (os artigos “Gremios da Defesa Nacional” e os “Conselhos Uteis”) o prodigioso sorriso, tão discreto, com que ele duvidava da tua genialidade, Rangel. Breves, o Infamel!... (*)

LOBATO

P. S. — Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e ás vezes no mesmo periodo. Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepidio, mais saído — e, portanto, sebo para a coitadinha. Ás vezes o “tu” *entra* na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza — e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão — como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz — e como *não faz* o Macuco. Juro que ele

* Nota do Rangel: “O Breves morava na rua da Liberdade com uma mulata. Para enfeitar a casa ela fazia uns grandes tapetes de estopa com uns enormes O. B. em tirinhas de pano torcidas.”

respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.

L.

S. Paulo, 15,11,1904

Rangel:

É cheio do passado que te escrevo. Imagina que fui ao Rink (coisa que não conheces: patinação) e lá encontrei numa roda de quatro a moça mais bela que a Natureza ainda produziu. Bela, fina, elegante... Estes adjetivos já não dizem nada por causa dos abusos do Macuco. Sabe o que é o belo, Rangel? É o que alcança uma harmonia de formas absolutamente de acordo com o nosso desejo. Se um mínimo senão na asa dum nariz rompe de leve essa harmonia, a criatura pode ser linda, bonita, encantadora — mas bela não é. Pois aquela moça era bela, Rangel. Chamava-se nos meus 14 anos, Belita, Isabelita — Isabel. Foi o meu primeiro amor, em Taubaté.

Mas falemos em coisas profanas. Li o teu ultimo artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões Perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira — uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se ha por aí os *Ensaio de Critica e*

Historia do Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca — e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vitimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo — se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós tres, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre — com aquele mastro caído, a lira largada, a bussola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós tres ha uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta, embora certos de que o retorno será na barca de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que não impede que Breves, Goulart e Macuco nos olhem com profundo despreso. Devemos ser para eles o que eles são para nós.

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha.

Inconfundibiliza-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou um Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

O trabalho é todo subterraneo, inconciente; mas a Vontade ha que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Esses nossos desalentos, esses nossos tedios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterranea. Como vem isso? Sempre como éco do constante processo analitico inerente á gestação. Você lê uma pagina genial de Hugo e a comparação inconciente que fazes entre ele e você desnuda-te uma aparente inferioridade. Eu vejo uma cena, procuro o meio de transmiti-la por meio de palavras, não consigo e perco a confiança em mim. O Edgard sente uma sensação nova, estranha, jamais sentida por ninguem no mundo; analisa-a, não a apreende — e ei-lo de dia estragado, azedo sem saber por que. Mas esse eterno “procurar”, Rangel, é que é a grande coisa que ha dentro de nós e não ha no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um genio e não precisa de coisa nenhuma.

Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desanimos. Trabalho ás ocultas lá no subconciente. Em que? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é — o sonho supremo de

todos os artistas. Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta!

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilancia incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros numeros, carneiros dos varios rebanhos — os rebanhos politicos, religiosos ou esteticos. Ha no mundo o odio á exceção — e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possivel que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo — e não tem a minima importancia que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre. (*)

LOBATO

S. Paulo, 9-12-1904

Rangel:

Esta é a ultima que te escrevo como estudante. Amanhã a estas horas estarei bacharel em ciencias juridicas e sociais — doutor Lobato! A sensação ha de ser

* Há um erro aqui. Esse quadro de Charles Gleyre, que entrou para o museu Luxemburgo e da lá se passou para o Louvre, sempre foi vitima de traições. Gleyre denominou-o *Sotr*, mas o publico foi mudando esse nome para *Illusions Perdues* e assim ficou. Eu tambem mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Trai o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas...

a que me causou a primeira calça comprida. Que vergonha de todo mundo, meu Deus! A impressão era de que o universo inteiro cravava os olhos em mim e sorria ironicamente. Adeus. Receba lá o ultimo abraço do Lobatinho que vai ser guilhotinado ao meio dia — e por antecipação receba também o primeiro abraço do breve e grave Dr. Monteiro Lobato.

LOBATO

P. S. — Veiu de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que... que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde, depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais. Impertinente este alemão, não é verdade?

Emerson é americano — e grande. Estou á espera de *Representative Men*. O seu ensaio sobre a Natureza ensinou-me algo bastante curioso: se você olhar uma paisagem por entre as pernas, quero dizer, com os olhos de “cabeça para baixo”, a paisagem fica uma coisa nova. Experimente.

L.

Taubaté, 30,12,1904

Rangel:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da liberrima vida estudantina de S. Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos

tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezavamos — o nosso individualismo, etc., é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais “pessoas gradas” nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma “pessoa grada”, mais um “cidadão prestante”. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas — as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento.

Ontem insinuaram-me que eu tinha de ir á missa dum coronel que morreu e nunca vi mais gordo; insinuaram de leve, porque a conspiração é jesuitica. E se não me defendo heroicamente, acabo papa-missa, papa-defunto, papa-sermão — e freguês da chimbica no fundo da farmacia.

Logo que cheguei (que cheguei “formado!”) mimosearam-me com uma manifestação; foguetes (Taubaté não faz nada sem foguetes), a banda de musica, molecada atrás e oito discursos, nos quais se falou em “raro brilhantismo”, “um dos mais”, “as venerandas arcadas” e outras macaquices que tive de aguentar de pé firme em casa de meu avô. Eu percebia o jogo: a manifestação era mais dirigida a ele do que a mim, porque ele é um grande visconde e eu não passo dum simples “neto de visconde”.

Não respondi macucalmente, como era esperado. Declarei que não havia razão para homenagem, porque se tratava dum bacharel mais pelo Largo do Rosario do que pela Academia, no qual as ciencias do Triangulo superavam as do Corpus Juris. Disse ainda que um novo advogado não passa de mais uma filoxera social

que sai do casulo — e por aí além. Os manifestantes entreolharam-se. A língua era nova e desconhecida na terra, mas a cerveja que o avô mandou servir (e creio que era ao que realmente vinham) reconciliou-os com o neto.

Não imaginas a estranheza da minha emoção quando estourou lá longe o primeiro foguete e alguém ao meu lado disse: “É a manifestação que vem vindo.” Um foguete soltado por minha causa...

Mudando: ontem peguei um numero d’O *Combatente* e reli o capítulo II do teu *De S. Paulo ao Guarujá*. “Terra Efervescete”. Viajei de novo de S. Paulo ao Guarujá com aquela descrição que é um cinematografo com fonografo ao lado, ou, melhor, que é um extraordinario “biografo”. Quando nos darás mais coisas como essas?

Veu o Maeterlinck.

Do teu desolado

LOBATO

1905

Taubaté, 24,1.1905

Rangel:

Recebi tua ultima a caminho da estação, e li-a entre Cachoeira e Guaratinguetá, com olhadelas para o tortuoso Paraíba que acompanha a Central. E como tinha diante de mim a Natureza, gostei das tuas referencias á paisagem dessa Caldas. Porque, meu velho Rangel, não perdi ainda esse nosso mau costume de analisar tudo quanto tem a desdita de nos cair sob os olhos; e dentro daquele pó federal me pus a analisar tua carta, teu estilo, tua maneira de dizer, as qualidades que abotoam, etc. E notei um desembaraço maior, mais topete, mais desgarre da pena outrora tão encolhidinha.

Os teus ataques á Natureza me fizeram sorrir com saudades daquele Rangel tão timido, tão moça, que só quando a coisa era demais arriscava uns atomos de ironia mansa ou de discreta revoltazinha. Já agora rompes contra a Natureza como Norma Absoluta, e criticas até o exagerado azul do ceu. Otimol! Só resta que não abuses como os que se metem a si mesmos como a Norma Absoluta.

Lembro-me de que ha anos tambem andei brigado com certas mediocridades da Natureza. Eu ia para a fazenda a cavalo, e atravessava um trecho de capoeira onde tudo era chinfrim, desde os aromas da "balsamina

em flor” até o relevo do solo. Eu olhava e nada via ali das decantadas excelencias de Mãe Natura. E ia marchando, aborrecido com tamanha chateza, coisa inadmissível na Norma de Tudo. Logo adiante a topografia mudou e vi-me em zona montanhosa — a Mantiqueira — em trecho onde a estrada em ziguezague corta a floresta virgem. Senti então a tal coisa alegre e radiante da saúde moral em pletora — e num relampago apreendi tudo. É que a Natureza copia o homem; desdobra-se numa gama inteira. Tem os seus pedaços shakespearianos para equilibrio dos seus pedaços acacianos. O trecho visto um quilometro atrás era o Conselheiro Acacio-paisagem. Aquele ali era no minimo Ibsen no *Peer Gynt*. O teu mal, Rangel, é que moras num pedaço de natureza *Helena* de Machado de Assis.

Perguntas da minha vida. Completa. Euforica. Tres amores, cada um dum tipo. Leio. Estudo. Trabalho. Engordo. Digiro admiravelmente e até tiro sortes de loteria (ontem, 500\$000). Feliz como um leitão em dia de abobora. E estou transformado na “ultima palavra” da critica local, depois duns artigos sobre os trabalhos da minha namorada numero 2 — a de função estetica. O povo olha-me com uma especie de terror sagrado, tantas foram as coisas bonitas que, em estilo de atelier de Paris, eu disse na analise dos quadros de Georgina — chama-se Georgina. O meio de sermos admirados pelo povo é não sermos entendidos. Outros artistas da terra, geniosinhos municipais, procuram-me; querem tambem que eu diga deles coisas incompreensiveis. E o diretor do jornal fez-me a honra

de declarar que sou a “única autoridade crítica da terra”. Quer dizer que também não me entende.

Ontem houve concerto no teatro e uma comissão veio implorar que do alto da minha Competência eu derramasse a potassa da Crítica sobre as gorduras do Desempenho. Desfiz-me em frases feitas desmerecedoras do meu Mérito e por fim prometi. E acabo de encher cinco tiras com quanto argot musical assimilei em S. Paulo nas críticas do Camarate e do Barjona. (*) Falei em vocalização, registro de voz, eurtímia, tonalidades cromáticas e outras pilherias do caso. Saiu-me coisa tão boa que, relendo-a, eu mesmo não entendi nada. Imagine o sucesso que vai ser!

LOBATO

Taubaté, 2,2,1905

Rangel:

Tenho cá a tua opinião sobre Flaubert, Zola e a definição de arte deste — e como minha opinião precedeu a tua, estamos entendidos nesse ponto. Vamos a outro. Na penúltima carta dás como definição de arte do Taine a sua definição de obra d’arte, coisa muito diferente. Definição de arte foi coisa que o sensato e cautelosíssimo Taine teve o espírito de não tentar, para não dar a topada que todos os definidores vêm dando desde a Grécia. Todas as definições de arte que conheço degeneram em *noção*, e isto pelo absurdo de aplicar o processo definitorio, coisa puramente científica e lógica, ao fato mais incientífico e ilógico da humanida-

* Críticos de arte em S. Paulo.

de — a Arte. Com os sextantes mede-se a altura das estrelas, mas não se medirá nunca a altura do amor duma menina. Quanto á tua questão de “arte científica”, não pesco um xiz. Ciencia — conjunto de conhecimentos sobre as leis dos phenomenos; arte — concretização de emoções. Misturar estas coisas é tentar a combinação quimica de ovos e batatas.

Eu não disse (e se disse retrato-me) que Flaubert não é artista, e sim que Flaubert me desagrada, me maça seriamente, e que me tem sido uma pura *corvée* a leitura de seus livros. Idiosincrasia de temperamento, vulgaridade de espirito, qualquer inferioridade minha, enfim — mas sinceridade, coisa de que te divorciaste na critica a Zola, onde fizeste esgrima de epigramas e ironias — ou *boutades*, como lá diz o francês. O teu “Gouache” do ultimo “Minarete” (o prodigioso revisor do Benjamim deixou sair “Gonache”, palavra sem significação que deve estar dando dôr de cabeça nos pindamonhangabanos), e teu “Gonache” é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a maneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula — o que seria otimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert.

Escapaste da imitação do Eça, mas sem sentir imitatos o abominavel Flaubert. Coisas assim, assinadas por Flaubert, seriam admiraveis — em você não passam de engenhosos ecos.

A conclusão é que você ainda não se pariu de todo a si mesmo, pensa que é uma coisa e é outra; e para prova leia o conto que mando, dum extraordinario

Emigdio de Oliveira. Não sei quem é, só sei que é dos tais que souberam achar-se e são tremendamente si mesmos. Veja como é potavel, e que linda pastoral á Longus é isso. E quem sabe ou fala desse homem? Estará nascendo agora? Emigdio de Oliveira! Esse nome não me diz nada, nem a ninguem daqui. Encontrei isso dele, li — e nunca mais necessitarei olhar para o seu nome em baixo para saber se uma coisa é de Emigdio de Oliveira ou não.

Adeus. Sinto-me rabujento. É a chuvinha que não pára. Chove, chove, chove. Até sol.

LOBATO

Taubaté, 16,2,1905

Rangel:

O teu amor pelos ricochetes é para mim neste momento uma preciosa qualidade, pois o argumento que mandei — “uma obra d’arte não é a arte” — voltou com a tua sanção nos seguintes termos: “um inglês não é a raça inglesa” e mais este reforço: “isto me parece uma grande verdade”. E como o ponto de litigio era essa desigualdade que você negava, dou-me parabens pela tua conversão á aritmetica e á logica. Quanto ao resto, onde ha citações de Taine e Zola, fatos implicantes e implicados, explicitidades e implicitidades, pg. 227 de *Mes Haines*, logos, etc., reservo-me para depois que houver assimilado Duns Scott e Scaligero.

Que faz por aí o Nogueira? Fale-me dele. Estou com saudades daquelas nossas polemicas sem fim sobre as causas primarias e ultimas.

A noticia que dás da Cainçalha é a que eu esperava. Por falta de caça esses cães assarnentam-se, e vivem pelos cantos a bocejar e coçar as pulgas. Vejo que estão todos parados. O Tito até parece que voltou atrás, e só muito de longe em longe sente um calorzinho na pena. Está a escrever molemente, com grande affluxo de lugares comuns. Parece que aquele seu antigo e sagrado horror á Chapa não existe mais. "Jaques, tu es un âne." Do Ricardo só vi a ultima tradução do Cyrano de Bergerac. Pede-lhe por mim que me mande a bagagem de recortes poeticos que puder, para a propaganda que ando a fazer dele perante duas magnificientissimas representantes do sexo oposto. E tambem preciso que me mandes dizer quando você e o Lino prestam os exames. Quero chegar até aí com os parabens.

O Albino escreveu-me das profundas de Sertãozinho! Albino escrever! Isto é portento como quando lá em Herodoto aparecia a fenix. Que estará para sobrevir?

LOBATO

Taubaté, 20,2,1905

Rangel:

Conversemos enquanto chove. Veiu *A Ilustração* e ao le-la me lembrei das famosas revistas que funda-

mos no Guarani: *O Gato, O Corvo*. Depois foi como se relese um numero da primitiva fase do *Minarete*, o pequenininho, no tempo em que o Candido escrevia o *Fen dé brut*. Só faltaram você e o Albino, esse relapsissimo Guy d'Han. E tambem o Ricardo. Reli a maupassanada do Tito e mais uma vez me convenci de que ele tem ali o seu *Vase Brisé*. O Tito de hoje não vale aquele. Lino, o eterno provejamento de bombas. Sempre que o leio lembro-me do foguetorio da Semana Santa, quando estouram os morteiros. Estouros, chidos, chispas e depois rolos de fumaça branca rumo ao ceu. O Raul... Que coisas adoraveis esse adoravel Raul escreveria, se fosse arrancado daquela infame estrada de ferro e posto a cultivar-se num curso folgado! E faltou tambem o Nogueira, o Fréron. Tenho saudades do Nogueiral! A sua cronica inicial no *Comercio de S. Paulo*... as novidades de cabelo branco que ele, como um Isaias, atirava ao mundo... a sua tremenda descoberta do Valmiky...

Muito piegas debes estar achando o "Dr. Lobato", este homem serio que ontem foi metido no corpo dos jurados e tambem já foi convidado para a Irmandade do Santissimo Sacramento, especie de Klu-Klux-Klan local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco á moda americana. Bem que me esforço por tomar tudo isto a serio, Rangel; mas não vale — todo este burguesismo, Rangel, não vale uma hora das nossas horas do Minarete do Belenzinho, nem aqueles "aborrecimentos" conjuntos no Café Guarani, entre cigarros e laranjinhas.

O Jonas de Barros é um amor — ou pelo menos ficou assim depois de coado através da imaginação descritiva do Ricardo. “O Incompreendido.” Ponha-o num conto, antes que eu o faça. (*)

Ah, Rangel, eu brinco mas o desespero anda a assaltar-me. Meu processo de burrificação marcha firme. Este ar, esta coisa chamada “interior”, arraza uma criatura em poucos meses. Sinto que estou me tornando tapera — com pés de joás, erva de Santa Maria, cordão-de-frade e guanxumas no terreirinho outrora tão limpo... As ideias vem-me lorpas, com o carimbo local, ideias de boticario da roça. Sinto uma ferrugem no cerebro, tudo *grincheux*, difícil... Que suicidio lento é este viver de aldeia! Suicidio mental apenas, porque o corpo prospera lindamente. Faz-me falta o oxigenio metropolitano. Pelo Carnaval vou refocilar aí e matar as saudades — saudades sobretudo de vocês todos.

Que fim levou o Edgard Jordão?

LOBATO

Taubaté, 1,3,1905

Rangel:

O que me tem retardado na resposta á tua ultima é a dificuldade de escolha do por onde começar — tanta coisa ha a dizer. Estive uma semana em S. Paulo e passamos noites como as de dantes — mas sem o entusiasmo e a sinceridade de dantes. Por incapacidade

* O *Minarete* publicou um conto meu com esse titulo.

de criar, a cainçalha repete. Encontrei o Candido magrela. Como tem com rara elegancia o pulmão “afetado”, nós posamo-lo de tuberculoso, com risinhos complacentes dele. Meio sorumbatico, estacionario, neurastenico. Ricardo tambem está outro; já não recita nem produz nada. Sonambuliza. Tito desmorona. A Academia já se atreve a atirar-lhe pelas ventas com a nossa celebre sintese: “É uma besta!” Seu prestigio academico degradingola. Na questão das candidaturas não foi ouvido — imaginel ele o Tito!... E isso o emagreceu e amarelou. Nogueira chupa balas, namora e passa miseria. O Beccari, esplendido de confiança, burrice e genio. É uma floresta dos tropicos, todo fetos arborescentes. Atreve-se a achar o Ricardo um “moço banal”. Albino, o eterno Albino. O Santa Rita cada vez mais roliço. Faz anos o mês que vem e está a organizar uma esbornia de tres dias. Vai alugar casa fora da cidade só para a festa. Como nem doses maciças de alcool o abalam, quer meter-se num regime de 72 horas de sambuca, “para ver se fica levemente toldado”. O ideal do Santa Rita é acabar como aquele Clarence de Shakespeare, afogado num tonel de malvasia. Convidaram-me para o porre historico — eu o homem dos tres chopos...

Paro aqui, Rangel. Estou fenomenalmente vasio e besta. Tens lido o *Minarete*? As primeiras paginas dos ultimos numeros são totalmente minhas. Apareça por lá.

LOBATO

Taubaté, 13,5,1905

Rangel:

Alegrou-me o correio de hoje, porque pressenti no calhamaço resposta á penultima; mas como não fazes menção dessa carta, estou a supor que se desmandasse pelo caminho, como má carta que era. Se te queixas de trabalho em excesso, que direi eu, vitima do excesso oposto, *surménage de faineantise*? Como cansa, estafa, uma vida desocupada, vazia duma grande tarefa construtora, duma batalha a ganhar cujos detalhes nos encham do bom cansaço suarento e corado, criador dos sonos de pedra e de esperança aos montes! Esta nossa vida de grama branqueada sob um tijolo, que rastrea a luz de lá fora, vida toda cerebro, a ruminar ideias num merecismo de dromedario e afastada de toda a Ação — e dentro das leis organicas viver é agir — esta vida nossa, Rangel, é pura monstruosidade. Faz de nós plantas de estufa, falseia-nos a natureza, afrouxa-nos os andaimes. E tão falta de compensações! A maior compensação para uma vida que se desenvolve é a consciencia do progresso desse desenvolvimento; e como ter consciencia de qualquer progresso se a lentidão do nosso evoluir psicologico lembra a marcha do ponteiro pequeno dos relógios? A gente sabe que o ponteirinho está andando, mas não vê marcha nenhuma.

Você tem a grande *besogne*, o amor, um Moloch que devora tudo quanto nossas faculdades produzem, mas o teu mal está em que o teu Moloch é um Moloch literario. E fóra do Amor, do Jogo e do Alcool, não sei de outra paixão que encha por completo uma vida. Ri-

cardo enche a sua com a tonteira do sonho; tirem-lhe isso e ele morrerá de vacuo... Tu pretendes encher a tua com Amor, mas esse teu amor é pouco para o teu tonel e daí a razão dos “enchimentos” — literatura, trabalho, etc. Inutil. Irás pela vida em fora, *cahin-caha*, *clopin-clopant*, e chegarás aos Sete Pés sempre com o tonel a meio.

Ando agora estudando Napoleão, o homem de maior tonel interno que jamais existiu. Em Santa Helena, a sua conversação com Las Casas, que o taquigrafou, é um continuo desenrolar de planos do que ele *ia* fazer, isto é, do que ele *necessitava* fazer para dar ao Moloch interno o repasto exigido. Privado da ação naquêle penedo, o Moloch matou-o.

Que tanto Moloch! É que ontem estive conversando *Salammbô* com um velho filosofo daqui e hoje topei no *Minarete* com um artigo *Moloch*. Quer dizer que por estes dias o jongleur do meu trapezio do Braz Cubas vai ser essa palavra. Antes foi *abbatteur de besogne*. Que expressão nossa diz o mesmo? Sugere-me um pesoço enorme, ombros colossais, uma coragem de trabalho á Balzac ou Dumas. E tens a audacia de atirar-me á cara essa expressão tremenda, a mim que sou graminea desclorofilada e murcha...

Vai o Darwin e um maço de *Minaretes*. Lê neles: “O Brasil, hoje”, a brincadeira Nero-Olga, “Côr”, *Trub-sal? Trube*” e “Pedro II e a Manada” (causou escandalo).

Adeus.

LOBATO

Taubaté, 15,7,1905

Rangel:

O bilhete postal — um beliscão — talvez me faça dar resposta á tua ultima e dizer o que penso do *Diario* e do autor — coisa que ha 15 dias pretendo mas não consigo fazer. Digo “talvez”, porque talvez esta carta, fique a meio caminho. Conheces muito bem a doença periodica da grafobia que nos torna a pena odiosa e repulsiva. E estou adivinhando que durante essa demora, todos os dias, lá numa covanca de Minas, uma Vaidade de pernas ia esperar o correio, ansiosa, e a todas as malas mordida os labios com os dentes da decepção. “Devia ter vindo (raciocinaria a tua Vaidade). É fatal que venham os deliciosos bombons com licor dentro. Mas por que tardam tanto? O pagamento antecipado já lá foi, sob forma de outros bombons marca “Elogio Mutuo” — e o infame Lobato demora!”

Meu caro: a explicação é que Ragueneau anda bilioso, cheio de pensamentos negroides, e não tem feito pasteis de medo de trocar os ingredientes, metendo pedregulhos em lugar de azeitonas, com possivel dano de algum dente incauto. Veja você que sabio é Ragueneau em deixar o forno apagado enquanto a bilis lhe amarela as ideias e o riso.

Ainda ontem enchi os ouvidos de uma das minhas namoradas com juras de arrebentar os miolos, e falei em revolver, faca e outras alavancas da indiferença feminina. Mas hoje, Rangel, minha intenção é molhar a pena em tinta cõr de rosa — mas antes disso quero prolongar esse ar de decepção que estou vendo em tua

cara, e em vez dos esperados bombons terás de ouvir de pé firme uma historia de dormir em pé. É inutil pular estas linhas e ir procurar algum bombom no fim, porque hoje não vai nenhum — estão a secar ao sol. Julgas por acaso que é coisa decente este torneio de elogio mutuo em que andamos? Pensas que já me esqueceu aquela tua carta que começa assim: “O teu estilo tem todos os fulgores...” Supões-me então ingenuo como um tal Godofredo Rangel que ouviu impavido uma *boutade* dum tal Ricardo Gonçalves, e manteve-a na boca como bala puxa-puxa, e anotou-a carinhosamente no *Diario* com que pretende escalar o morro da Gloria: “O teu estilo é o mais perfeito que ainda appareceu no Brasil?” Rangel, Rangel! Seja um bocadinho mais hipocrita e raspe aquilo. Que não dirá a Posteridade?

Estilos, estilos... Eu só conheço uma centena na literatura universal e entre nós só um, o do Machado. E, ademais, estilo é a ultima coisa que nasce num literato — é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia propria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetivel de influenciação por mais ninguem, quando alcança a perfeita maturidade da intelligencia, então, sim, aparece o estilo. Como a côr, o sabor e o perfume duma fruta só apparecem na plena maturação. Repare no Machado. Quando lhe apparece a côr, o sabor, o perfume? No *Braz Cubas*, um livro quarentão. Que estilo tem ele em *Helena* ou *Yayá Garcia*? Uma bostinha de estilo igual ao nosso. Ao Eça só o encontramos já estilizado e incontundivel nos Ramirez. Antes de nos

vir o estilo o que temos é *temperamento*. Ha na arte do desenho um exemplo claro disso na “estilização”, duma flor, suponhamos. A *flor natural* é o nosso temperamento; a *flor estilizada* é o nosso estilo. Enquanto esse temperamento não alcança o apogeu da caracterização, não pode haver estilo. O Eça nas *Prosas Barbas* não tem estilo; usa e abusa barbaramente da “impropriedade” com o fim de irritar o Camilo Castelo Branco, o Bulhão Pato e os burgueses do Porto. Esse abuso da impropriedade, que á primeira vista parece ser a sua futura característica do estilo (tanto é alta a dose nas primeiras coisas), nos Ramires aparece homeopatico e felicissimo, e da mesma sabia dosimetria de Machado de Assis.

Poderás, Rangel, com os elementos basicos que ha em você, ter um estilo, e certo que o terás — mas ainda é cedo. Estás verdolengo. E o terás lindo, sobretudo se deres menos apreço ás lisonjas faceis dos amigos. Lembra-te que mutuamente já todos nos demos de genio lá no Cenaculo e no entanto bem pequena é a dose de simples talento de todos nós, reunidos e multiplicados uns pelos outros.

Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Minarete*. Coisas leves, com dialogos — o dialogo areja. Coisas que interessam aos leitores, coitados, sempre tontos com isto de escrevermos só para nós mesmos, sem a minima consideração para com eles, os sustentadores do jornal.

Os bombons ficam para outra.

LOBATO

Taubaté, 18,7,1905

Rangel:

Andas zangado comigo e com razão, pois num momento de bilis não achei valvula para a peçonha e deramei-a toda no focinho da tua vaidade. Mas as coisas mudaram e está hoje uma lua tão bonita no ceu da minha janela, e um grilo pia com tanto gosto, e faz tão bom fresco, que chego a esquecer a ferida aberta em meu orgulho e, feliz, espero conversar contigo á moda bombonesca. Essa ferida...

Fizeram-me orador do nosso Clube Recreativo, e no ultimo domingo, em sessão de posse, meti-me por um longo discurso, que me saiu uma sucessão de caroços inacreditaveis. Tamanha foi a minha vergonha que ainda hoje não posso ver, sem corar e baixar a cabeça, as infames criaturas que assistiram á catastrophe. Nunca poderás imaginar, Rangel, que horror é um desastre desses e que quantidade de nevralgias morais nos põe nos nervos do amor proprio. A artificial reputação de talentoso que com o meu sabio silencio fui criando aqui, aluiu como um castelo de cartas assoprado. Sou para Taubaté, doravante, "uma forte besta" — é o julgamento que leio em todos os olhos que me olham. Meu orgulho parece as ruinas de Pompeia. Humilhei-me. E tão humilde ando que não tenho coragem de falar do teu *Diario*. Que direito tem uma "forte besta" de andar emitindo opiniões?

Quanta razão tinha Esopo em meter a catana na lingual No mundo dos peixes não me sobreviria tal desastre.

Mas sacudamos a ferida para um lado.

Dia 19

Interrompi esta ontem para ler a tua ultima — e sinceramente confesso que me aborreci muito. Eu já estava arrependido de em momento de mau humor ter-te escrito aquela catilinaria, que não supus tomasses a serio. Infelizmente foi o que se deu. Voltemos atrás, amigo, e permaneçamos os dois ultimos abencerragens da velha panelinha.

“Em que te interessa a minha vida inteira?” dizes, amargo e ressentido. E eu te respondo que interessa apenas em grau logo abaixo da minha. Essa Barbara de quem vais ser, conheço-a no tanto possivel, e faz parte do meu *salon* imaginario; e o casamento que annuncias para abril enche-me de invejosa satisfação. Espero que no futuro ainda hei de chegar até aí com a minha metade pelo braço, e ouvir, na cozinha, D. Barbara ordenar á preta: “Mais dois talheres na mesa, que hoje tem visitas — o Dr. Lobato e a senhora”.

Aquella carta, Rangel, me saiu num momento de bilis preta. Num desses momentos em que um acumulo de aborrecimentosinhos exige a abertura duma torneira qualquer. Uma especie de electricidade negra que nos entope os acumuladores e se mete a faiscar de todos os lados. Foi num desses dias aziagos, pretos até no ceu chuvoso. Deu-me um tal nojo da vida que me pus a brutaliza-la, como os maridos ciumentos fazem ás esposas inocentes. E não tendo a coragem dum rompimento definitivo com a vida por meio de bala nos miolos ou enforcamento na ceroula, brutalizei com mão nervosa a meia duzia de laços fortes que a ela me pren-

dem, justamente os mais queridos e mais proximos. Um deles foi a minha maior amiga daqui, a Dona Edel do *Lambeferas*. Outro foi a minha namorada de S. Paulo. Outro foi você, Homem Sensível de Moura Rangel! Elas me perdoaram e tu, que és o unico Ele do bando, demoras em fazer o mesmo! Quero que queimes a tal carta e lances a cinza aos ventos, como Pedro Arbues fazia com a dos hereticos que torrava. Espero uma resposta que me tire da alma o peso deste remorso de Caim. E depois continuaremos, *bras dessus, bras dessous*, pelo macadam da vida afora, conversando nestas cartas que já duram mais de um ano.

Do teu lamentavel

LOBATO

Taubaté, 19,8,1905

Godofredo:

Criatura perversa! Sabes os fins miserandos que andam tendo os Macucos e ainda aqulas o Torres a escrever novelas. Esse Torres é meu conhecido de nome e façanhas de amor; mas que faz versos e tem “uma Canaã de sonhos literarios”, é coisa nova para mim — e incompreensível. Gostei muito do preciosismo dele, mixto de Raul e Andreino. A “vara de *vime* dos criticos” (por que *vime*, meu Deus?), “meu futuro literario”, “burilo versos”... Que amor!

Gostei do teu tédio post-flaubertiano. É prova de mais um encontro nosso. A canseira que o excessivo trabalhado do estilo dava a Flaubert penetra tambem

o leitor. Cansaço por indução. Para mim é como se assistisse a uma opera em teatro de vidro, onde os cenários e as paredes transparentes deixassem ver toda a maquinaria oculta. Um anjo passa voando na apoteose final e toda a beleza do vôo lá se vai porque o espectador está vendo os arames de suspensão. O trabalhado de Flaubert transparece em toda a sua obra — ou é sugestão minha por saber que ele trabalhava demais as frases? Às vezes gastava todo um dia com uma delas, e esguela-la em todos os tons. Diz Faguet que Renan dissimula de tal modo a tecnica de construir frases que deixa a ilusão de não ter nenhuma — e está aí um dos maiores encantos de Renan o Dissimulado. Ainda ontem vi com um rapaz daqui um horroroso relógio de mostrador transparente, com toda a engrenagem — toda a barrigada — visível. Flaubert é assim. Imagine uma moça belíssima, mas de carnes diafnas, com as tripas, os bofes, o coração e todas essas coisas vermelhas aparecendo... E Flaubert ainda é, como dizes, "secante". O pai foi medico e os avós também. O filho herdou a furia de escarpelar. Aquilo dele pegar e dissecar tipos incaracterísticos como a Bovary, Homard, etc., acaba secando a gente. Eu gosto dum Tartarin, dum Besoukov, dum Lantier, dum Ega.

A observação sobre os teus adjetivos pode ser generalizada. Apliquei-a aos teus porque me veio enquanto te lia. Nos grandes mestres o adjetivo é escasso e sobrio — vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores. Um jornalista municipal, coitado, usa mais adjetivos no estilo do que Pilogenio na caspa.

Eles pingam adjetivos. Contei os adjetivos em Montaigne, Renan e Gorki. Sobrios. Shakespeare, quando quer pintar um cenário (um maravilhoso cenário Shakespiriano!), diz, seco: “Uma rua”. O Macuco diria: “Uma rua estreita, clara, poeirenta, movimentada, etc”. O Macuco espalhou mais adjetivos pelo Belenzinho do que gonococus — e nunca houve uma espingarda que o abatessel...

Tolstoi só usa o adjetivo quando incisivamente qualifica ou determina o substantivo. Tenho que o maior mal da nossa literatura é o “avança” do adjetivo. Mal surge um pobre substantivo na frase, vinte adjetivos lançam-se sobre ele e ficam “encostados”, como os encostados das repartições publicas. A moda de hoje é o adjetivo eciano. Aquele “cigarro languido” do Eça fez mais mal á nossa literatura do que a filoxera aos vinhedos da Champagne.

Isto me veio ao ler em teu *Diario* a “mancha” sobre o lampião da sala. Se expulsasses dali todos os adjetivos encostados, aquilo ganharia oitenta por cento.

Lino manda-me um cartão. Diz: “Amo loucamente, faço discursos admiraveis, publico artigos sensacionais. Sou indubitavelmente uma gloria academica e incontestavelmente um reprovado no fim do ano.” Ricardo estuda. Irei a S. Paulo para ve-los, logo que chova. O pó da Centrall

Aqui está rugindo a festa do Tremembé.

Taubaté, 27.9.1905

Rangel:

Duas folhas de papel xadrez, cheios dessa coisa fantastica a que muito humoristicamente chamas “minha letra”, jazem penduradas do ganchinho de parede rubricado pela papeleta “Cartas a Responder”, e no ganchinho correspondente do meu encefalo está pendurada uma preguiça de quatro folhas. Estou de lombeira hoje — coisas que eu sei. Decifro os teus horrendos gatafunhos. Eles me dizem — ó desgraçado Mr. Lewisham mineiro! — que és todo a noivinha e te preparas para no altar de Venus transformar a noivinha em mulher. Vais renunciar ao Demonio e Suas Pompas em troca de uns tantos dias de carnal novidade e quarenta anos de bocejo a dois, cueiros amoniacaes, diarreias verdes, choradeiras, taponas... Renunciar ao Demonio, quando o Demonio é a unica delicia reconciliadora do homem com o Mundo. Renunciar ás suas pombas, isto é, a Paris, ás voluptuosidades egoistas da Carne e do Dinheiro, dos vicios amaveis, dos lindos pecados que a Santa Madre Igreja condena com o fim secreto de requintar-lhes o sabor. Renunciar ás aventuras perigosas. Renunciar ao Ideal que é ter uma gorda conta no Banco e nenhuma consciencia nas tripas. Renunciar aos amigos vivedores e descuidados, a um automovel com que atropelamos seis pedestres por ano, a duas eguas inglesas como as dos romances do Eça, a uma biblioteca estofada no conforto inglês, com poltronas de couro macio, nas quais, refocilados, amavelmente possamos filosofar sobre a miseria humana, com um havana entre

os dedos e um gato persa no colo. E conciliar as tres aventuras amorosas que estamos conduzindo, como o cocheiro russo concilia os tres cavalos duma troika. E passar a noite na roleta, perdendo com a dignidade dos nobres ingleses. E ter uma obra d'arte em andamento e sem fim, que nos justifique aos nossos proprios olhos. Renunciar a tudo isso, ó Mr. Lewisham de Moura Rangel, para te fazeres galo duma galinha que te dá um ovo por ano e demonstra todos os dias que todos aqueles encantos de noiva não passavam de miragem do deserto..

Porque é aqui que está o Erro. A noiva é uma. Não tem fisiologia. E a mulher emergente da noiva tem-na terrivel. O que atrai numa é a secreta e misteriosa virgindade, um seio que apenas transparece no holeado do casaquinho — e mais tarde degenera em ubere. O que atrai são os aromas capitosos da sugestão, o olhar cheio de promessas embriagadoras, é o coquetismo que o noivo não percebe que é coquetismo já do tempo de Eva e julga ser natureza. A noiva é o vinho; a esposa é o *vin aigre*. É a mesma criatura, mas sem os misterios, sem as eletrícidades, sem o *odor di femina*, sem os encantos do olhar — com tudo transformado em ranço e cinzas. As ultas maravilhosas qualidades da noivinha cessam de existir porque são armadilhas que a Natureza arma para pegar o tico-tico — e pegado o tico-tico, para que mais armadilhas? Agarrado o macho, que importa á mulher a conservação daqueles encantos? Em vez deles, em vez dessas miragens, ela dá ao esposo realidades: filhos, seios pendu-

rados, ventre bambeado, talhe achamboado, sensualidade amortecida. E o bestalhão assombra-se... Pois foi então aquela criatura que o embeveceu de amor? Que o fez casar aos vinte anos? Que o fez deixar-se arrear e montar?

Que tombo o marido cai... Vê de noite a mulher de camisola e touca — aquele ser que ele só via enleado em gases e cassas afeições pela moda de Paris. E aquela mesma que corava de lhe mostrar o tornozelo, ele a vê abrir certo movel, tirar certo vaso e sentar-se em cima com certo ruído. E de manhã quando acorda ao lado da diva, sente a realidade do *odor di femina*. E nota que aquele halito que antigamente rescendia a rosas da Persia, cheira agora a estomago azedo. E lembra-se dum soneto que escreveu “Á que me espera...” em que lhe cantava o “halito de Iracema” — agora um cheirinho de dente cariado.

E isso na melhor das hipóteses, porque ha o caso da noiva, que era “inconsutil”, fechadinha, sem órgãos lá dentro afora o coração, dar numa mulher cheia de uteros doentes que metem o medico em casa, e mais uma porção de órgãos exquisitos que o homem não tem, com flores que não são de roseiras, e “geniosa”, das que dão com o prato na cara do marido e passam a detestalo, e vivem eternamente ventrudas e a encher o mundo de fedelhos. E ha as que trazem de dote a sogra e a irmã tia, e mais uma velha tia que é manca; e que lê os folhetins do *Jornal do Brasil* e chora nos “lances”, etc., etc., etc.

Dirás, com alegre entono, que não é esse o teu caso, que Ela é uma criatura “diferente”, como jamais

houve no mundo outra; e ao dizeres isso, com o ar de quem diz a mais absoluta novidade, estarás repetindo plagiariamente o que cem por cento dos noivos disseram desde o Jacó da Bíblia até o Mr. Lewisham de Wells.

Ha duas classes de homens na sociedade moderna: o que sabiamente faz como o Braz Cubas do Machado e não prolonga a miseria humana, e o que casa para que se perpetue no planeta a infinda procissão de bipedes que vêm do *Inde*? e vão como carneiros para o misterioso *Unde*? Escolheste o caminho da proliferação. Tua alma, tua palma. Mas depois não venhas chorar no meu colo.

E adeus. Vou mandar tua carta para o gancho das "Respondidas".

LOBATO

Taubaté, 17,12,1905

Rangel:

Chegaram os volumes do *Diario*, multados em 800 réis, e duas cartas. Não sei pela qual começar... Já li uns trechos do *Diario* e fiquei com ideia mais nitida dessa que te seduziu a cabeça e o coração. Deve ser uma criaturinha deliciosa, comunzinha como centenas de outras, boazinha, bonitinha, engraçadinha, monopolizadora de meia duzia de diminutivos. E vejo também que é coisa liquida a tua "lewishação", como Wells a descreve naquele *Mr. Lewisham*: o mal não tem cura. Quero, porém, dizer-te ainda uma ou duas coisas sobre o casamento, apesar de ser latim perdido.

Se um homem casa-se aos 20 anos, que deixa para fazer aos 40? Aos 20 temos mil novidades tremendas a fazer, porque ainda estamos na “surpresa da vida”. Temos as grandes “asneiras”. Mas aos 40 estamos começando a “passar”, já arrefecidos, já com o farnel das asneiras exgotado, e então casar com uma menina de 18 é iniciar brilhantemente a segunda fase da vida. Aquele ditado do “quem casa quer casa” é muito sábio. Diz que para o bom casamento o homem deve estar estabelecido, rico, maduro, bem cristalizado, conhecedor de si proprio e do mundo — isto é, velhusco.

Casar criança é uma barbaridade, apesar das “pontinhas roseas dos dedos dela”, apesar do “lindo moreno da pele”, etc. Acho que é cabeçada, e porisso berro, apelo para os esbirros d’El-rei, sempre que vejo um homem de mente sã correr com uma braçada de coisas preciosas — liberdade, sossego, projetos de viagens, ideias — rumo á lata do lixo, para... para que, meu Deus?

O *Minarete* trouxe a tua languida “Dona Fidalma”. Ouça lá o que diz a medicina: “Durante esse tempo as mulheres mostram-se fracas, mais impressionáveis, de humor volúvel, apresentam exteriormente um aspecto sofredor, ficam com olheiras... movimentos mais morosos... sujeitas a caprichos singulares, a gostos bizarros, a mudanças no carater; umas inclinam-se á tristeza, outras tornam-se irascíveis ou sentimentais”. Exatamente como estava a dona Fidalma quando a apanhaste. Rangel, você é plagiador o Chernoviz naquele desagradável capítulo!

E o meu *Gilles de Rais*? Leste? Ando com ideias dumas coisas á Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possivel e vislumbres do futuro — não o futuro proximo de Julio Verne, futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. Vou semear agora essas ideias e deixa-las se desenvolverem livremente por dez ou vinte anos — e então limito-me a fazer a colheita, caso a plantação subsista até lá. Se a terra dos meus canteiros mentais não for propicia a essas sementinhas, então é que não estou destinado a ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciencia. Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indigena, ou não dou coisa nenhuma. Ser um Garcia Redondo, que coisa mais quadrada e pifial!

E enquanto as sementinhas germinam, sabe em que penso agora? Em industria! Uma fabrica de doces em vidros, geleias inglesas, sistema Morton ou Teys-soneau. A firma será Lobato & Paiva. O Paiva é o Eugenio de Paiva Azevedo, meu companheiro de planos. E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana. Até por aí chegarão os almanaques, as folhinhas de parede, os cartazes de Lobato & Paiva. Nos cinemas, depois duma fita sobre a guerra russo-japonesa, em vez do retrato do Tsar ou do Filho do Sol em apoteose, lá aparece, num deslumbramento: “Para as lombrigas, compotas Lobato & Paiva”. E hei de ver a dona Barbara de Moura Rangel, atrapalhada com uma visita de ultima hora, dizer á criadinha: “Corra no sêo Chico da Venda e diga que mande uma lata de morango marca Lobato, que é a boa. E você não fique lá toda a vida namorando aquele cara de fuinha. Ele que ponha na conta.” Contrataremos o Raul para

a seção de propaganda — para “Oh, as compotas de morango de Lobato & Paival” Ofuscar a gloria do Morton, o Shakespeare dos pickles e das geleias!...

Chamei-te Lewisham, não que sejas como M. Lewisham, mas porque quem ama é sempre mais ou menos Lewisham. E ainda ha uns pontos coincidentes — o colegio, a vida de professor, o Amor, Ethel e Barbara.

LOBATO

Taubaté, 1905

Rangel:

Espero catequizar-te para uma das coisas mais uteis a um homem que pensa por si mesmo. Porque quem pensa por si mesmo tem sempre á tona do pensamento coisas originais e novas — novas combinações, nuanças novas, tons novos, coisas que nos parecem inéditas e que realmente o são, caso contadas com todos os pelinhos com que brotaram. Esses pensamentos em geral se perdem — evaporam-se como as primeiras gotas de chuva em pedra quente de sol. São como a forma das nuvens. Não calculas como me agrada recordar hoje o que pensei um ano atrás; e se é bom com a diferença de apenas um ano, que dizer quando ha dez ou vinte de permeio? Por que não grafar isso diariamente — não mariscar diariamente, de peneira, essa escumalha e po-la no papel para futuro regalo? essas ideias-nuanças, essas sensaçõesinhas-tons? Comecei a fazer isso o ano passado e esta noite, relendo trechos do

primeiro caderno, já cheio e relegado para o fundo da gaveta, achei-lhes um estranho sabor de autenticidade e côr fresca — e aí vai a amostra para te induzir a fazer o mesmo. Infelizmente esses arrepios de momento são grafados em letra também de momento indecifrável às vezes, já que a letra segue o estado d'alma. Ha nelas um descosido, um desprezo ás regras de enfurecer qualquer Catão da língua. Pontuação, ortografia — nada atrapalha. A impressão só, nada mais — manchinhas, como se diz em gíria de pintor.

LORATO

1906

Taubaté, 15,3,1906

Rangel:

Espantou-me a tua promessa de vir. Assombro! Vem por dois ou tres dias. Avisa-me com antecedencia para eu varrer o quarto.

Acabo de ler o *Queijo* e acho que te alcandoras muito. Aquilo é esbanjar filosofia com quem só quer polenta grossa. Perguntas se tenho leitores no *Minarete*. Talvez o Benjamim me leia — o revisor garanto que não. Em S. Paulo, Purezinha tambem me lê. Bem vês que sou lido.

No nosso *Queijo* não cabe mais ninguem. Já ha lá gente demais. E até acho conveniente matarmos dois ou tres personagens. Lembre-se de que prometemos aos leitores “varias mortes tragicas” e ainda estão todos vivos.

Eu e o Eugenio andamos com furia devoradora de quilometros. Todos os dias saímos em nossas bicicletas e varamos quantas estradas ha. Penetramos até nos municipios visinhos. Eugenio quer te conhecer.

Tenho lido muito em inglês — viagens. Ha cá uma porção de numeros de *Wide World Magazine* e do *Strand*. Enjoei-me do francês. Quando ao Bourget, minha opinião é que vendas os 18 volumes a algum fogueteiro. Não ha ar nessa literatura francesa. E lembra-te, menino, que a arte é longa e a vida breve. Como

perder tempo com bobagens? Ler é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engulir — e que grande tolice comer palha! Alimentemo-nos dos Sumos — os Balzacs, os Shakespeares, os Nietzsches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills. Theuriets, Onhets, isso é palha. Bourget tem *Mensonges*. Fique aí. Dezoito volumes de Bourget! Como te foi cair nas unhas tamanha papelada?

Quanto aos epicos antigos, Dante, Milton, Homero, só com bons interpretes, com Virgílios ciceronicos. O proprio *Lusiadas* nunca li inteiro. Cansa-me. Já investi contra o bloco cinco vezes. Começo achando-o belissimo, e vai belissimo até dez ou doze estrofes; daí por diante entram a amiudar-se os bocejos e a admiração vai morrendo. Na estrofe 16.^a volto as paginas para ver se o fim do canto ainda está muito longe. Na 20.^a acho meios de interromper a ingestão da obra prima e encosta-la por seis meses ou um ano. Mas é admiravel o Camões, não resta a menor duvida. Nós é que somos uns fracalhões, uns dispepticos, uns degenerados netos de truculentissimos avós. Um dos nossos antepassados, Cunhambebe, comia um português inteiro sem arrotar. Nós mal escoramos uma azinha de frango...

LOBATO

Taubaté, 1906

Rangel:

Animo de te elogiar não é o que falta — mas falta material para elogio. Minha esperança é que o anuncia-

do “Sebastião” seja a tão reclamada materia. O elogio, concordo, é o mesmo nectar dos deuses do Olimpo. O paladar da nossa mente reclama-o como o paladar fisico reclama sal na comida. Quando passamos algum tempo sem comer coisas doces ou salgadas, nosso organismo, ressentido, passa a reclamar sal e açúcar por meio do apetite. Assim, secas as nossas fontes — aquelas fontes donde corriam com tanta prodigalidade todos os méis do Himeto, só nos ficaram duas: você para mim e eu para você.

Mutuamente nos engambelavamos para que mutuamente nos enlambusassemos com o mel do elogio. Eu pincelava com ele a tua boca e você a minha. Nas nossas cartas os melhores pedaços eram os em que personalizavamos e permutavamos amabilidades chinesas. Juro que no meu *Diario* só leste os trechos que te dizem respeito. Como és humano meu Rangel querido!

L'Egoïsme c'est le propre de l'homme não disse nenhum Chamfort mas devia ter dito. Tudo quanto finge desamor proprio, altruismo, desprendimento, é anti-humano.

Soube que nos entreveros da grêve Ricardo apanhou uma bala no braço? Mas nada serio; ferimento leve. Lino e Tito têm pintado o diabo — mas intramuros. O heroismo deles prefere manejar a partazana da retorica a vibrar a marreta na rua, como o Ricardo.

Sê menos parco. Dá-me a encher.

LOBATO

Taubaté, 2,4,1906

Rangel:

Por esta entediada Sexta-Feira Santa, em que Taubaté inteiro transpira na igreja em trevas, um pobre diabo que não aguentou o suadouro e raspou-se só vê duas coisas diante de si: dormir uma soneca ou escrever a um amigo. Eis como, Rangel, o fato dum suave galileu ter morrido na tortura lá nos fundos da Asia me leva a comunicar-me com você — já que não ha sono para a soneca. Ela está na igreja, mas a falta de luz é tamanha que não pudemos trocar olhares; e como me pareceu muito suportar tanto suor sem a compensação dos seus olhares desertei. (Ha por aqui uma novidade na giria, o verbo “grelar”. Corresponde a flirtar, ou namorar com os olhos. Tome nota).

Aquele tédio antigo me voltou. Ando a ver tudo amarelo. Ontem reli coisas do teu *Diario*, mais analisadamente que da primeira vez. Estão lá os teus estados d'alma do tempo do namoro — esse primeiro degrau para o casamento. Tudo compreendo muito bem agora. A vida do celibatario numa capital justifica-se; nestas cidadinhas do interior é um absurdo. A absoluta ausencia do que fazer nos força a casar — é o meio de fazer qualquer coisa. Mas para quem pensa um bocado, o tal casar o põe vacilante como Hamlet. É uma combuca com dois dados dentro — unicamente a sorte nos faz pegar no branco em vez de no preto.

Ela ou é extremamente complicada ou extremamente simples. São dois modos de ser tão distantes que comumente se confundem — entenda. Dá impressão da maxima fraqueza — mas pelo carnaval sustentou contra

mim uma luta de lança-perfumes e me manietou as mãos com tanta força que tive de bater em retirada — e com mais uma incognita a interferir na minha equação.

Rangel, quero que me escrevas com minucias sobre o teu novo estado, as novas esperanças e projetos — e se o casamento dá a sensação da estabilidade que um ente depois dos 20 anos começa a necessitar. Meu cansaço é esse: instabilidade, vida no ar. Acentua-se em mim o desejo de ancorar num porto. E que porto ha para o homem, senão a mulher?

LOBATO

Taubaté, 5,5,1906

Rangel:

De volta de S. Paulo, onde passei 15 dias, encontro um bilhete e uma tira na qual contas da tua iniciação em Balzac. A Casa Garraux tem lá um Balzac completo a 800 réis o volume, o que ha de barato. Encontrei na mesma livraria um magnifico Rabelais completo, num só e gordo volume, solidamente encadernado, por.... 3\$500. Trouxe tambem Petronio (4\$). Esquilo, *Contos da Rainha de Navarra*. *Reliquias de Casa Velha*, de Machado; *Cartas d'Inglaterra*, do Eça; *Gordon Pim*, de Poe; *Ivan o Imbecil*, de Tolstoi, e outros. Disponha.

Estive com o Beccari. Falou de você. “É um talento, não é um genio, porque é mais observador do que criador.” Ontem Beccari o Pavoroso agarrou-me em plena rua para uma injeção de Gioconda e Fornarina a proposito de um cartão postal. Tive de fugir e esconder-me num mictorio.

Ricardo, magnifico, dorme empavonadamente sobre os louros conquistados da ultima bernarda, na qual agiu com a marreta e levou tiro. Raul está excelente e com o repertorio renovado, cheio de coisas dum Lagreca de cabelo de fogo que o Cenaculo descobriu e explora. Quando appareceres por S. Paulo exige do Raul as "lagrecadas". São da gente morrer de rir. Ha tres meses que não cultivam outra piada. (Falta o resto)

LOBATO

Taubaté, 17,6,1906

Rangel:

Li, arrepiei-me de gosto e devolvo com esta a *Ilustração* que iluminaste com o Tito em chamas. Toque! Já fez você fotografia? Depois do banho revelador e do de fixagem, vem um banho em agua corrente de muitas horas para libertar a chapa dos traços do hiposulfito de sodio, que é a peste da fotografia. Um vestigio que fique desse impertinente e desagradavel sal e as chapas correm o risco de se deteriorarem com manchas horrorosas, que as inutilizam. Você, com a ironia dos moços pretensiosos, já deve estar farejando a moralidade. Pois o faro é bom e a moralidade é essa mesma. O teu estilo ainda revê traços dos hiposulfitos, que no caso são as influencias dos teus fatores. É por meio do hiposulfito que a chapa se faz, mas é tambem o hiposulfito sobejante o que a desfaz. Assim, do alto dos meus tamancos eu te digo, ó Homem Superior de Moura Rangel, que ainda deves dar muito banho de

agua corrente em teu estilo, porque nele ainda restam traços da flaubertite gonococica e da ecite apanhada nos tempos do Minarete. Ria lá os teus melhores risos de superioridade, finca-me as esporas da ironia — mas pensa no meu conselho. É filho da real admiração que me prende ao futuro “imortal” mineiro.

Um feroz abraço do teu

LOBATO

Taubaté, 1906

Rangel:

Hoje vai cartapacio; estou de veia e com saudades Dirás: “Então por que não vens?” É que este habito de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangéis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangel epistolografo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as ideias e manhas. Que fique com dona Barbara o primeiro. Eu só quero o segundo. Este é o Rangel longe — e bem sabes como o longe embeleza as coisas; faz a montanha, que é verde, parecer-nos azul; e torna tambem azul um ceu de ar incolor. O meu Rangel e o de Barbara! O dela é o marido, o professor, o gastronomo, o dono de casa, o filho — o cidadão certamente muito igual a todos os outros maridos e professores e donos de casa, etc. O meu é uma coisa que só eu sei, porque só a mim se revela. É um que me manda todas as flores que lhe nascem no canteiro da inteligencia, como diria o Praxedes de Abreu, um jornalista daqui profundamente imaginoso.

Estou quasi a dizer que um é *la bête* e o outro *l'ange*. E ir ver-te será tambem levar para aí a *bête* que sou, a ti que só conheces o anjo que tambem sou. Mantenhamos só a comunhão dos anjos.

E hoje temos de discordar um pouco. Dizes que *Inocencia* não te agradou porque não tem muita arte. Mas que é arte senão esse dom de criar simpatias, provoca-las, revela-las, traduzi-las? Que valem as torturas artisticas dum Goncourt perto duma pagina de *Manon Lescaut* ou *Paulo e Virginia*? Arte, esse torturado de borzeguim medieval ou o encanto, a simpatia humana de *Manon*? Bem sabes que *Manon Lescaut* é livro eterno — e Goncourt já passou. A arte deste só o é para um punhado de homens afins, num certo meio, num certo tempo — a arte de *Manon* é para toda gente, em todos os tempos.

A arte de *Inocencia* me parece eterna porque é simpatica, como a definiste — e que é simpatia? Uma correlação, uma corrente de indução entre A e B. Existe alguma arte que não produza esta corrente? E não deixa de ser artistica a obra d'arte que a produz. Quem lê hoje uma obra antiga, se esta obra não traz incubada a força da simpatia que se traduz no prazer da leitura?

E passando da simpatia á arte torva de Mirbeau: se tens aí, manda-me o *Jardim dos Suplicios*. O Nogueira anda a proclamar Mirbeau “o mais profundo revelador do homem” — e quero decifrar esta metafisica.

Sofrendo da vista? Que horror! Não será de ler muito á noite? A natureza vingase da infração de suas leis. Á noite ela quer que durmas. Conselho pratico: só leia na cama livros que saciem logo e arranquem

bocejos. Eu, se fosse medico de olhos, receitava Artur Goulart para a cura da mania de ler á noite.

Ando a elaborar uma teoria da vida. Escuto a voz do corpo e a voz do espirito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar ás duas vozes tudo quanto elas pedem. Acho que não temos o direito de contrariar os desejos de nenhum dos dois cuja soma somos; se pedem algo, é por força de misteriosas elaborações alheias á nossa consciencia; e se não o damos, porque um tal papa assim o determinou, ou uma moda medica ou um codigo quer, isso será levar desarranjos e disharmonias ao fundo das celulas e preparar desastres futuros. Uma espinha que nos brote na asa do nariz talvez seja consequencia de pequenina insatisfação dum pequenino desejo do espirito.

O metodo de atender a todas as exigencias da "dupla" traz calma e serenidade. Os instintos mais sutis da nossa maquina, vendo que seus irmãos mais fortes são sempre atendidos, arriscam-se a espichar os pseudopodos; e encontrando o caminho livre realizam suas impalpaveis ambições, desse modo contribuindo para a Vida Perfeita.

Que é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos — a direção da vida entregue aos instintos — ou vozes misteriosas do nosso ignoto? Nunca entregue á razão. A razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filosofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias.

Esta semana, num desastre que emocionou a cidade inteira, tive ensejo de verificar a sabedoria do meu

metodo nesta parte da direção entregue ao instinto. O trole em que eu e meu colega Eneias, o prefeito da cidade, iamos a uma fazenda do municipio, disparou numa descida perigosa, no fim da qual havia uma porteira e depois da porteira uma ponte com quatro espeques, um em cada canto. Os animais tomaram os freios nos dentes, como diz o George Ohnet, e o cocheiro não conseguiu suste-los, porque o balancim, no ingreme, lhes ía batendo nas pernas. Se não sabes o que é balancim, informa-te. Era inevitavel o desastre: choque do trole contra a porteira e depois trambolhão na ponte e tudo para dentro do rio! Na iminencia do perigo, Eneias, que é um excelente advogado, raciocinou: “Vou pular porque...” Vi que era a razão que o governava naquele momento. O advogado arrazoava, todo ele razões e razão. “Não pule!” gritei-lhe eu. Só, sem “porque” nenhum e sem a menor consciencia de nada. Era a voz do instinto, que manda e não arrazoa. Senti que a minha razão queria intervir, dar a sua opiniãozinha, mas não deixei. Amordacei-a, para que nada atrapalhasse o comando do instinto. E o trole a voar na descida qual um bolide!

Como a consciencia não estava agindo, não sei o que se passou no momento do desastre. Quando a re-instalei e pude ver e compreender a cena, vi o seguinte: Eu, de pé á beira do caminho, ileso e intacto, sem ter caído, sem sequer ter tocado com a mão no chão. E os outros... os que arrazoaram: Eneias, caído lá adiante gemendo. Havia se atirado logo depois que o meu instinto lhe gritou o “Não pule” e esborrachara-se todo.

O cocheiro e um menino que ia na boleia, idem: raciocinaram, arrazoaram e atiraram-se — e esborracharam-se e ficaram sem dentes.

LOBATO

Taubaté, 13,7,1906

Rangel:

Não tenho coragem de escrever-te. Ando pensando em escrever des'que cá chegou o teu *Diario*, e o mais provavel é que isto aqui seja apenas um começo de carta — tentativa — ovo gorado. Escrever é como comer, exige fome ou pelo menos apetite — e tenho andado dispeptico. E eu precisava prestar contas do que me sugere o teu *Diario*. Duma parte dele nada direi, porque dizer alguma coisa seria falar mal: a parte escrita em fins de 1904, no periodo agudo da crise amorosa. Ver o amor dos outros é como ver comer quando a gente está de estomago cheio. Até enjôa. Porisso deixo de lado a tua verborreia amorosa, petisco muito gostoso mas só para quem o temperou. Coma-o lá você com a Barbara, quando casados; será arroz-doce com canela por cima, otimo para as sobremesas do plenilunio de mel. O resto do *Diario* eu o dividiria em duas partes: uma escrita pelo Rangel literato e outra pelo Rangel pensador, e por força de afinidades está claro que pendo para o ultimo. O "Bem" do *Minarete* de hoje, veio cimentar essa preferencia. Mas em nada tal pendor... (falta o resto)

LOBATO

Taubaté, 1906

Rangel:

Que te direi do teu *Diario* que já não tenha dito? Devorei-o, coisa de começar e não largar, e a impressão foi a dum filme que alternasse fotografias de ideias com fotomontagens de cenas. Diz você na carta que o mandou como reflexo do teu Eu atual, e vejo que muito já se distanciou daquele Rangel amoroso e em excesso descritivo dos anteriores volumes. Agora sim, está como compreendo um *Diario*: repositório de sensações de primeira mão, dos tais pensamentinhos que nos passam pela cabeça como relampagos, de ideias nascidas como em geração espontanea, insubsistentes, de vida curta como a dos fogos fatuos; poeira luminosa, pó de diamante da inconciente e ininterrupta lapidação da nossa intelligencia. Mil coisinhas enfim que se perderiam se não fosse a páte-na dum *diario* a recolhe-las. Perguntas em francês o por que da coisa e afirmas que Robinson não cuidaria disso. *Chi lo sa?* O maior prazer do nosso egoismo é *gostar a sensação da nossa personalidade* — pelos ouvidos, ouvindo-nos — pelos olhos, vendo-nos — pela intelligencia, introspeccionando-nos. O resto do mundo só nos importa pelos acrescimos, ou o “emprospramento” que traz para o nosso Eu. Porque, afinal de contas, somos cada um o centro do Universo. Ora, um *Diario* conserva a imagem do nosso Eu no passado, fomenta-nos portanto os instintos do egoismo, desse modo *redobrando a sensação dos eus passados*, isto é, das nossas fases evolutivas. Se um espelho comum já nos dá prazer, que valor não é um espelho retrospectivo que nos dê a cara dia a dia, pelo espaço de anos! O *Diario* é

esse retrospecto da nossa intelligencia. Por isso creio que, sendo como somos, ainda que fossemos Robinsons escreveríamos Diarios.

Escreve-me, com 600 milhões de Barbaras! Já me debes quatro respostas.

LOBATO

Taubaté, 22,7,1906

Rangel:

Recebi o *Jardim dos Suplicios*, com intimação de recambio para o Nogueira — mas onde paira o condor? Segue *The World*. Breve irá George Sand e mais coisas. Não andará por aí algum volume do meu *Diario*? Tenho ainda: *Le Réve* e *Dr. Pascal*, de Zola, e *Le Bas* de Huysmans e *Salmagundi* de Washington Irving. Escolhe. O *Tião* é novela ou conto? Combinamos, eu e o Pinheiro (o de S. Paulo), um romance a dois ou tres no rodapé do *Minarete* e fiquei de te convidar para a empresa: *O Boiadeiro Antropofago*, por Pinheiro, Rangel e Helio! Nem plano, nem escola. Cenas obrigatorias: uma antropofagia, dois amores, um incendio, duas ou tres mães que *não* encontram a filha; e em vez do Dedo de Deus no fim, o Dedo do Ouro esmagando a Inocencia e a Virtude! Coisa de derrancar Pindamonhangaba e fazer que aumentem as devoluções do *Minarete*. Cumpre desasnar o burguês.

Você negou a superioridade da vida com base na vontade diretamente assentada na rocha viva dos instintos. É que não me expliquei bem. Imaginaste que na minha teoria o papel da intelligencia era nulo, mas não foi o que eu disse ou penso. A intelligencia existe como

complemento do instinto, como desenvolvimento ulterior deste. Exemplo: sinto uma irresistível impulsão para destruir: vou e faço desse impulso a base dos meus estudos militares e da minha vida militar, e com a maior segurança e gloria torno-me Napoleão. Compreende? Agora, se prescindirmos da intelligencia, muito melhor ainda, porque nos tornaremos criaturas pura e exclusivamente naturais. Um tigre, um beijaflor, uma arvore são coisas absolutamente belas, perfeitas e felizes, porque só se movem levadas pelos impulsos do instinto. O pobre cachorro, só pelo fato de viver ha uns milenios com o homem, adquiriu um pouco de intelligencia e ficou uma coisa mais feia e infeliz que o lobo e sujeito a mais doenças — justo castigo de ter-se afastado da natureza. Diz você que é difficil saber o que o nosso instinto pede. Difficil saber quando temos fome ou vontade de mulher? Como, se o Instinto fala pelas maravilhosas bocas do Desejo, da Vontade e da Necessidade? E quero uma coisa: que você me aponha em tua vida um só ato bom, feliz e saudavel, que não tenha alicerces no instinto. Até em teu programa diario de estudo vejo o instinto — um instinto que sabe que é á força de metodo, de pouco-a-pouco, de tijolo a tijolo, que se arquetetam as grandes obras. O mesmo instinto que criou o metodo inexcédivel das abelhas e formigas. O teu programa já existia no fundo dos formigueiros.

Li o *Le Jardin des Supplices* mas não vi nenhuma revelação do coração humano. Em primeiro lugar, esse coração nunca esteve irrevelado. O que Shakespeare, por exemplo, revelou, todo mundo já sabia intuitiva-

mente — e gostamos de Shakespeare porque ele traduz coisas que sabemos confusamente. Shakespeare não era fotografo nem deus-homem — as unicas entidades que *revelam*; o fotografo, chapas; e o deus, a “verdade”. Gostei do Mirbeau, mas não me deixo levar pelas suas blagues. No *Jardim* ele apenas explora o malsão. Cansados ás vezes de coisas belas, ceu azul, flores, marinhas, vem-nos a vontade de ir ver uma draga extrair o lodo de um fundo. Mas por descanso apenas, e breve. A obsessão do Nogueira pelo *malsain* me impressiona. O que anda a escrever ultimamente é hispido e hirsuto, isso em publico. Em particular escreveu-me algo tão cru que não tive desejos de responder, com receio de nova dose. É natural que se exalte com Mirbeau e outros do mesmo naipe.

Na “questão da simpatia” você me respondeu com argumentos *ad hominem*, o que em critica não sôa bem. Critica tem que ser ciencia, coisa alta, investigação dos fatos literarios apenas. Fora disso a Critica não passa de Impressionismo — ramo da literatura comum. Diz você: “Prefiro Goncourt a *Manon*”. Mas isso não prova superioridade de Goncourt sobre *Manon*. Do mesmo modo que se você preferir Silvestre Ferraz a Londres, isso não prova que Londres não seja a capital do Imperio Britanico. Voltaire preferia Scarron a Shakespeare, o que não impediu que a Posteridade preferisse Shakespeare a Scarron. Quem quer fazer-se critico deve por-se de lado, afastar o subjetivo; e se não for assim, faz literatura em vez de critica. Fiz mal em opor *Manon* a Goncourt — é correlacionar heterogeneos. Mas digamos Daudet em vez de *Manon*. A força de Daudet

contra Goncourt estará sempre na força irradiante da sua simpatia — e desse modo fica o caso liquidado.

Diz você que admira Camões apenas por ser velho, como respeitas aos teus velhos avós. Mas olhe que além do velho ele é realmente grande e diz como nenhum poeta novo diz.

Dai-me huma furia grande e sonora
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e belicosa
Que o peito acende e a côr ao rosto muda.

Ha arte aqui ás canadas, Rangel. E negará arte ao:

Por estes vos darei um Nuno fero
Que fez ao rey e ao reyno tal serviço;
Um Egas, um Dom Fuas, que de Homero
A Cithara para eles só cubiço.

Ou ao:

Outro Joanne invicto cavalleiro
O quarto e Quinto Affonsos e o terceiro

Ou aos:

Um Pacheco fortissimo e os temidos
Almeidas por quem sempre o Tejo chora
Albuquerque terribil, Castro forte
E outros em que poder não teve a morte,

...e porfia

A ver os berços onde nasce o dia
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum trom de voz começa grave e horrendo...

Oh, Rangel, pelo amor de Deus!

LOBATO

S. Paulo, 25,7,1906

Rangel:

A Cainçalha vai indo, mas muito sem alma. Reune-se mais por força do habito do que por prazer — aquele nosso maravilhoso prazer de outrora. Sacrificavamos tudo para estar um com o outro. *Tout passe...* Ricardo é o divino de sempre. À noite, quando a roda levanta acampamento do Café Guarani e se põe a perambular pelas ruas garoentas, a velha poesia volta. Ricardo diz versos e mais versos — e como os diz maravilhosamente! Ricardo é a encarnação da Musa. Ricardo é a propria Poesia. Sabe mil sonetos de cór; e se acaso vacila em algum, Raul, a eterna sombra do poeta, vem-lhe em auxilio. Raul é a memoria suplementar do Ricardo.

Vinhamos subindo a rua Quinze. Já passava da meia noite. Tudo deserto e a garoa. Ali pelo Garraux cruzamos com um tilburi parado. Que tilburi triste! Que cavalo triste, de cabeça caída, a dormir de pé! Ricardo vinha derramando versos de ouro. Entreprou em frente do cavalo triste. Adiantou-se para ele num impeto. Abraçou-lhe o focinho e beijou-o, como talvez nunca haja beijado uma mulher...

Outra noite foi o comico. Tambem já bem tarde iam descendo a rua Direita, rumo ao Viaduto, quando aparece o Sebastião Sampaio e adere. E como viu que o Ricardo recitava, mete a mão no bolso e diz, sacando o papel: "Eu tambem tenho aqui uns versos que vou lér..." Ninguem pronunciou uma palavra. Não houve comentario nem combinação nenhuma. No maior *una voce* mudo que jamais vi, todos nos pusemos a

correr e só paramos para lá do Viaduto, no começo da rua Itapetininga. Só então nos voltamos. A garoa leve dava para distinguir o vulto do Sampaio no principio do Viaduto, com uma coisa branca na mão. Ninguém comentou. Reiniciamos a nossa perambulação, com o Ricardo a dizer aquilo de Nobre:

*Porque eu já fui um poderoso conde,
Naquela idade em que se é conde assim...*

O Nogueira reapareceu, de olho cada vez mais astral, metido num fraque evidentemente silvestrino, (*) com uma novidade literaria no sovaco e frases na boca. Frases provocativas. A roda anda ultimamente muito utilitaria, cada qual com o seu negocio e sempre a discutir os *affaires*, como diz o Raul. Mas quando o Nogueira surge é um refrigerio. Os neo-negociantes abrem treguas aos *affaires* (e devo te dizer que nenhum acredita nos negocios do outro. Meras atitudes). Nogueira pára, abana o rabo do fraque e ataca qualquer coisa — e lá vem a guerra. Nogueira nasceu errado. O lugar dele era no concilio de Niceia, discutindo um ponto da Transubstanciação.

Diz Ricardo que te tem respondido ás cartas — o que é fenomeno. Dei-lhe noticia do “Aguas e Arvoredos”, que ambos esperamos ansiosos. Ando tambem ansioso por coisa assim — por uns meses na roça, para de lá debatermos umas tantas ideias novas. Uma delas: explorar literariamente o Beccari. Criar com ele um tremebundo tipo de romance. Se não estivesse morto o Daudet, podiamos mandar-lhe notas sobre o Bec-

* De Silvestre Ferraz.

cari — para que ele o enxertasse no *Jack*, aquele ninho de genios *ratés*.

Leio afinal o ultimo romance do Anatole — *Les Dieux ont Soif*. Excelentissimo... A *Catedral* de Blasco Ibanez que sei por que não me atraí. Creio que nunca lerei esse homem.

LOBATO

P. S. — Como esta demorou, vai com apendice. O Cenaculo tenta salvar-se com as mesmas historias contadas e recontadas todas as noites — e é um rir sem conta e sem gosto... Como ha o rler livros, ha o recontar historias. O curioso é que, como todos as sabem de cór, quando quem conta omite algum pedacinho é logo advertido. E ha as sugestões: “Conte, Raul, aquela do Reichert” e Raul conta e ha risos requentados. “Agora a da ponta do cigarro”, e Raul conta e soam as mesmas risadas da vespera.

Outra mania é ir ao circo de cavalinhos ver as celebres pantomimas “Guerra de Canudos” e “Guarani” — ver e apreciar imensamente, e berrar de entusiasmo quando aparece o Cabo Roque, ou o Macambira, ou o “imorredouro” Carlos Gomes. Faz de Ceci uma mulata gorda e quarentona. Perí, por causa da voz, tem que ser italiano, de modo que fica um indio macarronico. Na “Guerra de Canudos” os soldados do governo aparecem metidos em fardas da guarda civica e apanham bordoadas velhas. O circo vem abaixo quando o jagunço destroça o governo. Lino compenetra-se e comove-se; chega a chorar quando Ceci e Peri somem no horizonte, montados na palmeira.

Tito continua mais rabelésiano do que nunca. Ontem na Ponte Grande devorou tres queijos de Minas, bebeu seis garrafas de cerveja União e comeu nos matos visinhos quatro jaboticabas.

Grande successo o teu *Sebastião* nas altas rodas literarias de São Paulo (Cenaculo e mesas adjacentes). Todos aguardam ansiosos o resto. A razão verdadeira do meu eterno adiamento da visita a você ai é o medo. Medo de tua mulher, Rangell! Ponha-se no meu caso e compreenda.

LOBATO

Taubaté, 8,8,1906

Rangell:

Acabo de chegar de São Paulo, leio por cima tua carta e raspo-me para o Tremembé. Amanhã ou depois escreverei contando coisas portentosas. Ricardo e Tito no Rio. Mate o Tião, ou melhor, encarne nele o boiadeiro. Mate, é melhor. Mas de morte inedita. Mor-te a dentadas humanas, por exemplo; ou caído do alto dum minarete e esborrachado na pedra. Vamos atacar o romance a duas mãos. Você, que é o nosso Machado de Assis, abre com o 1.º capitulo. Eu entro com o segundo titulo: *O Boiadeiro Antropofago* ou *Os Crimes do Abutre Negro*.

LOBATO

Taubaté, 17,8,1906

Rangel:

Ressuscite o Tião, pelo amor de Deus! Tão engraçado, sobretudo no penultimo capitulo — a cena da natureza trocando as bolas. Faça-o sarar da queimadura, mas de um modo logico e aceitavel. O caso do boiadeiro fica bom para fim natural do Tião, porque o fim de hoje é artificialmente provocado e não vale. Eu e o Eugenio (aquele gordo que falou contigo quando você passou por aqui de trem) esperamos ansiosos o *Minarete* por causa do Tião. Ressuscite-o depressa!

LOBATO

Taubaté, 1906

Rangel:

Achei otimo a teoria do pendulo e já a verifiquei em mim. A felicidade sobrevem quando o pendulo se imobiliza de vez. Ainda agora passei dum extremo a outro — com o pular do horror ao casamento para o... casamento. O diabo é que o pendulo só deixa de oscilar com a morte. Se o teu pendulo já tivesse parado, não andarias a desencovar deslises literarios, porque afinal de contas a harmonia do universo não se altera em nada com o erro dos 18 reis na soma de Machado de Assis, nem com os “pegureiros” do Coelho Neto. Acho tudo isso muito menos de espantar que o “Era por uma dessas tardes em que...” ou o “Gontra mordeu os beijos”, etc.

Segue mais um volume do meu *Diario*, com a condição de o excluires das vistas de tua consorte, pois esse volume ainda é daquele Lobato que odiava o casamento, e combatia o teu, e desairosamente falava dela sem a conhecer. E como as mulheres não percebem nada destas orgias intellectuais, tão inocentes, é capaz de tudo tomar ao pé da letra e zangar com o teu amigo.

Por que anda o *Minarete* mudo da tua voz, ó muezim? Os crentes reclamam-na.

LOBATO

Taubaté, 20,8,1906

Rangel:

Vai um Bilhete Postal apenas, porque não ha animo para carta. Ando num horror por tudo quanto é pensar por um minuto. Não leio ha um mês e não faço absolutamente nada, tal o enjôo da vida que se apoderou de mim. Em S. Paulo a Cainçalha virou Corvoalha. Só falam n'O *Corvo*. Recebi deles um convite interessante: entrar num bolo para a compra do *Comercio de S. Paulo*, que morreu duma vez. Apesar da notoria caveira de burro desse jornal, Raul e Pinheiro teimam em que, se o comprarmos, faremos dele, em meses, um rival do *New York Herald*! Consideram-me rico e querem que eu seja o coronel. Os inocentes. Já resuscitou o Tião?

LOBATO

Taubaté, 10,9,1906

Rangel:

Cheguei hoje de S. Paulo, meio depressa, porque devo por estes dias funcionar como promotor interino — e lá estive com toda a cainçalha velha. Transformações radicais. Ricardo, bonito, e pele boa, já não bebe, entra às 10 e estuda bastante. Já fez conhecimento com o Pedro Lessa, que também o admira — deu uma lição em aula, muito elogiada, e é candidato a duas distinções. Ao Lino não vi, mas soube que anda magro de amores secretos. Tito ainda cospe trocadilhos, com planos de montar um armazem de secos e molhados — todos querem que seja só de molhados. Candido, rodeado dos Coquelins da troupe José Ricardo, a Companhia Portuguesa; sempre magro e elegante. A mania geral agora é o reverso da antiga; em vez do horror ao burguês, burguesismo intenso. Todos procuram aburguesar-se como podem e o Raul (dizem) chega a meter um travesseirinho sob o colete de seda carmezim para simular abdômem incipiente. Do Nogueira sei que levou uma grande “barriga” como reporter do *Comercio* e, danado, demitiu-se. Barriga em giria de redação é engulir uma noticia falsa e faze-la sair no jornal. Foi assim. O pobre Nogueira andava pernosticissimo, de tiras de papel em punho e dez lapis n.º 1 no bolsinho, a sulcar a cidade de norte a sul, de bonde e de tilburi, á cata de novidades sensacionais, e queixava-se em *argot* do João da Ega que isto aqui é uma pocilga, “não ha fatos, não ha desastres, não ha pernas esmagadas. Uma taba.” E vai e os colegas planejam-lhe uma barriga. Arranjam

um atestado medico falso no qual se provava que o Agricio de Camargo fôra atropelado por um carro e tivera o pé esmagado. O Nogueira cai e tece uma noticia linda, com pormenores naturalisticos á Zola, coisa absolutamente *d'après nature*, de quem viu, ouviu e cheirou o chulé do homem. Sai a noticia e ha protestos. Agricio apresenta na redação o pé incolume. Os outros jornais "piam" sobre a leviandade do *Comercio* e Nogueira, furioso, vai para a seção livre e desce a marreta em meio mundo, e cita o Ramaiana e os Vedas, e até um latim de Juvenal. E demite-se — mas á moda dos politicos que quando resignam uma cadeira de deputado é porque já estão com um cartorio garantido.

Albino sacode os ombros, apatico, abulico.

Logo que desembarquei, imagine quem me agarrou no bonde? O Breves! O eterno, o imarcessivel, sempre com aquela vozinha baixa de conspirador. Contou-me toda a historia d'O *Combatente* desde o ponto da nossa saída de S. Paulo — a compra da tipografia, o emprestimo de 200\$000 que para isso obteve em "condições mui vantajosas", as "dificuldades que assoberbam a manutenção dum periodico" ao tipo do dele, etc.

Ao Beccari felizmente não vi. Como cansa aquela teatralidade de raté do 1830 francês! Não posso ve-lo sem pensar nos camaradas do *Jack*, beccarissimos todos.

Palestra de Gautier com Goncourt que vem confirmar o nosso acordão sobre Flaubert: "... *puis, très souvent, son rythme nous échape, il ne l'est que pour lui seul. Un livre n'est pas fait pour être lu à haute voix, et lui se gueule des siens à lui-même. Or, il y a des gueuloir dans ces phrases qui lui semblent harmoniques,*

mais il faudrait lire comme lui, pour avoir l'effet de ces gueuloir. Nous avons tous deux des pages... aussi rythmées que tout ce qu'il a fait, sans nous être donné tant de travail... Fala depois que "le pauvre garçon" tem na *Madame Bovary* dois genitivos juntos — *une couronne de fleur d'oranger...*

Vacilas no Robinson, se ele operou como revelador ou educador. Educar não é criar, e eu creio que só a natureza cria. Tenho muito pouca fé na educação, porque nos educados só encontrei qualidades que a educação apenas pôs a nu, não criou, não justapôs. É como o banho revelador na chapa fotografica — tira o que está latente lá dentro.

Tenho lido alguma coisa — *Miss Harriet, Fors l'Honneur* (Margueritte) Ridder Haggard e Dickens — este em francês. E Camões, obras dramaticas, prosa e poesias liricas — 6 volumes! Encontrei em Camões um desaforo original: *fideputa*. Ando com um rodapé no jornal daqui, *Tijelopolis*, historia da celebre festa do Tremembé, escrito só para o entendimento dos personagens, meia duzia de namoros. Na feira ha muita rifa de tijelinhas com estampa do santuario e o classico "Souvenir". Daí o titulo.

LOBATO

Taubaté, 15,10,1906

Rangel:

.....
Olhos sossegados,
Pretos e cansados
.....

Adivinhe de quem são estes versos, se é capaz! Do Grande Caolho, Rangel, que começaste a admirar logo que o começaste a entender. Lembras-te duma carta em que falavas nele e citavas a estrofe da “frauta ruda”? uma carta toda humor que hoje por acaso me caiu nas mãos e reli (e te mando para que faças o mesmo e a devolvas)?

Ando atacaído com as obras completas de Camões e volta e meia fisgo belezinhas. Não prefiro a poesia antiga á moderna, mas acho na antiga um sabor mais amavel, qualquer coisa como o cheiro dos velhos caseiros de fazenda que a caseira abre para nos receber. A côr e o sabor da poesia moderna são mais ricos de torturas, têm mais pensamento, denotam mais materia cinzenta no cerebro humano e isso nos agrada, a nós complicados homens de agora. A antiga dá ideia de pés em sandalias. Veja estes versos:

Se curar não se procura
Uma coisa destas tais
Vem depois a crescer mais.

Camões está cheio de mimos assim — pena que seja mais cheio ainda de sensaborias e versos que nada dizem — endechas, glosas, vilancitos. (Um parentese antes que a ideia me fuja: na nossa pontuação falta um sinal necessarissimo, nuança do “?”. Este raio do “?” serve para as perguntas, mas para a “pergunta repetida” não temos sinal nenhum e somos forçados a usar o mesmo, com grave dano da entonação. “Que idade tens?” — “Que idade tenho? Só vinte anos.” A entonação do segundo “?” é totalmente diversa da do primeiro — e

por pobreza diacritica somos forçados a empregar o mesmo ponto de interrogação, o que não deixa de ser um defeito da lingua escrita — porque na falada temos a variante da entonação. Vamos lançar o sinal que falta? *Ita parenthesis est.*)

A tua teoria da imagem tem o meu voto. Hudry vai mais além. A tese dele é mais geral, mas dela se deduz a tua teoria dos defeitos e qualidades, e a das imagens.

O Platão de Andrade é o tipo que descreves e, coisa curiosa! tão semelhantes ele e o Beccari, no anacronismo, no medievalismo, que entre as 150 mil mulheres que ha em S. Paulo só encontraram uma que lhes coubesse no molde, e amaram-na juntos e brigaram... Está aí assunto para um dos teus contos. E lhe darás um fim hoffmannico.

E por falar em contos... ando á espera dos que me prometeste. Já saíram da casca ou estão picando? Não gostas de reler coisas velhas, cartas antigas — e é o meu maior prazer. Ontem passei umas horas nisso. Pilhamos evolução de ideias. Vemos as ideias de hoje ainda em botão, medrosas — assustadas como se fossem audacias. Hoje estão velhas em nossas cabeças cinicas.

Estou promotor interino. Visito a cadeia no fim do mês, converso com os presos, mando um memorandum ao governo dizendo que a paz reina em Varsovia — e tudo deslisa sobre mancais de bolinhas. Tenho no juri de acusar nove desgraçados...

LOBATO

Taubaté, 3,11,1906

Rangel:

Sinto-me doente — e já se enfronhou você sobre o que é a doença segundo as ideias de Metchnikoff? Uma coisa que parece romance. Ontem me veio o mal-estar, a cabeça dolorida e a febre. Sabe o que é febre? Os fagocitos, globulos brancos que passeiam na corrente do sangue como os soldados de policia rondam as ruas, são a defesa natural do organismo, o corpo de bombeiros, os mantenedores da ordem. Logo que um bicho estranho — bacilo, coccus, bacteria, microorganismo enfim — penetra em nosso corpo, os fagocitos caem-lhe em cima, agarram-no e devoram-no. No microscopio dum medico amigo já vi um fagocito engulindo um gonococo. Se os fagocitos vencem os invasores, restabelece-se a ordem e reentra em exercicio a autoridade legal, a Saude. Se não vencem, os micro-invasores alastram-se e fazem do organismo casa da sogra. É a doença. Segundo os mestres, um resfriado é isto: Quando uma causa qualquer resfria de subito a nossa epiderme ou as paredes do nosso estomago, o frio, pela sua peculiaridade essencial que é contrair os corpos, interrompe bruscamente a constante eliminação de toxinas, que se faz por toda a zona periferica do corpo, dentro e fora, e as toxinas penetram na corrente do sangue e o envenenam. A febre não passa do ardor da luta, do calor produzido pela assombrosa atividade belica dos fagocitos. Combater a febre equivale a combater como causa uma inerme consequencia.

Pois bem: ontem assisti, observei, vi todos esses fenomenos. De noite, de repente, sobreveiu-me uma

onda de calor e suor á pele: era um acirramento qualquer lá nos campos de batalha, um redobramento de energia da fagocitose. E os sonhos então... (Para que me entendas, devo dizer como entendo os sonhos. Uma pulga nos morde; os nervos transmitem ao cerebro a impressão; mas como o *conhecimento não funciona durante o sono e sim apenas a imaginação*, esta recebe o despacho telegrafico trazido pelo nervo; e em vez de, como faria o Conhecimento, traduzi-lo na noção “pulga que morde”, tradu-lo fantasmagoricamente em sonho. E em vez da noção “pulga que morde”, temos o sonho dum facinora com o punhal erguido sobre o nosso peito, ou duma horrivel queda no abismo, etc. De modo que o sonho não passa da *representação fantastica dos acontecimentos que se vão dando em nosso organismo imerso no sono*, seja a mordedura de pulga acima figurada, seja uma certa impressão forte gravada na retina durante o dia, um mês ou ás vezes anos atrás.) Pois bem: os sonhos que tive eram dignos de estudo. Um caos de coisinhas inconexas e fugazes. Porque mal um episodio da batallha era transmitido ao cerebro e traduzido fantasmagoricamente, já vinha outra mensagem, e outra e outra, de modo que a Imaginação atarantava-se e só podia produzir aquele farelo caotico de traduçõesinhas — tal qual um orador assediado de apartistas e que não pode levar avante o discurso porque tem de responder a todos.

Leia os *Estudos da Natureza Humana* de Metchnikoff, tome depois um bom resfriado e observe a serie de fenomenos da fagocitose. Nada mais interessante.

Mudando: Não pare com o *Queijo* (*) porque vamos indo muito bem. Precisamos agora acelerar a ação. Parece-me tempo de matarmos um dos heróis. Olhe que prometemos ao publico *varias* mortes tragicas!

Taubaté, 15,12,1906

Rangel:

Estou em atrazo por culpa de não sei que. Desisto de entender-me, porque cada vez me entendo menos. O *Nosce te ipsum* é um conselho facil de dar. Ando atravessando um bom pedaço de vida, desses em que acompanhamos uma mulher de longe, divisando a larga estrada que conduz á casinha definitiva. Prelibamos, neste estado d'alma, a delicia de caminhar de mãos dadas pela vereda do noivado; antegosamos essa delicia e o antegoso é sempre mais cheio de requintes e menos sujeito a decepções que o goso. Sinto-me feliz, como quem encontrou o segredo da felicidade. Queres a formula? Deduze-a tu mesmo desta quadra de Bartrina:

Eu pergunto á Natureza
Segundo em seus filhos vejo
Por que fez o goso anão
E fez gigante o desejo.

Reduzir os desejos a proporções minimas, de modo que, nada ambicionando, tudo quanto nos chega de

* O *Queijo de Minas ou Historia dum nó Cego*, romance de colaboração publicado no *Minarete*.

bom seja lucro e fonte de prazer. Hoje, por exemplo, meu ideal é receber cem mil réis que um alfaiate prometeu pagar. O ideal de amanhã será ver pronto um colete de seda verde encomendado. E assim por diante. Foram-se os tédios, os desesperos wertherianos. Compreender e aceitar a vida, e boiar em pequenas ondas. Pegar este ano uma promotoria, casar-me depois com um sonho de criatura — e ficar de papo para o ar, esperando... esperando heranças, sortes grandes, pepineiras, coisinhas, tudo felicidadesinhas.

Fiz um contrato com a Camara para cobrar os impostos atrasados. Negocinho. E animar-me-ia a ir visitar-te aí, se não fosse o medo que me inspira dona Barbara e a certeza da barbaridade sem igual que usaria para comigo. Tiveste a ingenuidade de mostrar-lhe os horrores que andei dizendo em cartas — e que mulher perdoa isso? Sinto saudades de você, Rangel, mas sempre que nos encontramos metemo-nos a posar um para o outro, cheios de paradoxos e ironias. Vê se dilues o rancor de tua barbara consorte, pois do contrario nunca mais nos veremos.

Tenho lido meio milhão de coisas. Estou com uma coleção de David Corazzi — Biblioteca Universal, antiga e moderna, uns 30 volumes vermelhos com boas coisas de Dickens, Poe, Balzac, Goethe, Byron, Bocage, Camões (não os *Lusiadas*), Karr, Fontenelle, Collins, Voltaire. Pura mina.

Adeus.

LOBATO

1907

Taubaté, 18,1,1907

Rangel:

Estou seriamente endividado para contigo, em cartas, livros, cumprimento de promessas, pedaços do *Queijo*... Mas explica-se a má finança. O mês de dezembro passei-o todo fora daqui, em S. Paulo e no Oeste. Corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite para o dia o Café criou — S. Carlos, um lugarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto, com 60 mil; Araraquara, Piracicaba a formosa e outras. Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda a região da Terra Roxa — um puro oxido de ferro — recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente.

Em Ribeirão, a colheita do municipio foi o ano passado de 4 e meio milhões de arrobas — coisa fabulosa e nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900.000 arrobas. Costumes, habitos, ideias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que ha 800 “mulheres da vida”, todas “estrangeiras e caras.” Ninguem “ama” ali á nacional. O Moulin Rouge funciona ha 12 anos e importa champanha e francesas diretamente.

A terra-chão, porém, é uma calamidade — “enferuja”, isto é, avermelha todas as pessoas e coisas, desde

a fachada das casas até o nariz dos prefeitos. Vai um pacotinho de amostra. Não pense que é tinta, não.

Lá ninguém *mora*; apenas *estaciona* para ganhar dinheiro. Esse meu longo passeio de 3.453 quilômetros de via ferrea buliu muito com as minhas ideias. Tenho que estacionar lá também, Rangel. Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão ou coisa equivalente. Nesta cidade encontrei o Albino e o Tito como fiscal do tracoma, mas sempre alegre, feliz, gastronômico. Albino está na transição do 5.º anista para o advogado e já advoga.

Saiamos destas nossas cidades cloróticas, Rangel, onde não dá italiano. Se permaneces por aí nessa Minas, acabas criando urupês na raiz da alma, ficas todo musgo e limos na faculdade da ação e quando deres acordo estás como o Rubião, apagado e sarrento como ele. E por falar no velho Rubião, não terá ele papelada antiga em que ninguém ainda mexeu? Vê isso, e se tem, pede-lhe para catar os selos. Dou-te uma coleção completa das obras de Balzac em troca dos selos que houver na papelada do Rubião. Dele ou de qualquer outro velho daí. Sempre tive a mania dos selos. Mando o 1.º volume dum Dickens. Se gostares irá o 2.º. E *Religiões do Rio*, do João do Rio — queres? Breve seguirá uma obra prima, o *Livro da Jungle*, do Kipling. É do Albino. Não ha nas livrarias de S. Paulo. E você o recambiará diretamente ao Albino, em Ribeirão.

Ha aqui meia duzia de meninas encantadoras com as quais dansamos no Clube. Ha a genial dona Stelia, pintora, que segue em março para o Velho Mundo, a cursar o Atelier Julien e voltar de lá genio de primeira

classe. É a que me provocou aquele artigo: "No atelier de Dona Stelia" — leste? Outra é Miss Farfala, uma timidez toda brancuras de côco, ultra-fina, professora por luxo, como nós somos bachareis por desfastio. Pastoral de Virgílio. E ha a Miss Flirt, e a Mercedes e a Guiomar, e a encantadora palmeirinha humana Bébé — tantas, Rangel, e tão mimosas, tão casadoiras, que a gente acaba amaldiçoando a monogamia.

O clima daqui atrai gente de fora. Afluem familias do Rio e S. Paulo, gente fina, com botõesinhos assim. E dansa-se muito. Você aqui produziria um tratado sobre o flirt nacional.

LOBATO

Taubaté, 26,1,1907

Rangel:

Recebi tua carta cheia de impertinencias e rescendente ao nogueirismo. Juro que o homem está aí, a te perverter! O teu tom, Rangel, não é aquele; e quando sais do teu tom, desafinas lamentavelmente. A imbecil apreciação sobre Kipling, que transcreves e adotas, fez-me jurar nunca mais te mandar nada pelo correio, nem os Dickens já apartados, nem uns Mark Twains — nada. Ainda ontem te remeti, bobo que sou! o *Segundo Livro da Jungle*, mas não ha mister de te atirares a ele com a amargura que a nogueirice te pôs na alma; basta refazer o endereço e expedi-lo para o Albino — porte por minha conta! Tambem do Beccari não vejo como puderam os belos versos te provocar tamanha ira. "Não

sou plateia”, dizes — e é verdade. Estás te tornando insuportavelmente palco.

Afogue o Nogueira na piscina do collegio antes que ele te destrua todos os lados simpaticos do espirito. Já a tua naturalidade epistolar se ressentida. Não escreves como dantes, e sim para ter ensejo de *colocar* uns tantos paradoxos tipo 9 Santos, e mais uns reles desaforos. Você não nasceu para o desaforo; teus desaforos não desaforam. Tudo, mal que o Tonante te pegou! E outros males ineditos te irá ele pegando até te fincar uma lapide no tumulo — “Aqui jaz o Paz-Vobis que me ouviu”.

Não escrevi mais o *Queijo* porque entrei pelo 1907 jurado de não mais *fazer literatura*, essa sordicia. Se queres, acaba-o lá — mata todos os meus personagens — joga-lhes o Tonante em cima.

E adeus ou ao diabo. Estou excessivamente mau hoje, e zangado com o falso Rangel.

LOBATO

Taubaté, 2,4,1907

Rangel:

Burro até aos fundamentos, infiltrado de incapacidades, com as ideias açucaradas, impenetráveis entre si, chocantes, de vidro fosco; o senso da nuance embotado, os dedos incapazes de tatear, as narinas só sensíveis aos cheiros mais violentos, um *engourdissement* geral; a lenta absorção do Helio Bruma pelo “Dr. Lobato”; uma aproximação já menos repugnada, já menos cortada

de náuseas, da coisa forense, do tabelião, do auto, do juiz, da quadrilha inteira da Justiça de olhos vendados — uma lastima, Rangel, uma lastima sem nome o que me acontece, o que acontece a este teu amigo exilado neste lugar provinciano onde a Semana Santa assume foros de Panateneia e o padre Valois é ouvido como outro Bossuet.

Enquanto te escrevo, o foguete e a musica atroam os ares, espantam os silfos invisíveis, matam a tiros de pólvora e guinchos de latão essa incomparavel musica chamada Silencio. E passa uma bandeira vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas; e corre a salva do Divino para pingamento de níqueis. O Divino é um passarinho amarelo na ponta de um pau. Tudo Africa, neste seculo de Ruskin e do *arbor-day*.

Ha uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Ha procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litanias. Por toda parte, povo — o nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes. A *cohue*, Rangel; a *bohue*, Rangel. A carapinha assanhada, a venta larga “fuzilando”, o coronel, o chale das mulheres, o chapéu-duro e a roupa preta das “pessoas gradas”. Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiuras semoventes. Que urbs, estas nossas! As casas são caixões com buracos quadrados. E nem sequer os velhos beirais: inventaram agora o horror da platibanda. Não ha mulheres, ha macacas e macaquinhas. Não ha homens, ha macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos

leve os olhos, uma côr, uma nota, um tom, uma atitude de beleza — nada que lembre a Grecia.

A Plebe, só ela, com o seu *fatras* democratico e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche, lendo o teu Goncourt, lendo até Kant e Hartmann. Vingo-me quebrando a cabeça nos enigmas insolúveis, Eu, Não-Eu, Sujeito-Objeto, Imperativos Categóricos, Inconcientes, coisas de Schelling, de Lotze, de Fichte — ideias-mumias, como diz Nietzsche. Vingo-me jogando xadrez.

Na sexta-feira santa peguei no xadrez quando o padre pegou na festa, e larguei do xadrez quando o padre largou da festa, entre estouros do sabado da aleluia e espedaçamento de judas.

O Goncourt... agora me lembro que... (perdido o resto)

LOBATO

S. Paulo, 14,4,1907

Rangel:

O meu atrazo epistolar tem origem na “cavação de promotoria” em que me empenhei em fevereiro e só agora, 4 de março, consegui levar a efeito, com derrota de um exercito de candidatos. Estou nomeado promotor publico da comarca de Areias, que deve ser nalgum lugar. Mais reverencia, portanto, amigo, quando escreveres ao Lobato. Exijo DD. no envelope. Sou o DD. Promotor Publico de Areias, cidade que positivamente ha de existir. Cento e tantos candidatos para esse ossinho — informou-me o proprio secretario Washington Luis (com “s” — ele faz questão). Foi trunfo

decisivo uma carta de meu avô ao general Glicerio. De lá — de Areias — passarei para uma comarca da Terra Roxa, a terra abençoada onde se ganha dinheiro... E então casa-se.

E tu, meu velho? Como estar contigo em S. Paulo, pois me disse o Nogueira que vens em março, para o ultimo exame. Espero que me avises, como das outras vezes.

Encontrei o Nogueira no collegio do Luiz Antonio, impando de lente, o cão, no meio duma roda de outros lentes empavezados como navios de vela, gravissimos. A saleta estava grávida de lentes. Creio que o Nogueira trazia sobrecasaca; creio apenas; mas sobre a sua gravidade e o ar profundo, isso juro sobre dez biblias. Mas estou falando do padre-nosso ao papa. Você conhece a fundo a fauna dos "professores de ginasio".

Tambem estive com o Tito; anda empenhadissimo numa campanha para derrotar o Vitor Konder na Academia, apesar de reconhecer (veja que patife!) que é o Konder quem melhor se desempenhará do papel de orador do ano. Mas ha razões de estado...

Nogueira desmentiu-te com calor e endeusou Kipling. E jurou pelos manes de Buda que jamais comparou o *Livro da Jangal* a contos da carochinha.

Quanto ao nosso illustre marquês italiano, afirmo-te que é um grande porco. Imagine isto: a mana foi passar umas ferias em Taubaté e deixou a casa entregue ao marquês, autorizadamente imitado nas funções de "honorable" guarda-casa, vulgo caseiro. Ele é um genio, bem sabes. Gaba-se de ser o Leonardo da Vinci do Bom Retiro e adjacencias. Pois apesar disso deixou

a casa tão imunda que a mana teve de alugar outra. Incorporou boduns indeleveis em tudo lá dentro, paredes, assoalho, moveis. É um hidrofobo, como o Tito Franco. Não se lava. Nunca se lavou. Logo, os versos que ele fez são pessimos. Logo, tem você a razão e eu retiro os meus elogios.

Em Areias recomencarei com a leitura, porque é impossivel que haja lá criminosos que dêem trabalho a um promotor.

Diga a dona Barbara que um monsenhor Lobato que deitou fora a batina não sou eu.

LOBATO

Taubaté, 1907

Rangel:

Recebi a filosofia, os quesitos e a carta de dona Barbara. Vamos por partes. A filosofia não é novidade. Já Spencer definiu a lei da evolução como uma *complexidade*, uma crescente heterogenização de estruturas e funcionamentos, tudo alheio ás ideias de Bem e Mal, que são relativas, a despeito de todos os esforços escolasticos para que sejam absolutas. Ha fenomenos, causas e efeitos, radículas condicionais e condicionadas; mas finalidade, designio, é coisa que cai no "Incognoscivel" de Spencer. Os teologos "grilaram" essa terra devoluta, plantaram lá a tabuleta do Designio e surgiu o tremendo negocio de terrenos a prestação chamado Igreja. Vender terrenos incognosciveis, indemarcaveis, que maravilha de negocio! Leia os *Primeiros Principios*

de Spencer e lá verás tudo claro e no limpo — tudo matematicamente esclarecido. Todos os pontos, todas as “bocas-de-sertão” a que a Ciencia pode chegar estão lá; para adiante Spencer finca o letreiro famoso: INCOGNOSCIVEL (criando, aliás, a objeção: Como *sabe* que é incognoscivel? Como fecha a questão dessa maneira?)

E o fato de chegar você por mera intuição pessoal ás mesmas conclusões de Spencer, prova a força do teu senso filosofico. Nietzsche chama a isso (ter essa filosofia) colocar-se *além do bem e do mal*, isto é, num ponto de vista objetivo, sem perspectivas que adulterem as coisas e donde se possa perceber a emaranhadíssima rede das causas e efeitos das forças *indiferentes*. Um tiro no alvo, por exemplo; se acertou foi sorte, diz o povo comum; foi por obra e graça da entidade criadora do Designio — Deus, Divina Providencia, etc., diz o teologo. Mas o sabio á Spencer diz que o fenomeno foi rigorosamente determinado pelas condições do atirador, da arma e do meio ambiente; um fenomeno, portanto, é determinado por condições. Dadas aquelas condições, o fenomeno fatalmente ocorrerá. Aconselho-te Spencer nos *First Principles*. É uma Suma.

Quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavalo da tua intelligencia; no rabo desse cavalo amarrarás o imã do teu temperamento, de modo que na galopada o imã só atraia, só aproveite, só chame, aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar. Se o forças a atrair o que te *parece* bom, bonito, util, embora não seja essa a opinião do teu temperamento, ficas abarrotado, mas não aumentado.

Faça isso e não me voltarás a dizer que achas Nietzsche "soporífero". Incrível! Talvez seja o unico adjetivo que nunca jamais caberá a Nietzsche. É o contrario — é um matador do sono, da estagnação, da lagoa verde. É um desencrostador.

E por falar, contarei uma. Eu estava um dia no Gazeau, em S. Paulo, espiando livros velhos, e havia parado para folhear um volume de Nietzsche. E estava lendo lá um aforismo qualquer, quando atrás de mim, sobre meu ombro, uma voz desconhecida soou, dizendo: "Esse autor é dissolvente!" A resposta me veio instantanea, como se o proprio Nietzsche a desse por meu intermedio: "Tal qual o sabão!" E voltei o rosto para ver quem era. Um padre!...

Lembrei-me daquele aforismo em que Nietzsche dá a opinião dos teologos como o reverso pratico da verdade. Se o teologo diz que é branco, então é porque é preto. Sim, Nietzsche é um sabão, o melhor desengateador que encontrei na vida. "Eu sou uma toupeira que anda debaixo da terra roendo as raizes das velhas verdades". Ele podia tambem dizer que era o Grande Sabão dissolvente das velhas verdades.

As minhas marcas nos Nietzsche que mando representam o grafico da primeira impressão. Ha um grande B inacabado que marcou um vago pensamento que me veio ao ler aquele pedacinho, um pensamento associado a Bilac... É uma psicografia estenografica que só eu entendo.

LOBATO

Taubaté, 1907

Rangel:

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do Dr. Natividade que te examinou em Aritmetica no Curso Anexo, minha prima longe, professora complementarista, loura, branca como petala de magnolia, linda. Combinamos casar um dia.

Cheguei de S. Paulo ontem e lá quasi que só noivei. Apenas uma noite estive com os Cães. Ricardo sobe como um cambio. O Joaquim Nabuco fez-lhe tremendos elogios. Foi Ricardo quem o saudou á chegada, num discurso de maravilhosa eloquencia. Lino tambem, de uma janela, atirou para cima de Nabuco um discurso de esmagar — mas engasgou no momento mais agudo da altiloquencia perorativa. Um italiano da rua, entusiasmado, berrara um hilariante “Viva Brazile!” que quasi fulmina o Lino de apoplexia colerica. Tito falou na manifestação dos estudantes, e bem, com periodos longos e bem boleados. Como vês, o velho Cenaculo faz figura quando quer. Todos ainda sabemos latir.

Quanto á nossa novela a dois, convenci-me de que a tua historia do Boiadeiro é burrice e proponho a que aqui vai. Se concordas, escreve a continuação e manda tudo para o Benjamin Pinheiro, a tempo de sair no *Minarete* proximo.

LOBATO

Taubaté, 1907

Rangel:

Se ha no mundo um tranca integral é você. Que significa esse silencio de bezerro com lombrigas? Quantas tenho de escrever para obter a honra duma resposta? Ha dias reclamei com urgencia a remessa de meus *Diarios*, e hoje insisto e dou a razão. É que estou noivo já de um mês e boiando em plena lua de mel do noivado — e faço literatura amorosa ás carradas. Inda ontem mandei para S. Paulo 100 gramas de ternura grafica. E tenho de mandar mais, para completar a "*Historia Documentada do Meu Amor por Você*", obra solidissima, baseada em excertos do meu *Diario*, nas referencias directas ou indirectas que a Ela nele existem. E preciso dos volumes que estão aí. Apressa-te, Homem! Amor é impaciente.

Disse-me o Benjamim que já lhe mandaste mais capitulos do *Quetjo* e estou ansioso por ve-los impressos. Vou esta semana a Pinda e le-los-ei lá.

Beccari manda-me uma carta em verso. Para provar que é mesmo o Leonardo da Vinci do Bom Retiro, faz pinturas, faz esculturas, escreve cartas em verso e agora vem com uma invenção — e está absolutamente convencido de que realmente inventou uma coisa. É o "Transportador Aereo Instantaneo" para uso da policia. Consiste no seguinte. De uma torre central, ergue-se no topo um eixo ou gonzo, ao qual está articulada "a grande invenção", isto é, uma sanfona de aço que abre e fecha e gira em redor do eixo. Na extremidade exterior da sanfona vai um cubiculo onde caibam varios

homens. Ha um disturbio em qualquer ponto da cidade. A torre central recebe comunicação telefonica e tem que mandar soldados. Que faz? Vira a sanfona na direção do disturbio, com soldados dentro do cubiculo e *zás!* um maquinismo violento distende a sanfona até que o cubiculo fique bem a pino sobre o disturbio — e os soldados descem por cordas, tudo rapidissimo. Os perturbadores são agarrados, içados para o cubiculo e a sanfona então encolhe-se, trazendo tudo para a torre. As masmorras ficam na base, e por uma calha de lona a colheita policial é nelas despejada. Em tres minutos está completa a operação...

E se pusessemos o nosso da Vinci no *Queijo*, como material duma das prometidas mortes tragicas?

LOBATO

Taubaté, 1907

Rangel:

Ê espirrando, tossindo — o nariz transformado em olho d'agua e com um celebre pingó a insistir em colaborar nesta carta; é moido de defluxo que te escrevo, meu Rangel, para te avisar que sigo hoje para S. Paulo e só na volta direi as muitas coisas que tua ultima me sugere. Hoje, impossivel. As ideias, sinto-as tambem constipadas, revestidas dum inducto pastoso. Tenho-as penosas, de movimentos embaraçados como moscas dentro de mingau. Uma cutilada deste traiçoeiro vento de maio e os consequentes desarranjos nasais, metabolicos, pulmonares e espirituais. Mando-te um Mark Twain

e um Gorki, e também um trecho de carta da F., para veres como o marquês anda posando para a pobre menina.

Adeus. O pingo está ameaçador.

LOBATO

Areias, 14,5,1907

Rangel:

Bemaventurado país, bemaventurada Minas! Bravos a você, a Minas, ao Zé Fernandes! O que me contas é prodígio singular, inédito talvez em todo o planeta. Um collegio que aumenta o ordenado do professor para rete-lo! O homem está louco. O certo seria regalar-se com a tua saída e contratar outro por menos. Sempre haverá no mundo quem trabalhe em qualquer serviço por dez mil réis menos. Para que um Zé Fernandes procure te conservar é que tu lhe dás um lucro enorme — mais que os dez mil réis que ganharia aceitando a tua retirada. Ora, se é assim, por que não lhe has de chegar a faca ao peito, exigindo mais? Coisa apenas de verificar quanto para ele realmente vales.

Acho-te extraordinario, Rangel. Formas-te hoje; no dia seguinte és nomeado promotor de Cambuí; no terceiro dia resignas sem sequer ires ver se Cambuí realmente existe...

O mesmo não posso fazer eu, pois vim ver se Areias existia e fiquei. Areias, Rangell! Isto dá um livro á Euclides (e, por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exatamente o quarto que é o meu).

Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio duma eterna imersão no passado. Ha casos, ha crimes estupendos do periodo da passada grandeza. Um capitão-mór que passou 80 anos a juntar moedas de ouro — patações. Um dia a variola o apanha — e da cama, morre não-morre, todo pustulas, assiste ao saque. A “escravatura” roubou-lhe tudo. O processo, o juri, a condenação dos negros... Impossivel dar uma ideia do drama em simples carta a galope. Talvez eu a conte no *Minarete*.

Perto de Areias fica Bananal — com um passado escravocrata que é um cacho de crimes lindos e muita banana ouro. Houve grossa riqueza por lá, quando aquilo era o Ribeirão Preto da epoca. Barões que usavam pinicos de ouro. Mulheres ciumentas que cortavam o seio das escravas. Cada casa lá — dizem aqui — é cofre duma lenda — aqueles casarões abandonados. Ainda ha misterios no ar.

O meu hoteleiro é um veterano da guerra do Paraguai. Gosta de falar e sabe tudo. Impossivel melhor memoria — ou imaginação. Erudição enciclopédica haurida nos vinte romances de Julio Verne que sabe de cór e me recita á mesa, aos capitulos — e com as ilustrações. “Aqui ha uma gravura representando um hindú de tanga amarrado á boca dum canhão. Em baixo diz: *Amanhã ao romper da aurora, pum!*”

Logo que cheguei fui á berlinda. Fiquei o bicho raro da terra, o *fait divers* sensacional, a coisa importante, o escandalo do dia. “O Promotor!” Juntava

gente nas janelas e esquinas quando eu saia a desembolar.

Terra de tradições. Anteontem queimaram diversos judas. Ainda ha judas em Minas? Apareceu, de Euclides, um belo artigo sobre o judas no Acre (*Jornal do Comercio*, de 31). Leia.

LOBATO

Areias, 15,5,1907

Rangel:

Creio na tua sinceridade quanto ao casamento, mas sob uma condição: creres tambem na minha. Estou de absoluto acordo contigo. O casamento é e não é o que dizemos. O casamento é o nosso serviço militar. Foste chamado e estás a fazer o serviço. Fui chamado: — tenho de servir, e está acabada a historia. E depois, Rangel, isso de enfrentar o perigo, de procura-lo, de arrostá-lo, não deixa de ter certa grandeza. Não procede de outro modo o capitão que ataca um reduto poderoso. Está lá dentro o Desconhecido. A Vitoria ou a Derrota, a Felicidade ou a Vergonha.

Por que é que o homem bebe, sabendo que o alcool é um veneno? Por que se casa, sabendo que o casamento pode ser um veneno? Porque o homem é fundamentalmente aventureiro e gosta de agir aos sopetões, sempre de encontro á experiencia e ao bom senso. O bom senso horripila-nos.

Não ha negar a higiene do casamento, e tambem ha a possibilidade de, ás vezes, criar-se por esse meio

o que os ingleses chamam *home* — e parece que os ladinhos bons do *home* compensam as coisas perdidas com a destruição do celibato. O nosso grande cavalo de batalha contra o casamento é o sacrificio da nossa liberdade — mas para que nos serve a tal grande liberdade senão para perde-la nos momentos oportunos? Sem perdermos a liberdade, parcial ou totalmente, como sabermos que tal coisa existe? Só quem está sendo asfixiado aprende que o ar existe. E ha ainda o seguinte: a liberdade torna-se ás vezes um tal trambolho, um tal peso ás costas, que o desfazer-nos dela produz uma imensa sensação de alivio. Coisa nenhuma cansa mais do que se livre — e isso explica as ditaduras. Os povos cansam-se da liberdade e pedem um ditador que a trucidie — e os individuos casam-se. Eu, por exemplo, vivo dentro dum tal excesso de liberdade que ás vezes me toma a nostalgia. Do que? Do tempo de prisão no collegio. Da horrivel sineta que me fazia levantar ás 6 horas. E, por fim, farto dessa liberdade pessoal, resolvi lança-la pela janela. Caso-me e pronto.

Vantagens? Oh, inumeras — e entre elas a de queixar-me, como ouvi a um agora: “Eu iria em dezembro ao Japão, *se não fosse casado*.” Mentira. Ele não iria ao Japão nunca, mas hoje tem uma bela justificativa. A condicional acoberta maravilhosamente todas as fraquezas, dubiedades, incapacidades e inaptidões organicas dum homem. Justifica até roubos — “Casado, coitado; mulher e filhos!” Dizer, por exemplo, a um amigo credulo: “Zéca, eu tenho talento ás arrobas. Sou capaz de escrever um *Rocambole* — e escreve-lo-ia, se não fosse o casamento — a mulher, a barulhada das crianças.

Zéca, Zéca, se queres cultivar a tua intelligencia e dela extrair productos lindos, como os extrai da terra preta o galego da horta, não te cases, ó Zécal” E o Zéca te olha arregalado, com admiração nova, concorda em não produzir mais que o galego da horta — e casa — e faz muito bem.

E ha a Especie, Rangell! Somos forçados a ter muita consideração para com a Especie. Què seria da Especie se não fossemos nós, individuos? A Especie nos impõe, por força de razões misteriosas, esposa e prole. E emprega o Amor como um visgo de passarinho; e uma vez visgados, temos de proliferar, porque, “Oh, é tão galantinho um bêbê!... Casa sem chorinho de criança até doi...” As mulheres dizem isso e suspiram pelo bêbê, porque elas fazem parte do Serviço de Agentes Secretos da Especie. São as encarregadas de arrancar do homem as misteriosas sementinhas hereditarias.

E, portanto, nada de resistir a essas obscuras injunções. Já que a Mais Obscura das Injunções nos manda casar, é casar. Casar p'r'ali, como casou o avô, o bisavô, o tataravô e o macaco inicial.

O solteiro me lembra a mariposa que me vem dar cabeçadas no vidro do lampião. O casado lembrará o passarinho na gaiola, bem arrumadinho, com alpiste, agua e folha de alface — e a regalar-se de ver, lá daquelle seguro, a mariposa queimar-se na chama e o Romão volta e meia entrar do quintal com um canario solteiro na boca.

Já que estamos falando em casamento: já leu você a coisa mais espirituosa do mundo — *La Physiologie du Mariage*, de Balzac?

Vamos meter o Beccari no *Queijo*? E bem que cabiam lá os dois tipos que diziam horrores de casamento e um casou-se caladinho e outro tenta retratar-se...

LOBATO

Areias, 7,7,1907

Rangel:

Restaurado finalmente na calmaria, começo a pagar minhas dividas epistolares. Essas dividas decorrem do muito que corri. Se não, veja. Da Serra da Bocaina, em cujo sertão me internei com um bando de caçadores atrás duma suçuarana que andava comendo novilhos numa invernada, só voltei para cá no começo das ferias forenses, com 12 leguas em lombo de cavalo em quatro dias, tostado do sol e do frio das altitudes, tatuado de espinhos — mas vasio de gloria. Da onça só vi o rasto, na lama dum curral velho.

Chegado, acusei dois criminosos perante um juri de boca aberta e colarinhos sungados, arrumei a vida e, de novo no Beijaflor, trotei para Queluz, onde recebi tua carta. Fui le-la no trem.

Portei em Taubaté, e com o Eugenio de Azevedo fui de bicicleta ver um negocio na fazenda dos trapistas — futura Abadia da Maristela, e retornamos com 30 quilometros marcados nos ciclometros.

Depois rumei para S. Paulo, onde matei as saudades da noiva, admirei o Salvini no *Oedipo-Rei* e nos *Espetros* de Ibsen, travei conhecimento com a *Zazá* de

Leoncavalo, e enlevei-me na harmonia de movimentos duma Paqueta Montes no Moulin Rouge. A seguir, Santos. Dansei duas noites, visitei tres navios no cais, Belgrano, Aragon e Tennyson, contemplei a enorme carniça duma baleia encalhada na praia da Conceiçãozinha, consagrei um dia ao teu Guarujá, ganhei uma bolada no Casino e voltei á Pauliceia. Aproveitionei-me largamente de impressões da noiva, abasteci-me de pão do espirito (entre as novidades, *O Filho Prodigio* de Hall Caine, que anda na berra), dormi uma noite em Taubaté; e, reintegrado afinal no silencio da minha Areias, interrompo a leitura do Hall Caine — estupendo! — para te escrever uma bem comprida.

O teu Rodrigo! Com que estado d'alma de menino de escola em vesperas dos premios anuais você espera a minha opinião, você a reclama, você a predispõe! Homem fraco e covarde, sem fé nem confiança! Que importa o meu parecer? Que importa o parecer de alguém? Quem tem talento e arte impõe-n'os ao mundo — não pede licença. Você pede, e rebaixa-se, e usa truques. E manda uma carta propiciatoria elogian-do (sob pretexto de criticar) dois detestaveis artigos meus e um bom (*Filosofias*), com a evidente esperança secreta de que eu pague na mesma moeda. E gaba-me, e elogia-me, como se moeda falsa pudesse ter algum valor...

Sempre desejei em você um critico brutal do que escrevo. Impossivel. Você dissimula o que de fato pensa a meu respeito e só diz as coisas favoraveis. E vem a velha acusação... "*teu partido de não me pôr a boca doce...*" Engano, Rangel. Nunca pensei em tal; sempre dei a você o meu pensamento nú e crú e

sempre o farei. A tua derradeira carta não me fará atenuar de um centesimo o que penso do Rodrigo. Vi nele tua autopsicologia, vi tua mulher, tua vida, o collegio de Zé Fernandes, os amigos (já que conheço através das cartas), e senti em algumas paginas a execravel influencia dos Goncourts — esses execrabilissimos fazedores de arte pela arte que hoje ninguem mais atura. “Nalgumas paginas” — note que restrinjo, porque na maioria você está puro sem mistura. E exatamente aí a novela melhora. Certos prosaismos a sujam (“Ribeirão Preto”, “500\$000”), certas ideias pouco finas (“apetite tão grande que só se *engulisse o mundo*”), certos conceitos estapafurdios (“... a voz humana, ultima metamorfose dos sons da Natureza, que *progrediram para peor...*”) Que quer dizer isto?

O estilo tem descaidas, cochilos — pontos que não levo a debito, pois são as naturais imperfeições do borrão. Escoimado desses senões, que me parecem vicios, a novela vira uma boa novela, com o defeito aliás de ser coisa para publico muito restrito. A psicologia do Rodrigo é extremamente rara, e poucos a aceitarão. Acho tua arte subjetiva em excesso — e a grande arte é objetiva (Shakespeare, Tolstoi, Zola, Balzac, Molière). Descreves um caso isolado, unico, quando a arte está no contrario, na universalização; o particularismo cabe á ciencia. Aquele Conselheiro do Eça: por que “pegou” mais que o Jacinto? Porque o Conselheiro tem uma universalidade de 20% — e o Jacinto tem-na de 1 por 100.000. O teu Rodrigo é uma criatura que aparece uma em 1 milhão, e daí a restrição de publico que prevejo.

Para prova dei-o a ler a um amigo daqui, rapaz de bom senso artístico — e ele achou-o confuso. Já a mim, que te conheço a fundo, a impressão pessoal foi muito diferente. Sei-te nas ultimas minucias, de modo que vejo ali, e entendo, coisas que para os outros não existem ou são “confusões”. Na parte, porém, onde narras o amor, o casamento, a vida a dois, o lento desnudar-se do carater de Rola, não ha nenhuma restrição a fazer — empolgou-me. Em suma, se refundires a novela, aumentando-lhe a dose de drama, de movimento e de dôr, acho que poderás publica-la sem receio nenhum.

Bem sei (e por confissão tua) que os nefastos Goncourts te imbuiram da falsissima noção do “nenhum enredo”. Mas veja Kipling, Zola, Caine, Wells, Hugo, Balzac — todos os “grandes lidos”. Quanto drama, quanto movimento em cada obra! O drama é tudo na arte, porque o drama é a biografia da Dôr e a Dôr é a mãe da Arte. Inda ontem, relendo Esquilo, vi que sua grandeza repousa na grandeza das dores que pinta. Os Atridas, Prometeu, Orestes, Eletra, Atossa, Cassandra — dôr, só dôr, na desesperada luta contra a Fatalidade. *A arte nasce da dôr, como a perola.* Sabe que a perola é o produto duma doença da ostra? Onde ha doença ha dôr — logo a perola vem da dôr.

A minha colocação entre os teus 40 não me adoça a boca, nem me leva a pôr você em outro lugar que não o em que sempre te pus. És um dos poucos em que tenho fé — pela tenacidade e amor ao trabalho. Vivo repetindo isto para todos. Mas por enquanto não és ainda — estás sendo — vais sendo — caminhas para

lá — não houve ainda nenhuma parada, a progressão é continua. Estás na Barra do Pirai. O Rio não fica muito longe — mas ainda está longe.

Você, entretanto, se perderá, como o Ricardo se perdeu, no dia em que (seduzido pelos cantos de sereia da amizade) se julgar chegado. Um homem evolue indefinidamente, e se se julga chegado ao maximo é que parou de progredir, virou Coelho Neto.

Mande-me os contos. Não segue o *Ateneu* porque está em Taubaté. O *Filho Prodigio* irá logo — assombroso! Mande algo para o "Minarete". O Beija está reclamando. Um diario de S. Paulo republicou o meu *O Pito do Reverendo*, uma das coisas tolas que tenho escrito, mas muito gostada por aí afora — e incluiu-o de erros tipograficos. Como doi o erro tipografico!

LOBATO

Areias, 21,7,1907

Rangel:

Chegou o Twain com tua carta dentro. Comecei a ler a historia do esquimó. De fato, *it is a very bewitchful story*, como aliás tudo quanto Mark escreve. Kipling tem algumas coisas groenlandesas otimas, onde tudo, a partir do cenario, é dum ineditismo unico. Os *Inoitos* são uma — inoito é sinonimo de esquimau. Que felizes os homens que podem escrever uma novela europeia, outra americana, outra indiana, outra esquimó — haurindo as tintas em observações de primeira mão, feitas nesses meios tão variados! Tenho para mim que

Kipling ainda não achou tempo de ler a literatura dos outros; os anos de sua vida devem ter sido poucos para ver e sentir do natural.

Nós dois somos o inverso. Somos crácas eternamente grudadas ao pago natal. Somos cogumelos, chapeus-de-sapo, temos o aparelho da locomoção destituído de rodinhas amarelas — libras ou dolares. Somos apteros. Pinguins! Nossas capacidades embotam-se na mesquinhez da introspecção e na sordidez tacanha de meiosinhos roceiros pifios, onde não ha os caracteres fortes e *sinteticos* que o romance requer para não degenerar em teatrinho do João Minhoca; onde não ha dramas — (como imaginar os Atridas em Areias?); onde nada ha que não seja choco. Desta Areias onde apodreço ha tres meses nem o gancho dum Shakespeare tirava sequer um titulo de drama.

Parece-me erro supor que o artista cria independente do meio. Meio pifio, artista pifio — obra d'arte pifia. Entre nós, só no Rio ha ambiente para alguma arte — e porisso todos que têm veia para lá acodem. Os que ficam no interior só dão de si agua panada. Veja, Rangel — estamos nós dois condenados a ser agua panada... Você casou; eu vou casar. Casamento: feixe de raizes que virão agravar ainda mais o nosso chapeu-de-sapismo. E, no entanto, nós temos talento, Rangel — sentimos isso, não? Ninguém sabe, ninguém percebe; talvez nunca desconfie disso o mundo — e no entanto temos talento!

Tu aí, eu aqui — duas touceiras segregadas de tudo quanto o nosso sonho de arte sonha. Eu, como absolutamente não me adapto ao meio, levo vida de recluso — frade unico do Convento do Meu Quarto. E quando

me canso de tanto mascar e ruminar a mim mesmo cá intra-muros, fujo para a Serra da Bocaina, de Winchester no arção e kodak a tiracolo. Que desafogo naquela outra solidude!

Contigo é o mesmo. Esse Silvestre Ferraz deve embolorar todas as vocações. O que te salva é o tremendo ardor laborioso que tanto invejo. Começar uma novela é coisa das mais simples; leva-la por diante por 80 ou 100 paginas, isso só você. Breve estarás trabalhando em romance de 320 paginas. Assegurado o *entrain*, é facil chegar até lá — o problema é ganhar o *entrain*.

Você está feito, está na reta da chegada — e me distanciou por não sei quantas cabeças. Cabeças? Ah, se fosse! Por corpos... Nunca mais te alcançarei. Vivo esperando a *ocasião propicia* — essa ilusão. Não ha disso. Para quem de fato possui criatividade, todos os momentos são propícios.

Li hoje *Filosofias* (só agora o jornal me chegou) e envergonhei-me de haver achado aquilo bom. Tenho um defeito grave; espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me *tons*, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros. O tal conto prometido vou escreve-lo com muita atenção a todos os defeitos notados — e você julgará.

O que dizes das coisas que nos agradam mais pela capacidade possivel do que pela capacidade realizada, me parece uma bela observação. Sinto-o comigo.

Vai o Hall Caine e junto um volume das minhas notas; ha-as preciosas, catadas ao correr das leituras.

Lembre-me na tua proxima da grande ideia a que cheguei á força de tanto pensar. Não cabe nesta. Uma ideia enorme. Ainda está em periodo de nebulosa.

Quanto á reforma ortografica, lê no proximo Minarete a minha opinião sobre o horror que é homem sem H.

Hoje temos "escavalinho". Areias está arreitada. Imagine que ha quinze anos não aparece nenhum circo por aqui. O meu comendador da Ordem da Rosa anda de olho aceso. Ao almoço (sou o unico hospede do seu hotel) foi espiar se a dona Maria (a esposa) não estava escutando atrás da porta e me disse, com quinze anos de concupiscencia encruada no olho lascivo: "A moça do trapezio, seu doutor, tem umas coxas assim!" — e fez um grande tamanho no ar com os indicadores e polegares em curva e os outros dedos fechados.

LOBATO

Uma coisa que ando para perguntar: tens sogra? Eu vou ter. Como o casamento nos aumenta!...

Taubaté...1907

Rangel:

Seguem umas tantas cartas da incomparavel, para que palidamente avalies que fina criatura é. Suas cartas, seus modos e sentimentos, tudo são penugens, arminhos. Perfeita concordancia do moral com o fisico.

Normalissima. Para uma coisa te chamo a atenção; o seu modo de grifar certas palavras. Não grifa brutalmente, com um traço em baixo, e sim com um breve e tímido hífen, nuançando assim o grifo, dando cambiantes á intenção. Cartas, como verás ao correr da pena, sem esta nossa imbecil preocupação literaria.

Mandei-te *O Filho Prodigio* de Hall Caine, com uma carta bastante comprida. Chegou?

Recomendações a D. B., á qual desejo um figado mais ordeiro.

LOBATO

Areias, 1907

Rangel:

Esta, em face da enorme provisão de assuntos, promete ser enorme — todo um caderno de papel. Mas você está á prova de tudo. Aguenta. E sabe por que tanto assunto? Porque ontem foi dia de festa, da mais deliciosa festa de S. Sebastião que vi em minha vida. Esse santo tem grande homenagem aqui; é o padroeiro, e entre dez areenses, um se chama Sebastião. Houve missa cantada, leilão de prendas e cavalinhos-de-pau.

Dia de festa na roça quer dizer dia das moças, e eu sempre tive pendor por esses curiosissimos seres que só conversam casamento, namoro e baile, com as faculdades num perpetuo estado de eretismo e norteadas para O Fim Unico e Exclusivo: perpetuação da especie.

Nada menos obscuro, nada menos opaco, que uma moça: um instinto nu e cru vestido á moda do dia, com

a moral do dia, com as astucias do dia. A moça é um ser em dia. Com os homens tudo é diferente. Num predomina aquela “vontade de poder” do Nietzsche. Noutro, o instinto da exibição. Noutro, o da investigação. Mas nas moças — e ainda ha cretinos que têm a mulher como misteriosa, esfingetical — a simplicidade é tamanha que ás vezes nos desnorteia e passa por complexidade excessiva. A mulher é ovario, só, sem mistura.

Isto posto, que é uma festa para os ovarios “com escritos?” Vi bem agora. Na igreja vão para as tribunas — os noivos e as noivas, os namorados e as namoradas, os pretendentes e as “com escritos”. Essa parte da igreja — “as tribunas” — corresponde nos teatros aos corredores dos camarotes: é o lugar dos deliciosos encontros furtados. E ali *on cause*. E pode-se até fumar. O borborinho do povo lá embaixo sobe como um bafo, e a musica e o canto nos mantêm os nervos num eretismo grato aos nossos instintos em ação.

Todas as grandes fases dos meus namoros — dos grandes — foram nesse ambiente de ebriedade das tribunas. Parece que é ali, ainda mais que nos bailes, que as moças se sentem como o peixe no mar. Moça quer contacto. A Mulher é um desejo de contacto — moral a principio; sentimental, depois; e fisico em 1.º grau (visual); fisico em 2.º grau (baile, aperto de mãos, valsa); e fisico em 3.º grau (beijos, noivado) e afinal o hurrah do instinto vencedor no grau 4.º. E como as festas de igreja são eminentemente favoraveis a varios desses contactos, as moças adoram-nas — e por instinto sustentam a Religião, os Padres, o Vaticano e Deus.

A materialização de Deus são para as moças, em ultima analyse, as Tribunas. Quando um ateu aparece, todas se revoltam pensando nas Tribunas: aquele infame nega as Tribunas, quer suprimir as Tribunas!...

Ha aqui algumas meninas encantadoras. Estavam ontem nas Tribunas a H. P. — a unica com quem posso conversar uma hora seguida sem enfado, e a L., e a J., e a Niquita (minha namorada de brincadeira), e a Filhinha (um mimol!), e a Condessa...

Mas que adianta enumera-las? São nomes que nada dizem a quem as desconhece. Eu queria ardentemente que você conhecesse um certo numero de moças que tenho encontrado na vida, com o mesmo interesse com que tem conhecido minhas leituras — certas leituras. Quando em Taubaté me encontrei com *Guerra e Paz*, *La Carrière*, *Mannequin d'Ostier*, quis logo que você os conhecesse, e como não querer que conheças estas obras primas do Instinto e da Futilidade Amavel que encontrei aqui?

Entre centenas de criaturas apagadas e incolores, dessas que sofrem do maior dos males, pois, como diz Restif de la Bretonne "... *le plus grand mal c'est l'obscurité, c'est la vie de ces plantes mouvants qui végètent autour de vous, qui vivent et qui meurent sans que personne se soit aperçu de leur existence*", encontrei um certo numero delas muito correspondentes ao nosso Cenaculo — essa seleção que fizemos entre centenas de colegas e conhecidos. Dá-me vontade de um dia colecioná-las num estudo á Goncourt — a uma duzia delas pelo menos — o meu Cenaculo feminino.

No leilão é de uso aqui uma arquibancada só para moças. E ali lembram prateleiras de vasos com flores — como nas exposições de crisântemos. Pois ontem sentei-me, unico, entre elas e passei horas deliciosas brincando, arrematando prendas. Ao meu lado esquerdo estava a F.; á direita, a Niquita; em cima, a H. e em baixo a L. Eu, emoldurado, enquadrado... Como esquecer um leilão assim? Depois fomos aos cavalinhos de pau, e tive de pagar para todas. Dias e noites encantadoras e inesquecíveis, estas festas religiosas que formam os segretos esteios das religiões e dos deuses.

E tua galeria feminina, Rangel? Nunca me falaste dela, e has de ter uma, porque não ha homem que não a tenha. O quanto são desinteressantes os moços (não os homens), são interessantes as moças — mesmo vistas com olhos alheios. No Tristan Bernard que te mando ha uma insignificante Alice e uma Louison magnifica.

Mas agora vejo que tenho tua carta a responder. Este enorme preambulo mocengo veio para justificar, ou explicar, a facundia epistolar que referi no começo. Após uma noite e um dia como os descritos, o cerebro vascolejado amanhece vivo e lepido como um sagui, e exige que lhe abramos todos os “ladrões” confidentiais. Se não sabes o que é “ladrão”, informa-te com o bombeiro local.

O *La Bàs* chegou, e o Julinho está a le-lo, fremente de entusiasmo, ganho pela arte maciça de Huysmans. Quanto ao Le Bon, suas ideias são correntes em todos os fisicos de hoje, praticamente todos os fisicos experimentalistas. Os teóricos, só teóricos, não contam, porque fisica não é escolastica.

Quer que resuma a teoria da energia intra-atômica e da radiação da matéria?

Outrora a matéria manifestava-se em tres estados. O aparecimento do radium, um corpo que normalmente irradia calor e uma especie de luz, *indefinidamente*, talvez *eternamente*, sem perder a sua energia e sem *receber* esse calor e essa luz de nenhuma fonte de fora, veio abrir uma exceção na termo-dinamica, a base da mecanica moderna. Mas como nas leis da Ciencia não pode haver exceção, os fisicos começaram a estudar o fenomeno e chegaram a uma conclusão experimental que revolucionou a ciencia moderna: *todos os corpos* emitem a coisa que parecia exclusiva do radium; questão só de intensidade maior ou menor; a Matéria, portanto, possui mais um estado só agora percebido: o estado radiante. Solido, liquido, gasoso e radiante. Os dois principios da conservação da matéria e da energia (Lavoisier e Robert Mayer) justamente os pedestais da fisica, foram revogados — ou pelo menos suspensos até ver. Como a nossa Constituição durante os estados de sitio — certos artigos ficam suspensos. O velho "*Nada se cria, nada se perde*" está ameaçado. A "oposição", ou a esquerda da ciencia, apresentou uma emenda propondo a substituição do velho dogma por este outro: *Nada se cria, tudo se perde!* A MATERIA ESVAI-SE! O verdadeiro estado da matéria é o do perpetuo esvaimento.

Le Bon é um filosofo popular da fisica. Sistematisou as bases da Nova Fisica. Tese: É da energia intra-atômica, liberada pela desmaterialização da matéria, que deriva a maior parte das forças do universo.

A materia não é indestrutivel, dissocia-se e o produto da dissociação aparece sob formas diferentes das formas características da materia. Os corpos emitem particulas animadas duma prodigiosa velocidade, capazes de tornar o ar condutor da eletricidade, de atravessar obstaculos, de ser desviadas por um campo magnetico. Os atomos desagregam-se, passam por uma serie de fases — eletrons, ions, raios catodicos, raios X, raios Y, raios alfa. Estes raios atravessam placas de aço e vão impressionar chapas fotograficas. Mais: atravessam placas de ebonite, e, retidos num acido, deixam nele residuos da mesma composição quimica do corpo que os emittiu. Atravessam fases sucessivas, cada qual menos material, até que se esvaem em eter *insaisissable!* Uma perfeita desmaterialização, cujos produtos constituem substancias intermedias entre o ponderavel e o imponderavel — os dois mundos que a ciencia até aqui separava.

A materia não é inerte (revogação do principio fundamental da inercia!...), não restitue somente, como se pensava, a energia recebida de fora, mas é um colossal reservatorio de energia — da tal energia intra-atômica — que ela despende sem o concurso de uma força estranha. Esta energia é a causa de todas as forças do universo, da eletricidade, do calor do Sol, etc. Força e materia são duas formas diferentes duma só coisa.

A materia representa uma forma estavel da energia intra-atômica. A lei da evolução dos seres vivos é igualmente applicavel aos corpos simples; as especies quimicas, da mesma forma que as especies vivas, não são invariaveis. Do eter vem a materia e para ele vai. O dualismo das filosofias deixa de ter fundamento. A

materia é uma fase do eter — e que é o eter? O eter é o nada! Compõe-se de atomos o eter? Não, porque o atomo é a ultima particula de materia concebivel, materia-materia. Quando o atomo se desagrega, como no radium, ele ainda é materia, isto é, forma estavel do eter; mas por um desdobramento infinito passa de estavel a instavel, isto é, a eter. Mal comparando, a materia está para os atomos como a nebulosa de Kant e Laplace está para os astros de hoje. *En tant* que nebulosa, temos materia — *en tant* que projetados no espaço, temos o eter. E a coisa vai por ai além...

Parece um sonho metafisico — e é fisico! Fisica experimental! Ha aparelhos que provam essa aparente poesia scientifica. Mandei buscar em França o ultimo livro do Le Bon — *Evolução da Força*, e aí o terás tambem.

Escrevi *ars brevis vita longa* por engano, está claro que não houve outra intenção. O "Garel" entre parentesis foi para o latim, não para a ideia, porque sempre ressalvo a grafia dos meus latins. O que me contas do *Filho Prodigio* é um grande elogio ao livro. As lagrimas de D. Bar valem mais que um ditirambo.

Estranhei tua carta. Está de quem acha que *deve* escrever, mas *não está* com vontade, nem tem o que dizer. Nunca procedas assim. Escrever e comer, só quando ha appetite.

Ando para te passar um pito. Você grudou-se num certo numero de autores, conviveu demais com eles — Zola, Flaubert, Goncourt — e estranha todos os que deles se diferenciam. Isso é estreiteza. Nada de habitos, meu caro. Habito é preguiça. Coisa para velhos e es-

tropiados. Um homem vivo deve ser como o mar, sempre em movimento. O velho é o lago — manso lago azul, essa besteira.

O peor habito teu é o Flaubert. E' preciso que duvides de Flaubert — e pelas tuas cartas vejo que é o unico homem no mundo de quem nem sonhas de duvidar. O duvidar dos deuses e de Deus é o principio da sabedoria. No dia em que começares a duvidar de Flaubert, cresces 20 covados.

A mim Flaubert me enfada: admiro-o, sim, mas como admiro a piramide de Queops ou a Esfinge. E encontrei em Gouncort uma opinião sobre Flaubert que tambem discrepa da tua — 1.º vol. do *Journal*. Flaubert me dá ideia dum pedreiro, dum carapina literario — dum sujeito que *faz* livros, em vez de explui-los, exsudalos, defeca-los. Felizmente a tua admiração futura por Anatole está se incubando na persistencia da impressão indefinida que ele te causou. *Anatole tuera Flaubert*. O *Le Lys Rouge* é o livro de Anatole que menos o dá a conhecer. Uma exceção na sua obra de ironia social.

Por que não afundas em Anatole, Rangel? Sabe que isso já está me revoltando — essa demora em entrares no bom porto? Para começo da catequese prescrevo *Crainquebille*, *Putois*, *Histoire Comique* (onde o comico é um ator; aqui em Areias os velhos ainda usam a palavra "comico" por "ator"), *L'Orme du Mail*, *La Rotisserie de la Reine Pedauque* e o *Abbé Coignard* — a filosofia mais alta que o homem produziu até hoje — um encanto de dialogos. Com estas leituras você sarrá da flaubertite cronica — essa gota militar adquirida no Minarete.

Outro revoltante defeito que noto em você é a falta de ambição monetaria — formula vulgar do que Nietzsche assinala como a qualidade mestra dos fortes, a vontade de poder, a vontade de predomínio. Ha muito pobre cuja ambição de enriquecer já é uma inapreciavel riqueza. Eu, por exemplo. Sou um misero promotor de 300\$ por mês, mas meço as minhas ambições por alqueires. Bati nesse ponto ao proprio Rockefeller. Como é bom desejar ardentemente! Ambicionar! Já te esqueceu aquele pedaço do *Queijo de Minas* em que pregavas o desejo? Por que desesperar de fazer o que o Candido anda a fazer — viajar? conhecer os velhos mundos? Não sei como tens coragem de falar em apolices, em 100 mil réis mensais e outros desanimos. Varre com as ideias mediocres, homem e *deseja!* Aquela ideia do provisorio é um grande bem. Só progridem os homens do provisorio — os que repelem o definitivo. Viver não é sentir, parar, estacionar, deitar — é andar.

Meus agradecimentos a dona Barbara pela lagrima que derramou pela infeliz Tora. (*)

Areias... 1907

Rangel:

O que propões é simplesmente fazer a dois o que ha muito fazes sozinho; mas em má porta bates, amigo, porque o Lobato já desistiu de imortalizar o Helio Bruma, já desertou a falange beletrista — morreu antes

(*) Heroína do *Filho Prodigio*.

de ter nascido. Isso não quer dizer que não aceite a proposta, mas o faz a frio, sem “sentir crepitar na alma o precioso fogo dos grandes entusiasmos e das grandes fés”. Você, sim, não tem o direito de arrefecer, já que sente o fogo nas tripas e em grau criador. O volume de contos o prova. Ha-os lá admiráveis, maupassanescos — embora a forma de todos, sem exceção, seja réles. E porisso mesmo mais os admiro, porque estão nus do encanto da forma bem trabalhada e perfeita. Borrões, vê-se — mas deles vou assinalar o que me parece defeito de observação e forma.

A historia do cachorrinho sugere-me coisa semelhante de Maeterlinck. O final de *Ultimas Disposições* está ótimo; o “Eram as nías companhias”, da historia da velha e do menino (final), provocou-me grandes invejas; o *Destacamento*, o *Corvo Manso*, todos onde a vida está berrando em letra de forma, ótimos! Quanto ás paginas fotograficas, por que perder tempo com isso? Ha-as nos Goncourts inumeras, que o leitor pula, e faz muito bem, porque cenario com pretensão a *premier rôle* não é bem arte. E duvidando do meu senso critico passei os teus contos ao Julio (o meu Eugenio daqui), o qual gostou tanto que, havendo lido os marcados com cruz e entregue o caderno, voltou hoje para busca-lo “afim de ler o resto” — com saudades já do *modus faciendi* rangelesco.

No teu caso eu me dedicaria exclusivamente ao conto e me ia aperfeiçoando sempre; e muito naturalmente viria mais tarde o romance, sem forçar o temperamento — como veio ao Maupassant e ao Eça. O romance é um conto de 300 paginas e mais engalhado — e só

ergue 100 quilos de peso quem durante anos se treinou em suspender halteres de 10. Que pressa a tua em saltar para o romance? Dizes que desanimaste no n.º 4. Põe-no de parte, homem, e apegate aos 10 quilos. E lança ao publico um livro de contos o ano que vem. O maior estímulo para fazer um segundo filho é já ter bem lepidos o primogenito.

Li esta semana o primeiro romance do Malheiro Dias, *A Mulata*, um livro horrível, pesadelo enojante. Não ha claros ali, tudo escuro — e toda arte é um claro-escuro. Nem um só personagem bom, decente, que escove os dentes — só crapulas. Não ha cantinho de luz. Dá a sensação de bordel de janelas pregadas, onde tudo são mofo e fedores suspeitos. Ao terminar a leitura, o leitor corre á janela para ver se ainda ha ceu no mundo, e ar — morto de saudades desses dois preciosos elementos que o autor esqueceu de botar no livro. E veja os seus ultimos romances, que diferenção!

Outro que me anda enchendo as medidas é a Julia Lopes — uma extraordinaria mulher. Contos maravilhosos, unicos em nossa literatura. Conhece-os?

O meu conto gorou — não tenho animo de tentalo: a desordem nos *ménages* á passagem, num lugarejo como este aqui ou esse aí, duma estrela de “escavali-nhos” — mulher cujas pernas dentro do *maillot* se preluzem admiraveis e que “ama” bem. Está no casulo. Eu sou uma arvore cheia de casulos pendurados, uns secos, outros em desenvolvimento, outros gorados, outros abertos e já vasia da borboleta. Mas quasi sempre dos mais belos casulos saem as mais feias borboletas. Dum casulo verde, todo estriado de ouro, bellissimo, saiu uma

negra mariposa, lerda, mole, incapaz de vôo. De maneira que me falta a coragem para provocar a eclosão dos demais casulos. Medo de mais mariposas pretas. Contento-me com as crisalidas e dou asas á imaginação para que ela idealize o maravilhoso irisado das asas que *podem* estar lá dentro.

Estranhei o teu programa. Pois não é o que ha anos, com breves interrupções, andamos nós dois fazendo? Anota-o para mais tarde. Os botanicos agem com um sistema otimo para os romancistas. Herborizam e classificam — isso antes, *preliminarmente*. Ponha o Fernandes no teu herbario; depois decalque-o.

Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerencia, que instabilidade — no papel, na tinta, na letra, nas ideias... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o metodo de Purezinha? Talvez, talvez. Tive, Rangel, com a leitura de tais cartas, a sensação de que somos como uma roseira — que, sempre a mesma do nascedouro á morte, varia sempre, varia incessantemente, e nunca dá duas rosas iguais. Embora identicas na essencia, as ideias que temos hoje não se mostram amanhã taisquaisinhas na forma. Falas em teu horror ao passado, mas que é o passado senão *toda a nossa vida*? Tens 25 anos; (*) isso quer dizer que és 25 anos de passado, um decimo milésimo de segundo de presente e um negror de futuro adiante. E não amas ao passado?

* Rangel protestou. Tinha 22 anos, era de 1884.

Vou logo a S. Paulo e lá poderei comprar os livros que queres. As tuas observações sobre a reforma ortografica são simplesmente ineptas. Onde descobriste eliminação do “p”, “t”, nos grupos “pt” “tn”? O que houve foi coisa diversa, foi a simples supressão dessas letras quando mudas, isto é, quando inuteis, como em “escripta”, “Ignacio”. “Inepto” sempre conservará o “p” porque o “p” sôa (sem trocadilho). Lê no *Minarete* um artigo de Helio sobre o assunto — a coisa unica sensata até agora publicada.

Adeus. Parabens a D. Barbara pelo bom comportamento do figado. Lá diz o ditado que o “bom figado á casa paterna torna.” Escreve-me. Recebo tuas cartas cheio de alegria.

HELIO

S. Paulo, 9,8,1907

Rangel:

Acabo de receber a tua de... (sem data), na qual pedes que date as minhas; e recebi-a na Pauliceia, onde estou desde o começo do mês, com tenção de ficar até o fim. Estive com toda a cainçalha, menos Tito e Beccari. Ricardo parte para a Italia a 14 e despede-se da vida paulistana, sempre rodeado duma caterva reverente. Raul anda num roupão côr de estopa e calças boca de sino; paletó até os joelhos e chapéu espanhol. O Indalecio produziu essa caricatura que vai. Divina, hein? O Raul velho! Devolva-a. Pertence ao meu museu de curiosidades.

Vi o Nogueira mas não lhe vi as ideias. E também o Lino, o Pinheiro todo brumeliano, o Sampaio Freire, etc. Informei-os de tuas atividades. Insisto sobretudo no teu grego. Lecionas grego e lês Aristofanes no original. Se não é verdade, caluda! Nunca me desmintas, porque é *ad maiorem Dei gloriam*. Fiz tremenda propaganda dos teus ultimos trabalhos, mormente os contos. Pus-te na cabeça deles como um semideus.

E quanto aos contos, tenho ainda a te dizer que achei excelentes as historias das crianças, e a das bonecas, e a do esconjuro — todas merecedoras de publicada, como diria o Nogueira. O que achas dos autores com os quais travamos conhecimento é o que se dá com as amizades pessoais. Quando topamos um amigo novo e com ele nos abrimos, não abrimos coisa nenhuma — tudo é reserva e vaga hostilidade. Só depois, quando o convívio desfaz esse velho sentimento do *hospes hostes*, é que começamos a conhecer o prazer da amizade. Por que tanto nos encantamos com Daudet? Porque é o nosso amigo literario mais velho — précenacular ainda.

Ando com um projeto magnifico que depois exporei: um romance admiravel de simplicidade e emoção. E não vai sair de nenhum dos meus casulos. Rebentou repentinamente em meu cerebro, já feito e completo. Estou sem tempo de mais. — Adeus.

LOBATO

Areias, 31,8,1907

Meu caro Rangel:

Em Areias — cheguei ontem — reenceto a velha prosa, mas faço-o enervado por um livro de genio, o

Crime e Castigo de Dostoiewsky. Que coisa grande e informe é a literatura russa!... Dum livro francês sai-se como dum salão galante onde todos fazem filosofia amavel e se chocam adulterios. Dum livro inglês sai-se como dum garden-party onde ha misses vestidas de branco, zero peito e olhos de volubilis da bem azul. Dum livro alemão (alemão moderno, porque nos grandes antigos não é assim) sai-se contente — o inconciente contentamento do latino vicioso — contente com a brutal paspalhice do tenente Müller, com a arrogancia do feld-marechal von Bock, com a suficiencia feliz do Comandante Blatendorff, com o inapreensivel chiste das graçolas do major Frechutsbergen, com a inenarravel inocencia do anspeçada Kurtgraff — contente com o sorriso das gretchens coradas, de touca e carrinho nos jardins cheios de soldados em folga, contente com a dona de casa que faz bolos côr de chocolate; contente com as meninas em idade de namoro que discutem pontos de higiene e comem salsichas com mostarda. Do alto da sua ultra requintada corrupção de raça faisandée o latino sorri contente de todas as manifestações alemãs, sempre higienicas, cientificas, gordurosas. Mas sair dum livro russo é sair dum pesadelo!

Não mais impressão ceptica ou finamente agradável, nem higienicamente cientifica — mas a formidavel impressão de quem põe o dedo na maquina infernal do Futuro. É tudo muito grande, desconforme, assimetrico, brontossaurico... Amedronta, esmaga. Exorbita do quadro comum das nossas concepçõesinhas caseiras de latinos.

Uma simples prisão na Rússia é a Sibéria. Uma simples menina é Sonia Perowskaia, é Annouchka. Um Ricardo Gonçalves lá é nihilista e já explodiu um tzar. Um general de brigada, um simples general de brigada, é Tropoff. Um chefe de estado, essa coisa tão simples, é o Tzar onipotente. Uma estação do ano, uma simples estação do ano, é o inverno de 1813, com os 600 mil homens de Napoleão congelados. Um simples prefeito é Rostopchine — e põe fogo em Moscou. Um padre, um simples padre Gazineu, é o pope Gapone. Um campo-nês, um simples “caboclo da roça”, é um mujik com cincoenta mil piolhos na barba — e que piolhos! Um soldado, um simples soldado como os do destacamento de Areias, é um cossaco do Don — huno! Um crêdo, qualquer coisa como a religião que o Nogueira queria fundar no Braz, é o Nihilismo — e dinamita o Tzar Alexandre! Um motim de rua, um “fécha” popular, é o massacre da perspectiva de Newsky!...

A França é um velho jardim classico. A Inglaterra é um gramado lindo. A Alemanha é uma horta científica, adubada com pós quimicos, bostas sinteticas, urinas duma Werke. A Rússia é a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro — os futuros valores, os futuros pensamentos, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso. Creio que é um dos livros de Turguenef que termina falando simbolicamente na *terra negra*... É isso. A Rússia é a Terra Negra da Humanidade.

Não te posso dizer nada sobre *Crime e Castigo* porque não ha falar de coisas grandes com meios pequenos — com estas pulgas gloticas que são as “palavras em

língua portuguesa”, esse produtinho lá de Portugal, onde também fazem tamancos e palitos. A nossa análise está aparelhada com medidas francesas, decimais — um sistemazinho decimal de ideias. Não pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas, eu sinto isto e aquilo — sentimentos analisáveis e classificáveis. Quando leio os russos, eu pressinto. *Guerra e Paz!*... *Crime e Castigo!* — *Casa dos Mortos!* — Gorki — Gogol — Turguenef — todos...

Passei agosto em S. Paulo e não digo fazendo o que porque não me compreenderias. Nós só nos compreendemos (ou fingimos compreensão) quando, *bras dessous*, *bras dessus*, passeamos pelas aleias calmas do si-baritismo literário. Fora daí somos um para o outro a charada viva que um homem é sempre para outro homem. Nada te digo, pois, deste meu agosto d'aqui. Mas conto que o Ricardo lá se foi correr longes terras. Italia! Houve um botafora tremendo. As cabeças esquentaram-se no bar do navio e veio o “fecha”. Quasi tiro. Quasi faca. Mas só correu cerveja e whiskey. Não estive lá. Contaram-me.

Quanta coisa noval! Coisas ótimas do Beccari. Mas não cabem aqui. O papel chegou ao fim.

LOBATO

Areias, 22,9,1907

Rangel:

De um ano para cá tenho acompanhado o movimento literário da França de hoje e me parece que não

decai do anterior — tão nosso conhecido, com Zola, Daudet, Goncourt, Flaubert; e hoje te mando um volume do Tristan Bernard, pequena obra prima de psicologia espirituosa, com muitas semelhanças com teu estilo e alguns personagens evidentemente furtados dos teus borrões. Nascido em França, seria o proprio Tristan Bernard. Lê e julga.

Dos autores que venho lendo e acho que posso recomendar, tenho como o mais paradoxalmente fino o requintadissimo Marcel Prévost, nas *Lettres de Femmes* (3 vols.), *Lettres à Françoise*, *Jardin Secret*, etc. Abel Hermant ironiza com muita superioridade em *Les Transatlantiques* (americanos em Paris), em *Confession d'un Homme d'Aujourd'hui*, em *La Carrière* (costumes da diplomacia) — são os que tenho aqui. E Anatole? Esse você sabe. Abafa tudo. Ha Paul Hervieu e Henri Lavedan na comedia. Henri Bernstein é um Shakespeare *up to date*. *La Raffale*, *Le Bercail*. Todo *coup de foudres*. Maurice Barrès, límpido como um cristal. Léon Frapié. Pierre Weber. Na poesia graúda, Verhaeren — o homem que associou ao polvo as grandes cidades. Quando alguém pronunciar perto de você esse horrivel nome, boceje esfaziado e mumure “Cidades Tentaculares” — e haverá arregalamento de olho. Nunca deixes de associar tentaculos ao nome de Verhaeren, porque desmoraliza.

Informa-me com segurança de que sabes do *Livro da Jungle* pertencente ao Albino, que o reclama a berros. Anda aí?

LOBATO

Areias, 3,10,1907

R.

Tua carta trouxe-me uma suspeita horrível. Teria ele mexido no pacote? Que imprudencia a minha! Esqueci-me de que a correspondencia daqui dá volta por S. Paulo. Mas será dele a letra do — “porque contém carta?” Fico sem saber o que pensar.

Tua ideia é absurda. Todas as tuas ideias são absurdas. Só tens ideias absurdas. O tal projeto nem se comenta, e duvido sequer que tentes realiza-lo. É tão absurdo como essa vida que levas, explorado pelo Fernandes, a te esfalfares no ensinar meninos. A profissão do pedagogo é coisa para analfabetos. Um homem de algum valor só deve ensinar a si proprio — o mais é perder tempo e burrificar aos outros e a si mesmo.

O que tens a fazer é arranjar uma promotoria aqui em S. Paulo, na Terra Roxa. Enriqueces num apice. O meu antecessor cá na promotoria de Areias nunca foi outra coisa senão isso — e já tem 70 contos honestamente ganhos e bem empatados.

Tenho lido uns versos maravilhosos do Sampaio Freire, aquele grandalhão e caladão. Veja esse soneto que mando. Só em Bilac e Alberto encontrarás dois tercetos assim.

Tu aturas o Torres Bernardo! Dispara com ele, homem, mete-o num conto. Meu sistema é esse: empalho meus odios. Manda-me uma carta desse desastado. Sabes que o conheço? Pessoalmente não, mas através duma prima que em Caldas se apaixonou por ele ou viceversa. Um homem que provoca paixão em

minha prima ou por ela se apaixona, deve ser intellectualmente menos que tipo 9 — quasi “escolha”. A prima dizia “Adoro-lhe o talento”. Quando certas mulheres descobrem talento num freguês, o caso é dos irrecorríveis.

LOBATO

Areias, 18,11,1907

Rangel:

Finalmente desembuchaste. Tua derrota estava prevista. O boletim postal telegrafico mentia como um boletim de Napoleão. A tua vitoria reduz-se a uma batalha de Leipzig. Qual, Rangel, não poderás nunca enfrentar o Fernandes. Ele conhece os homens e a vida, e tu só conheces os livros. E isso é de tremenda importancia, porque o Fernandes não é um — é toda uma classe, é a classe detentora da Força, do Poder, da Riqueza. É o *Vincitore*, a Mão que Distribue, a Vontade que Manda, o eterno Senhor que em Roma tinha escravos nubios, na Europa feudal tinha servos da gleba, no Brasil monarquia tinha negro do eito e hoje, aqui e em toda parte, tem Rangeis...

Rangel, Rangel: é preciso que te bandeies para o lado em que esse Fernandes está, isto é, para a Boleial. A vida é um carro; dentro vão os cultores do *dolce far niente* da riqueza ou do diletantismo, o que herdou e consagra toda a atividade á Arte de Bem Comer os Juros; ou os contemplativos, os vagabundos mentais, os artistas. Na boleia vão os que nasceram com a sêde e vocação do mando, os *meneurs*, os gritadores, os meri-

dionais, os voluntariosos. E na canga vai a turba inumeravel dos que puxam o carro, suam, gemem e levam rebenque. É preciso que te encoscores de audacia e venças o Fernandes — agora, na forma atual fernandesca que ele tem; e que o venças mais tarde, sob todas as formas diversas sob as quais Fernandes, o irredutivel e eterno, se apresente diante de ti. Assim pularás para dentro do carro.

Vencer é sempre bom, mesmo que a vitoria seja uma porcaria. Ontem gosei as delicias duma vitoria, numa causa que me veio logo depois que estiveste aqui e que era acompanhada com grande interesse por toda a população — porque aqui o negocio de um é negocio de todos. Esmaguei literalmente a pretensão do Autor, cujo advogado é o C. Uma delicia.

Caso-me a 1.º de janeiro, passo esse mês em Taubaté, Santos ou Rio e depois sigo com a Promotora para a promotoria que for minha, pois acho que vou ser promovido.

O Capistrano é um tipo que merece o banho de fixagem da tua arte de contar. Espero ve-lo breve no *Minarete*.

Pelos progressos no vestir — que é o estilo do corpo — parabens. Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, especie de Silvio Romero. Tanta ideia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavado na maneira de expressar-se faz que todos o evitem.

Faço progressos no inglês. Li todo um livrão — 600 paginas: Robertson, *Discovery and Conquest of America*. Hernan Cortés é um soberbo tipo de bandido!

Mudei-me de casa e de pensão, farto e refarto das amabilidades de Ismael o Comercial. Estou sozinho num casarão com dez janelas para a rua. Sozinho, eu e os ratos do forro. Ninguém aqui me faz amabilidades — oh delicias!

LOBATO

Areias, 7,12,1907

Rangel:

Li dum trago o teu N.º 5. O maior elogio que se pode fazer a um romance é esse. Embora com as falhas naturais dum borrão, os tipos parecem-me estupendamente observados e vivos. A sujeira da Clara anteposta á idealização angelical em que a vê Licínio está ótima. O tipo de Noemia, uma joia — pena que se demore tão pouco no palco. O episodio de Rufina e o de Sinh'Anão, otimos, estupendos! A cena da macho-femea passando pela casa do doutor quando Licínio conversa com a velha, está de "não mexer mais ali". A mulatinha safada é tipo de ficar, caso publiques esse capitulo de romance. Eu o considero a primeira parte dum romance de tres. As 80 e tantas folhas manuscritas darão as 100 primeiras paginas dum Eugene Fasquelle de 350, capa amarela. Maravilhosamente apanha você a vida de provincia e poderá, se não parar no caminho, tornar-se o Balzac da vida mineira — que ha de ser a mesma vida do país todo. Acho que em vez do n.º 6 você deve escrever a 2.ª parte do n.º 5. E depois, a 3.ª. Dá um

romance mais retratante do que somos do que nenhum outro.

Ha, não resta duvida, tipos demais, filhos demais na familia do doutor. Licinio está desigual. No começo da historia era um; do meio para o fim foi variando e virando você — esse você que você julga ser. A dona Rita, a velha apenas tolerada que ninguem atende! Mas é isso mesmo!

Eu lia o *Dorian Gray* do Oscar Wilde quando me chegou o teu romance. Wilde devia ter a tua idade quando escreveu aquilo — o seu unico romance. Vê-se que é o primeiro. Tem todos os belos defeitos — defeitos de excesso — duma estreia. Comparei-o com o teu. Radicalmente diversos; não opostos, mas polares, e enchi-me da mais solida confiança no teu futuro. Da sementeira do Cenaculo és a unica semente que vai dar coisa.

LOBATO

1908

S. Paulo, 8,1,1908

Rangel:

Os sorteados vão preencher o quadro do exercito que é de 20.000 e só tem hoje 15.000. De maneira que o país inteiro só terá de fornecer um contingente de 5.000 por ano; e como nos 25 milhões que somos metade é macho e desta metade só uns 3 milhões são sorteaveis (caso todos sejam alistados), resulta que só será sorteado 1/6%, se não me engana a aritmetica. Como vês, ha muito poucas possibilidades de termos de pegar no pau-furado por determinação da Sorte. A tua ideia do voluntariado é ótima e estou pronto para adota-la — com a condição de fazermos o serviço juntos.

Que ótimo se pudessemos nos engajar um ano como marinheiro, outro como soldado, outro como garçon de café, outro como cocheiro de tilburi — e assim vivermos nesses pitorescos e variados ambientes, vendo novas facetas da vida, em vez de nos estiolarmos com a fixidez num ponto da terra toda a vida, existindo mais que vivendo. Haverá nada mais sem sabor, mais agua — incolor, inodora, insípida — que a nossa vida atual, a minha aqui, a tua aí, especie de duas ostras gravitantes, você em redor do eterno Zé Fernandes, eu aqui com o meu sistemazinho planetario? Infelizmente o matrimonio é tambem coisa que não sabiamos: ancora! Peunos a nós ambos a locomoção.

Escreveu-te a Julia Lopes? Isso é serio. Quero ver. Arre, que não estou sozinho no trombeteamento do teu valor!

Nogueira vai mas é dar um marido otimo, aqui-perfeito, incapaz do menor arranhão no codigo marital. Cão que late não comete adulterio. Nunca acredite nas coisas que o papel recebe quando é uma attitude que empunha a pena. Nogueira se julga um Gilles de Rais, um marquês de Sade — mas é tão inocente como bala de goma. Como tambem nós dois, Rangel. Somos dois inofensivos. Somos todos inofensivos no Cenaculo. Não conseguimos nem ao menos matar o Macuco.

Estou lendo *Dom Casmurro*. Já notaste como o Machado do *Esau e Jacob*, pelo fato de muito requintar o seu *modus*, prejudicou a obra e obscureceu-a? Machado de Assis tem tres fases: uma romantica (*Helena*, *Yayá Garcia*, etc.), insignificante como o que mais o seja — ilegivel; outra a fase do *optimum* absoluto, onde surge a sua maneira famosa — *Braz Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas*. E outra, a ultima, começada com *Esau e Jacob*, em que sua maneira passa além do *optimum* e entra a degenerar.

Ando a ler uns livros do Pinheiro, que os tem otimos e sempre bem encadernados. Ha lá poetas de topete — Verlaine, Baudelaire, Gautier, Eugenio de Castro. Ele afirmou-me que os lê — de vez em quando. Este “de vez em quando” veio em consequencia dum esboço de ~~cara~~ de duvida que sem querer eu fiz.

LOBATO

Areias, 3,2,908

Rangel:

É provavel que já me tenhas incluído entre os amigos de cruzinha na frente, e me suponhas lá pelo Lethes a disputar com Caronte. Erro. Estou mas é em Areias e a ler Homero. Só agora, neste interregno de 50 dias que me separam do casamento, e reentrado nesta calmaria absoluta de Areias, é que tive oportunidade e *mood* de enfrentar o incomparavel Homero — e lavo a alma das feias impressões do mundo moderno com este desfile sem fim de criaturas “belas como os deuses imortais”.

Que diferença de mundos! Na Grecia, a beleza; aqui, a disformidade. Aquiles lá; Quasimodo aqui. Esteticamente, que desastre foi o cristianismo com a sua insistente cultura do feio!

.....

A razão do meu silencio está no meu andejismo. Em janeiro fiz mais de 3 mil quilometros de trem, cavalo e navio. Andei mais que Telemaco e se não encontrei Ulisses foi apenas porque o não procurei. O melhor desses passeios foi uma saída fora da barra a bordo do “Saturno”, no dia da partida da esquadra americana. Primeiro vimo-la sair, do “Saturno” parado perto da fortaleza de Vilegaignon; depois fomos atrás por umas trinta milhas. Tivemos mar calmo, mar grosso, ventania e chuva — uma bela exhibição de amostras.

E o “avança” que houve a bordo, na hora do lanche? Coisa inconcebivel. Toda aquela gente fôra convidada,

e claro que era o que se chama aqui “gente fina”. Na hora de comer comportaram-se como cães famintos que se atiram contra um montão de bofes. O carioca ri-se e diz: “É o avança”... Isso de educação coletiva, só a vejo na pobre gente da roça. Na “gente fina” do Rio de Janeiro não existe nenhuma...

Sabe de alguma tradução de Homero em português? Leio na de Lecomte.

LOBATO

Areias, 25,2,1908

Rangel:

Chegou-me o Restif de la Bretonne com um bilhetinho. Pouco tempo antes, no cartorio do Julio, do qual havia eu recebido uns Maupassants, passamos muito naturalmente de Maupassant para o Rangel. E recordamos *O Destacamento*. Mas leio o bilhete e lá vejo o desanimo e outras atitudes. Estás proibido de te julgares. És suspeito. Isso compete a nós de fora. Toca a escrever e amontoar.

Este mês de fevereiro foi o meu mês de Homero. Li a *Iliada* e a *Odisseia*. Estou recheado de formas gregas, bebedo de beleza apolinea. Maravilhoso cinema, Homero! Gostei muito mais da *Odisseia*. A *Iliada* peca pelo inevitavel monotono do tema — a guerra, ou, antes, o combate. De começo a fim, gregos e troianos a morrerem como insetos, enquanto lá no Olimpo os divinos pandegos puxam os cordeis e intrigam. Diomedes, Ajax, Aquiles, Heitor, Sarpedon racham crânios, estripam ventres, fendem ombros, deceparam cabeças,

amolgam capacetes, rompem escudos, tomados duma horrivel bebedeira de sangue. Aquiles é uma beleza. Páris, outra, mas de outro genero. Já na *Odisseia* o assunto é caleidoscopico e sempre empolgante. Lê-se tudo aquilo como um romance de Maupassant. Penelope é otima. Ulisses, um divino pirata. A descida aos “campos de asfodelos”, deixa ver a origem da *Divina Comedia*.

Finda a leitura, pus-me a pensar no quanto Homero influenciou e influencia ainda hoje o pensamento occidental. Na linguagem corrente, quanto Homero, meu Deus! “Fulano é o meu mentor”, “o teu calcanhar de Aquiles”, “astuto como Ulisses”, a “teia de Penelope”, os “encantamentos de Circe”, “entre Sila e Caribdes”.

Estou agora ás voltas com a *Eneida* — mas, pelo que já li, Virgilio está para Homero como o jornalista está para o escritor.

Pelo Carnaval vou a S. Paulo com 3 meses de licença. A 28 me caso. Depois, não sei para onde — talvez Santos, S. Vicente, um mar qualquer, e de lá te escreverei.

Alternei aquarelas com Homero — e aqui seguem duas.

Adeus.

LOBATO

S. Paulo, 10,4,1908

Rangel:

A causa do prolongado silencio é outra que não a suposta. Casei-me a 28, e os dias anteriores ao casamento passei-os aqui em S. Paulo, atrapalhado com as mil coisas concernentes; e depois de casado fui luademelar á beira do oceano, em Santos, Zé Menino. Mas lá, um belo dia, ás 3 da tarde, quando tomavamos banho e brincavamos nas ondas como dois peixes nupciais, eis que pisamos num molusco venenosissimo. Senti aquela moleza. Logo depois sobreveiu um queimor na pele da sola; e veio uma comichão continua e por fim rebentou a infecção — purulenta e dolorosa. E isso em nossos quatro pés — os dois meus e os dois de Purezinha.

Tocamos para S. Paulo e fomos para a cama. Um mês de medicinas e de pés em posição horizontal, incapazes de um passo, os dois a gemerem e maldizerem o mar com todos os seus moluscos. Só agora reentramos na posse do nosso direito natural de locomoção, se bem que ainda apoiados em bengalas e tropegamente.

Esse inesperado incidente insulou-me do mundo, desviando-me a atenção dos amigos para fixa-la toda nas bolhas de pús dos pés, que nasciam, cresciam e por fim expluiam — com descascamento da pele. E das coisas que eu mais sentia era não poder escrever-te.

Por que? Porque para o Lobato você continua sendo o Rangel de sempre, especie de sosia morador em Minas, unico ouvido que hoje o ouve e unico cerebro que o atura. Porque somos como dois desertores da

caravana da vida — dois desertores que abandonaram a estrada larga de Todo Mundo, pela qual seguem os homens taralhando como baitacas, e preferiram seguir por um carreirinho marginal, gosando a delicia de pensar livremente e livremente contar um ao outro o que de melhor os miolos pensaram. Que seremos nós daqui dez anos? Os mesmos de hoje, apenas mais acrescentados com os sedimentos da vida. Somos uma aluvião, Rangel. Uma coluna geologica. Dez, vinte anos — que é isso? Nada. Ha quantos anos somos os mesmos, apenas com mais depositos aluviais? A nossa essencia não muda. Fingimo-nos mudados, mas um exame de consciencia mostra-nos a imutabilidade essencial.

As estações do ano! Cái uma folha, nasce outra. Isso chama-se o perpassar do tempo. Somos como as manchas da pele, as sardas, as pintas; as celulas que as compõem sucedem-se indefinidamente; não temos hoje em nossas pintas uma só celula que lá estivesse alguns anos atrás — mas a pinta continua a mesma. Somos os mesmos. Nem o casamento, que parece um cataclisma geologico, teve força para nos mudar.

Nos dias de reclusão forçada li e reli *A Reliquia*. Que livro! E Fialho d'Almeida (*Lisboa Galante, País das Uvas*). Que charanga! Li tambem alguma coisa de Heine. Que liberdade! Não atende a nada, não tem escola, nem metodo, nem freio nenhum. Liberrimo e lindo. *Atta Troll, Germania, Mar do Norte*. Vou traduzir uns pedaços. E o *Intermezzo*? O *Livro de Lazarro*? É atico, fino, sutil, novo, original, *primesaut* — mais grego que francês, mais francês que alemão.

Tambem reli a *Campanha Alegre*, parte do Eça nas *Farpas*. É pura troça — mas que troça, que logica tão bem humorada!

Hoje vou ao Alves ver se me vieram os Stendhais. Já te falei de Stendhal? Hei de passa-los a você, depois de lidos. É outro liberrimo, que não atende a coisa nenhuma solidificada em dogmas.

E assim, meu Rangel, vou empurrando a vida, alternando as calmas da vida conjugal com calmas exaltações esteticas. A minha metade encanta-me cada vez mais. É inteligentissima e de tal finura de intuição que ao lado dela minha psiquica se torna pesada como um alemão gordo. Acho que sou perfeitamente feliz porque acertei com a metade certa. Tão felizes que vamos para Areias — aquele horror nos é indifferente.

E você? Ponha-me ao par das novas tiranias do tiranico Zé Fernandes, (*) manda-me mais “numeros” e bota fora essas ideias absurdas de nirvanismo. Nunca nos aproximamos tanto como agora — agora que o meu casamento veio apagar a nossa unica diferença de vida.

Até fim deste, aqui, rua Santo Amaro 18; de junho em diante, Areias, com escala pelo Rio a ver a Exposição Nacional (o que tambem te aconselho. Podemos ir juntos, os dois casais. Uma semana lá, num hotel a 5\$000 por cabeça. Quatro cabeças, 20\$000.)

Adeus.

LOBATO

* Diretor do ginasio em que Rangel lecionava.

S. Paulo, 10,7,908

Rangel:

Ha morte em casa. Aproveito para esta cartinha o vacuo que vai do ultimo suspiro ao enterro. Ando em atrazo contigo — mas é que o tempo encurtou-se-me depois que casei. Aquelas horas vagas que em solteiro eu empregava na boemização espiritual, já lendo, já devaneando ou escrevendo, a esposa absorve-as. Quem casa adquire sombra — e sombra é sombra. As mulheres são seres colantes e como fugir aos seus manejos? E depois não querem saber de literaturas — têm ciumes dos livros que lemos, julgam-se lesadas com a meia hora que o marido lhes rouba para cartejar com um amigo. E como são praticas e positivas as mulheres! Como se entendem lá entre si quando é caso de doença, quando ha casamento ou alguém morre! Enfermeiras natas, casamenteiras natas, lidadoras natas de defunto...

Um homem desnorteia-se com o fenomeno morte. Larga-se da realidade presente e medita, inerte. Filósofa, em vez de lavar o defunto. A mulher faz tudo; arranja o morto, veste-o. Sabe qual é a toaleta conveniente para a viagem ao Setepés. Sabe que as crianças se transformam em anjinhos e veste-as de cetim branco, com renda de filó e grinalda de flor miuda. (Eu era capaz de vesti-los de cetim violeta, sem renda nenhuma e grinalda de rosas amarelas; falta de senso do certo).

A morta da casa é uma cunhadinha — Heloisa — de 7 anos. Vi tudo. Vi a ciencia infusa feminina em ação. Não ha o que não saibam, as danadas. Sabem que se deve pôr nas faces do defunto um lenço embebido em

agua de Colonia — “para não pretejar”. Sabem que entre os labios é bom pôr um chumacinho de algodão — “porque pode subir alguma espuma”, etc. E têm toda uma filosofia pratica de grande comodidade, com a qual se consolam e consolam os outros: “Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o ceu, lá com Deus.” “Que inveja tenho dela! Quando chegar ao ceu, Deus não achará *isto* de pecado na coitadinha!” e marcam o “isto” na unha.

Tudo previsto, determinado, fixo. Enquanto o homem engasga-se com filosofias e oscila de Büchner a Pascal, elas praticam com a maior simplicidade d'alma essa filosofia da comodidade chamada Religião. Inguenuamente felizes!

Ricardo escreve da Italia uns cartões ardentes de saudades. Candido já chegou e andou por cá uns dias — todo gravatas, todo roupas inglesas e aquele ar de bondosa indulgencia rica para com os bororós. Com ele tambem chegaram uns tantos elegantes, caras conhecidas do Largo do Rosario, metidos em coletes ruídosos, mas zerissimos por dentro. Que nada faz aos espiritos pequenininhos uma viagem pelo Velho Mundo! Nada vêem do que ha lá de excelente — nem os rumos da arte, nem o estuar da ciencia, nem a sororóca da Ordem em vias de desabamento. Ha sempre uma Ordem condenada a naufragar, porque ha sempre uma Ordem Nova Que Vem Vindo. Nada disso eles pescam — mas trazem noticias do hotel X, “o unico onde se come em Paris” — e do alfaiate Z, “o unico que sabe fazer uma gola” — e da Polaire, a unica uma porção de coisas — tudo dum *dernier cri* já do tempo do Pitecantropo Erecto. O Candido, que é o Candido, insignificantiza-

se quando está com eles. Vamos ver como volta o Ricardo. Anda em Florença, e baboso.

Adeus. A choradeira está muito grande. Impedime de continuar.

LOBATO

Rangel:

Ha tempos que ando para te dizer duma leitura que me pôs esbarrondado. *Lys dans la Vallée*, de Balzac, foi romance que sempre me afugentou por causa do sentimentalismo do titulo, mas agora, em falta de titulo de maior sugestão, fui-me a ele — e dele sai como quem sai dum mundo novo. Conheces Balzac? Se não leste o *Lys* posso afirmar que não, porque é ali que Balzac assume as proporções desmarcadas dum Shakespeare do romance. A principio me soou entediante e falsa a sua maneira de tratar o assunto; mas, breve, reconsiderando e mudando o sistema de ler — lendo-o como o fanatico lê uma enciclica e não como nós lemos um romance, a voar de ideia em ideia dentro do carro do estilo — lendo e pensando, lendo devagar, lendo palavra por palavra, frase por frase, cheguei a ponto de le-lo dum modo novo: ler admirando, ler em extase, ler com espanto, ler bebendo as frases com o terror sagrado da beata que ingere a hostia. Porque Balzac — só agora o percebi — é o Grande Genio da literatura moderna. Compreendes? Balzac é o genio da alma moderna, como Shakespeare foi o genio da alma antiga. Penetrar, como Balzac o fez, no fundo do pensamento moderno, e pôr a nu todas as almas, quem mais que Balzac o fez? Meu entusias-

mo é tanto que só tenho um conselho a dar-te: Lê o *Lirio no Vale* e depois varre da tua cabeça o alfabeto, para que nunca mais nenhum livro venha profanar essa leitura suprema e ultima. Lê o *Lirio*, Rangel, e morre. Lê o *Lirio* e suicida-te, Rangel. Se não o tens aí, posso mandar-te o meu exemplar — e junto o revolver.

LOBATO

S. Paulo, 4-8-908

Rangel:

Espero “Criaturas”. Temos jornal. Tito assumiu a redação da *Tribuna* de Santos, com 700 por mês. Promete “pagar” a minha colaboração. Havemos todos de mamar na vaca. Aceito o convite para o “erckman-chatrianismo”, (*) mas para quando deixar S. Paulo e voltar ao sossego de Areias. Setembro. Ricardo chega amanhã. Adeus.

LOBATO

Areias, 28,8,908

Rangel:

Convite para uma boa maluquice. Aqui de Areias descortina-se um gigantesco amontanhamento de 3 mil metros de altitude maxima — as Agulhas Negras, azulisimas vistas de longe. Que tal galga-las para berrar lá de cima o nosso hino do Minarete,

* Erckman e Chatriam escreviam de colaboração.

Dé brin, o dé bran
Cabussaran
Dou fenestron
dou Minaron
Dedins lou Paraiba

que lá em baixo, como serpentina de prata, corre entre S. Paulo, Minas e Rio? Pois esse projeto evoluiu e está a ponto de fazer-se realidade. A expedição apresta-se. Alpenstocks e cordas, guias e burros. Galgar o nosso Everest!... Já somos sete — um geologo, um fotografo, um Paganel, um Bompard, um botanico... Faltava o cronista: indiquei você, já famoso com o *De S. Paulo ao Guarujá*.

Tudo marcado para fins de abril ou meios de maio. Os que já lá estiveram derramam-se em "ohs!" do Raul. Dizem que ha no cume lagos de agua distilada, em concavos de pedra pura — lagos com a superficie congelada, côr de prata nova. E efeitos de luz inesqueciveis. Tudo a zero e abaixo de zero — 12°. E neves eternas (só durante o mês de junho). E para nós, os sublimes estetas, imagine quantas coisas mais! Estou cheio de entusiasmos.

Resolve e escreve.

LOBATO

Areias, 15,9,1908

Rangel:

Temos velhas contas a justar. No bilhete em que declinas do cargo de cronista da Ascensão, ha isto: "Não pude ler o *Sur la Pierre Blanchet*"

Não pôde? Impossibilidade material, como olho furado? Proibição da policia? Ou não pudeste ler por inferioridade da obra, ilegibilidade do Anatole France?

Não podendo tomar o “não pude” no primeiro caso, tomei-o no segundo — e sinceramente desejei que Hercules ressuscitasse para fazer em teu cerebro o que fez nas cavaliças de Augias.

O pobre Anatole nasce com fortes aptidões filosoficas e esteticas; educa-se laboriosamente durante 50 anos de vida europeia; afinal, apura, lapida, as qualidades ingenuas de pensador e artista da expressão; consegue atingir a meta suprema — varios Everests ainda não atingidos, entre eles o de “associar ás verdades extensas da Ciencia as verdades profundas da Poesia”; escreve o *Le Lys Rouge*, onde bate Dante e Petrarca na descrição do maior amor que jamais existiu; cria um genero em que ele ainda está só, uma arte nova — a de engastar raios de ironia na gema da forma; eleva o Paradoxo á estratosfera, chega a desvendar o futuro — e ensina á França o Humor. E quando esse homem alcança o zenite e produz *Sur la Pierre Blanche*, onde, na mais cristalina das linguagens, diz todas as altas ideias que embaraçam as pernas dos Silvios Romeros — diz ideias que são como o sol de certas manhãs de maio — tu, Rangel, tu, pulgão verde da roseira literaria, tu, Silverio dos Reis, tu, queijo de Minas, dizes, com onze letras: “não pude le-lol...”

Candido escreve-me do Egito, montado num camello junto á Grande Piramide. Veja a maldade! Dar-nos em cima com tumulos de faraós! Mas o Egito dele é um cenario pintado de fotografo de Paris. Percebe-se.

Não te mando parabens pela entrada na maçonaria. (*) Não ha mais sociedades secretas porque não ha mais o que derrubar. Lembras-te da Bucha, na Academia, com todos aqueles panos pretos e caveiras, tibias e cirios? Eu ri-me sem querer. Caveiras, tibias: calcareos inofensivos! E contas que lês Manzonil... Que estomago, Rangell! Manzoni é polenta cristã demais.

Contes Drôlatiques? Sim, conheço. Balzac é grande em todos os generos — e igualmente o contrario de Flaubert em todos.

Ando vofgando em Anatole, Carlyle e Wells — este dum terrivel mecanicismo. E tambem ando fazendo alpinismo na Serra da Bocaina — aprendizagem para a nossa projetada ascensão ás Agulhas Negras.

LOBATO

Areias...

Rangel:

Não se aprende, senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando ou estudando;
Senão vendo, tratando e planejando.

Você que lá leu o Camões inteiro diga lá se ha nele coisa melhor que esta — mais sabia, mais profunda, mais “pedagogia moderna”. Reduz tudo ao *ver*, *fazer*

* Rangel não entrou na maçonaria. Foi rebate falso. Sentiu curiosidade de conhecer aquilo, mas amedrontou-se com as misteriosas reuniões noturnas.

e *insistir*. Ao ler no livro da vida, em vez de nos do papel. Ao ver com os nossos olhos, em vez de com os olhos dos outros. Ao pensar com a nossa cabeça, em vez de pensar plagiariamente.

E parece que Camões escreveu esses tres versos para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um perido para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica do escrever e educamos o nosso senso de observação — mas vivemos embolorados dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estirá o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas?

Estamos como içás que derrubam as asas e afundam no buraquinho. O destino me deu este buraquinho de Areias e a você deu o de Machado. E invejamos Loti, o homem dos mares e do Japão. E Kipling, o homem todo Indias, todo jungles, todo Himalaias, todo feras. A unica fera daqui é um pobre facadista barato. "Fulano é uma feral" diz o Julinho. E a tua fera na vida, Rangel, o teu Mugger do Mugger Ghaut, é o chapadissimo Fernandes... (*)

Somos uns pelicanos, Rangel. Vivemos a arrancar penas, carne e coisas de nós mesmos para que não morram os nossos pobres filhinhos literarios. Os artistas

(*) Mugger, o velho crocodilo do *Livro da Jângal*, de Kipling.

subjetivos que só tiram de si em vez de tirar do mundo que os rodeia, ficam introspectivos em excesso e acabam satisfazendo a um publico muito restrito: a si mesmos. Mas os artistas objetivos, os Kiplings, sugestionam e fazem estremecer de emoção grandes plateias — e o aplauso da plateia é o feijão com arroz de todos os artistas.

Casados, sem fortuna, com a coleira e a corrente do “ganhar a vida” presa ao pescoço e metidos na caixa de Hansel e Gretel, de que modo atendermos ao mandamento de Camões, do “vendo, tratando, pelejando?”

LOBATO

Areias, 1,11,908

Rangel:

Receba lá os meus pesames pela morte do João Pinheiro. Talvez nem você saiba quem foi esse João Pinheiro. Pois foi o autor das razões do veto contra a lei anti-rabula, e da carta ao chefe de policia a proposito do comparecimento da força publica nas procissões. E ha ainda dele um manifesto politico. Inteirado dessas coisas, a tua ignorancia sobre o João Pinheiro se transformará em veneração. Essas tres peças fizeram-me considera-lo o unico homem em condições de na Presidencia da Republica ser um verdadeiro republicano. Senti mais a sua morte que a do Artur Azevedo. Uma desgraça nunca vem só, diz o povo. Não bastava o desaparecimento de Machado de Assis. Foi-lhe na peugada o Artur Azevedo e agora o João Pinheiro.

Será possível morrerem quasi ao mesmo tempo tres melhores homens? E houve nisso uma coincidencia. Machado de Assis era Diretor duma secretaria, e por sua morte foi promovido para o lugar o Artur Azevedo. Apareceu na repartição uma só vez. Parece lugar fatal. Tenho medo de que ponham lá o Euclides da Cunha...

Para onde vai você depois do mês de discursos? Sái do colegio? Alguma promotoria?

O Nogueira, o Nogueira...

O *Problema* é uma ideia feliz, se é como eu a compreendi. Mas você ainda não se libertou inteiramente do subjetivismo e já antevejo a resolver o problema, sabe quem?... O Rodrigo...

Ando a remoer uma observação que fiz ha tempos e insiste. A forma perfeita é *magna pars* numa literatura. Não basta a ideia, como a reação contra o romantismo nos fez crer — a nós naturalistas. Ha erro em querer que predomine uma ou outra. É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade. Ha pelo Norte uns escritores de talento que só querem saber da ideia e deixam a forma p'r'ali. Eu tambem já pensei assim — que a ideia era tudo e a forma um pedacinho. Mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas ideias embrulhadas em panos sujos. Por fim me convenci do meu erro e estou a penitenciá-la-me. Impossivel boa expressão duma ideia se não com otima forma. Sem limpidez, sem asseio de forma, a ideia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando — vai dando topadas na má syntaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades. E se é um leitor decente, revolta-se com os relaxamentos á

Silvio Romero, os pequeninos atentados ao pudor da lingua — e com todas essas revoltas e extravios e topadas perde o fio da ideia e acaba com a sensação do caotico. Acho a lingua uma coisa muito seria, Rangel. Como a nossa mãe mental.

A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim, etc., lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de buracos e pedras, e difficil de caminhar a cavalo — porque, ler é ir o pensamento a cavalo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavalo galopa tão maciamente que nem mais atentamos na estrada. Nos outros não tiramos os olhos da estrada, tais os perigos e a buaqueira — e como ha de ver a paisagem marginal quem vai de olhos pregados no chão? O mau português mata a maior ideia, e a boa forma até duma imbecilidade faz uma joia.

O “diabolo” já é meu conhecido. Cheguei mesmo a ganhar um 1.º premio lá em S. Paulo, num concurso em familia, com 160 diaboladas sucessivas. É jogo interessante no começo, enquanto a gente progride. Depois monotoniza-se e enjoe. Ficamos tão habéis que lançavamos o diabolo a grande altura.

O Tito tem faro de perdigueiro. Depois que descobriu o plagio daquele senador Abranches, entregou-se ao esporte — diz que está na pista de outros plagios ainda mais lindos.

Ando perdendo o gosto pela leitura e ganhando ultragosto pela carpinteiragem, pela horta e outras coisas manuais. Enchi-me de ferramentas e passo as horas fazendo jardineiras, mesas toscas, divãs estofados, mol-

duras para quadros. Também pinto muito. Aquarelas como sempre. A razão de preferir a aquarela ao óleo é que com este sujo-me todo, inclusive a ponta do nariz. Vou mandar-te um mar. Vivo aqui entre montanhas e pois muito sem horizontes — e sempre com grandes saudades dos horizontes marinhos. E pinto mar como derivativo. Invento mares, aquarelas de mar, com bases em pequenos estudos feitos no Guarujá. Invento mares para sentir o horizonte. O horizonte faz bem á alma. E quanto a escrever, nada de nada de nada. Só estas cartas, de quando em quando.

LOBATO

Areias, 2,12,1908

Rangel:

Estou tão endividado com você que já não me animo a fazer as contas. Vamos fechar a conta velha e abrir nova, com a entrada de 1909. Ando cheio de curiosidades — da tua nova vida, da tua nova profissão; e se não fossem estas raízes do casamento, em vez de escrever ia ver-te. Ver-te Juiz! Ver-te Meritíssimo! Conheço-te sob todos os outros lados, menos esse — Juiz, Magistrado! O homem que rabisca nas petições o “Como requer” — e fatalmente o fazes piscando tres vezes. E usa oculos nessas solenidades, Juiz? Toga? A cabeleira dos ingleses — *wig*? Engraçados, os ingleses. *Justice* é ao mesmo tempo *justiça* e *juiz*, ou o tratamento dado aos juizes.

Quanto a essa tua comarca do Machado, sei por informação que é um seiozinho de Abraão, mas com um grave defeito: não se ouve aí apito de trem. Eu divido o mundo em duas partes: a onde se ouve apito de trem e a onde não se ouve apito de trem. Uma é o inferno, outra é o ceu. Porque quando o trem apita temos uma sensação de ave com asas; e se não ha apito de trem, a nossa sensação é de prego fincado na parede. Esta minha Areias seria um areal monazítico, se um trem apitas-se por cá. Mas temos que ir a Queluz — tres leguas em horrivel lombo de sendeiro — para nos regalarmos com o som do apito — o apito que anuncia S. Paulo, o Rio, a Europa, todas as tentações do mundo. E nós dois, senhor Juiz, metidos em comarcas sem apito! E quem tira os 500 contos é aquele sordido escrivario da alfandega — leu? Senti-me roubado. Aqueles 500 contos eram nossos. Eram as nossas asas, as nossas pernas. Para que quer ele essas asas e pernas, se mora no Rio, terra onde o trem apita? Evidentemente a Sorte é irmã da Justiça — tem a cegueira das minhocas.

As cartas do Edgard Jordão são preciosas para quem lhe conhece os antecedentes. Edgard é a maior vitima da boniteza. Se nascesse feio como eu ou careteiro como você, era provavel que fizesse a figura dum corisco nos ceus da literatura nacional. Mas como, se a boniteza não deixa?

Para neutralizar esta Areias sem apito tomei uma assinatura do *Weekly Times*, de Londres — edição semanal em que vêm os melhores artigos do *The Times* diario, o grande, o velho, o tremendo *Times* de Londres — e com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês,

de pensamento inglês, de politica inglesa, enquanto pela rua passam os bipedes que vão mexer a panelinha da politica local na farmacia do Quindó, meu vizinho. E tenho lido exclusivamente em inglês. O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro — como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, arvores e bichos. Não ha tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé. Só em Kipling ha material para um tremendo jardim zoologico: Kaa, Bagheera, Shere Khan, a macacada... E ha focas e pinguins. Estou lendo *The Water-Witch* de Fenimore Cooper, um Alencar americano, mas sem idealismo.

LOBATO

Areias, 10,12,1908

Rangel:

Magnificas as notas e muito prometedor o livro. Infelizmente a minha colaboração não sai; ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha escreve, e assim vai rapido. Este mês deram-me 80\$000. E outra maçada são os preparativos para a ida a S. Paulo. Eis a razão das poucas lançadas no caderno, sob as tuas. O assunto é imenso, e novo entre nós. Precisamos reunir muito material. Os “falhos”: são eles os autores dessa copiosissima flora cogumelar

de jornalecos e revistecas que inunda o país inteiro e é a mesma no Maranhão e na Caçapava riograndense. Precisamos ler e joeirar essas folhas. Eles criaram uma lingua nova, de preguiça de estudar a velha; e erigem idolos novos, e expluem “ideias novas” ou pequeninos abortos que supõem ser ideias. Mas é preciso não perder de vista o Goulart. O Nó Vital do teu romance é ele. Aquela ideia blenorragica da sua ultima “novela” tem que constituir o ponto culminante d’*Os Falhos*.

Sigo nestes cinco dias. Queres os *Bem Casados*? Ainda não pude meter ali o bedelho. Duvido muito da minha colaboração. Ando ôco demais. Temos de discutir o entrecho. Com os valentões poderás fazer um livro profundamente nacional — como o *Cyrano* o é para a França. Tive ha dias uma visão desse livro, que me encantou. Adeus. Estou sem tempo. Em S. Paulo, rua Santo Amaro 18.

LOBATO

1909

S. Paulo, 2,1,1909

Rangel:

Tenho as duas cartas. Não ha duvida que é belo o teu programa e exequível, como o primeiro passo acaba de demonstrar. N'Os *Falhos* poderás fazer nas nossas o que nas letras de França fez Daudet com o *Jack*. Os pêcos, os chochos, as aguias sem asas. Cabem no quadro não só aqueles *ratés* do Braz, que eram a nossa perpetua ogeriza no tempo do Cenaculo, como a propria gente do Cenaculo, pois cada vez mais me convenço de que de todos eles um só não vai falhar: você. Ricardo é positivamente um genio, como aqueles botões de camelia que não se abrem são camelias. Ha um defeito qualquer dentro do Ricardo, e temo que não se limite a "falhar" burocraticamente, como o Macuco, em paz, manso e gordo. Temo que Ricardo falhe ás tragicas. Nunca me hei de esquecer da noite em que eu e o Artur o pilhamos, no Minarete, tentando enforcar-se com a gravata de seda. Ricardo me dá ideia duma criatura que não é deste mundo — caiu cá dum ceu qualquer e não se acostuma. Como poeta, quasi que se limita a se-lo na ação — pouco produz. Fez aquelas palhoças de caipira, tão cheias de saudade, caçou um amarelo papo de tucano, mexeu no *Cyrano de Bergerac*, montou nos *Elefantes* de Lecomte e ainda nisso está, cornaca tradutor, repimpado, com bocejos maiores que um bocejo de proboscida, todo tedio perpetuo, sem ani-

mo de descer e caminhar a pé. Conheci um pé de camelia que todos os anos “ameaçava” uma floração tremenda; vinham centenas de botões — e “melavam”, ficavam nisso. Todos emboloramos á espera das centenas de camelias do Ricardo — e os botões vão caindo.

Raul é uma bromelia lirica em cima do Ricardo. Raul é um éco. Colhe as coisas que caem da boca do Ricardo, estiliza-as e no-las serve na Guarani entre dois chopes. Agora está virando bromelia do Candido. O Lino é um evadido da Convenção Francesa — vai falhar eloquentemente, como o Ricardo promete falhar tragicamente. Albino é o filosofo que fala sozinho na rua; vai falhar em soliloquio e dando de ombros. O Nogueira é o Padre Severiano de Rezende sem batina, sem veia poetica, um Severiano a serio e com o olho arregalado do Ezequiel biblico. Vai falhar por excesso de Deus nas entranhas. O Edgard Jordão é o eterno pode-ser-que-sim pode-ser-que-não. Vai falhar por excesso de beleza fisica. Acho o Edgard bonito demais para que dele saia outra coisa senão produtos da beleza fisica. Homens assim acabam roídos pelas mulheres, como os queijos muito gostosos. Tito vai ser o nosso *raté* politico. Preconiza demais a labia propria, exalta demais a sua “perspicacia politica”, pisca muito o olho — e tudo lhe vai saindo ás avessas na vida. O atual hermismo do Tito é o tiro de misericordia que ele está dando no ouvido — pisca e acha que é um supprassumo de esperteza politica. Tenho dele tres cartas que são tres tiros de misericordia. Hermista! O galho hermista do Cenaculo... Candido não falhará porque não pretende ser nada, Lobato é o *raté* enciclopedico — o que falhou na pintura,

vai falhar na literatura, vai falhar nos negocios — vai ser o D'Argenton do grupo, como Purezinha muito bem previu. A unica semente que grelou, brotou, cresce e dará alguma coisa é o Rangel — és tu, infamel traidor do grupo! desertor daquela combinação de fracassos...

É com entusiasmo, pois, que penso no teu romance *Os Falhos* e para ele quero contribuir com as minhas notas sobre os fracassos lobatinos, tudo coisas *d'après nature*.

A ideia dos valentões tambem é otima. A dramatização poderá culminar com o episodio que te mando, recortado dum jornal. Luta das crianças com os urubús por causa dum rabo de bacalhau.

Penso tambem, e ando coletando coisas para um livro á Münchhausen, de aventuras cinegeticas, como diria o tio do Candido. Mentiras de Caçador. Mas não tenho o teu genio, nem o teu metodo. Minha ação é desordenada, tonta. Age por impulsos desligados e intervalados — muito ao sabor da veneta. Após um mês de paixão por Camilo — paixão cega e que me tomava os dias inteiros — engulhei, e engulhado estou até agora. Voltei ao desenho. Ha duas semanas não faço outra coisa. Tenho ideia de fundar uma especie de *Le Rire* em S. Paulo e ando a mexer nisso com um primo capaz da financiamento. A *Lua* morre logo — e é uma limpeza. Impossivel lua mais choca, mas mingoante eterna. Acho que se praticar no desenho por um ano inteiro, adquiro mão. Desenho é como piano, questão de exercicio. Mas já sei que de um momento para outro tambem me engulho do desenho e então voltarei aos *Bem Casados*. Fora desses impetos intermitentes, não sou capaz de coisa nenhuma.

Seguem os discursos do Ruy aqui em S. Paulo. São catedrais de Chartres, Rangell! E aquele animal do Tito é hermista! Com catedrais destas, só admito o hermis-mo para os analfabetos e os safados.

LOBATO

S. Paulo, 5,2,1909

Rangel:

Não entendi a tua anotação do xadrez. P 2 CRb — *qu'es-ce que c'est que ça?* Peão na 2.^a casa do Cavalo do Rei branco? Mas se a 2.^a do Cavalo é a casa primitiva do peão! Que cavalo me estás saindo... Mas para não perder tempo, começo eu com as brancas: 1 — P — R4. Mande as jogadas de acordo com o sistema do recortezinho junto, que tirei do *Weekly Times* — mas mande em português. Para quando o *Problema?* Vou propalar entre os Cães a grata nova do teu breve parto.

LOBATO

Areias, 1,3,1909

Rangel:

Ha dois dias que estou só e aproveito a solidão para esta. Purezinha foi dar á luz em S. Paulo, e cá o meu Juiz me facilitou sair sem licença e só vir quando haja serviço. E como em meio janeiro e todo fevereiro não apparecesse serviço, só agora vim — e volto amanhã. Este é o meio de levar uma Promotoria como esta.

Tirante o Pinheiro, não tenho estado em S. Paulo com nenhum dos nossos amigos — e, a falar a verdade, ando saciado deles. Parecem-me futeis e vazios. Isto fique entre nós. Candido só leva a serio elegancias e modas de Paris; Ricardo embasbaca a sua turba de sempre com gestos vagos, palavras soltas, suspiros de tédio e nada. Raul anda adido ao Candido como um bicho de pé. Está agora com ele não sei onde, divertindo-o, concordando com o que ele diz — estribeiro-mór daquelle pequeno Luiz 14. Lino, a eterna carteira de traques. O Pinheiro é o menos brilhante, porém o mais capaz de todos. Realiza. É sincero, não põe acima de tudo o Remoque, a Perfidia, a Trepação, o *Bon Mot* á moda dos franceses.

Sabe que o Albino perdeu o pai? Está — coitadol — chefe de familia. Edgard tem-me escrito cartas absurdas que só o diabo entende, e eu ando mergulhado na *Ressurreição* de Tolstoi, algo tremendamente forte e sincero. Tambem tenho feito incursões pela literatura inglesa. *The Vicar of Wakefield* é qualquer coisa supremamente deliciosa — de Goldsmith, um tal que o Doutor Johnson classificou de “imbecil de genio”. E tambem estou em mergulho na *The bride of Lammermoor*, do puntilhoso Walter Scott. Falam que o inglês é facil... Certo inglês comum, como o dos livros de ciencia, será facil; mas o de certas obras literarias é crespissimo.

Que diabo de fim levou o Nogueira? No Colegio ainda? Nogueira foi vitima dum fenomeno fisico — reacção exagerada, consequente ao exagero duma acção muito prolongada. O Seminario manteve-o durante anos numa

posição incomoda, como a do chinês na canga; quando conseguiu soltar-se, Nogueira reagiu violentamente em sentido contrario — e abusou dos Direitos do Homem, em vez de usa-los sabiamente como os homens que nunca estiveram em canga chinesa.

LOBATO

P. S. — Li também *Memorial de Ayres* — o livro mais difficil de ser feito de quantos livros dificeis se fizeram no mundo. Do que nós chamamos *nada*, Machado de Assis tirou *tudo* — tirou uma obra prima. Mas quantos compreenderão a beleza desse livro?

Areias, 3,5,1909

Rangel:

De novo em Areias, donde estive ausente quatro meses, venho pedir contas de nossa partida de xadrez, do teu *Problema*, da tua vida. Escreve-me com abundancia. Estou cá com a "obrigação" acrescida da Senhorita Marta, uma menina grauda, gorda, que não chora, ri e vende saude. A paternidade... Nada tenho feito senão rejubilar-me diante deste primeiro produto do meu desdobramento. Um filho, um livro: afirmação criadora. E como isso nos muda! Em quatro meses de estada em S. Paulo não achei uma hora para procurar os velhos camaradas e não raro deles fugia. Solteiros! Infames solteiros! Quando estou com eles agora, sacio-me depressa e afasto-me, como um ser que

já pertence a outro mundo. Eles são a esterilidade. Só com Pinheiro me sinto bem, porque o Pinheiro é fundamentalmente serio — e essa seriedade, essa positividade do bom senso, é o *habitat* natural da familia. E, além disso, ele também é pai. Só quero pais. Acho tremendo ser pai.

Estou com a *Legende des Siècles* do velho Hugo, o Jupiter Tonante. Aqueles *William Shakespeare* que li no collegio, meninote ainda, abalou-me fundo. Também trouxe o *Ana Karenina*, que te recomendo como obra prima. Quanto mais leio Tolstoi e Stendhal, mais os tenho como dois picos supremos. São verrumas da alma humana. E *Ressurreição*, queres?

Aguardo a tua jogada de xadrez.

LOBATO

Areias, 20,5,1909

Rangel:

Segue o meu n.º 1. Está pronto, só faltando a brunidura final. Quero que dele digas com a mais absoluta isenção. Meu fito principal é criar uma impressão fortissima no espirito do leitor — coisa de que ele não se esqueça nunca. Te-lo-ia conseguido? A cena final me parece inedita — não a encontrei nunca. A existencia do atoleiro é atestada por um naturalista alemão em livro de viagem, e foi dessa leitura que a ideia me veio. O melhor é passarmos os nossos contos á letra de fôrma do *Minarete*, para melhor os consertarmos. O Mi-

narete tem a vantagem de exigua, infima, publicidade.
Adeus. (*)

LOBATO

Areias, 2,6,1909

Rangel:

Segue os teus *Mãe* e *Exame* e o meu *Bocatorta* refundido — e creio que melhorado. Teus conselhos abriram-me os olhos. Como estava infame o outrol! E agora, vamos ao resto. Comecei umas ilustrações para o *Mãe*.

LOBATO

Areias, 7,6,1909

11) D D

12) Roque

Rangel:

Nada sei de Ricardo. Estará no *Comercio de S. Paulo*? Suspeitei-o, encontrando por acaso um numero desse jornal em que vinham os classicos e nunca assaz republicados *Elefantes* do Lecomte de Lisle da sua tradução e tambem o meu *Gens ennuyeux*, que entra assim na quarta edição em jornal. A mim não convidou para colaborar. Donde recebi convite foi da *Tribuna* de Santos, jornal côr de rosa que o Valdomiro Silveira diri-

(*) Referencia ao conto *Bocatorta*.

ge, e já mandei como pano de amostra uma coisa cruel contra o Hermes. Prometem pagar a colaboração logo que concluem lá umas reformas. É preciso que a literatura renda ao menos para o papel, a tinta e os selos. A primeira coisa paga que escrevi foram artigos sobre o Paraná, coisa de outiva. Renderam-me 10\$000 cada, uma assinatura de *Revue Philosophique* (33 francos), um Aristofanes completo e um belo canivete de madreperola com sacarrollha. Não foi mau o negócio, e assim pilhemos tão alta remuneração para tudo quanto produzirmos.

O que dizes d'A *Gargalhada*, (*) eu vagamente previa; havia ali coisa que me desagradava, sem que eu atinasse qual. Deve ser o que dizes. Vou refazê-la como indicas, e também dum jeito que ando cá a matutar. As vantagens do nosso sistema de mutualismo tornam-se cada vez mais evidentes.

Tuas observações sobre *Os Faroleiros* sossegaram-me e deram-me alento para pensar no n.º 4, do qual ainda não tenho ideia. *Os Faroleiros* escrevi sem plano; sentei-me á mesa e deixei-o escorrer de dentro de mim.

Quanto ao que propões sobre o português — interessante! — era o que eu ia propor-te nesta. Você foi o primeiro a alcançar o polo, como Amundsen. Mandei vir o dicionario de Aulete, que ainda é o melhor, e estou a lê-lo. Aventura esplendida, Rangell! Os vocabulos são velhos amigos nossos que pelo fato de diariamente nos acotovelarem no brouhaha da Lingua, não nos merecem a atenção curiosa e indagadora que damos ás palavras estrangeiras. Pelo fato de frequentar um parente,

* O *Engraçado Arrependido*, conto dos *Urupês*.

você chega a ponto de não poder descrever-lhe a cara — e no entanto é capaz até de desenhar de memoria a cara dum estranho que viu ontem. Deixam de nos impressionar as coisas habituais. Daí o valor da leitura de dicionario. Todo o povo tumultuoso da praça publica da Lingua lá o encontramos individualizado, como soldados em quartel, cada um com o seu numero, o seu posto, perfilados e obedientes quando os defrontamos. Na rua vemos passar cavalos. No dicionario encontramos um CAVALO. “Quem é você?” E ele muito serio: “... *substantivo masculino*. Quadrupede domestico, solípede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco de tanoeiro, etc., etc.” A gente regala-se com o mundo de coisas que o cavalo é, e muitas vezes tambem nos regalamos com as cavalidades do dicionarista. Se o cavalo é um “quadrupede domestico”, como se arranja o dicionarista para denominar um *equus* selvagem? E vamos assim mentalmente retificando aqui e ali o dicionario, enquanto ele nos faz o mesmo aos inumeros pontos vocabulares em que claudicavamos sem o saber. Quantos novos sentidos de palavras, das quais sabiamos um só? Quanta construção bonita de frase, com forma intransitiva de verbos habitualmente transitivos? E as antigualhas merecedoras de restauração? Que deleite seguir em mente a evolução dum vocabulo! Ver, por exemplo, *agora* sair de *hac hora*, como a borboleta sai da crisalida; e *preto* sair de *pyraites* (queimado), como sai preto o papel branco depois que o fogo o queima. E *caravansará* sair do persa *Karvan sarai*. Essa leitura nos vai dando firmeza, com o conhecimento da exata propriedade dos vocabulos.

Euclides da Cunha foi um grande leitor de lexicos. Nos *Sertões* eu notei como ele fugia á vulgaridade sem cair no abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachamorra que achata todas as palavras da lingua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, *imaturo*. *Implexo* por complexo, etc. Uma variação dos prefixos habituais da imprensa — e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade — o “toda-gente”.

Estou lendo e marcando as palavras uteis para o meu caso, os sentidos figurados aproveitaveis nesta “nossa” literatura, etc. Ainda estou no “A” e já tenho belos achados. É um verdadeiro mariscar de peneira. Deves fazer a mesma coisa, e depois trocaremos as notas.

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e da Marta. Por Areias passou antigamente um fotografo — e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá pelo fim do ano vamos para S. Paulo e então terás o que pedes. Também Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Barbara. Se tem retrato que dê ideia, venha.

Precisamos ler Camilo. Vou mandar vir um sortimento. Saber a lingua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a lingua portuguesa brota mijadamente, saída inconcientemente, com a maior naturalidade fisiologica.

Eu tenho a impressão de que os outros *aprenderam* a lingua e só Camilo a *teve ingênita* até no sabugo da unha de todas as celulas de seu corpo.

LOBATO

Areias, 12,6,1909

Rangel:

Recebidos os cartões. 5) P — 3BD. Estou refazendo o n.º 1, que breve seguirá. Uma coisa: Você é hermista ou o que é? Ou não sabe de politica?

LOBATO

P. S. — Insistencia de ultima hora: publicarmos no *Minarete* os contos á medida que os escrevemos. Será uma especie de primeira prova tipografica.

L.

Areias, 27,6,1909

Rangel:

Das muitas belas coisas propostas não vacilo em aceitar o plano do livro de contos a dois — mas com leves modificações. Em vez de faze-lo á nossa custa, procuraremos editor. Ha no Rio o Garnier. Quem sabe se esse Garnier... Com boas cunhas, Rangel, acho que podemos interessar um editor. Só em caso contrario editar-nos-emos por conta propria. Minha ideia é que quem se edita por conta propria faz uma coisa anti-natural — como entre as mulheres o parir pela barriga, na cesariana. Mas, seja lá como for, proponho estes pontos: 1) Não haver pressa; 2) Apurarmos a forma, de modo que os criticos exigentes não descubram nem uma lendea de pronome mal colocado; 3) Ler um a produção do outro, comentar, criticar, sugerir, vetar; 4) As

duas partes conformar-se-ão com as sentenças, mas ficam com o direito de rejeitar o veto; 5) A fatura material do livro será perfeita; prosa boa impressa em papel de embrulho vira carne seca da fedorenta; champanha em caneca de lata vira zurrapa. Sempre imaginei o nosso primeiro livro assim ao tipo daquela edição Guillaume do *Robert Helmont* com desenhos de Myr-bach. Podemos lançar mão da bagagem já publicada, depois de devidamente brunida. E também enfiar coisas novas.

Eu ando com uma ideia a me perseguir como certas moscas em dia de calor. Espanto-a e ela volta. Um conto. Um farol com dois faroleiros. O mar sempre a bater nas pedras do enrocamento da torre. A vida solitaria dos faroleiros — o isolamento. As aves noturnas que se deixam cegar pela luz dos holofotes e se espedaçam contra os vidros. O objetivo é pintar o mar e as sensações de faroleiros isolados, mas para justificar a pintura ponho um drama qualquer — um mata o outro, algo assim. Faz uma semana que a ideia me está germinando lá num canteiro da cabeça, qual piolho interno.

Sou partidario do conto, que é como o soneto na poesia. Mas quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados. Contos-estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa

resumir e contar a um amigo — e que interesse a esse amigo.

Tenho examinado os ultimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. O ultimo foi o de Veiga Miranda, que a imprensa elogiou. Uns contos ordeiros, exatamente nos moldes de todos os outros — coisa *feita*, não *saida*. Especie de presepe literario. Aqui, um boizinho. Aqui, um riozinho. Aqui, uma porteirinha para casar com a casinha lá adiante. E agora, uma mulherzinha com um homenzinho de olho nela, etc.

O nosso livro de contos será o contrario disso. Todo cheio de novidades, na forma e no entrecho. E nada de amorécos e adulteriosinhos de Paris. Isso já fede. Será como os de Kipling — com paisagem, arvores, ceu, passarinhos, negros... Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragedias biologicas. Ser pigmentado, como é tremendol Já leste *A mais Bela Historia do Mundo*? Impossivel novela mais rica de horizontes. Do mesmo grande Kipling traduzi para o *Minarete* o conto *Um Fato*. Prodigioso. Historia duma serpente do mar que em consequencia duma erupção vulcanica submarina rebentou lá no fundo e veiu á tona, escabujando no desespero da “falta de pressão atmosferica”, especie de falta de ar. As serpentes vivem nas grandes profundidades e portanto sob tremendas pressões; trazidas á pressão menor da tona, elas estouram, soltam os pulmões pela boca, etc. Não pode haver pintura mais fiel, mais *d'après nature*, dessa serpente marinha que Kipling viu escabujar moribunda — que ele viu, apesar da serpente do mar ser apenas uma crednice de marinho! Ou Kipling ou Maupassant. Não ha maiores.

Tenho aqui *Boule de Suif*, *La Main Gauche*, *Clair de Lune*, *Mlle Fifi*, *Sur l'eau*... Por falar neste: havia uma tradução portuguesa naquela coleção romantica, com uma moça na capa, lendo um livro á luz do lampeão, lembra-se? Traduziram o *Sur l'eau* por *Vogando*, e parece que foi o unico Maupassant que o Tito leu. Sempre que asava ensejo, lá vinha ele: “Como diz Maupassant no *Vogando*...

O *Ana Karenina*, que li agora, ponho-o junto de *Guerra e Paz*, *Lirio no Vale* de Balzac e *Le Rouge et le Noir* de Stendhal. Como é grande Tolstoi! Grande como a Russia.

Mas, voltando ao assunto: a ideia de associar-nos é ótima, porque um escora o outro; dois bebidos de braços dados têm menos probabilidades de cair. Até no namoro é assim. Quando em meninotes passavamos pela janela da namorada junto com um companheiro, lá passavamos firmes, sem tropicar em pedras inexistentes. Mas se passavamos sozinhos e Ela estava com alguma outra, a orelha nos avermelhava, quente, vinha uma comichão suada na cabeça, o passo perdia o ritmo normal, tornava-se, como dizem os ingleses, *self conscious* — e ou a bengalinha nos caia da mão ou era inevitavel a topada na pedra inexistente. Se sairmos os dois no mesmo livro, vamo-nos aguentar um ao outro maravilhosamente.

Pode mandar o *Queijo*. Quanto ao espiritismo, não me preocupo. William Crookes, aquele inglês dos raios catodicos, fez experiencias rigorosas e concluiu pela existencia duma força mal conhecida que atua de varias formas, e a que ele, por comodidade, dá o nome de

força psíquica. Foi do que li o que mais me satisfaz — e nisso fiquei, como em filosofia física fiquei na Evolução e na filosofia estética fiquei naquele maravilhoso “*Vade mecum? Vade tecum!*” do Nietzsche. Essa força psíquica só agora começa a ser estudada pelos homens de educação científica; antes negavam-na. Outro físico inglês, Oliver Lodge, tem coisas ótimas a respeito, e estuda tais fenómenos com o mesmo rigor com que estuda os fatos físicos. A palavra “sobrenatural” empregada em relação a essas coisas me parece impropria. O fato de não sabermos uma coisa não a exclue da natureza ou não a põe *sobre a natureza*. É apenas um aspecto da natureza que ainda não conhecemos. Um dia esses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, estarão conhecidos e fichados, como tantos da química. A “ação de presença”, por exemplo, sempre existiu e era um misterio — algo sobrenatural; hoje a ciência dá-lhe o nome de catalise e utiliza-a para efeitos práticos. O feiticeirismo da Idade Média, o ocultismo, o espiritismo, o esoterismo, o eterno pendore do homem para o Mistério, tudo isso implica na existência de qualquer coisa que coexiste ao nosso lado, que certas pessoas pressentem, etc. É o *au-delà*, o “outro mundo”, como o mundo da luz solar é “outro mundo” para o cego, apesar de ser apenas um aspecto deste nosso mundo para os que enxergamos. Um sexto sentido parece que vem vindo, como foram vindo os nossos atuais cinco sentidos — e virá um sétimo, um oitavo, etc. Evolução. E cada novo sentido nos descortinará um “outro mundo.” O medium, que é senão uma criatura em quem o sexto sentido está se denunciando? Um dia todos teremos

esse sexto sentido — e adeus, sobrenatural! Um dia os compendios de fisica trarão o capitulo novo da metapsiquica, como os compendios de hoje trazem o capitulo novo da termo-dinamica.

O radium, por exemplo. Não nos desvendou todo um “outro mundo”? Ha agora o quarto estado da materia — o radiante. Haverá o quinto — o metapsiquico...

Ando a regalar-me com Macaulay nos *Essays*. É uma especie de Ruy Barbosa da historia e da critica — e por falar: leu o discurso de Ruy saudando o Anatole France? Este o classificou de mais uma bela pagina acrescentada á literatura francesa — e não o disse por amabilidade porque é mesmo. Ruy é positivamente grande como o mar.

E a *Careta*? Já viu? A melhor coisa que no genero humoristico já apareceu entre nós. Finissima.

A minha Marta está considerada a menina mais bonitinha de Areias — e não vai nisto babo de pai. Reação da Natureza. Pai feio, filha bonita. E onde foste cavar esse nome Nelo que déste ao teu menino? Mau nome, como o do Lino. Presta-se aos trocadilhos do Tito: “Viu o Lino”? “Descasque esse abacaxi, Nelo.” Não louvo o “Nelo”, como tambem não louvo o teu “Caim de Nazareth”. Caim, ainda passa; mas Nazareth lembra nariz constipado. Nome que se associa no som a certas palavras é feio. Não posso ouvir falar em “Corina” sem me lembrar do mictorio. “João” me sugere “sabão”, “feijão”. “Cornelio” lembra “corno”, etc. Os pais escolhem mal o nome dos filhos e muitas vezes perpetuam no mundo pequeninas tragedias. Conheço um “Medardo”. Uma criadinha lá da casa de meu sogro, sempre

que esse Medardo aparecia (era cliente), atrapalhava-se e anunciava-o com o "r" fora do lugar...

Chega. Adeus.

LOBATO

Areias, 1.7,1909

Rangel:

Li *Bem Casados* duma assentada — e que quer você mais? Só as novelas muito empolgantes suportam essa prova. Todos os personagens fígados da vida; e cada um, um tipo. Dona Alipia, ótima! O Coutinho, o Licínio, todos, até a Flausina, ótimos! Só dona Ismenia me parece algo imaginada — poderá lá existir tamanha carneirice? Mas fica bem num livro de tanto realismo essa leve fuga á realidade. É sal na melancia. Está você, portanto, doutorado em romance! Falta apenas um pouco de focalização e o polimento final. Ha umas coisas fora de foco.

E ha a lingua. Acho que nisso de lingua a coisa é a mesma que nas argamassas fisicas. Se os ingredientes não forem de primeira ordem, bem limpos de impurezas e misturados nas exatas proporções, o cimento não pega, o reboco falha — e a obra esboroa-se antes do tempo. Contra o reboco o que atua é a chuva, a intemperie, a erosão natural; na obra d'arte é a critica. Quantos escritores classicos, vazios de ideias como potes sem agua, ainda vivem pela lingua em que puseram as suas sensaborias! O "são vernaculo", como é bonito! É como o asseio do corpo e das roupas. O escritor que

escreve mal é um porco imundo, um fedorento, um chulepento. Não tenha pressa em publicar-se. Olhe os bons exemplos. Não digo o Flaubert, que aquilo também era demais — pura doença; mas os outros limpos. Doze anos levou Rostand a anunciar esse *Chanteclair* que anda agora bulindo com o mundo e já lhe rendeu um milhão de francos. Valeria a mesma coisa se fosse atamancado em dois meses?

Se você gastou dois meses no borrão dos *Bem Casados*, leve dois anos no polimento. E para dar comida á febre da criação, pode ir compondo o n.º 2 e o n.º 3. Mas imprimir, só quando estiver flaubertiano!

Que tal a tradução do D. Quixote que andas lendo?

Meu estudo de português continua, mas em tom mais baixo. Tenho um inimigo á ilharga, que desfaz o que Camilo faz. É o jornal. Não dispenso a leitura diaria de tres ou quatro desses infames massacradores da lingua. Mas exercem uma função boa. Impedem-nos de nos afastarmos muito da realidade. Mesmo assim eu desejaria dispensa-los por uns anos. Bom lugar para estudo de lingua seria a prisão. Imagino as boas leituras de Camilo lá no fundo do carcere. Só num carcere podemos atacar, roer e digerir um Heitor Pinto ou outro freire encruado.

Tua proposta de colaboração me seduz — e talvez seja o meu unico meio de aparecer. Mas é tirar de um renome que pode ser só teu uma parte para mim! Vou experimentar, embora uma coisa se dê: não tenho a tua operosidade, nem o tempo comprido e uniforme desse vilarejo. Logo irei a S. Paulo por seis meses e não sei se lá haverá a mesma disposição para o trabalho.

Tenho mandado uns artigos para *A Tribuna* de Santos e publicado n' *O Estado de S. Paulo* umas traduções do *Weekly Times* — esse meu meio de neutralizar Areias. Leio o *Times* em Areias! Informo-me todas as semanas da saúde de Her Majesty. Quando encontro coisas muito interessantes, traduzo-as e mando-as para o *Estado* e eles me pagam 10\$000. Acho estranho isto de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça. Vender pensamentos próprios ou alheios... Mas não tolero escrever por obrigação. Traduzo quando quero. Faço coisas para *A Tribuna* quando quero. Do contrario, sentir-me-ia escravo no eito. Vou fazer a prova da escrita a dois com um capítulo novo para os *Bem Casados*, que mandarei com amostra.

Do Ricardo nada sei. Parece-me que aquele nosso Cenaculo era um ninho de Macucos implumes. Tremendas promessas, e até agora, tirante você, nada de nada de nada.

A *Lua*, muito bonita e bem feita no material! — mas como é insulsa e chata no texto, meu Deus! O tal caricaturista Yoyo, quer, coitado — mas a ponta do lapis não o ajuda. Um “curioso” ainda. Mandeí para lá duas sensaborias — e arrependi-me, apesar de serem sensaborias. Por enquanto só temos no país inteiro *A Carreta*. O nosso *O Gato* era uma maravilha, apenas etereo demais; imprimiamo-lo no ar do Café Guarani... Tenho a impressão de que somos todos umas moscas azues, mas sem perninhas e asas. Moscas “depenadas”, como dizia um menino lá do collegio. O gosto dele era pô-las sobre um papel branco assim “depenadas” de pernas e asas, para “ver o que elas faziam”.

Então o Bernardo, como você previa, vasa os seus queixumes na forminha classica dos decassilabos? Não ha escapar ás influções de Caliope! Aposto que até você já versejou ás ocultas, Rangell. É coisa que em certa idade nos vem como as espinhas.

Gastei 240 minutos ontem lendo o discurso de Juiz de Fora. Que assombro de homem, esse Ruy! Que cetaceo, neste nosso marzinho de arenques! Ele rege as frases como um cocheiro russo rege a troika! Que nababo! Pare com o Camões e o Cervantes e pegue no Ruy: ele resume-os a todos e é do nosso tempo. Acho uma honra tremenda sermos coevos de tal homem, e duvido que tenhamos outra semelhante na vida. Aprendamos a degusta-lo como ao rei da lingua. É uma especie de Imperio Britanico do vernaculo. Eu saio dele mais chato que um percevejo.

LOBATO

Areias, 6,7,1909

3.^a — P x P (Se você jogar
B x P, eu respondo: BR — 3D)

Rangel:

Em mãos a tua de 1.^o, chegada ontem. Ando com medo de começar. Nunca escrevi contos e não sei se me será coisa possivel. O que eu considerava contos, se releio agora me sabem a cronicas com pretensões humoristicas. No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pinceis a serio

(pois sinto uma nostalgia profunda ao ve-los — *sinto uma saudade do que eu poderia ser* se me casasse com a pintura), arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras. Minha impressão predominante é puramente visual. Ora, sendo eu assim, vejo-me em apuros com os teus empurrões para a realização imediata.

Vou tentar — mas bem desesperançado. Se até aqui não produzi um só conto que mereça tal nome, isso demonstra minha inaptidão para esse genero literario. O unico livro de que me acho capaz é uma especie de *Journal des Goncourt*. E do meu Diario eu poderia extrair um volumezinho. (*) Mas, contos Rangel... Vejo-te, porém, tão animado que não me animo a vir com agua fria — e vou começar.

Não encontrei o Kipling. Onde parará? Como de Tolstoi só conheces a *Sonata de Kreutzer*, vou mandar a *Ana Karenina*, que o Julinho anda a ler. E com *Clair de Lune* mando *Boule de Suif*, que a critica dá como o melhor de Maupassant. Chamo a tua atenção para o ultimo conto, *Une Soirée*, uma coisa verdadeiramente unica. Mas faça-os voltar, não como veteranos vindos duma guerra estropiadora, sim como turistas que voltam duma viagem de recreio. O pobre do Paul de Saint-Victor chegou bem "doente", apesar de ser todo super-homens e deuses. O *Filho Prodigio* do Hall Caine fez como o filho prodigo da Biblia: chegou tão escalavrado e perrengue que lá baixou á enfermaria do encadernador.

* Ideia realizada 14 anos mais tarde, com a publicação de *Mundo da Lua*.

Ao que parece, você só tem amor á substancia do livro. Despressa-lhe o corpo — a vil materia.

Quanto ao teu espiritismo, acho que deves encostalo e só pensar nos contos. Metido com mediuns e em sessões, acabas mediunico, astral, sideral e imprestabilizado para a literatura. Temos muito tempo de ser espiritos; aproveitemos este momentinho em que somos carne. Divisão de trabalho, especialização de funções. Se pudesse cochichar ao ouvido de dona Bar longe de você, dir-lhe-ia que te proibisse andar ás voltas com almas penadas, mormente agora que tens o Nelo e o Livro a te pedirem todos os cuidados.

Inferno Verde é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original, se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que impõe ao leitor um grande esforço de atenção — e isso cansa. Coelho Neto precisa podar palavras. Alberto Rangel precisa desdobrar frases. O Ricardo não entendeu muita coisa do livro e porisso exaltou-o tanto. Eu tambem não entendi, mas tenho a coragem de não esconder a minha insuficiencia atrás do tamanho do homem. E adeus.

LOBATO

Areias, 22,7,1909

Rangel:

Recebi a carta e o *Exame de Conciencia*, no qual mais uma vez voltas para Rodrigo. Sinceramente acho que é um exame de conciencia e nada mais — não é conto.

é exame de consciencia dum fracassado. Não vejo ali a tua maneira habitual. Aquela retorica, aqueles lugares comuns — aquilo não é Rangel, tenha paciencia. A “pedra angular” logo na segunda linha já me pôs de orelha em pé; e a coisa vai até o fim sem uma novidade, sem um imprevisto, sem nada interessante. Paiva raciocina sem nenhuma elevação, como o Goulart ou o Macuco raciocinariam em identicas circumstancias, e você comete o erro de não fixar esse raciocinio como coisa dum *raté*; parece que encampa aquilo e acha muito bom. O meio de melhorar o *Exame* é esse — dar aquilo como coisa de ratés. Mas meio melhor ainda é guarda-lo na lata de lixo. Lembro-me dos contos tão finos, tão originais e ricos de psicologia que já escreveste. Por que não aperfeiçoas essas coisinhas velhas e otimas? O *Destacamento* melhorado dá um Maupassant legitimo.

Dia 23

Acabo de receber o *Clair de Lune*, o meu e o teu primeiro conto. Li este. Otimo! Aquela mãe está esplendida — é muito comum essa perversão do amor que degenera em injustiça e causa os peores males. Todos os tipos estão bem acentuados de carater e colhidos ao vivo. Só me parece fraca a cena do fim em que Prospero procura emprego. Ele deve procurar tal ou tal emprego. Como está, fica a cena rapida demais — curta como umas calças curtas. Outro senão: “luxo asiatico”. Chega de luxo asiatico, Rangel. Pobre Asia! Na pg. 5 acho muito abrupto o atletismo de Prospero. Não havia tempo. Na pg. 9, depois daquele chôro, ele não devia prometer “tornar-se um bom filho e bom irmão”.

O idiota já era tudo isso; ruins, só os seus irmãos. E outras coisinhas assim. Mas está otimo.

O meu conto, agora... Que tristeza, Rangell Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos. Defeito principal que só agora percebi: *são tão curtos os periodos que o leitor não tem tempo de apanhar o que eles dizem*. Fica tudo empastelado lá na compreensão do leitor, tudo "telescopado", como nos desastres da Central quando os trens se chocam e uns vagões entram pelos outros. O leitor salta para um periodo novo, onde tudo muda, antes de apreender totalmente o que o periodo anterior disse. Vou consertar. Coisa curiosa! No momento em que escrevemos, o nosso espirito *acostuma-se* com os defeitos, não os vê. Mas se passados uns dias relemos, já os defeitos se visibilizam.

Estou escrevendo o n.º 2, genero totalmente diverso do *Bocatorta*: *A Casinha de Rotula*. Mando-te mais umas ilustrações.

LOBATO

P. S. — Ando a colaborar no *Fon-Fon*. O que aparece lá assinado H. B. é meu. Desenho e caricaturas.

Areias, 3.8.1909

Rangel:

De volta de Taubaté, restabeleço o contacto. Acabo de ler tua *Prosopopeia*. Tipos apanhados, e otimo

o perfil de Tata — a mocinha vulgar, mansa e apagada. Deste-lhe um fim que lembra o Maupassant da ultima fase, antes do *Le Horla*. Ficaria mais estranho e empolgante se o protagonista visse Tata não em sonho mas numa visão astral. No fim, aquela quasi loucura ficaria melhor se contada por um terceiro; um amigo, por exemplo, vai visita-lo e em carta conta a outro o estado do doente. Porque é difficil, naquele estado de quasi loucura, alinhar pensamentos calmos que historiem a marcha gradativa do seu mal.

Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal côr de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandeí para lá hoje o *Bocatorta*.

LOBATO

E o xadrez? Por que paraste?

Areias, 6,8,1909

Rangel:

Magnifico *O Destacamento* como caricatura, mas noto uns senões. O fim, aquela apoteose a foguetes de lagrimas e confeti, e aquela *imensa multidão* num lugarejo daqueles, isso estraga. Corte, que melhora cem por cento. E temos varias coisinhas. *Quasi todo o domingo*, não; *todos os domingos*, sim. *Famigerado salteador*; dá ideia da Calabria, aqui só temos bandidos; Antonio Silvino é um bandido. O periodo "*Toniquinho, você não faz bem*", etc. precisa melhor torneio; "*ques*" demais. "*A concorrência foi enorme*", etc.: aqui já você começa a carregar muito a mão; como está fica

engraçado, mas não humorístico, que é o tom que deve guardar o conto. Fale na concorrência das pessoas gradas, do coronel, do padre, do coletor, mas não exagere. Dizes: "*todo o povo concorria para lá*"; ora, isso não é exato e estraga o efeito. Em vez de "*longas barbas brancas*" ponha barba amarela de sarro — fica menos S. Nicolau. O desembarque do destacamento eu o contaria assim: "... desembarcaram no meio da população alvo-roçada dum sentimento novo entre panico e regozijo". Foi de ver-se a *alarma*; acho "*alarma*" muito forte. Se o Miguelzinho estava tramando a dissidência, como podia fazer protesto de nunca mais pisar no Carmo, onde ia ser o campo da luta? *Olhares derretidos*, só entre namorados; para soldados tens de escolher outra especie de olhares. *Espipocar da guerra*: guerra espipocante, só a do Alecrim e da Mangerona. Espipoca um tiroteio; guerra tumultua, refere, ou outras coisas assim. *O destacamento afinal era seu*, etc.: está obscuro este pedaço. Dizes que a Camara exultava com o reforçamento da sua autoridade, pois o *Capitão Toniquinho não saia*, etc. Não percebi esta consequencia. E como podia ele considerar a vinda das praças como um desprestigio da sua autoridade, se vivia clamando contra o governo porque não as enviava? Quando os soldados convidam o cabo para um pega no baiano, não está boa a transição entre a sua colera e bravura de momentos antes e o repentino medo que você lhe attribue. Daí até o fim vai tudo muito carregado, muito fantastico.

São as obsevaçõesinhas que me ocorrem, mas o conto é dos melhores, talvez o melhor que você fez, com situações dum comico extraordinario. E depois dos

retoques, irá ficar em Nosso Livro como aquele *Soirée* no de Maupassant. Será nele um oasis de humor onde o espirito do leitor, cansado de tragedias, se espojará regadamente.

LOBATO

Areias, 14,8,1909

Rangel:

Chegaram os contos e a carta. Meu processo é outro: quando topo palavra que desconheço, ou conheço mal, ou que tambem se usa em sentido diferente do familiar, anoto-a com toda a frase em que está metida, frase que lhe entremostra a significação e a propriedade. Assim, já de começo o espirito pode utilizar-se da aquisição — é uma especie de apresentação da nova personagem á intelligencia, e passo primeiro para a familiarização entre ambos e consequente assimilação. Anotar apenas a palavra é perder tempo; só a mão lida com ela, e o faz maquinalmente, como copista automatica que obedece a uma ordem do cerebro; este não trabalhou para a fixação da novidade, limitou-se apenas a dar ordem á mão para que a grudasse no papel.

Já percorri este ano as primeiras 700 paginas do Aulete e breve chegarei ao fim, porque está me agradando o passeio. Mas depois do enriquecimento vocabular é preciso que aprendamos a bem gastar o acumulado, senão viramos *nouveaux riches* e insensivelmente nos metemos a ostentar riqueza vocabular. Machado de Assis é o mais perfeito modelo de conciliação estilistica;

seu classicismo transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos. Como vivemos neste século e neste continente, não podemos, sem uma habil e manhosa tática, usar expressões lusitanas e de tempos já muito remotos.

Esse Albalat que o Ricardo te mandou anda interessando muito á rapaziada de S. Paulo que pretende lugar nas letras. Tenho a impressão de que é obra vã e perigosa, talvez das que ensinam um certo estilo — e neste caso teremos estilo postiço, como ha dentes postiços. Estilo é cara; cada qual tem a sua e o que fazemos para modificar nossa cara é em geral mexer nos pêlos, barba e grenha, e podemos sair um bigodudíssimo Umberto I ou um cara-rapada á americana. O mais do nosso rosto não se sujeita a *travestis*. No estilo tambem ha algo de imutavel, de ingênito, de inalteravel, a despeito de tudo o que façamos para deforma-lo. Não as exterioridades, mas essa *alma-mater*, esse eixo central, é que verdadeiramente constitue o estilo.

De Camilo Castelo Branco tenho alguma coisa em Taubaté e aqui só o *Regicida*. Quanto áquele conto do F., desagradou-me em absoluto; parece pornografismo puro, digno de figurar no *Rio-Nu*. E teve a coragem de dar-se como protagonista! Chego a crer que é pilheria. Dar-se como capaz de “amar” uma bodinha da rua, o tipo da coisinha atôa... E o entrecho e tudo mais, e aquele cinico desdobrar aos olhos do leitor das “doenças vergonhosas”... O nosso F. a contar uma aventura de alcoice com uma negra, onde espera na ante-camara, todo mordido de ciumes, que o desconhecido que “ocupava” o seu “amor” saísse e lhe cedesse a

praça. E tudo acompanhado de velhos sordidos e sargentos podres de sífilis que tressuam mercurio... Palavra, tenho lido muita coisa, mas em nada vi tão pesada atmosfera de bordel do mais reles...

Em literatura a condição básica é haver beleza, e que beleza ali existe? Numa negra sordida, na vida imunda que leva, no "amor" que inspira, nas "doenças vergonhosas" que espalha, nos sargentos que enrabicha — onde qualquer resquício da beleza salvadora? Em nome da Arte veto esse conto e lamento que F. seja suscetível do estado de animo necessário á produção de tal coisa.

LOBATO

Areias, 15,8,1909

Rangei:

Já mandei para o Ricardo aquele conto. Ando a passear pelo oceano das palavras, isto é, ando a ler o Dicionario de Aulete, e vou tomando notas. Já descobri tres ou quatro palavras que eu pronunciava erradamente, como "probóscida" e "litanía". Descobrimos as minhas batatas! E interrompi a fabricação de contos até que haja terminado esta leitura tão divertida. Pena serem tão pifios os nossos dicionarios.

Estou sem ideia para o conto n.º 4. Mande-me um tema.

Recebi: C — 2D. Respondo: P — 3BR. Você: P — 4CR. Eu: P — 5R. Se você tomar o P com o C ou com o P, eu jogo: B4R.

LOBATO

Areias, 22,8,1909

Rangel:

Perdi o meu xadrez e com dificuldade reconstituo o jogo no ponto deixado. Verifique isso e mande-me a serie de jogadas. E se estou certo, a minha jogada é P — 5R.

Recebi a *Desforra*, que me encheu as medidas, principalmente no fim, da cena do sapesal em diante. Esta é a primeira impressão; depois lerei mais analiticamente.

Consolou-me a tua opinião sobre *Bocatorta* e isso me anima a pensar no N.º 2, que já está no utero. Não tenho feito outra coisa senão ler Macaulay nos *Essays* com um encanto cada vez maior, e também pinto projetos de cartazes para um concurso no Rio, ao qual arrojadamente vou concorrer. O *Fon-Fon* vai dar umas caricaturas minhas. Do teu *Mãe* ainda tenho aqui umas ilustrações, que seguem.

N'A *Desforra* ha otimos temas para desenhos que vou tentar.

Dia 23

Reli *Desforra* e a primeira impressão se confirmou. Otimo, forte, bem construido. Merece dar o nome ao volume. Não tenho objeções contra o entrecho, e o desenvolvimento segue de rota batida, lindo.

"Rota batida"... Aprendi esta expressão aos 15 anos, com meu professor de aritmetica no Coração de Jesus — Dr. Eliseu não sei de que. Um baixotinho, que falava muito na Isolina Monclar, uma atriz em moda naquele tempo. Rota batida! O Dr. Eliseu chefiava o grupo que no fim do ano foi a exames em S. Paulo.

Improvisamos uma “republica” na rua Conselheiro Furtado, presidida por ele. Dr. Eliseu... Um dia mostrou-se afobadissimo, precisando de 30 mil réis — “Quem tem aí 30 mil réis?” Eu tinha e dei. Dias depois, nova afobação — e mais 30 mil réis. O bom Dr. Eliseu esqueceu-se completamente desses 60 mil réis, mas eu não me esqueci. Era o primeiro calote — e quem esquece as primeiras coisas?

— “De rota batida! Vamos agora terminar frações e depois seguiremos de rota batida até o fim.”

Aquelas duas afobações eram para pegar um trem e mais não sei que. Hoje sei que a afobação é um dos mais velhos truques para pegar 60 mil réis.

LOBATO

RASA (do latim *rasus*) medida antiga maior que o alqueire; rasoura: certa quantidade de linhas contida numa pagina de autos, etc. No sentido em que a empregaste não vem no Aulete.

Areias, 30,8,1909

Rangel:

Veiu o 5, acompanhando o Albat. Comecei a ler este e a gostar. Não é o bestalhão que imaginei. Parei com os contos e seguí com o Aulete. Dá-me mais prazer isto, além das vantagens que traz — prazer pitoresco, variado como o de um general que assistisse ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido dum jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu *pensava* que eram uma coisa e são outra; e também já

cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente. São 24 “batatas” de que fico liberto. Estou no M. O que mais aprecio num estilo é a *propriedade* exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo.

E quanto circunloquio, quanto rodeio, esse conhecimento vocabular nos evita! Em vez de: “F. correu os olhos em torno da mesa” como fica melhor dizer: “F. circunvagou os olhos”. Mas no uso dum vocabulario abundante torna-se mister o mesmo habil discernimento de boa aplicação que distingue os Camilos dos Camelos — dos camelos plumitivos á Macuco, o fundador do *Profundismo*... É necessario aprender a bem gastar, como faz o rico inteligente, que gasta simultaneamente em proveito proprio e alheio, não á moda do perdulario inepto. O Macuco aprendeu um dia a palavra “apropinquar” e escreveu toda uma historia só para ter ensejo de empregar dez vezes o grande achado — e apropinquou-se mas foi das cocheiras do Braz.

Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina gasta a sua fortuna e jamais como o *parvenu*, o *upstart*, que começou vendeiro de esquina e acabou comprando um titulo de barão do papa.

Os Macucos adquirem vocabulário unicamente para fazer alarde da “riqueza vocabular”; os Machados, para da riqueza reunida só gastarem os juro. E, pois, espero terminar meu passeio pelo país dos vocabulos para em seguida retomar a tarefa dos contos.

Os tres tipos de “falhos desenganados” são otimos e merecedores de hiposulfito de sodio. Não os perca de vista. Achei boa a observação dos que fazem literatura na vida por impossibilidade de a fazerem no papel. Você fala nos *ratés* de Daudet meio de outiva, como quem os não conhece pessoalmente. Se queres o *Jack*, tenho-o cá. Eles acreditavam em si mesmos, não eram desenganados, como os teus.

O Mario Roberto andou meio ligado a mim no tempo da Academia; ás vezes, depois da aula, iamos juntos até á casa do Silvio de Almeida, onde ele morava, e eu lhe ouvia um otimo Beethoven na penumbra da sala; tenho saudades desses dias musicais; eram um extase.

Da tua proposta acho aproveitavel uma parte: colecionamento de tipos a dois, visto como ação e local são coisas consequentes e determinadas pela psicologia dos tipos. Dado o carater deste ou daquele tipo, a ação tem que ser esta ou aquela, e o meio tambem está *ipso facto* predeterminado — são sequencias logicas. Vamos aos tipos. Você tem facilidade em ver o tipo dentro do homem comum. Uma especie de raio X. Tambem o Ricardo é maravilhoso nisso. Instantaneamente ele capta o tipo das criaturas — e com que finura! Grande Ricardo! Dá-me ideia daqueles sujeitos da California, especialistas em conhecer, sem outro recurso além duma rapida inspeção, se em tal sitio ha ou não ha ouro. Esse

faro natural de perdigueiro você também o tem, Rangel. Já foste podengo em outra encarnação. Associemo-nos, pois.

Num romance, quando as radículas da nervura central são constituídas por tipos discretamente pintados, de modo a não projetar sombras na coisa principal, o efeito é maravilhoso. Em *Jack*, por exemplo. Como aviva a pintura do carater de D'Argentón aqueles *ratés* secundarios que o rodeiam! Em Machado de Assis lembro-me do Dias, o homem dos superlativos, tão discreto. Às vezes o que salva um romance é isso — esse fundo.

Ando frio com o conto. Acho um campo muito restrito, coisa só para os grandes mestres. Engano pensar que por ser mais curto seja mais facil, mais proprio de principiante. Este deve começar com um *Rocambole* e só depois de bem maduro fazer um continho. A proposito, lembro-me dum plumitivo de Pindamonhangaba, que me abordou um dia e contou da sua ideia de publicar um livro de pensamentos. E explicava: “Nós, principiantes, devemos começar pelo principio, pelo primeiro grau; coisinhas leves, *pensamentos*; depois *sonetos*; depois contos e por fim novelas e romances”. Ele andava com uma trena no bolso.

Proponho uma coisa: concatenarmos um entrecho, armarmo-lo como o arcabouço duma casa; depois vamos metendo dentro habitantes, os herois e tipos. Não sei o que sairá dessa casa a dois pedreiros — temos que fazer a experiencia — é o que Bacon exige. Um entrecho do romance que sempre me seduziu é o de *Bocatorta*, por causa da originalidade do desfecho —

a necrofilia do negro e a morte por afogamento no barro. Imagino-o do modo que vai no papel anexo.

Um tipo que peguei aqui: o do homem eufemico, extremamente delicado, que evita dizer as coisas como são e usa dos mais suaves circunloquios. Não diz que F. está bebado, e sim que *está doente*, e grifa com sutil entonação o “doente”. Não diz “morreu” e sim “deixou-nos”, “descansou”. As prostitutas são as “infelizes” — e assim por diante. Podemos dar como mãe desse homem uma dona Eufemia.

Mando *Karenina*. Livro de genio como haverá pouquissimos no mundo. E adeus.

LOBATO

Areias, 1,9,1909

Rangel:

Volta a *Desforra* com algumas ilustrações. Estou melhorando e espero fazer coisa que não nos envergonhe. O meu N^o. 2 são dois, um em meio e outro pedindo passagem a limpo. O quanto me dá prazer desenhar, aborrece-me escrever. E o Eucledes da Cunha? Que horror, hein? Aquilo não me sai da cabeça. É como se eu houvesse levado a bala. Euclides naquele meio — com um inferno na cabeça...

LOBATO

Areias, 2.9.1909

Rangel:

Ando a reclamar do correio a carta e o conto perdidos. Talvez estejam na agencia de Taubaté. Quanto ao xadrez, aconteceu um desastre; como levei para lá o taboleiro de papelão com as pedras de cartolina enfiadas, desprenderam-se algumas e não consigo recoloca-las propriamente. Se fazes questão de levar por diante essa interminavel partida de xadrez, mande-me a posição do jogo no ponto em que paramos.

O meu negocio com a *Tribuna* é pequeno: cinco artigos por mês. Talvez tambem entre na *Gazeta de Noticias*, onde está agora o Sebastião Sampaio — você não o conhece — aquele da nossa corrida no Viaduto. Mas o negocio mais importante em que ando ás portas é a compra, por um grupo, dum jornal de S. Paulo e eu iria para o comando literario. Se isso se realizar, meu Rangel, tu estás feito. Tens jornal e colaboração paga por tabela especial, mais alta que para os outros. Em fevereiro ou março vou passar seis meses em S. Paulo, para cuidar disso e mais coisas. Basta de Areias, Rangel.

Eu bem que vivia a berrar louvores a Tolstoi, sem que me desses ouvidos. Tolstoi é genio, de sentar á mão direita de Shakespeare. Leia depois de *Ana Karenina* a *Guerra e Paz* — a novela panoramica de maior folego que jamais foi escrita, toda ela genio, genio e mais genio.

A Marta está uma turuninha, engatinha muito bem, diz papai e mamãe como as bonecas e já mostra dois dentes. Percorre a casa inteira com uma curiosidade

sem fim, vendo e pegando tudo. E leva á boca o que encontra. Ontem, num momento de descuido da pagem, pegou uma lagartixinha tonta e levou-a á boca. Se Purezinha não apparecesse no momento, comia-a...

Que heroi da coragem literaria és tu, Hercules de Moura Rangell Já no n.º 11! Onze coisas grandes — onze romances... Isso me achata. Vejo que não nasci para a coisa.

Vou atacar uns livros tremendos: *Anais de D. João III*, de Fr. Luiz de Souza e *Vida de S. Francisco Xavier*, de Lucena. Tambem vou afundar na *Historia Universal* de Laurent.

E o Vilalva? De que morreu? Foi pena — sabia português como pretendemos sabe-lo. Mas era mau de entranhas. Sarcastico e implacavel. Com certeza fez alguma "perversidade" contra a Morte, e esta, danada, o levou.

Tens acompanhado a polemica *pour rire* do Vicente de Carvalho com outro Carvalho muito pouco Vicente? J. J. Carvalho é medico e secretario duma Academia Paulista de Letras que anda tentando existir. Esse J. J. foi o parteiro dessa academia, a qual veiu (diz ele na plataforma inaugural) como uma *protestação* contra o mau habito da Academia Brasileira de Letras (que ele chama Academia do Rio) de não recolher em seu seio os J. J. estaduais. E fez uma nova academia de 40 imortais. As academias hão de ser de 40, como as venezianas hão de ser verdes. Vicente ri-se do homem e o homem bate o pé e arreganha para o Vicente.

*Olhos encantados, olhos côr do mar
Olhos pensativos que fazels sonhar...*

Como é linda a *Rosa, rosa de amor...* do sublime Maneta! Vilalva, se estivesse vivo, diria que o Vicente se fez Maneta para nem nesse ponto ficar abaixo de Camões — que era caolho. (*)

LOBATO

P. S. — Li em Taubaté a *Paixão de Maria do Ceu*, do Malheiros Dias, o mesmo que produziu o horrivel *Mulata*. Estilo lindo, claro de meter inveja. É escrito em português de Portugal, do bom, do que corre como regato em leito de pedras lá da fazenda do meu avô. Vale a pena le-lo só pelo português. Queres que o mande?

L.

Areias, 6,9,1909

Rangel:

Nossas cartas andam desencontradas. Temos que assentar numa coisa: um nunca deixará de responder ao outro dentro de dois dias, e se não puder responder acusará o recebimento por um bilhete-postal.

O teu plano do louco está de arrepiar. Purezinha ficou horrorizada e sonhou. Acho-o otimo, convenientemente podado e atenuado. Coincendencia notavel: um dos episodios do teu louco figura no conto n.º 1 que

(*) O grande Vicente de Carvalho sofrera a amputação de um braço.

estou escrevendo e está me agradando. O arcabouço já se vai revestindo de carnes.

Quanto a arcabouços, minha ideia é que todos são bons. A fatura, o revestimento é que é tudo. E não vale a pena discutir planos ou arcabouços. É o mesmo que discutir esqueletos. A grande coisa é a carne que os reveste. Com o mesmo esqueleto a natureza faz uma Laís ou uma bruxa. Quanto ao que deva ser o livro, acho que deve ser o que sair. Nada de *parti pris* ou ergastulos. Gosto de ser livre como um passarinho. O programa é um só: *fazer bom* — e, tragico ou neutro ou comico, o livro sairá bom.

Mando amostra das ilustrações que estou procurando fazer. Genero novo, com uns pequeninos truques, ao qual depois de algum exercicio espero *m'y faire*. Mande-me a toda brida o teu *Robert Helmont*, caso seja edição Guillaume. Não esqueça, é importante.

LOBATO

Areias, 6,9,1909

Rangel:

Tenho recebido regularmente os teus cartões, e também as notas. Só não me veio a tua jogada depois da minha ultima T4BR. Festas, hospedes e mais embolias têm atrapalhado a minha tarefa e me impedido de escrever-te alguma coisa sobre os projetos que propões. Mesmo assim dei conta do primeiro volume do Aulete e de mais duas letras do segundo. Antes de terminar esta

viagem pelo país dos vocabulos não pretendo pensar no n.º 3 nem no 4. Queres que continue a mandar as notas? Em geral só nos sabem bem quando por nós mesmos colhidas — porque sem o perceber só colhemos aquilo muito afim com o nosso temperamento ou a nossa personalidade. E mando agora o *Ana Karenina*, do Tolstoi. Grande, Rangel, grande...

LOBATO

Areias, 15,9,1909

Rangel:

Boa nova: chegou a salvamento a historia desgarrada e apresso-me em dar a noticia. Li — e acho que o teu verdadeiro genero é aquele. Está pura e simplesmente otima. A melhor coisa que produziste. Mas acho deficiente o teu português. Nós não sabemos essa maldita lingua, Rangel, e maneja-mos achavascadamente plebeamente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quasi que exclusivamente, no francês, e “ouvía falar” da “lingua de Fr. Luiz de Souza”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande: “Que linda não ha de ser, meu Deus, a lingua de Fr. Luiz de Souza!” Mas não tinha coragem de investigar. Agora, sim, a coragem me veio e entrei. Estou, Rangel, dentro da lingua de Fr. Luiz, embora ainda longe de lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano á mão direita e Camilo

á esquerda. E sei que ha uns frades tremendos da mesma familia de Fr. Luiz — Fr. Pantaleão do Aveiro, um Lucena, um Fr. Heitor Pinto, e um “delicioso” Bernardes. Aquilo lá é uma especie de Olimpo da Lingua, todo deuses e semideuses e deusa nenhuma. Não havia mulheres em materia de lingua antiga, Rangel, como ainda as ha tão poucas hoje — a Julia Lopes e quem mais?

Parei com as minhas leituras de lingua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a lingua lusiada, que descobri como o Nogueira descobriu a Patria, e o Macuco o verbo “apropinquare”. E sabe o que mais me encanta no português? Os idiotismos. A maior beleza das linguas está nos idiotismos, e a lusa é toda um Potosi. A parte que as linguas têm de comum é como a estrutura ossea das varias raças humanas, coisa que não varia apreciavelmente; o que as distingue, o que faz o inglês, por exemplo, ser tão diverso do italiano, são as feições, os trajes, os modos e as modas de cada um, isto é, os *idiotismos fisionomicos*. Note, observe. Fulana, a moça mais graciosa de rosto de todas que enfeitam aí essa tua cidade do Machado, que é que nela a distingue das demais e lhe dá aquela graça especial? O idiotismo com que a natureza a dotou; o narizinho arrebitado, a curva da boca, o modelado do queixo; particularidades essas, todas, que fogem á correção ideal e classica das linhas dum rosto normal. Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil? Porque é muitissimo mais *idiotizado* pela colaboração incessante do povo, ao passo que aqui o

povo praticamente não colabora na lingua geral — vai formando dialetos estaduais como na Italia.

Mandeir vir *Noites de Insonia*, de Camilo, 12 volumes, e ainda apanhei uns em Taubaté. E leio anotando os jeitos. Palavras novas não me interessam. A grande coisa não é possuir montes de palavras; se assim fosse, um dicionarista batia Machado de Assis. É saber combinar bem as palavras, como o pintor combina as tintas e o musico o faz ás notas. Beethoven só dispunha de sete notas — e com elas abalou o mundo. Corot só jogava com as sete cores do arco-iris, que aliás são tres. Dêem cem notas a mim, que sou um cretino em musica, e dêem duzentas cores ao Jonas de Barros, que é em pintura o que sou na musica, e não sai nada!

Já li um volume das *Lendas e Narrativas* de Herculano e releio o ultra-bom *Eusebio Macario* de Camilo — Camilo a fazer fosquinhas para os naturalistas! E tenho um livro de Fr. Luiz, uma hostia sagrada, Rangel: *Anais de D. João III*. O Nó Vital é ali com esse frade, o verdadeiro dono moral da lingua. Quantas vezes eu tinha lido, “A lingua de Fr. Luiz de Souza”... Ando por Herculano, Camilo e outros, como quem anda sobre as lages que se aproximam do templo.

Já encetei a serie de artigos para a *Tribuna* e já fiz jus a 40\$000. Com isso pago dois meses do aluguel da casa. Pagar a casa com artigos — que maravilha, hein?

Recebi carta dos fundadores dum semanario illustrado em S. Paulo, genero *Fon-Fon*, pedindo colaboração. Eles montam as revistas e saem com o pires... Chama-se *Lua*. Promete mundos e fundos — menos morrer

do mal dos sete numeros. A primeira fase dessa lua será para janeiro. Posso meter lá o teu conto? Mas quero entraja-lo por um figurino novo que lhe irá bem. Simples experiencia. Como já não contavas mais com ele, tomo-o para uma experiencia *in anima nobile*.

O trecho que mandaste sobre a algolagnia é bastante curioso; ha um interessante estudo a se fazer por aí, no sadismo.

Em ortografia estamos num caos — e numa encruzilhada. O que penso a respeito está no artiguete que incluo — mas entre pensar assim e agir de acordo vai um passo, e eu me debato no pelago da indecisão, como diria o Macuco.

Tens os discursos do Ruy? Que maravilha! Que deslumbramento! Que incomparavel mestre e que artista da palavra! É o grande classico que nos dispensa de lidar com os velhos classicos — tudo que neles ha de bom aparece em Ruy, e melhorado. Tem todas as energias e todas as suavidades. Ruy é um Everest.

Não ha motivo para indignação, mesmo mansas como as tuas. “Talvez você, se comprehendesse e se se penetrasse de minha ideia, etc.” Expressi essa duvida, enervado, zangado, aborrecido por não saber exprimi-la a contento. Era natural que você não alcançasse, bem, bem, bem, uma ideia que o pai expressou tão mal.

Aprovo as ideias sobre a composição e nada tenho a aditar.

Voltam as tuas notas. Não é bom o sistema de colher petalas de flores, em vez da flor inteira e com cabinho. Quem quer apenas vocabulos exoticos ou

raros, não precisa ler autores, é ler o Aulete. Lá estão todos, e já anotadinhos. Adote o meu processo, que é o unico.

LOBATO

Areias, 22,9,1909

Rangel:

Minha impressão de *Criança*: ótima na primeira parte até pagina 11; boa no resto, menos o desfecho, que me decepcionou. Não deve ser um medico o noticiador da morte; fica muito arranjado, muito *Irmãos Zanganno*. Além disso, o povo que invadiu o picadeiro era natural que se derramasse também pelo interior da barraca onde estava o menino. Nesses lances o povo não faz distinções, nem respeita nada. Ficaria muitíssimo melhor se Siá Chica irrompesse lá de dentro do povo com o menino morto ou moribundo para depo-lo aos pés do assassino, em meio a uma chuva epica de invectivas rubras de colera com que vingasse a morte do filho adotivo. O Lopes está muito bem, e com a velha de bigodes, mais a Zizi, dá muita côr á cena. Em suma: aprovado!

Que letra pessima tens — ainda peor que a minha! Precisamos arranjar maquinas de escrever. Mas eu, quando quero, escrevo legibilissimamente, e você quanto mais capricha peor fica.

Vou ver se ataco o n.º 3. O teu n.º 4 envergonhou-me e meteu-me em brios. Estou lendo *Memoires d'Outre Tombe*, de Chateaubriand. Acabei o Albalat.

Bom, mas de pouco valor para nós aqui. Discreiteia sobre o estilo francês, e as coisas mudam quando em português. A parte referente ao estilo descritivo em Homero é ótimo, e boa para nós. A conclusão que tirei do livro é que estilos não se fabricam, nem se ajustam por influxo de regras; são o que são, como o nariz das pessoas. O mais, arrebiques, sobrecargas, postigos que só aparentemente melhoram o natural ingênito e espontâneo de cada um. Gostei do meu juízo sobre Chateaubriand coincidir com o de Albalat. Em Taubaté tenho *O Genio do Cristianismo*, *Atala*, *René* e excertos. Deixe em repouso o número 4 para reve-lo mais tarde. Isso é bom.

LOBATO

Areias, 23,9,1909

Rangel:

O meu xadrez estava errado, mas já retifiquei a posição e continuo: 9) C3BR — D3CR (na tua carta vem D3CD, mas como não é possível, atribuo-o a engano, troca de R por D). Minha 10) C4T.

A tua operosidade envergonhou-me e fez-me vomitar o n.º 2 e o n.º 3. *A Casinha de Rotula* encalhou e, também outro sem nome. Espero que alguma forte maré os safe. O Edgard Jordão escreve-me essa carta que mando. Ha nele muita originalidade e capacidade metafísica. Talento real. Já temos materia para a metade do livro, umas 150 paginas. Vou ver se faço coisas menos sanguinarias, sem morte. Temos que

variar de nota, senão a critica nos toma por uns Tropmans que erraram de vocação.

LOBATO

P.S. — A Marta está um rolete de carne, com roscas no braço e covinhas pelo corpo. E está saindo uma danada! Creio que o segundo já está a caminho. Será Edgard Guilherme. Donde tiraste o nome do Nelo? Do Goncourt, aposto...

Xadrez: 21... P5BR; 22) C x C —
T x C; 23) B x P ch — R T; 24) P4TD

Areias, 23,10,1909

Rangel:

As minhas "batatas", referidas em carta anterior, são: Congérie, Cábrea, Caramanchão (eu dizia carramanchão), Cérbero, epifanía, hábitat, hílare, homillá, homizío, dullá, hiperdullá, índigo, litanía, liturgia, mándria, mnemotecnia. Das mais não me recordo. Eu acentuava-as errado. Com exceção da terceira, nunca as empreguei na conversa; mas se viesse a emprega-las pronunciaria errado. Começo a perceber o meu relaxamento com o português. Quando calouro, furtaram-me um Aulete que fôra de meu pai e eu levava para S. Paulo, e desde essa ocasião (dez anos!) fiquei sem dicionariol De gramatica sou a personificação da ignorancia. Depois que me vi livre do exame, botei fora a infernal gramaticorra do Freire da Silva, que tanto me martirizou e

me valeu uma bomba, e nunca tive comigo nem a gramatiquinha do Coruja. E estou convencido da inutilidade delas, como também pensa o rei dos gramaticos, o Candido de Figueiredo.

O exemplo que citei foi apenas para frisar a beleza da palavra propria. Talvez por simpatia minha, acho o *circunvag* mais proprio para designar o movimento *lento e circular* dos olhos em torno duma coisa do que o correr. Correr dá sempre a sensação de pressa. “O moribundo circunvagou os olhos”. Quando o movimento é rapido, então sim, cabe melhor o correr. “Corri os olhos pelo jonal”.

O *Jack* é bem o que dizes, romance otimamente bem arquitetado, bem travado. Otimo como *modelo de fatura*. Purezinha, que o leu, me viu no tipo de D’Argenton, e quando briga comigo me chama D’Argenton... Que tristeza, Rangell...

Não concordo com a tua ideia de que todo critico é um *raté* da literatura, porque a critica é um ramo da literatura para o qual certos sujeitos nascem com aptidões especiais. Olhe Taine, Sainte Beuve, Maucaulay. Mas não deixa de ser certo que muitos criticos de segunda são literatos fracassados em outros generos. Sentem o prazer satânico de se suporem numa sacada, e lá de cima cuspirem nos que passam pela rua. Prazer de juiz sentenciador — mas juiz que se nomea a si proprio, não é nomeado pelo governo. Vingança, picuinha contra a Fatalidade. “Falhei no meu poema? Pois esperem que vou desancar todos os poemas alheios.” O Albalat me parece dos tais. Aquilo de só admitir Homero, e ir filiando um estilo a outro até chegar ao de

Homero, aquilo me parece odio aos seus contemporaneos donos de estilo.

Has de notar a minha insistencia em *Bocatorta*, mas é que ainda não me fiz compreender. O meu conto com esse nome não dá plena ideia da *Ideia*, porque tive de poda-la muito, só deixando o essencial. A minha ideia completa é a seguinte: um monstro hediondo no fisico, mas homem de sentimentos normais por dentro. Afora a teratologia visivel, ele é um homem como todos os outros. Não é negro, não é rudimentar de espirito como o do conto. Quando chegado á puberdade, nasce nele o desejo de mulher e em consequencia o amor. Mas ao mesmo tempo vai cada vez mais adquirindo a consciencia da sua horrivel condição de monstro, e ele, que em menino vivia na fazenda do pai de Cristina a vê-la todos os dias, ao tornar-se homem, e bem conhecedor da sua disformidade, entra a sofrer um martirio horrivel e afasta-se. Vira bicho do mato, foge dos homens; e os sentimentos normais que a natureza lhe deu, vão, por influxo duma surda revolta contra o Destino, se avinagrando. O amor por Cristina (resultante da sua sexualidade expandida) transforma-se em odio. Ele a espia do mato. Chora. Escabuja em acessos de colera epileptica. Pintar a vida dele na mata. Suas relações com a mata. Sua simbiose com a mata, mental e fisica. Amizade e antipatia por certas arvores (ha mil coisas a desenvolver aqui). Algo daquele Mowgli do Kipling. Ensejo de pintar a natureza florestal com cores novas e processos novos — em que pese ao Albalat. Chateaubriandizar, mas com ciencia, com biologia, com botanica. A floresta deste país de florestas que é o Brasil *nunca*

foi pintada, nem interpretada! Não temos nada *d'après nature* em materia de mata. Tudo é imaginado e tratado com receitas, com frases feitas — e sem ciencia nenhuma. O grande triunfo de Euclides foi meter um pouco de ciencia na literatura. Os papuas arregalaram o olho! Lá de dentro da mata Bocatorta acompanha o movimento da fazenda. Tira conclusões. Induz, deduz. Recompõe em espirito a vida de Cristina, que ás vezes vê de longe, num passeio a cavallo. Chega a ir espiala num dos seus banhos na cachoeira. Nua! O inferno do drama interior... Um dia passa o trole que vem da cidade, e no trole vem um moço desconhecido. Bocatorta adivinha nele o namorado, o noivo. Sua dôr. O ciume. Contrastes constantes. Na fazenda a alegria radiosa do noivado; na mata, um circulo dantesco de impotencia e ciume e desespero. Bocatorta desabafa nos animais, trucidá-os, tortura-os, esmaga as flores que encontra, gasta dias quebrando os brotos novos das arvores e ervas, na ansia de aniquilar a vida, de vingarse da natureza, etc., etc. Depois, o casamento — o macabro casamento de Cristina, não com o noivo, pois morreu, mas com ele, Bocatorta, no cemiterio, de noite. Cristina desenterrada! Imagino uma coisa fortissima — Bocatorta sempre latente na mata, *naquela* mata, como o proprio genio da mata, o seu Caliban, a sua alma secreta e *noturna*. Quanta coisa, Rangell

Mas da ideia á realização o caminho é aspero. Talvez você tirasse do assunto a coisa que imagino. Eu não me atrevo — porisso reduzi o romance a conto — um conto que é apenas um frouxo programa do romance.

Toda gente considera o conto um genero leve — e tomam o leve como sinonimo de facil. Mas note que em todas as literaturas só emerge do conto um Maupassant para dez romancistas. Mesmo assim, achas que é possivel meter Maupassant na plana de Balzac, Dostoevsky e Tolstoi? Não creio. É mister fazer bom e grande e o contista, embora alcance o bom, não pode chegar ao grande. É ourivesaria, não é arquitetura. Cellini fez o Perseu, mas faria o Taj Mahal? O meu *Bocartorta* conto é pobre maquete em gesso dum terrivel monumento. Miniatura.

Viver um ano, dois, tres, dentro dum romance, construindo um romance, como Flaubert. Que folego exige! Que saude — e nós somos uns doentinhos. Mas quanto aos contos que projetamos, absolutamente não penso em desistir; quando mais não seja, ao menos para habituar-me a conduzir uma tarefa do começo ao fim. Que saiam bons ou não, que se publiquem ou não, que amareleçam eternamente ineditos, nada disso importa: o que importa é a satisfação de não havermos procedido como *ratés* que planejam, delineam, começam... e só.

Outra vantagem, e não menos preciosa, é obrigarnos a esta correspondencia, coisa que me é (e para você tambem) de muito valor como incentivo, como enchimento de tempo vazio, como occupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano.

Para o mês vou passar duas semanas em Taubaté e das notas que lá tenho extrairé os tipos e observações aproveitaveis. Se não presto para desentranhar tipos, tenho em Purezinha uma perfeita mestra na arte. Ainda

ontem ela me contava duma familia de gente excessivamente acaipirada, lá numa chacara em Taubaté, na qual só o pai, um velho de posses, tinha desembaraço e coragem de mostrar-se. Quando vinha alguma visita, as moças filhas do homem (solteironas) não apareciam na sala; o pai explicava que elas haviam acabado de sair naquele momento. Mas enquanto o velho conversava, a visita as pressentia (eram tres) a se *revesarem* num velho buraco de fechadura. E Purezinha desenvolve o tema: "O buraco já estava grande, gasto, e cada vez maior; por ele se via um olho inteiro e uma rodela de cara". E enfeita: "A porta, de casa antiga, era curta, ficava a meio palmo da soleira, e pela fresta viam-se pés — seis pés — pés que mudavam de posição, "sofregos e impacientes os de lado, e *quietos*, sem pressa, os que ficavam na linha vertical do buraco".

Purezinha começa com base num fato real e insensivelmente vai acrescentando apêndices logicos que o frizam, com uma arte que me dá inveja.

Vou anotar as coisas assim que ela me conta e te mandarei.

Andei metendo o nariz na questão das candidaturas presidenciais, como verás do artigo incluso, da *Tribuna*. Repugna-me esse militarismo que certos jornais do Rio defendem... Mas não falemos nisto.

LOBATO

1910

Areias, 12,1,1910

Rangel

Vai por quatro o numero de vezes que me ponho a escrever e estarrece-se-me em meio a pena, tolhida de subita vergonha. E o caso que leio e leio e leio Camilo, com o afã dum Henry Morgan a remexer as arcas de um galeão espanhol capturado no mar dos Caraibas. Leio-o e penetro-me de Camilo, ensabão-me com as riquezas do maior sabedor da lingua d'aquem e d'alem mar, Algarves e Colonias; e, com a "descoberta" que fiz do que realmente é a lingua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora!

Num romance de Julio Verne ha um Tiago Paganel, geografo de má memoria, ao qual succedeu o caso, que hoje não me espanta, de aprender o espanhol pelo português. Quando deu pelo engano, abriu a boca. Não me espanta porque fiz o mesmo: aprendi por cá uma lingua bunda pensando que era a nobre e fidalga lingua portuguesa.

Sempre vivi nesse elegante atascal da lingua franceza, no qual me cevava de literaturas exoticas, eslava, britan'ca, escandinava e até hindustanica — sem me lembraí que isso só deve ser permitido aos que já per-lustraram a fundo as provincias da literatura patria. E tão encrostado me pôs o longo patinhar por anos a fio nesse engano ledó e cego, que não creio em cura

para o mal. Tenho sífilis no idioma, da incurável! Mas é provável que encetando agora o estudo da Grande Língua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti. Fiz vir um fardel de 50 volumes, que trago (tragar, engulir) em parcelas de meio por dia. E espero encomendas feitas a varias livrarias lusitanas, que me abastecem de Francisco Manoel, um sujeito que deve valer muitos Stendhais e Taines. E de Almeida Garrett, o visconde resgatador de todas as alimarias viscondadas, baronadas, acondadas, marquesadas com que o moderno Portugal atravancou o mundo. E de mais Camilo, Herculano, e Tolentino, e Garção... Que coórtel!

E enquanto de todos me não tornar amigo intimo em diurno e noturno conversar, protesto não admitir amizades barbaras (no sentido romano, isto é estrangeiras). Não me mandes, pois, o teatro francês, que te delicia; muito tempo hei perdido com esses deliciosos pechisbeques — cocadas que atendem ao paladar mas empecem a alma. Tenho deles em Taubaté um metro de estante, e acodem-me os nomes de Robert de Flers e Caillavet, o seu irmão siamês; e Tristan Bernard o Barbinegro, espirituosissimo e safadissimo; e Maurice Donnay, todo sutilezas de bordel e salão; e Alfred Capus, consolador dos que tudo esperam da Sorte; e Rothschild, e Paul Hervieu, e Lavedan, e Henry Cain, e o Octave Mirbeau do Nogueira, e Henri Bataille, e o traumatizante Bernstein, e Dario Nicodemi, o amante da faisandée Réjane; e Porto-Riche, e Tarride, e o Edmond Rostand

do Ricardo... Acho que em França ha mais teatrologos do que espectadores.

O Acre... Para remeter dinheiro tanto vale o Correio como o Banco. Prefira o banco. No correio o provavel é esbarrarmos na má vontade pachola dessa gente federal. O Acre... A *Lua* é um pobre satellite. Têm-te valido alguma coisa as minhas notas? Mando mais uma dose. Se te enfandam, dize. Joeiro agora as belezas de Camilo. Que Eldorado! A gente tropeça em perolas. Tudo ali rutila e canta. Custa-me no Alves 1\$300 cada um desses Camilos vermelhos da Parceria. O Acre... Você sabe o que é o Acre, Rangel? É fazer o que fez um Ricardo Arruda de S. Paulo, que comprou um bilhete inteiro da loteria de Espanha e meteu-se num premio de 6 milhões de pesetas... (Falta o resto)

S. Paulo, 30,4,1910

Rangel:

Recebi tua carta. Não posso responder já porque ando á procura de casa para onde me mude, já que aqui no meu sogro uma hora de silencio é sonho inatingivel. Meti-me em coisas industriais e creio que deixo Areias e me fixo em S. Paulo. Não tenho tido tempo nem de me coçar. Muitas novidades.

LOBATO

S. Paulo, 20,5,1910

Rangel:

Não é por falta de tempo que te não escrevo e sim por falta de sossego. Estou em casa de meu sogro, onde ha muita gente, filhas que estudam piano (uma toca o dia inteiro o *Chirbiribi*) e onde ha tres pessoas surdas, ou de "ouvidos duros", de modo a produzir-se muito falar gritado. E ha as mulheres, que surdas ou não, falam demais e sempre alto — e não ha um cantinho sossegado onde um pobre cerebro possa pensar pensamentos como os nossos. Eis a razão pela qual não te escrevo, nem leio, nem faço nada além de ouvir. Ouço, ouço e mais ouço. Outra coisa que me rouba o tempo é a Rua — coisa que não existe em Areias. Passo do torvelinho da Rua para o borborinho da Casa e vice-versa — e assim me vão correndo os dias.

Ando querendo dar nova direção á minha vida, e por causa disso tomei mais tres meses de licença. Tua carta me chegou como voz do outro mundo ou pelo menos do mundo em que eu estive ha quatro meses passados.

Depois que saí de Areias, não pude nem sequer pensar nos nossos deliciosos planos, coitadinhos! Não sei que fazer de mim, se vou para Caçapava, se fico em S. Paulo ou retorno para Areias. Também ando a pensar em Ubatuba por causa do mar. Todo um ano só mar, mar, mar, como no *Joié de Vivre* de Zola, em que o mar marulha desde a primeira pagina até á ultima!

Estive ontem em Taubaté, onde a morte de uma parenta me fez herdar uma estatueta de Sèvres, Venus

nua com Eros bebê a querer alcança-la — uma perfeição de beleza. Namoro-a todos os dias, e queria que a namorasses também. Esse Sèvres me fez curioso da porcelana, e eis-me atolado nuns volumes eruditos.

Ando ansioso pelo reatamento da nossa vida secreta, sempre lá pelos intermundios literarios, tão longe deste mundo de carne e ossos. Lembrei-me de te convidar para concorrermos ao premio da Academia e tua carta veio bater na questão. Deves concorrer sozinho — eu não presto mais para estas aventuras. Teus contos dão para o volume requerido. Faça uma coisa: refunda no quantum necessario os melhores e mos mande para uma inspeção final antes de subirem aos julgadores. Podias mandar *Bem Casados*, mas parece que é concurso só de contos. Mande-me o que está pronto do livro novo. Estou com saudades de te ler. Adeus.

O meu Edgard chora, o piano toca o *Chiribiribi*, as mulheres falam, os surdos gritam, um canario trina. O barulho não é uma ficção, Rangel.

LOBATO

P. S. — O teu conto *Historia de Bonecas* não pode ir porque ficou em Areias.

Areias, 18,7,1910

Rangel:

Cá abicou o monstro. Casptté! Hurras pela coragem do empreendimento e tenacidade da execução. Pena não usares a escrita mecanica. Compra-se hoje

uma Oliver por cento e tantos mil réis e é dinheiro sapientíssimamente bem empregado no caso dum sujeito de letra martirizante como a tua. Ando com ideia de realizar essa proeza — uma Oliver!

LOBATO

S. Paulo, 22,7,1910

Rangel:

De conformidade com tuas ordens, voltam *Os Pioneiros da Luz*. Li de um gole a parte enviada e notei séria melhoria no processo narrativo e no estilo. Mais maleável este, ou com a fluidez dos estilos que escondem as técnicas da fatura. Sinto nele, entressachadas sem esforço e sem quebra de nível, todas aquelas nossas aquisições nas leituras camilianas. Na narrativa, muita ordem lógica e grande clareza — qualidade que em você é um dom — e observação constante, ininterrupta. Quem te lê percebe a honestidade literária. Adivinha que todos aqueles tipos foram estudados do natural, e até a pouca paisagem que ali aparece é *d'après*. Grande qualidade essa fidelidade ao natural, e quem a possui vence. Em suma: há progresso em teu novo romance; tua evolução literária tem sido constante, sem hiatos ou recuos, e tua personalidade se cristaliza. Já és bastante Rangel em quasi todas as frases. Já és uma *realidade*!

Este teu romance, se prosseguir com o *impeto* de até aqui, merecerá a honra de ser publicado. Será o numero 1, a estreia. Que beleza!

Pena não poder da-lo a ler ao Manoel Carlos, que mo pediu e de você só conhece um conto e dos mienos bons.

O primeiro livro de Spencer que li? *Educação*, em meu tempo de calouro. Como todas as mais obras desse Aristoteles moderno, é uma summa da mais alta e nobre sabedoria.

Minha vida continua furta-côr. Ia voltar para Areias esta semana mas resolvi tirar mais licença. Ando empenhado em ser socio duma empreitada de 60 quilometros de estrada de ferro. Se não falhar, será tacadazinha. E ainda tenho outros negocios em marcha, que me animam a esperar para breve o ensejo dum succulento pontapé na promotoria.

Escrevo na sala de visitas desta casa da rua Formosa 53, em meio a um barulhão do inferno. Na sala de jantar, seis damas, visitas, falam todas ao mesmo tempo — e entendem-se! Atrás de mim quatro pessoas graves rosnam coisas serias. Na rua passam constantemente os infernais bondes da Light. Já não sei o que está para trás, nem tenho animo de reler. Ando a pensar em refugiar-me no porão da casa, onde ha um fundo escuro silencioso. Lá, sozinho, terei uma sensação de Areias e talvez possa escrever-te á moda antiga.

LOBATO

S. Paulo, 30,7,1910

Rangel:

Respondendo á tua de 21. Os defeitos de *Pionetros*, a que de leve me referi, são coisinhas tão pequenas que

nem merecem debate. Entusiasmo-me com a marcha em que vai tua obra, não só a literaria como a erudital Refiro-me ao teu dicionario. Pode estar nele o germe duma coisa tremenda. As mais tremendas coisas começam assim. O proprio Shakespeare começou dum espermatozoario. Tambem a mim me ocorre ás vezes a ideia de fazer algo de ciencia e desistir da literatura. Uma gramatica historica e filosofica, que me vingue da bomba que tomei no meu exame inicial. Comecei minha vida de estudos, bem sabes, com uma inhabilitação em português. Ou um vocabulario brasileiro. Coisas assim de paciencia. O perigo é nos meterem no Instituto Historico. Não tenho ideia do que seja o Instituto Historico, mas me represento um museu de mumias vivas, tossindo, escarrando. Antes disso talvez publique a minha tradução do *Anticristo* do Nietzsche, para a qual já tenho editor. Depende duma correção final do manuscrito que só poderei fazer quando acabar esta minha interminavel estada em S. Paulo, consumidora de todo o meu tempo em coisas profanas.

Achei heresia a comparação do *Braz Cubas* com as *Memorias de um Sargento*. Conquanto estas memorias sejam um dos pouquissimos livros bons da nossa literatura inicial, falta-lhe a ironia e o pessimismo sibarita e anatoleano de Machado. E falta estilo. Tenho a impressão de que as *Memorias Postumas de Braz Cubas* foram escritas por um conjunto de mestres: Sterne, Anatole, Xavier de Maistre e Stendhal. Não sei á conta do que levar, mas livro nenhum, daqui ou de fora, jamais me soube tanto ás minhas mais intimas e misteriosas visceras esteticas. Parece um livro ateniense, anacro-

nicamente rebentado no Rio de Janeiro — essa coisa berrantemente tropical! As *Memorias de um Sargento* têm contra si, no confronto, a vulgaridade plebeia das coisas ditas; e nem podia deixar de ser assim, pois que esperar dum sargento de milicias? Já o doutor Braz Cubas é fina floração de fim de raça, um *faineant* como aqueles das côrtes luizescas de França. Flor de fim de Ordem Social. Ao primeiro sopro das Revoluções, os Braz Cubas morrem como passarinhos.

A minha ideia do porão falhou, porque uma criada ocupa a repartição proxima, e como é preta põe lá um bodum peor que o barulho da sala. Ando a ler uma batelada de coisas, entre elas a correspondencia de Taine, a *Conduta da Vida*, de Emerson, uns Anatoles e um romance de Marion Crawford. Este mês decide-se o negocio da empreitada; e se não falhar mudo de vida. Meu dilema agora é este: ficar aqui metido em negocios ou remover-me para Ubatuba e passar um ano diante do mar — a namora-lo, a cheirar-lhe as maresias, a comer-lhe os camarões e ostras, a pintar marinhas, a ouvir historias de pescador, a pescar nas pedras, a tomar banhos e ficar ao sol da praia de mãos cruzadas sobre os olhos, como um caranguejo feliz.

Crelo que foi aquella *Joie de Vivre* de Zola que me fincou na cabeça tal ideia. E caso meu plano se realize, que tal ires tambem passar lá uns tres meses de licença, com a tua Barbara? Ela ha de estar precisadissima de banhos de mar. Arranjo-te casa mobiliada junto á minha, se não couberem as duas familias na que irei tomar — caso escape do hotel. E viveremos uns meses no mar, para o mar, do mar, pelo mar, com abandonos de mulher que se entrega ao amante. Levaremos uma batelada de

literatura marinha, Lotis e Conrads, e faremos literatura, contos e novelas cheias de mar, com muito verde-cana e muito azul do céu.

Ubatuba é uma grande tapera á beira duma sucessão de praias lindas. Anda-se lá de pé no chão, com chapéus de palha, sem paletó, a comer coco verde na rua e a sentir de todos os modos o mar, o mar — nos banhos, nas refeições, nas pescarias, na leitura dos escritores marinheiros.

O juiz de lá é meu tio por afinidade e velho companheiro de colegio, de academia, de tudo. Aquele Eneias que se atirou do trole no desastre da ponte, lembra-se?

Uma estada assim em Ubatuba será coisa de marcar epoca em nossas vidas, Rangell... Seduz-me tanto que, podendo ser removido de Areias para Araraquara, estou negociando permuta com o promotor de Ubatuba. Talvez haja incompatibilidade por causa do tio afim. Já consultei a Secretaria e espero resposta. Mar, mar, mar... Ha sempre saudades do mar na obscura trama do nosso imo. Já fomos filhos do mar, nos inicios da nossa evolução, quando eramos o peixe *amphioxus*...

LOBATO

Taubaté, 27,9,1910

Rangel:

Tua ultima me pegou neste Taubaté para onde vim por tres dias em virtude da morte de meu sogro, a 13 do corrente. Esta morte atrapalhou-me um tanto os calculos e talvez me leve de novo a Areias, e então retomaremos os fios. Coincide andarmos a ler o mesmo

livro, *À Margem da Historia*. Como é novo, como são inéditos entre nós a ideia, o pensamento, o estilo, a lingua de Euclides! E por causa duma simples mulher esse Homem Estupendo desapareceu numa voragem...

Certo o que dizes do Candido. Teve elementos para tudo, mas o excesso de dinheiro o perdeu. Candido pobre daria algo precioso. O dinheiro dessora e dá a preguiça. Outro que está se estiolando e de quem nem o Raul espera mais nada é o Ricardo — o genio da nossa rodinha. Vive em S. José dos Campos.

O "literatinho da tua terra" definiu muito bem os falhos. Isso mesmo! Hoje, sarado já da catarata, collo-me no lugar devido e nada mais espero de mim. Antigamente, a simples ideia de falhar me dava ansias de desespero. Hoje, que positivamente já falhei, nem mais me acodem á mente os sonhos de outrora. Perguntas que tenho feito. Uma coisa só: procurado ganhar dinheiro, procurado mudar o rumo da minha vida — mas não espero nada este ano. A coisa não é facil como eu supunha.

Ando ansioso por Areias — parece incrivel! Mas aquele sossego me faz bem á alma e ao cerebro. Não ha lá este dispersivo das grandes cidades; podemos cultivar uma horta. Aqui nada produzo. Meu jardimzinho do cerebro está cheio de mato. Sinto-me entorpecido dos miolos, como ficamos entorpecidos dos musculos quando muito tempo acorados. Só de você espero ocasionalmente algum lubrificante. Literariamente, vivo pendurado em você, como quem caiu num abismo e se agarrou a uma raiz. Se você me larga, vou ao fundo.

LOBATO

1911

Taubaté, 4,4,1911

Rangel:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7.º dia da morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô, e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias — abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas no Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um conto, ou a ler um livro novo — tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser a de “proprietário”. Em estudante eu *tinha* uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha — minhas propriedades paravam nisso. Essa agulha me fôra dada aqui, certa vez, por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso, a coitadinha. Pois has de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha fez foi perder a minha agulha histórica e tão amiga? Conservei-a comigo, na gola, oito anos! Depois que me casei assumi mais propriedades — mulher, filhos, a responsabilidade de pai de família. E agora vou ser proprietário de coisas — casas.

terras, fazendas. Mas a “nossa agulha” será conservada e continuaremos *quand même* a costurar as nossas secretas literatices.

Isso é raro e bom, Rangel. A mim me descansa da materialidade da vida e a você garante uma opinião sincera neste mundo de opiniões malandras. Ainda não sei que rumo vou tomar. O mais provável é ir viver naquela fazenda onde escrevi o hediondo *Os Lambeferas*. O lugar tem a calma propícia às letras — embora, dada a amostra, as produza péssimas. Produzirá melhor, feijão e milho. E lá me has de visitar um dia, você, dona Bar e a prole. Prometido?

Os preços de impressão do Lello são realmente convidativos, mas de mim sou contra o teu lançamento agora. Eu queria que aparecesses com os seis romances ao mesmo tempo, de jacto, todos perfeitos, inatacáveis! Coisa de achatar a crítica indígena e dar uma tremenda prova de consciência do valor próprio. Essa história de vir com o primeiro livrinho e submeter-se á piedade da crítica, e ouvir que somos uma “bela promessa”, isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca. A coisa ha de cair na taba como um bolide.

Quanto a ganhar dinheiro com livro, e essas esperanças de criar um “nome vendável”, uma marca de fabrica que tenha saída, varra isso da cabeça! Tão cedo o livro não será negocio de dar dinheiro no Brasil. Sabe que o peor negocio do Garnier foi a edição completa do Machado de Assis? O Paulo, gerente da livraria Alves em S. Paulo, disse-me que “o Alves não quer a obra de Machado de Assis nem de graça, porque não passa dum

entulho de prateleiras" — tão divorciados andam entre nós a Gloria e o Valor Comercial.

Pescar! Coisa deliciosa. Foi na minha infancia o meu maior prazer. Em menino, o anzol, a tres-malhas e o cóvo me faziam esquecer o mundo. Ainda hoje é com emoção sagrada que levanto um modesto mandi. Em Areias eu pescava com o Fidias, delegado. O riozinho de Areias dá muito acará. Este capitulo é longo e com muito prazer a ele voltarei.

Hei de ler o Conan Doyle que recomendas. Gosto do homem. Leio-lhe tudo quanto pilho.

LOBATO

Taubaté, abril, 1911

Rangel:

Li a ultima parte dos *Soldados do Livro*. Não resta a menor duvida: estás romancista. Possues todas as qualidades necessarias: 1) capacidade de trabalho, coragem de começar na 1.^a e ir até á pagina 350; 2) instinto da composição, da arquitetura, da montagem, do enredo; 3) habilidade de manter até o fim o carater dos personagens; 4) estilo e correção de lingua. Resta agora a lapidação de todas essas qualidades, que é um trabalho do tempo.

Noto no romance umas tantas excrescencias, que o aumentam de tamanho e o diminuem de harmonia — uns tantos excessos que cumpre podar. Uma cara só é bonita quando nada tem de mais ou de menos. Suprima, por exemplo, ou atenue, a catequese dos botocudos pelo Marolo. Materialmente não havia tempo, entre sua

saida do ginasio e o dia dos exames, do homem catequizar indios e padecer martirios. Faça a conta. Não dava tempo nem dele chegar a Cuiabá. Além disso, muito mais consequente com o carater de Marolo será sair do ginasio e agregar-se parasitariamente ao bispado, em cargo que um leigo possa desempenhar.

O capitulo 16 pede refusão. Está prolixo, cheio de coisas que não dizem com o tom geral. Desafina. Noto que nos dialogos você se vulgariza um pouco. O dialogo no romance é o enxerto das coisas vivas, frisantes, engraçadas ou aticas, que por associação vão ocorrendo ao escritor. A cena dos conspiradores em casa do Dadiço pede reparo. Da rua, portas e janelas fechadas, como podiam eles ver e ouvir tudo quanto se passava lá dentro? Muito melhor deixar *entrevêr* a situação do que narra-la ás cruas. E assim outras coisas.

Em muitos pontos é preferivel entremostrear a mostrar, diluir os contornos duros, substituir luz por meia-luz ou penumbra. Ha ganho de sugestão.

Nossos estudos de classicos deram um resultado curioso: tua linguagem ficou metade seculo 20 e metade seculo 15. Pareces um homem de cartola e bofes de renda, ou de paletó sacco e sapatos de fivela. O que eu achava melhor é que decantasses o estilo. Que o deixas- ses filtrar e assentar por si mesmo, porque estilo não é uma coisa que se faça deliberadamente de acordo com certos moldes; estilo é cara, é feição, é fisionomia, é nariz. O amanho da cara não vai além do asseio da pele, do pentear ou não os cabelos, do cortar ou não os bigodes. Se alguém passa além disso e usa cremes e ruges, perde a cara e vira "maquillage".

Quer que mande já o livro ou prefere que o anote? Se insisto em anotar os defeitos é que muito o apreciei no todo e desejava vê-lo sem senão. Às vezes olhos alheios enxergam melhor em nossos filhos do que nós mesmos. Ha aquela fabula dos filhos da coruja — e tudo quanto produzimos é filho de coruja. Porisso meus olhos, embora não sejam mais apurados que os teus, verão no que escreves defeitos que não vês — e, vice-versa: no que escrevo os teus verão muito melhor que os meus olhos de pai. É da vida. Minha opinião é que podes aparecer em publico com este romance. Tema empolgantissimo. Será uma grande estreia.

Os *Bem Casados* continuam aqui. Quer que os devolva? Apesar do meu atarefamento atual, estou pronto para recopiar o teu romance, pelo menos em parte.

O Nogueira escreve-me sobre a sua novela sideral. Vacila na nuança do papel, na largura das margens, na côr da capa, etc. Coisas evidentemente de muita importância nos intermundios. E quer umas ilustrações minhas — imagine...

LOBATO

Taubaté, 6,5,1911

Rangel:

Venho por-me em dia. Não ha duvida, os teus *Pioneiros* ganharão com algum debate a foice, sabiamente feito nalguns trechos que me parecem muito copados. E' o que estou fazendo aqui numa chacara que

foi de meu avô: desbastando, derrubando tudo quanto é arvore inutil. Só ficam as arvores que dão renda. Pés de cambucá que produzem mal e frutas enferrujadas — machado neles! Mangueiras maninhas — machado nelas! No romance tambem é assim. Tudo que for inutil ao progressivo efeito central pede foice e machado. Podar, podar! Eis o grande segredo. Desbastar. O que fica eleva-se, ganha realce.

O Sebastião andou tão arredio do colegio que será bom alija-lo do livro. Está lá sem fazer nada. E não é possivel uma coisa daquelas — um tal troglodita filho de gente fina. Poderás dar-lhe muita liberdade, para mostrar a desordem do colegio, mas não a ponto de fazer dele um Robinson. O Dario e o Meira estão pedindo poda. Em Adelia não toques. É um tipo muito corriqueiro na vida, que a gente sempre entrevê oculto no fundo das casas. Os velhos são a nota emotiva do livro e coisa realmente otima.

Tens uma impressão do *Robinson* que é tambem a minha, com a diferença que nunca o reli — nem relerei. Ganhei-o de presente num memoravel dia de Natal e li e reli aquilo com um deleite inenarravel. Conservo essa impressão infantil com o carinho com que um poeta deve conservar a sua primeira produção. Que maravilha não será o *Robinson* para a formação do carater dum menino inglêz, que cedo vai para as Indias, a Australia, construir uma vida de que Robinson é o espelho! Para nós não é tanto, porque não temos Indias para ir — somos ostras.

Os Lambeferas... Deixemos aquilo em paz. Horrído.

Vou-me á vida livre do fazendeiro, criar porcos em vez de acusar reus, viver como bicho ou arvore em vez de como chapéu-de-sapo que o Dr. Washington desloca daqui p'r'ali.

Não sei se o *causar especie* é locução vernacula. Talvez um idiotismo — e idiotice é. Será francesismo? “Tres-malhas”, no tempo em que eu pescava na Fazenda do Paraíso (9 a 12 anos) era uma redinha de malha que atravessavamos no ribeirão á tarde e na qual na manhã seguinte encontravamos peixes enroscados — peixes que desciam o ribeirão de noite. Se o nome aí é outro, a coisa é a mesma.

Recebeu os prospectos de novo dicionario? Imagine que são 23 volumes de 500 paginas cada um! Está sendo feito por um Jeronimo de Azevedo da Biblioteca Publica de S. Paulo. Vinte mil réis o volume. Irá saindo aos poucos.

LOBATO

Taubaté, 22,6,1911

Rangel:

Será que a tal carta de meia legua se perdeu pelo caminho? Já estou cansado de espera-la.

O mês passado fundei aqui um collegio para aproveitar duas coisas: um casarão imenso deixado pelo meu avô e um parente que não conseguiu estudar. Que fazer de quem não conseguiu aprender, senão po-lo a ensinar? Já inauguramos o externato — o internato fica para o ano que vem. Temos agentes pelas cidades vizinhas. E aí? Não me poderás conseguir um bom?

E estou planejando o lançamento dum sanatorio em São José dos Campos. O lugar é otimo e ninguém ainda teve a ideia. Tenho cá um tratado sobre os sanatorios suíços e o engenheiro Huascar está me fazendo um ante-projeto.

Mas a grande ideia não é essa: é a de um collegio que não existe, só para meninos ricos. Um collegio onde só ensinem coisas de rico — esporte, pocker, bridge, dansas, linguas vivas faladas, elegancias, pedantismos, etiquetas, e as tinturas de literatura, ciencia e arte necessarias nas conversas de salão. O café está a 10\$000, o fazendeiro nada em ouro — que fazendeiro não quererá os filhos educados assim? O passadio do collegio será excelente. Mesas redondas, garçons de casaca. E podemos até introduzir as cartolas de Eton. Estatutos luxuosissimos, com maravilhosas gravuras. Agentes por toda parte onde haja ricos. Grandes reclames nos jornais, diretos e indiretos. Para professores, só medalhões, “*immortais*”, homens bem postos, aristocratas estrangeiros; e o Beccari, que é marquês, poderá entrar como “*maitre d’hôtel*.” E temos ainda o conde Lorenzaro para a equipação. Importaremos até um duque da Italia — ou um grão-duque da Russia.

Preços exorbitantes, que encham de orgulho os pais, porque ter filho em tal collegio será o mesmo que ter frisa de assinatura permanente na Opera: atestado de riqueza.

No fim do ano, excursões dos alunos pelos paises de turismo classico, com professores que expliquem a Esfinge e mostre as melhores “boîtes” de Paris e as mais afamadas casas de joias da Rue de la Paix. Em suma,

ensinar aos meninos ricos o que eles vão necessitar pela vida afora — porque não sei de maior imbecilidade do que meter logaritmos na cabeça dum futuro herdeiro de milhões. Mas ensina-los a ser ricos com decencia e proveito social.

O rico educado! O rico treinado na sua alta função social. Pense nisto, Rangel. O rico forçado a ter altas obrigações, como aqueles nobres dos começos da nobreza.

A ideia me veio porque ha aqui um rico (aliás mineiro) que tem boa alma, é decente, etc., mas está transformado na craca mais inutil do mundo porque nunca lhe ensinaram a arte de ser rico. Um rico educado em meu collegio será um nobre embelezador do mundo com a sabia arte de bem gastar em proveito proprio e alheio, que o collegio lhe ensinará.

Não comunique esta ideia ao Fernandes, que ele corre a executa-la. Incrível que um genio da marca do Fernandes ainda não se tenha lembrado disto!...

LOBATO

Taubaté, 7,8,1911

Rangel:

Já andava saudoso de algo sem conseguir precisar o que fosse, quando tua carta veio abrir-me os olhos. Era a falta das nossas palestras epistolares, nas quais nos chafurdamos no assunto que não cansa. Ha quantos seculos interrompemo-las! Desde Areias. Mas como vou breve pará a fazenda com o fito de demorar pelo

menos um ano, e você de novo afundou nesse tremendo Machado, a distribuir justiça, é de crer que tenhamos ambos disposição e tempo para... Para que? Que será realmente isto que fazemos? Devanear? Para mim o sabor de tudo está em que só nos momentos em que te escrevo, ou te leio, é que vivo a minha "vida insuspeitada" — uma vida velha, boa, cara e rara; uma vida proibida e unica, de espanejamento de ideias, de espojamento mental. Observe como as bestas de carga se espojam no pó, quando, depois de longa viagem, o tropeiro as alivia das cangalhas! E o que fazemos epistolarmente, sem que o Mundo desconfie. Pobre Mundo! Como nós o enganamos...

Ah, eu no Mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, politica municipal. Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja ás ocultas — Lobato *quand même*. E ha quantos anos já dura esta conversa misteriosa, de que o Mundo jamais desconfiará? Quanta coisa nos dissemos, quanto projetamos, quanto nos espojamos... Enquanto isso, fomos vencendo estirões na estrada da vida. Vencendo fases. Namoramos. Noivamos. Casamos. Proliferamos. Descobrimos o primeiro fio de cabelo branco...

Mas ando curioso de conhecer o teu pedaço de vida que vai da saída de Machado até a volta para Machado. Tanto machado, Rangel — não receias um fim á Ana Bolena? Conta-me lá esse pedaço de vida. Foi pena não queres te associar ao meu colegio aqui. Vai de vento nas costas. Dei-o de presente a um cunhado, e diz ele que já lhe está rendendo um conto de lucro por

mês, o que é alguma coisa para collegio começado este ano e aqui. E ele não é dos que têm grande jeito. Mas com você dentro — com toda a tecnica que aprendeu do Fernandes...

Agora que te voltou o sossego tens de prosseguir no romance. Lembra-te que a ti cumpre salvar a Tarasca, já que és a unica semente que não falhou. Todos nós vivemos de olhos grudados em você, como naufragos num penedo da costa. Quando algum dos cães pergunta de você (porque sobre o Rangel sou eu a grande autoridade), respondo com misterio: "Nada de pressas. É de lá que vem a *coisa!*" E o "a coisa" é dito em tom que os comove; os olhos do Raul brilham de amor. É que todos do Cenaculo esperam de você e de você só. O resto da cainçalha vive na voragem, esquecidos das ideias e juramentos de outrora. Ricardo engorda e em vez de sonetos produz filhos. Raul ainda se mantem o ultimo abencerragem — ainda é um produto residual das leituras do Eça. Ainda acorda e emite aquele "oh!" quando ouve o nome do Eça. Albino policia Ribeirão Preto. Lino, Tito, eu... Até erva-de-passarinho me deu no estilo. Perdi o jeito de escrever, por força deste delicioso habito de não escrever que estou adquirindo. Atualmente, sabe em que lido? Arquitetura... Fiz o projeto de uma capelinha que uma de minhas irmãs quis construir em sua chacara aqui da cidade — e peguei a empreitada! Estou arquiteto e construtor! Ha tres meses que vivo essa vida nova; passo os dias, desde as 6 da manhã até noitinha, na "obra", dirigindo e fazendo. Ajudo o carpinteiro e o pedreiro. Eu mesmo peguei todas as telhas "Eternit" do telhado,

porque o pobre pedreiro não entendia dessa novidade. Ontem, quando entrou lá na chacara o correio com tua carta, eu estava no alto da escada ajustando uns lambrequins (que não figuram no desenho que te mando). Que felicidade construir! Não me esquecerei nunca destes dias passados a lidar com a torrinha em ponta de flecha, a dez metros do solo, sob o sol. Nunca meu tempo correu tão depressa. Os pedreiros e carapinas não sabem como são felizes. A felicidade humana é diretamente proporcional á velocidade com que passamos o tempo — ou ao “andante” da vida. Pedreiro e carapina e mais operarios manuais são ultra-felizes porque vivem “prestissimo”. O mais desgraçado dos homens é o preso de cadeia, porque vive no “lentissimo”, com dias de cem horas. Meus dias da capelinha têm, sabe quantas horas? Nem seis. E a minha impressão é de serem horas de vinte minutos apenas.

A verdadeira vida dum artista deve ser esta que estou levando — vida de aprendizagem, como a teve o Wilhelm Meister de Goethe. Viver todas as vidas — depois pintar a Vida. Uns tempos como pedreiro, outros como carapina, vivendo no meio deles, com o aroma das madeiras morando-nos no nariz, mais os cheiros das telhas e da cal e do rehoco, com a unha do polegar da esquerda sempre negra das marteladas em falso. E depois, o mar, uns tempos de mar — e engajado em barco de vela, cantando e apanhando bofetadas tremendas do capitão — um capitão de suíças. E depois, cocheiro de *cab* em Londres, ou de *fiacre* em Paris, ou mesmo de tilburi em S. Paulo. Depois, criado, maquinista,

guarda-freio da Central, motorneiro da Light, vendedor de frutas no carrinho, e de bilhetes de loteria, e caixeiro, e faroleiro, e *camelot*, e farol de roleta... Viver as principais "vidas coloridas" e realmente vivas — e só depois então casar. Só assim um homem tornar-se-ia honestamente casavel.

Mas sempre com dinheiro escondido no banco, para não passar a tal necessidade que gosa fama de ter cara de hereje. Vivo pensando nesse projeto, para quando alcançar a independencia economica — e sempre contando com você para companheiro. Sem você sinto-me podado, com falta de pedaço.

Se não todas, ha entre essas vidas que citei algumas que teimo em viver. Uma é a do faroleiro. Não imaginas, desde aquele conto tentado em Areias, que profunda nostalgia me ficou da vida em farol. Ainda hei de passar dois meses num farol — e com você ao lado.

Quanto aos *Falhos*, creio que vão ser a tua obra prima. Nada observaste tão bem e tão ao vivo, talvez por superabundancia de modelos. Estas cidadocas são cachos de *ratés*.

Não conheço o *Inocente* de D'Annunzio — nada tenho lido ultimamente, fora uns malucos de genio como o Aretino e o horrivel louco que foi o Marquês de Sade. E por falar: desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana — o olho d'agua de Nietzsche. Sade está no Index, e é de fato a coisa mais anti-cristã que possa ser imaginada. Mas é um genio!

E como vai de filhos?

LOBATO

Taubaté, 11,9,1911

Rangel:

Volto ao Euclides. Estive a le-lo e pareceu-me que a sobria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancerado de nenhum dos cancros do estilo de toda gente — estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala academico, tornando-o untuoso, arredondado e impessoal. 1) Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo, o que contraria a logica percepção cerebral. Por exemplo: “exaustivas correrias”, “pauperrimas choupanas”, “esguia palmeira”. O que na mecanica da leitura o cerebro tem de representar ao receber a impressão dum desses adjetivos (sem ter ainda recebido a impressão do substantivo posposto), é uma qualidade *vaga e dissipada* em extremo, capaz de mil articulações diversas: ao passo que na forma contraria — “palmeira esguia”, por exemplo — a impressão é de extrema nitidez e vigor; o cerebro representa a coisa indicada pelo substantivo e imediatamente a qualifica ou determina com o adjetivo posposto. Ora, em Euclides *não ha* adjetivos prepostos aos substantivos, ao passo que no estilo de jornal é esta a forma que predomina (“nosso inteligente colaborador”, “o distinto amigo”, a “gentil senhorita”, a “virtuosa consorte”, o “honrado comerciante desta praça”, etc.).

2) Os verbos em forma composta, essa nojenta coisa de agregar o “ter” e o “haver” ao resto da verbalhada. É outro vicio dessorante, que enfraquece o estilo com amortecer a nitidez da impressão cerebral (“haviãr feito”, “tinham estado comendo”, etc.). As formas verbais simples são esplendidas de energia e

Euclides só emprega as compostas quando indispensáveis. Já o estilo de jornal só quer saber das compostas, justamente porque meliflue a frase, fa-las de salão de Clube Recreativo. Abro um *Minarete* e encontro: “andaram percorrendo”, “tiveram começo”, “estavam reclamando”, “foram verificados”, etc. A explicação do fato é a mesma do adjetivo preposto — dispersão, dissipação.

3) Os advérbios em mente, outra asquerosa invenção do jornal com o fito de adocicar o estilo por causa das leitoras folhetinistas, normalistas, pianistas, feministas — todo o hospital dos cloróticos para os quais o jornal é um pão de cada dia — pão doce. A razão ainda é a mesma. Claro que têm mais força as formas — “de leve”, “á larga”, “á sós” — do que o “levemente”, o “largamente”, o “solitariamente”. Euclides é idiosincrásico aos advérbios em mente e o estilo de jornal não quer outra coisa. Pela-se por eles.

Veja este trecho: “A deiscencia das vagens das catingueiras, abrindo-se com *estalidos secos e fortes*, soava-lhes como percussões de gatilho ou estalo de espoletas, dando a ilusão de *descargas subitas* de alguma *algara noturna inopinada* — e as *grinaldas fosforescentes* dos cananãs fulguravam *ao longe*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno das quais velassem, em silencio, expectantes *tocaías numerosas...*” E compare como ficaria em jornalismo: “A deiscencia das vagens das catingueiras, abrindo-se com *secos e fortes estalidos*, soava-lhe como *agudas percussões* de gatilho e *secos estalidos* de espoleta, dando a ilusão de *subitas descargas* e alguma *inopinada algara noturna*, e as *fosforescentes grinaldas* dos cananãs fulgu-

ravam *remotamente*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno ás quais *estivessem velando, silenciosa e expectantemente, numerosas tocaias, etc.* (Falta o resto).

LOBATO

Taubaté, 10,10,1911

Rangel:

Ora a tua versão do "enigma do Olivais!" Ele assume attitude de enigma e vocês caem e tentam decifralo. O fato é que Olivais anuncia, mas nunca mostra nada de bom que haja escrito. O cavalo de batalha é agora o Alberto de Oliveira — a famosa carta do Alberto! Quem precisava duma carta do Alberto, conferidor de talento, é o Dantas Barreto. O *Paiz* transcreveu uns trechos da *Guerra de Canudos* desse imortal, simplesmente hilariantes. Que penal! A Academia vai descendo...

Escreveu-te o Edgard. Donde vem tua ligação com o Edgard? Sei que ele reproduziu no aniversario de Euclides aquella sua celebre carta sobre o *Eternel Retour* nietzscheano, desta vez precedida de uma apreciação minha. O *Eternel Retour* do Edgard parece o soneto d'Arvers, um canto do cisne.

O que na Revolução Francesa me interessa é o que os estupidos historiadores á moda classica não contam. Eu quero fatias de vida da epoca, conservadas aqui e ali em memorias, em panfletos de despeitados. Interessa-me o *bas-fond* da revolução, o formigueiro dos interesses inconfessaveis, a trama secreta dos bastidores, os

fios que movimentavam os polichinelos políticos — os subornos. A historia fala no patriotismo de Danton, na virtude de Robespierre, mas o que me interessa conhecer é o apetite de Danton, a ambição de Robespierre. Os grandes homens aparecem infinitamente mais interessantes, mais *homens*, quando despidos das falsas atitudes com que os veste a Historia — esse reposteiro. Anatole acaba de dar um livro com drama da revolução, tal como gosto. Infelizmente os exemplares que vieram para S. Paulo derreteram-se como sorvetes. Cheguei tarde.

Quanto ao que me propõe, não sei ... Sou incapaz de literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possível e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação — é pensamento descritivo; não cria — copia do natural. Em suma, sou pintor; nasci pintor e pintor morrerei — e mau pintor! Nunca pinte nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto — pinto menos mal do que com o pincel. Copista, portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cerebro pensa — mas é só. E não tenho folego. Escrever aborrece-me — mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo.

LOBATO

Taubaté, 9,11,1911

Rangel:

Apavora-me a lonjura da tua tóca, menos pela distancia do que pelo tempo necessario para lá chegar. Não

posso arredar-me daqui por mais de tres dias, e para visitar-te é preciso no minimo o dobro. O burro da canastrinha não trabalhará por minha causa — pelo menos por enquanto. Mas guardo o itinerario e o convite, e quando houver jeito irrompereí por aí como você irrompeu em Areias. Quanto a malas, sossega; não sou parente do Jacinto Galião nem do Candido. Levo uma só, e pequena.

Muito facil — basta que a tua visão do Cenaculo não seja do nosso cenaculo e sim dum cenaculo teorico, epitomatico, e estará a tua consciencia em paz com os amigos que te serviram de modelos e que — o livro sendo cruel — não se reverão nele. Pinta-os sem dó, a largas espatuladas, e farás livro novo e muito vivido. E é livro necessario.

Por que? Ora, porque ha cenaculos em toda parte e em todos os tempos. O cenaculo é um tumor. Basta que meia duzia de vaidades afins se juntem e pronto — está ali um cenaculo em estado fetal. Nós dizemos “cenaculo”; o povo diz “panela”.

O livro que v. planeja sobre bandidos do sertão, capangas, etc., tambem é dos necessarios. O assunto foi tocado pelo velho Bernardo Guimarães e outros — gente de pouco realismo, e de romantismo em dose maior que o *quantum satis*. O filão está virtualmente virgem.

Uma das vantagens do romancista brasileiro é poder lidar só com virgindades. Nenhum tema nosso tem “bar-riga suja”. A literatura faz *pendant* com a lavoura; ambas só lidam com matas virgens, terras virgens. Tudo está por fazer. Aqui em S. Paulo, quanto elemento de primeira ordem á espera dos Balzacs e Zolas, pedreiros

que saibam assentar tijolos! A Terra Roxa, o caboclo queimador de mato, o bandoleiro *avant coureur* da civilização representada pelo colono italiano: o bandoleiro espanta o “barba-rala” e permite que o calabrês se fixe na terra grilada; a invasão italiana nas cidades — o Braz, e Bom Retiro; a fusão das raças nas camadas baixas — e na alta; o norte de São Paulo invadido pela decadência do Estado do Rio e a migração dos fortes para o Oeste...

Mas quem pensa em escrever romance quando a senha é o pega-pega do dinheiro? Era preciso que o romance também desse dinheiro.

A ideia do livro fragmentario não é má — aproxima-se da *Lanterna Mágica* de Th. de Banville, uma serie de quadrinhos sem outra ligação entre si além da paternidade comum. Tudo serve, tudo presta, tudo é material — a questão toda está na fatura.

Um livro de piraquaras, entremeado de lendas ribeirinhas (como a do Minhocão do Paraíba, comparavel á Serpente do Mar dos velhos marujos: ouvia-a contar em Queluz), a atmosfera ambiente, o cheiro da agua doce, dos guapés apodrecidos; e o marasmo da vida, o sol parado das 2 horas, com cigarras, com a lombeira, com a menina estudando piano — batendo no piano uma escala de Czerni...

A empreender a coisa, eu faria assim: estudava o rio desde a humildade do olho d’agua — o ovulo donde ele saiu, até que se fundisse no Nirvana de todos os rios, o mar. Acompanhava-lhe o curso todo, o despejar de todos os afluentes, e as inumeras coisas que o rio vem criando ou modificando pelo caminho. O nos-

so piraquara é uma criação do Paraíba, tal qual o lambari, o taiabucú de rabo vermelho, o nhacundá pintadinho. É o homem em função do rio; acessório, portanto; materia que o rio plasmou — que o rio folga nos anos de bom peixe ou esfomea nos de penuria — e que envenena nas enchentes, quando a agua em redor do piraquara apodrece nas lagoas verdes. Dramatizar o fluir do rio, as tragedias passionais e outras ocorridas nas suas margens, os afogamentos, os desastres, etc. E para commodidade da composição, podíamos pôr toda a historia na boca dum atomo do Hidrogenio componente duma molecula d'agua do Paraíba, que se dissociou, abandonou o Oxigenio e foi escrever suas memorias...

Rangel: esta carta foi interrompida ha dias, e desde então corri tanto de cá para lá que perdi todos os fios. É que estou me mudando para a fazenda, o que me vai tomar todo o mês. E só depois de lá bem instalado é que poderei reatar a nossa prosa sem fim. Fica pois adiada a resposta á tua ultima e a continuação dessa historia do rio. Isso não impede que você me escreva outra, uma vez que já estás definitivamente afundado, ou encravado numa pedra, como pretendo fazer com a minha mudança para a fazenda.

Adeus.

LOBATO

Fazenda, 10,12,1911

Rangel:

O problema que propões é de tal ordem intrincado que para solve-lo só um Balzac — e acho até que só o

Balzac da *Fisiologia do Casamento*. Creio que a attitudede do marido tem que ser um reflexo natural do seu temperamento. O bilioso, o linfatico e o sanguineo agem de modos diversos. Mas como a classe dos biliosos, linfaticos e sanguineos se desdobra num infinito de variedades, assim tambem variam as attitudes maritais diante dos flirts publicos de que a consorte é objeto. Em tese, uma cara bonita que passeia pela rua por um braço masculino faz parte da paisagem; e, portanto, todos os transeuntes de bom gosto estetico têm o direito de encher o olho com ela. Uma bela arvore, uma bela fachada de casa, um bonito jardim particular, uma bonita mulher na rua (ainda que com o Cerbero ao lado), são coisas para os olhos de todos — e o marido, tal qual o dono da fachada ou do jardim, só deve orgulhar-se das olhadelas admirativas e invejosas. A questão complica-se quando o olhar é mais que olhar. Ha olhar e olhar. *Est modus in rebus*. Ha o olhar atrevido do conquistador de esquina, coisa muito nossa e sobretudo carioca. No Rio abundam profissionais do olhar atrevido. Moram na rua e contra todas as mulheres que passam ao braço dos donos chispam eles o tal olhar magnetico, na eterna esperança do *coup de foudre* (que ás vezes sobrevem). Muito adulterio deve ter-se gerado desses coriscos. O fim remoto e secreto de tais peixes eletricos é esse: caçar as Bovarys. .

Mas vamos á attitude marital. Ha o remedio homeopatico: para um olhar atrevido e insistente, olhar ainda mais atrevido e insistente. *Similia similibus*. O defeito deste sistema está em que enquanto o marido encara o gajo, este está encarando a esposa e não perce-

be coisa nenhuma. Se, entretanto, percebe, enfia e some-se. Ha a attitude linfatica: fingir que não vê e quando em casa a mulher queixar-se do “mal educado”, enfurecer-se, ameaçar — e ir discretamente azeitar o tambor do revolver, mas de modo que a mulher o perceba. Ha a attitude nervosa, ou sanguinea, em que o marido perde a tramontana e agride o insolente a bengaladas — e tudo acaba com explicações na policia e entusiasmo da esposa. Ha a attitude biliosa na qual não sei o que se faz, visto como sou bilioso e os homens não se conhecem.

A melhor solução me parece a de um sabio ecletismo, coisa muito ponderada: fingir que não vê enquanto isso é possível; encarar com insolencia provocadora, quando isso aproveita; quebrar a cara do olhador, quando não houver perigo do feitiço voltar-se contra o feitiiceiro. Faz-se mister um grande tacto na applicação deste ecletismo, só possível, pois, para os homens que não perdem a cabeça.

Um meio que dá bons resultados é abordar o olhador e dizer-lhe qualquer coisa finamente mordaz.

Eu tive um companheiro de republica, o Mateus, que se viciou em encarar e fulminar com fluidos magneticos todos os palmos de cara bonitinhos com que se cruzava na rua. Uma vez estrepou-se. Foi no Largo do Rosario. O palmo vinha acompanhado do irmão, o qual entreparou e disse amavelmente ao Mateus, extendendo-lhe o cartão: “Moramos na rua tal, numero tanto, onde teremos muito gosto em receber sua visita e onde poderá encarar minha irmã com toda a comodidade. Parece-me que aqui na rua o lugar é impro-

prio." Mateus, apesar de cinico, engasgou. Ao "Pati-fe, eu te quebro a caral" ele sabia reagir, mas de que modo reagir contra um convite tão amavel?

É esta reacção que sugiro. Amavel, limpa, decente, sem policia no meio. É o sistema francês — atender a todas as situações da vida com um *bon mot*. E eles levam o processo ao extremo. O marquês de Galifet, figura das mais altas na aristocracia francesa, vingou-se do chifre que *un tel* lhe pôs dizendo numa roda lá no clube, quando *un tel* entrou: "*Je viens de le faire cocu.*" E esclareceu a surpresa dos ouvintes: "*J'ai couché avec ma femme.*"

O inglês, dizem, resolve o caso com um murro — no que eu não acredito. E dizem que o italiano o atende com uma facada — o que é natural.

A você aconselho que guarde o revolver. Matar gente, além de contrario a um dos mandamentos de Moisés, deve ser uma tremenda maçada — o juri, o libelo, as imbecilidades do promotor e da defesa. Também não aconselho que finja que não vê, porque é desmoralizante. Tire o troco da tua veia de humorismo. Faça espirito. Não somente ficarás satisfeito contigo mesmo, lisongeadado com o mordacidade do *bon mot*, como deixarás o gajo "interdito" — e é até possível que tua mulher passe a te admirar. Elas lambem-se por qualquer forma de superioridade do esposo.

Estou na fazenda ha já uma semana, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiro, roças de milho e mais coisas. Ainda não adquiri o olho exclusivamente utilitario. Uso muito o estetico — e temo que isso

me dê prejuízo no fim do ano. É a opinião do meu utilitaríssimo administrador.

Quanto ao *Romance do Rio*, havemos de voltar ao assunto. Ideia já velha, mas boa. N'Os *Lambeferas*, de execravel memoria, o melhor pedaço é o em que essa ideia bruxoleia. E cá a tenho ainda no utero mental, para o mais belo e original romance brasileiro do seculo vinte: O PARAIBA.

Sabe quem andou por aqui? Um emissario daquele famoso coronel João Francisco do Rio Grande. Está com ideias dum saladeiro em Caçapava e pensa em comprar-me a fazenda.

LOBATO

1912

Fazenda, 7,2,1912

Rangel:

Na Ilha da Trindade ha um conto esquecido a Edgar Poe. É um *Escaravelho de Ouro* ás avessas. Na literatura dos tesouros enterrados, a inevitavel *boîte à surprises* é o encontro final do tesouro depois de mil e uma peripecias e decepções. Corresponde ao casamento no quinto ato dos dramalhões do amor contrariado pela "prepotencia paterna". Ora, um conto ou novela em que, no desfecho, quando o leitor ansioso já sente o "afinal" aliviador de suas angustias, tudo lhe saia ás avessas, será interessante — senão para o leitor ao menos para o autor. E não é mister ir á ilha. Daqui mesmo você faz a coisa. Por que te lembro a ideia? Porque sou incapaz de produzir um conto.

Lino escreve-me. Conta que para te publicar *Os Legionarios da Ciencia* arranjou *O Paiz*. Felizardol Com passinhos de lá vais caminhando para a Academia, para rehabilitar aquilo... E eu cá a criar galinhas e porcos. Minha academia vai ser a Sociedade Nacional de Agricultura.

Por falar em galinha: estou de avicultor novo, um grego legitimo, contratado no Rio. É da ilha de Tinos e recém-chegou do Acre. Para valorizar minhas Leghorns dou-o como descendente bastardo de Homero. Purezinha vive a perguntar-lhe como é em grego isto e aquilo, e vai formando vocabulario. E como o Lino me

promete um lote de Orpingtons pretas da preciosa criação de luxo do Pedro Toledo, Ministro da Agricultura, veja que produtos vou obter: aves aristocratas, ministeriais, de bom pedigree inglês e criadas por um neto de Homero — talvez um Atridal! Em tempo te mandarei um casal da maravilha, para que assombres Minas com o requinte.

Quanto ao teu Caio... Manda-me todos os sintomas que eu o curo.

Idade certa, se mamou leite materno e até quando, que regime está seguindo, ha quanto tempo veio a diarreia — consistencia, côr, cheiro e acidez (verificada com papel de turnessol), quantas vezes evacua por dia, se chora muito, etc., etc.

Virei medico á força por causa dos filhos, e tenho obtido curas maravilhosas. Em diarreia sou mestre. E como sou “doutor”, todos aqui me procuram e tomam meus remedios e saram ou morrem — tal qual com os medicos de verdade.

O peralta é o Edgard. Põe-me doido e é escandalosamente protegido pela mãe e a tia Anastacia, a preta que eu trouxe de Areias e o pega desde pequenininho. Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú.

Sim, se não fosses casado não estavas fazendo nada do que dizes: estavas correndo atrás duma mulher para casar. O *Homo sapiens* é uma besta, Rangel.

Já te expus a minha teoria do caboclo, como o pio-lho da terra, o *Porrigio decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro

profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influencia europeia. Muito possivel que te vendo impresso n'O *Patz*, a Inveja, essa fecunda espora, me force a escreve-lo. Se não sair, será mais um casulo que seca sem dar borboleta.

LOBATO

Fazenda, 9,4,1912

Rangel:

Anda o Nogueira com livro em Portugal! Ha de ser o Venerando, historia já minha conhecida. Nogueira tem preocupações comicas — a qualidade do papel, o tamanho das margens, ilustrações, como se um livro valesse por outra coisa que não o miolo. Quem procura essas galantezas estranhas á literatura não mostra confiança no que escreve. É procurar muletas. Veja se um Machado, um Anatole, um Euclides, lá vão pensar nessas bobagensinhas. E por dizer-lhe eu isto, anda ele agora zangado.

Vou ver se consigo escrever um conto, o *Porriço decalvans*, em que considerarei o caboclo um piolho da terra, uma praga da terra. Mas não garanto coisa nenhuma. A vida de fazenda é absorvente; pouco lazer me sobra para pensar em coisas alheias á faina.

Apareceu um novo livro do Anatole, com um drama da Revolução Francesa. Parece que já te falei nisto. Duns tempos para cá ando muito interessado nessa convulsão social. Li a historia da Revolução de Michelet e estou lendo uma coisa enorme e enormemente boa — *As Origens da França Contemporanea*, do Taine.

Infame. Andas então preparando os dentes para trincar o casal de Orpingtons que te prometi? Saiba que nos criadores do Rio não obtens um casal dessas galinhas por menos de 200 mil réis. Tens que criar, barbaro, fazer do casal prometido o nucleo da tua galinhada futura, isso sim.

LOBATO

Fazenda, 19,8,1912

Rangel:

Deu-me inveja a vida desse A. Silveira que você pintou tão bonita, a viajar de serra em serra, de bacia em bacia. Ha de ser solteiro, evidentemente. Casar é cortar as azas; ou, melhor, troca-las por feixes de raizes cada dia mais fortes. E com certeza esse felizardo anda instintivamente a forjar as grilhetas que o vão ligar a uma mineirazinha. Quanto mais difficil se me vai ficando o viajar, mais ardo por isso. Com familia é impossivel. Já notou que a maior parte dos artistas são largados da mulher? Explica-se o caso. Casam, na idade de casar, porque o casar é como o sarampo — coisa que vem. Mas depois de casados a mulher enciuma-se da arte do marido, e este ou abandona a arte ou abandona a mulher. Em Taubaté havia um pintoreco que um dia se casou. Viu logo a incompatibilidade entre a pintura e a mulher, mais os consequentes filhos, e falou-me do seu mais ardente desejo: um sobrado para morar; no primeiro piso punha a familia, no segundo punha a pintura — e nada de comunicação entre os dois andares a não ser um buraco no fôrro, que ele atravessas-

se “arranhando-se todo”; e para que a mulher não fizesse o mesmo, ele a manteria perpetuamente grávida de sete meses — “impassável” pelo buraco.

Quanto á ortografia, procedi de modo inverso ao teu. Atacaste-a pel’A *Lanterna* e adotaste-a em publico. Eu defendi-a em publico mas não a adotei. Por que? Preguiça, incapacidade. Acho que deve ser *difficilima para mim*. Ter de aprender de novo, na minha idade, isso é duro. E ha ainda uma razão estetica. Acho razoabilissimo que se escreva, por exemplo, “estetica”; mas acho fidalgo, distinto, cheiroso, escreve-la á antiga, com aquele inutil “h” a flunar no meio da palavra. Tenho paixão pelo “h”. Dá-me ideia duma letra nobre, de muita raça, com avô barão rapinante nas Cruzadas. Só trabalha quando quer, e só para modificar o som de outras letras. Age por ação de presença. O “n”, se o “h” lhe surge pela frente, mija-se todo e fica “nhe”. E fora de casos assim, o “h” só aparece nas palavras por puro esporte, por uma especie de parasitismo — para arejar-se, ou para exhibir-se quando puxa fila, como em “Homem”. E o que dá dignidade ao Homem é o “H”. Imagine se o Gonçalves Viana propusesse mudar-nos para “Omem”. Até eu, daqui, ajudava a lincha-lo.

Adotas a reforma desse Viana? Se eu puder decorar regras é possível que faça o mesmo — apenas para acompanhar o movimento, não que a ache bonita. Boa, sim, é. Ou então persistirei na antiga, contribuindo para vitoria da nova com o criar os filhos nela. O Le Bon que te serve é o sobre a evolução da materia. Não aceito o oferecimento do Poincaré porque agora só leio coisas agricolas e com imenso encanto. Ontem, a *Galino-*

cultura de Delgado de Carvalho me enlevou a cabeça e a alma, como outrora as enlevava um romance de Daudet. Não calculas, Rangel, como tomo a serio a lavoura, nem que belezas ha na vida do solo. O cruzamento das raças, a hibridação, a seleção — mundos! Tudo biologia ali na fonte. Estou empenhado em fixar uma nova raça de galinhas por meio do cruzamento da Wyandotte Silver-laced com uma raça crioula que encontrei aqui, muito rustica e adaptada. Aplico os processos americanos, que nisto são incomparaveis e têm formado raças maravilhosas. Adoro uma ninhada de pintos — penugentas biologias vivas. Que pena não te interessares pelo assunto! Ensejo de trocarmos cartas utilissimas. Poderás começar criando galinhas — ha de haver aí lugar para elas. Minas é grande. E apurarás uma raça, selecionarás. Impossivel melhor distração, e mais nobre, para um homem de letras. Paderewsky é um dos primeiros criadores do mundo. Tem uma *basse-cour* avaliada em 2 milhões de francos. Pintos que piam em sustenido e galos que cantam em lá menor.

Colecione as ideias do Nelo, suas agudezas e ingenuidades. Dará materia para um livro que nos falta. Um romance infantil — que campo vasto e nunca tentado! A ideia do Nelo, de matar passarinhos com foguetes de espeto na ponta, é de se requerer patente.

Mando uma fotografia dos meus pintos empencados no pai-capão. E a da capelinha. E a de Purezinha feito Madona.

LOBATO

Fazenda, 19,9,1912

Rangel:

A Academia está descendo porque a sina deste país é a descida. O primeiro erro da Academia foi fixar em 40 o numero de membros. A unica razão para a escolha desse numero, ou a dum numero qualquer, só pode ser um precedente — a menos razoavel de todas as razões. Por capricho dum rei, a França organizou uma academia de 40 — e os nossos pitecos, *zús*, academia de 40! Mas se a França, por um criterio bastante cabo de esquadra, acha que os imortalizaveis devem ser 40, parece-me pretensão bastante pitecoide que um país como o nosso tambem pretenda tanto. Vem daí que para um Machado de Assis, um Bilac, um Neto, valores reais, torna-se necessario meter lá “enchimentos”, como o Dantas e outros. E a propria Francesa recorre a enchimentos — uns marqueses, uns duques, uns prelados. O resultado vai ver, cá na nossa, que acabarão entrando até presidentes da Republica, porque não ha razão para que a um general Dantas Barreto não se siga um marechal Hermes da Fonseca. E assim a nossa Academia irá descendo, como tudo mais em nossa terra, até ficar uma panelinha de gente equivocada. Acho, pois, que um homem de letras visceral como você não deve nunca pensar em academizar-se. Muito preferivel que de facto te imortalizes com tres ou quatro romances á Flaubert, dos solidos e imperituros. A Academia está fican-do a Guarda Nacional da Literatura Indigena.

Se sou maçon? Não. E não porque não tenho temperamento religioso nem politico, e a maçonaria me parece uma religião politica. E a maçonaria da roça

ainda é menos que isto — é a botica do Eusebio Macario portas a dentro. Acho, Rangel, que tudo quanto seja contacto com os netos do Pitecantropo que têm tres olhos deve ser evitado pelos que têm quatro — os tres de todos os netos e o quarto, o olho estetico que falta a tantos academicos de letras perras. *Turris eburnea!*

E dela só sair para estudos do primata — para analisa-lo, daguerreotipa-lo, nunca para confraternizar com ele.

A maior delicia da minha vida de roça aqui é justamente lidar com pintos, com perús, com bois e cavalos, e do bipede humano só me meter com esta insuficiencia mitral que é o caboclo da roça. Mesmo assim só lido com eles através do “administrador”, a ponte de ligação. E o caboclo ainda é a melhor coisa da nossa terra, porque analfabeto, simples, muito mais proximo do avô Pitecantropo do que os que usam dragonas ou cartola, e se dão ao luxo de ter ideias na cabeça, em vez de honestissimos piolhos.

Tambem não desisti do retorno á literatura. O Dantas Barreto encoraja-me, mas não acho ocasião — vou protelando. Ontem deliberei-me. Fecundei o cerebro com uma ideia e penso que com 15 dias de gestação sairá alguma coisa.

Ando, ás furtadelas, escondido de mim mesmo, a reler Kipling, e meu proximo conto será feito sob sua egide. Um conto de animais, aves. Fiz um grande lago perto da casa e enchi-o de marrecos de Pekin, patos indigenas, gansos, mergulhões. E estou estudando o palmipede para escrever a historia do tanque. Contar a historia do fio d’agua que primitivamente alimentava

um brejo e hoje me alimenta o tanque — um brejo todo capitivas, peris, tabôas — todo um pedaço da miuda flora aquatica. E com guarusinhos nos rasos, e traíras amigas do lodo, e baturas e saracuras amigas das minhocas e vermes paludicos. Fechei a saída da água e ela foi crescendo e afogando as capitivas, expelindo as baturas — e por fim os meus marrecos tomaram conta da superfície. Tudo isso olhado do ponto de vista dum pequeno picapau de cabeça vermelha que mora num velho esteio fincado ali na água antigamente, não sei com que fim. Ele abriu na madeira, que é de lei, um buraco assim do tamanho duma jaboticaba das grandes e escuro como ela. Mora ali. Ha de ter ninho lá dentro, e espia pela entrada do buraco redondo, com apenas a cabecinha vermelha de fora. Evidentemente se julga dono da minha lagoa e dos meus marrecos. É a sua janelinha, aquele buraco. A qualquer ruído estranho, uma grita de gansos, uma pedra que eu atire contra o esteio, lá aparece a cabecinha vermelha a ver o que é.

Em suma: a crônica do tanque, porque creio que não passo dum cronista.

Parabéns pela confiança. É a base de tudo. Sobre-põe o teu juízo ao de todo mundo, inclusive o papa. Crê em ti mesmo, como o Cristo cria em si — e afirma que és o Filho de Deus, e acabarás Filho de Deus — se conseguires escapar do Juliano Moreira.

LOBATO

1913

S. Paulo, março, 1913

Rangel:

Já vai muito longo o nosso mutuo silencio e preciso saber onde estás, em que ceu, em que nuvens tu te escondes. Somos dois viajantes de itinerarios diversos e condução diversa, mas combinados de não se perderem de vista afim de um dia, reunidos afinal, seguirem juntos. Conte-me em que romance você está, qual é a ideia dona da casa e como se comporta o *entrain*. Eu teimo em organizar definitivamente a vida economica para depois entregar-me todo á para a qual nasci. E como andam fortes as saudades da tua arte, espero me mandes o borrão dos ultimos partos. Tenho lido pouco; os *affaires* comem-me o tempo, mas leio. Li Garrett nas *Viagens na Minha Terra*, *Arco de Sant'Ana* e li tambem Hoffmann. Conhece este bicho? Mando um volume mal rotulado de *Contos Fantasticos*, onde muita coisa me seduziu, sobretudo o *Zacarias Werner*. Veja que bela arte do bem dizer. Leia-o e depois conversaremos a respeito.

Estou associado ao Ricardo num negocio que se sair nos enriquecerá a ambos. Mandar-te-ei os recortes dos jornais, quando for tempo. Imagine que é substituir o atual Viaduto do Chá por um monumental viaduto habitavel, com casas dos dois lados — uma rua suspensa!

O Manoel Carlos deseja muito conhecer o "Rangel através dum dos seus calhamaços." Manda o que houver para a rua Formosa 53.

LOBATO

S. P. 21,4,913

Rangel:

Em mãos as tuas ultimas. Nossas empresas são praticas. A ultima é a rua aerea, suprimindo o hiato que existe entre a rua Direita e a Barão de Itapetininga, hoje vencido canhestramente pelo nosso velho viaduto. Lê o recorte incluso. Está orçado em 2.000 contos e assegura boa renda. Se a Camara nos der a concessão, estamos ricos. Tive essa ideia ao passar uma noite por lá, e associei-me ao Ricardo, que tem influencia na vereança. Mas o negocio vai mal. Imagine que, movido duns estupidos laivos de pieguice sentimental, encarreguei o B... de fazer o desenho do ante-projeto a apresentar á Camara. E por burrice, ou inadvertencia, deixamos que ele, um simples desenhista contratado, assinasse a papelada. Pois foi a conta. O homem inflou-se de vento, tomou-se do delirio das grandezas, não aceitou nossa proposta de co-participação nos lucros e acabou rompendo conosco. Ha duas semanas que o encaminhamento do negocio está paralizado em vista da attitude desse irreductivel animal. O B... sempre viveu no mundo da lua, e na mais negra e suja miseria. Não sabe nada da vida dos negocios. Deslumbrou-se com as perspectivas da Rua Aerea e como desenhou o ante-

projeto tem-na como saída da sua cabeça exclusivamente. Nós não ignoravamos que o B... era duma ignorancia enciclopédica e creio que foi você quem o definiu assim. Agora verificamos que é também uma burrice erudita. Cita a ponte do Rialto em Veneza para provar que tem direito a um terço do negocio... Essa attitude nos extremou de tal maneira que o mais certo é abandonarmos o negocio. Se houver jeito de acordo, continuaremos com a Rua Aerea; do contrario, enterramo-la. Esse será o castigo da monstruosa ingratidão do quadrumano. Que vill! Como ajudei esse homem na vida! Como lhe arranjei empregos e lhe dei dinheiro! A paga é essa. E o peor é que não o faz por maldade, sim por burrice — ou absoluta incapacidade de comprehender um negocio á moderna, dependente de concessão e ipso facto de lubrificação das engrenagens.

O Nogueira surgiu por cá. Não é mais aquele nosso Nogueira do Minarete. É o autor do *Amor Imortal*, que sabe de cor e declama para os amigos basbaques. É o Nogueira *beuglant*. Flaubert devia ser assim. Reformou-se-lhe a filosofia. A Vida é uma attitude. As filosofias são attitudes diante da Vida. O Homem é uma attitude. Tudo é attitude. E com este actitudismo, Nogueira posa attitudes diante da objetiva do futuro. A attitude atual é deduzida de Nietzsche, que ele descobriu, apoteosa e dissemina. Está causando sucesso em nossa rodinha semi-industrializada, como se fosse um homem caído de Marte. O perigo é algum auto mole na rua. S. Paulo intensifica-se, e aquelas nossas palestras peripateticas de antanho são hoje quasi um sui-

cidio. O ponto do Nogueira é o escritorio do Ricardo. No meio dumas dessas discussões... (falta o resto.)

LOBATO

S. Paulo, 9,5,1913

Rangel:

Casualmente encontrei hoje a tua de 25 de abril, que um dos meus pimpolhos recebeu do carteiro e encafuou numa gaveta. E deu-me alegria saber que não degenerei — pelo menos na tua opinião — embora eu não perceba o que te levasse a tal conceito. Infelizmente, meu caro, ainda sou o mesmo; não consegui os belos resultados do Mario Roberto, apesar da fazenda, do jogo do bicho, do Beccari e do Hermes. Imagine que ao julgar-me completamente sarado, entro na livraria Alves para comprar um tratadinho de Salmon sobre *L'Élevage du Cochon dans l'Amerique du Nord* e saio com 200\$000 de Paul de Saint Victor, de Taine, Henri Fabre, etc. E mergulhei, literalmente chafurdei, no vício antigo, para grande escandalo dos meus canastrões, caracús e Leghorns. Que revanche! E no dia seguinte compro uma tal *Biblioteca Internacional de Obras Celebres* e estou agora organizando uma lista de memorias para mandar vir. Parece que ando na idade de ler memorias. Só nelas temos o que é possível de historia verdadeira, com os *bàs-fond* e as cozinhas e copas da humanidade. A historia dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. É um *garni* uniforme, incolor, tanto na França como na Turquia e Russia. Mas as memorias são a alcova, as

anaguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal — a pele quente e nua, ora macia e lisa, ora craquenta de lepra — da humanidade, a grande humanidade com “h” minúsculo, esse oceano de machos e fêmeas que come, bebe e ama — e supõe que faz mais alguma coisa além disso.

O meu grande sonho literário, jamais confessado a ninguém, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca — porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum átomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com ideias de um não-homem (que maravilhoso absurdo!). Uma pintura objetiva apenas, nada de julgamento de juiz. Toda literatura, todo romance, todo poema, por mais impessoal que procure ser, não passa de um julgamento. A ideia moral, que domina mesmo o autor mais liberto de tudo, *não permite* a simples pintura objetiva. E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguém o desnuda. Livro de um louco. Livro para o Marquês de Sade, se não fosse a sua obsessão sexual — ele tinha genio para tanto. Sinto que se apenas esboçar esse livro, metem-me no Juqueri. Encostemos por enquanto o pesadelo.

O Beccari nos tem aborrecido tanto, que a nossa roda já fala em roda de pau. Até Raul, o inofensivo, quer ter o gosto de colaborar na surra com a sua elegante bengala de junco. Que fim do Cenaculo! Os sub-

genios atacando em massa, e deslombando, o Genio Maximo, o Leonardo da Vinci do Cambucil

Se visses o Ricardo no escritorio de advocacia que armou com o Luiz Maia e outros... O Luiz, como parente que é, e homem de 1m80 de altitude e 90 quilos de tonelagem, tornou-se o chefe, o dirigente mental, o assessor e o motor do Ricardo. Empreendeu desenrancha-lo das musas e casa-lo com a machorra da Advocacia. E para isso força-o a assinar o ponto ás 11 horas e a ficar sentado a uma secretaria até ás 4, diante de autos, de papel marcado, de cartões do escritorio e de um *Assessor Forense*. Como unica transigencia admite, na estante que lhe fronteia a secretaria atochada de Lobões, Mafras, Bento Farias, Trigo Loureiro, Aveias e Coentros, bem em cima, em lugar pouco visivel, uma coleção da *Kosmos*. Todos os dias ás 11 em ponto Ricardo assoma á porta, entrepara, arranca um suspiro e entra. Pendura no cabide a capa e o chapéu, ouve uma descompostura do Maia e uns conselhos paternais (genero do D'Argenton no *Jack*): "A vida não é um romance, Dr. Ricardo Gonçalves. A advocacia é coisa seria, de grandes responsabilidades, etc." Ricardo, sem um pio, abanca-se, escreve uma petição ou razão, para afazer-se á forma tabeliôa. O Luiz passeia pela sala e dita:

— "... e assim requer que o dito mandado..."

— "Dito mandado!" geme o poeta. Já ha um "dito" atrás e está tão claro que é sempre o mesmo mandado...

— “Escreva, escreva! É preciso muita clareza, senão o juiz não entende. Isto não é poesia, Dr. Ricardo Gonçalves. É coisa seria. A vida não é um romance”.

E no papel, que outrora recebia os seus lindos sonetos, Ricardo lança aqueles odiosos “ditos”, e safadíssimos “referidos”, suspirando. E fora sôa um chorinho abafado, no corredor. São as musas que não podem entrar e de longe espiam aquilo...

Como consolo aparece de quando em vez um abencerragem literario — em regra o Raul, que foge da repartição e vai ve-lo, todo smart, com um tédio superior no canto da boca e gestos de dedos espetados, mas já sem os “ohs,” sem Eça e até sem Fialho. Também aparece um Joaquim Correia, critico de pintura e versos que o Raul outrora hostilizava mas que o Ricardo considera boa pessoa. Também o Nogueira deixou lá rastro luminoso — e as musas quasi entraram com ele. E como dissertou bem! “Porque o Alberto me disse... Porque o Artur me escreveu”. O Alberto é o Alberto de Oliveira. O Artur deve ser o Rei Artur. Você não lhe pilha mais a camaradagem, Rangel! Serias para ele agora uma *mésalliance*. O Nogueira de agora é só ali no “imortal” e não faz por menos. E você, ingenuo, ainda lhe escreve! Mas não espere resposta. Nogueira só atende de Alberto para cima.

Pobre e bom Nogueira! É um excelente rapaz. Estas minhas maldades talvez sejam no fundo inveja do seu *Amor Imortal*. Inveja do que já é editado (ou “edicionado”, como ele diz) pelo ainda não editado. Assim o tivéssemos sempre por aqui, para agitação e desempoeiramento das nossas ideias!

LOBATO

1914

Rangel:

Estavamos no exame de consciencia. Em virtude do teu desastre comercial com as galinhas, da tragedia intima, do romance craniano, etc., déste balanço nos miolos e concluíste: "Sou meio curto de inteligencia e meio bobo". Nesta conclusão, sim, tu te revelaste um alarve. Não tens tino comercial e porisso não és esperto como o rato, como o vendeiro da esquina, como o Afonso Coelho. Negocio é essa esperteza infame, Rangel. Mercurio era um espertalhão. Os gatunos são espertissimos. Comercio e gatunagem são os polos duma mesma atividade humana; o primeiro exige mais folego e se faz dentro da lei, hipocritamente e com toda a segurança; o outro se faz fora da lei, heroicamente, entre mil perigos e sem honra nenhuma. O vendeiro abusamos da fisiologia; vê a fome em nossa cara e acena-nos com um rabo de bacalhau, e em troca do fedorento peixe nos tira do bolso uma certa quantidade do nosso sangue-dinheiro. O gatuno que nos tira a carteira sem tentar a nossa fisiologia, é muito mais discreto, gracioso e comodo. Ora, as tuas experiencias apenas demonstram que não és negociante matriculado, nem gatuno. Se o fosses, Rangel, se o teu negocio de galinhas dêsse resultado, estavas logo aí a fazer um "corner" de aves, e a açambarcar os ovos todos de Sapucaí, e a perturbar o

mundo com a tua ganancia, e a tentar a fisiologia humana, etc., com grave dano dessa coisa tremenda que se chama Literatura. Parabens, pois, pelos desastres comerciais. Não fojes, meu caro, ao destino de Messias do Cenaculo. Tu és o esperado. Tu és o que prometeu e deu. Todos os mais não granaram, como as espigas do meu arrozal do Barro Branco.

O Cenaculo — um pardieiro já, Rangel. Procura escorar-se com admissão de sangue novo. Andam querendo atrair o Roberto Moreira e o Plinio Barreto, mas acho-os muito pouco tartarinescos. Não tiveram a iniciação da Tarasca, como nós. O teu prestigio na rodinha cresce na proporção da tua demora em aparecer. “Ele que tarda é que vai ser formidavel”, informo eu, o iniciado nos segredos do Rangel, e sussurro coisas, conto que pões romances como as minhas Leghorns põem ovos — e ás vezes até perdes um ou dois na rua, de caminho para o forum. (Sabe que com o Coelho Neto aconteceu isso? Perdeu um original de romance no bonde...) E descrevo o trecho e a filosofia dos teus romances numerados, e o teu modo de trabalhar, e os prodigios que andas arrancando da lingua. “O N.º 7 é assim” — e vou contando. “Ele escreve como Gautier, com um gato preto ao colo e um boi zebú no quintal. E está com um estilo que é mais que a musica da Guiomar Novais. Se descreve um sol quente, o leitor sua. Se fala numa piabanha recheada, ninguem domina os arrotos da beatitude gastronomica. Eu lá na fazenda engordo os porcos de ceva lendo-lhes todos os dias um capitulo do Rangel sobre o milho vermelho”.

E todos ficam pensativos, com os olhos humidos de ternura. Porque eles todos traíram a Tarasca, Rangel. Senão, veja lá onde param.

Ricardo não é mais o nosso Ricardito do Minarete — é o Dr. Ricardo Mendes Gonçalves, vereador da Câmara Municipal de S. Paulo!

Lino já não é o Lino da rua Braulio Gomes — é o Dr. Lino Moreira, tabelião de notas na cidade do Rio de Janeiro!

Albino o Filosofo não é mais isso — é o Dr. Albino de Camargo, lente de psicologia e logica do Ginasio de Ribeirão Preto!

Tito baba.

Raul, o ultimo abencerragem, sempre surdinho, continua com os famosos coletes de seda e está acarrapatado a uma Secretaria qualquer.

O Correia... bom, o Correia não é do teu tempo.

Candido está transformado em Carbono, Oxigenio, Hidrogenio e outros gases, e calmamente incorporado aos pinheiros da Suíça.

Edgard Jordão sumiu-se no maelstrom carioca.

Lobato enternece-se com os porcos numa fazenda da Mantiqueira.

Todas as luzes se apagaram — só resta a do electricista de Sapucaí. (*)

LOBATO

* Rangel acumulava o cargo de juiz com o de contador de uma usina electrica.

Fazenda, 30,4,1914

Rangel:

Incrível, mas ando sem folga para uma carta. É que estou construindo um chiqueirão, consertando a maquina de beneficiar café e remodelando americanamente as acomodações das minhas Leghorns. Isso me ocupa o dia inteiro, ora aqui, ora ali, e á noite estou deliciosamente cansado e sem animo de te escrever — e ha muita coisa de que não te informei, sucedida no meu atochado ano de 1913.

O negocio do viaduto tem dado pano para as mangas. Aquela Casa de Orates que é o cerebro do Beccari fez dum negocio muito simples — pedido de concessão para um viaduto e nada mais — um tremendo *affaire*, com rompimento de relações, com parlamentares de lá para cá, advogados no meio, ameaças. Tudo porque de um momento para outro resolveu não contentar-se com a quota de lucros que num contrato previo lhe atribuímos. Só agora ficamos vendo como funciona aquele cerebro. Dum modo absolutamente diverso do normal. Coisas que para nós são clarissimas e evidentes, não entram nos miolos do Beccari. É louco, Rangel, e só agora o descobrimos! Se eu fosse contar o negocio inteiro com detalhes, lá se me ia uma resma de papel. Temos que meter o nosso da Vinci num conto, não ha remedio. Tipos assim a gente empalha e guarda no museu.

Quanto aos *Legionarios*, se esse romance ainda não foi publicado a culpa é só tua, Rangel, que recorres a estranhos em vez de á prata da casa. Manda-me isso,

que tenho elementos para fazer que saia num dos diários de S. Paulo, *Estado, Correio, Comercio*. Mandamo que sairá, já, já, já. R. Manso é um lorpa (e parece-se comigo, dizes — que lastimal). Chamo lorpa todo sujeito que faz espirito por empreitada. Espirito é sabor e perfume acompanhando uma fruta ou uma flor. Destacado da flor ou da fruta temos sabor em lata e “agua florida”. Quando numa conversa, ou numa coisa escrita, surge de repente um “espirito” bem a proposito, sem denuncia de encaixe a martelo, sentimos o mesmo prazer de quem recebe uma lufada de perfume da flor que está colhendo. Mas se um sujeito nos agarra e nos enfia pelas narinas uma serie de perfumes, e isso diariamente, o que temos a fazer é fugir desse sujeito — meter leguas entre ele e as nossas narinas. Conquanto eu ache o R. Manso muito engraçado e espirituoso, raro o leio, porque minha impressão é de que o homem está pago para nos fazer sentir cheiros á força.

Deves andar muito atormentado com a tal electricidade. Que tempo te sobra para a literatura? Temos que voltar a ela, Rangel, você e eu, porque estamos envelhecendo e o destino nos deu essa função na vida. O que não compreendo é como accumulas a função de juiz com a de electricista. É então permitido isso aí em Minas? Casamento de Mem Bugalho Pataburro com Thomas Edison?... Que minerio não haverá em Minas Gerais, Rangel...

Sinto-me estafado hoje. Escrevo-te para não esfriar a nossa “corrente alternada” como o prolongamento da demora. Mas creio que com mais uma semana, acabo

estes serviços todos e então conversaremos á moda antiga.

Mande os *Legionarios*.

LOBATO

Fazenda, 15,5,1914

Rangel:

Que estranha é a alma humana! Vivo ha tempos com intenção de escrever-te e não escrevia, embora o *far niente* fosse absoluto. Agora que ocorreu por aqui uma revolução e estou abarbadado de serviços e problemas, acho tempo para esta carta! Imagine você que ha dias, cansado de ser hospede em minha fazenda, cansado da minha literatura a *batons rompus*, cansado de fazer fotografia e pintar aquarelas e de ler uns Balzacs um tanto maçadores, deliberei repentinamente mudar, e da reserva me passar á ativa. Expus a situação ao meu administrador e dispensei-lhe os serviços. Mas o homem estava aqui de pedra e cal. Sorriu-se da minha ingenuidade de diletante e, fingindo ceder, pediu uma semana de praso e pôs-se a conspirar nas minhas ventas sem que eu o percebesse. E sugestionou os camaradas e colonos todos, ameaçou aos que não pôde convencer (ele é parente do Moreira Cesar de Canudos), preparou tudo para uma embolia geral dos serviços, justamente agora que tenho de dar começo á colheita. E finda a semana do prazo me disse com a maior segurança: "Seu doutor, sem eu aqui a colheita deste ano está perdida, mas continuo sempre ás suas ordens", e partiu na besta calçada, *pac, pac, pac*.

Eu então solenemente desci da Casa Grande e fui para a Casa da Administração assumir o governo da fazenda em que até aquela data vivera como hospede. E o que ocorreu foi abracadabrante. Começaram a chegar das fazendas e lugarejos visinhos carros de boi e burros de tropa, que vinham buscar “meus camaradas”, “meus colonos”. E todos começaram a retirar-se, sem virem me dizer coisa nenhuma. Eu não entendia aquilo. Por fim um velho italiano, o Raimundo, que está na fazenda ha trinta anos e cuida da criação e dos serviços do terreiro, veio despedir-se de mim.

— “Então você vai tambem, Raimundo?”

— “Que remedio! Tenho de ir...”

— “Tem de ir? Como? Não entendo...”

— “Eu não posso falar, seu doutor. Tenho de ir, tenho de ir...”

O caso começou a intrigar-me. Apertei o Raimundo, o qual, por fim, com muito medo, tudo me contou: o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas vizinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um exodo em massa. E a ele Raimundo e a outros ameaçara de morte, se não saíssem tambem naquele dia. O plano era deixar-me impossibilitado de colher o café — a não ser que eu o readmitisse como administrador, caso em que todos os colonos voltariam e ficaria tudo como dantes. Ou eu cedia ou arruinava-me!

Retesei todos os musculos da alma e virei heroi.

— “Raimundo, vai-te para o inferno! Que todo vão para o inferno! Não preciso de ninguem aqui. Eu

sabia de tudo, escrevi para S. Paulo e mandei contratar lá cincoenta colonos novos. Você vá dizer para essa gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possível, para desocupar as casas. Preciso delas para os colonos novos.”

O Raimundo ainda contou que o administrador ia voltar no dia seguinte para ver se alguém o havia desobedecido. E eu: “Se voltar, não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!”

O pobre homem assombrou-se e foi contar aquilo aos outros. Todos se convenceram de que o patrão era um homem tremendo, que matava de verdade, e começaram a mudar de ideia, a perder o medo ás ameaças do administrador. E como no dia seguinte o truculento administrador não reaparecesse para “ver quem o havia desobedecido”, o pessoal todo foi voltando, muito desapontado. Dias depois estavam todos cá, sem exceção dum só — e eu vencedor e dono final da minha fazenda.

Isso aumentou muito a consideração que eu merecia de mim mesmo. Vi que sei agir com firmeza e psicologia nas emergencias tempestuosas.

Ontem perdi o sono e conclui a leitura do *Cousine Bette*. Rangel, Rangell Balzac me assombra. É genio dos absolutos. Lembro-me duma imagem de Zola, comparando a obra de Balzac a um colossal edificio inacabado — tijolos nús, andaimes, só o arcabouço externo. Não é nada disso. Não tem nada de inacabado — mas Balzac não é homem que desça a truques, remates, ornatos secundarios. Pinta a largas espatuladãs. Diz o es-

sencial, cria blocos apenas, formidaveis blocos, mas não alisa a pedra, não usa lixas, não lhes enfraquece a grandeza. Que tipos! Que prodigios! Que coerencial! Que fertilidade! Que mina! Que celeiro de ideias e imagens! Que multidão de gente viva estua dentro de seus romances! Como perto dele é palido e artificial Zola, com sua arte mecanica, sua logica invariavel, seu romantismo despido das belezas heroicas do romantismo! Balzac nem em capitulos divide a narrativa. Aquilo rompe e rasga, e vai numa catadupa tumultuosa, numa avalanche, até o fim. *Quelle puissance!* Já li *Cesar Birotteau* e a *Cousine* e afundo-me agora em toda a sua obra, como num mar. Já não dispenso todo Balzac!

Adeus. Meu ajudante de ordens me chama para resolver qualquer coisa. Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade. Sou rei deste terroito de 1.800 alqueires de montes e vales

Continuemos. Já atendi ao caso. Foi assim: “Que ha Chico?” principiei. O Chico Eusebio coça a perna e diz: “Não vê que parece que o homem vem mesmo amanhã. Mandou dizer”. Levei o Chico Eusebio para minha sala e mostrei-lhe uma carabina Marlin de doze tiros. Carreguei-a e descarreguei-a diante de seus olhos atonitos. “Doze?” “Doze, sim, Eusebio, e veja que balas.” E ele: “Boas para matar queixadas.” “Ou parentes do Moreira Cesar de Canudos”, emendei eu. “Mande dizer a esse homem que pode vir, mas trate de fechar o corpo primeiro”.

Balzaqueano, hein?

LOBATO

Fazenda, 7,6,1914

Rangel:

Temos contas a justar. Pena é que a Odete, um restolho feminino que veio engordar aqui, me esteja azucrinando os ouvidos com uma valsa d'*O Malho*. Tilita-me a ideia, dá-me nós no fio das ideias. E vem-me uma interrogação: será que a existencia de Guiomares Novais compensa a existencia de Odetes pianoteiras? Além do piano da Odete ha uma pulga que conspira contra você, Rangel. Está nas minhas costas, lá onde a mão não alcança. Odete e pulga não querem que eu te escreva...

Da tua carta, modelo de ironia fina aliás, vejo que o juizado, mais Sapucaí, mais a luz eletrica, estreitaram um tantinho o ambito das tuas ideias. Acenas-me com um tipo, com um molde, com uma fôrma de literato que é a que conformou o Artur Goulart e que hoje é o *garni* de inumeros pretendentes á gloria. De passagem para a Vida, recém-saidos da Cartilha, é habito da nossa rapaziada, ao mesmo tempo que fuma o primeiro cigarro e se inicia com a primeira mulher, fazer o primeiro soneto ou conto. Se o rapaz é de boa estirpe e sadio, faz essas coisas e passa adiante, entretido com outras muito diferentes. Convence-se por intuição de que a Gloria é um pau-de-sebo com uma nota falsa na ponta. Mas se é um taradinho, se é um Macuco, insiste em subir pelo pau-de-sebo para pegar a nota — e besunta a cara e a roupa, enseba-se. E se é um tarado integral como o velho Goulart, que Deus haja, fica naquilo a vida inteira, obcecado pela nota falsa. Goulart morreu

ao pé do pau-de-sebo, e morreu ensebadiíssimo. Será Rangel, que você me inclue nessa classe?

Vou explicar-me. Acho que quem escapa de ser uma simples unidade na mediania do *vulgum pecus* é porque tem lá nas circunvoluções cerebrais um boleadozinho mais favorável. Disso vem a essa criatura o anseio e o direito de viver a sua vida, e não a do rebanho. Este viverá a vida preestabelecida pela tradição ou pelo interesse dos pastores que o tangem. Ora, nós dois, Rangel, temos a coisa favorável lá nas circunvoluções; e portanto nós gosamos da regalia de seguir no rumo da estrada real por onde seguem os carneiros, mas fora de forma, fora da massa de "més", por atalhos ou picadas laterais que vamos abrindo. Temos direito ás nossas venetas!

Viver a sua vida é o supremo programa da vida. Mas o clan dos que vivem a sua vida é da mais tremenda variedade. Antonio Silvino, Olavo Bilac, Pinheiro Machado, Godo Rangel, coronel Rondon, Maria Lina, Edú Chaves, Monteiro Lobato, eis alguns representantes dessa classe de privilegiados, que criam os deuses á sua imagem e caminham na vida como franco atiradores, vendo de longe o desfile dos batalhões cerrados que ao som dos tambores da Moral e da Religião marcham suarentos para o grande destino comum da Morte. Nós também vamos para lá — mas não em nenhum passo-de-ganso. Vamos caminhando gostosamente. Aqui nos detem uma flor. Colhemo-la, aspiramos-lhe o perfume, e ficamos a analisar as associações de ideias que a côr, o aroma e a forma das pétalas nos provocam. O nosso cerebro sente o prazer de tal exercicio. Mais adiante,

um pôr-de-sol nos faz sentar numa pedra e lá nos acomodam os devaneios. Se somos Antonio Silvino, (*) vamos enfrentar uma esculta do governo que vem em tal direção — e antegosamos a delicia da vitoria. Se somos Rondon, o que nos interessa agora é descobrir uma nova maloca de índios nós. Para Maria Lina será mais uma vez convencer-se de que é linda e serpentina, pelos olhares babosos que vê nos homens da plateia. E Edú sonha varar de S. Paulo ao Rio pelo ar sem cair pelo caminho. E que faz Rangel lá num fundão mineiro? Aperfeiçoa o seu instrumento de expressão, como Stradivarius aperfeiçoava os seus violinos. E que faz Lobato no Buquira? Vive contente como um passarinho, a debater com Rangel coisas de que o mundo não desconfia — e que para o mundo não têm o minimo valor.

Nós, Rangel, nós todos do Atalho, vivemos as nossas vidas. Uma revolução muda as instituições dum país? Nós perscrutamos a essencia recondita do fato, vemos as coisas que o rebanho não vê e passamos adiante, com a atenção atraída por um beijaflor evidentemente parado no ar. Sim, eles e as varejeiras sabem ficar paradinhos no ar, por meio da vibração das asas. Por que não tambem o homem, o qual já começou a voar? E ou nós nos metemos na peleja e vamos chefiar o movimento e colher os despojos da vitoria, ou vamos escrever os *Sertões*. Ora roubamos, ora matamos, ora somos o Marquês de Sade, ora Cesar Borgia. O que não somos nunca é ovelha — fiel ovelha do Santo Padre, de S. M. o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos Codigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que

* Cangaceiro muito famoso na epoca.

mata a personalidade das criaturas e as transforma em numeros.

Destes discolos, que a grande massa humana a seguir pela estrada real olha com desconfiança e inveja, um como você, escolhe como instrumento da afirmação própria o livro, e com livros gritará para o mundo: "Sou assim, vejo assim, imagino, quero, sonho assim". A tua prancha de saltar é o prelo; o teu fim, uma imposição da personalidade. Vitoria ou derrota virão do bom ou mau malabarismo que fizeres com as palavras. Outros como Antonio Silvino, queimam fazendas e berram para o país: "Eu sou assim, mato e esfolo"! O fim de Silvino é identico ao de Rangel: afirmar-se. Apenas usa a faca e o trabuco em vez do malabarismo dos vocabulos. E como se afirma o Pinheiro Machado? Fazendo e desfazendo leis, servilizando um Congresso, maquiavelizando, subjugando uma nação como o domador faz a um potro. E grita: "Eu sou assim. Domino, quero e mando. Afirmo a minha personalidade e divirto-me com fazer-me leão desta sordida carneirada legislativa". Outros desprezam a plateia; são o que são para si sós, sem publico, e vivem suas vidas individualissimas por força do incoercivel individualismo e nada mais. Quantos fazendeiros não ha por aí tremendamente eles-mesmos, superiormente eles-proprios perante a sua consciencia, os seus colonos, os seus porcos de ceva? Estes homens dispensam plateias. São indiferentes ao barulho chamado "palmas" e ao barulho "assobios". *Sono sodisfatto di me e basta.* Eu, Rangel, ainda ando nesta turma, contente comigo mesmo e vivendo uma bela vida mental, tendo á minha disposição maravilhosos

livros e passarinhos, perfeita companhia e flores, porcos que engordam gostosamente na cevada e uns filhinhos viçosos. Vivo no mar do *Joie de Vivre* de Zola. Às vezes passa-me a ideia de agarrar palavras, fixá-las e, ao teu modo, dizer ao mundo: "Sou assim, quero assim, não tenho contas a te prestar, irmão, não te lisonjeio nem te satisfaço o paladar, ó carneirada feia! Não escrevo para ti, nem aspiro ao teu aplauso. Apenas satisfaço uma necessidade organica, sem visar coisa nenhuma." Pura fisiologia. Tal qual o homem que nos braços duma mulher chega ao momento da explosão da Via Láctea por amor do amor, por pura fisiologia — não vendo o provável filho resultante.

Rangel, Rangel, o piano da Odete continua a esfurar-me os miolos. Ela malha-me com a valsa d'O *Malho*. Proibir o piano ao *vulgum pecus*, como a Igreja lhe proíbe a liberdade de pensamento... Em S. Paulo ouvi Guiomar Novais em casa do Gelasio Pimenta; sentei-me ao lado dela para bem ver e ouvir — e a propósito escrevi um artigo no *Correio Paulistano*, a primeira coisa na vida que assinei com meu nome inteiro. Que divina pianista! Desses mesmos sons azucrinantes da Odete ela faz uma nuvem de gaze em que a nossa alma se rebola em deliquio. Assim também com as mesmas palavras com que o Geraldo saúda a bandeira, Olavo Bilac nos conta divinamente o julgamento de Frineia.

Rangel, Rangel! Receio que os autos forenses, que Sapucaí e a luz electrica te hajam encolhido as ideias, já disse. Julgas-me então um *raté* pelo simples fato de não haver nas livrarias uma brochura amarela com o

meu nome na capa? F. F. tem lá brochuras com o seu nome e esse, sim, Rangel, é o *raté* dos *ratés*. *Raté*, eu? Mas como, meu bobinho, se *vivo a minha vida*? *Ratés* são os que querem uma coisa e sai outra. O Goulart e o Macuco eram *ratés* porque queriam ser gênios e os quatro pés não deixavam. Um rebelde nunca é um *raté*. Só o será se quiser ser rebelde e permanecer escravo.

Recomeçemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondencia. Eu prefiro um leitor como você aos tres milhares que vais ter n'O Paiz. Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu publico, talvez eu tome para meu uso o Publico. Sei que será passar de cavalo a burro, mas é corrente aqui na roça que trocar de montaria descansa. Vamos lá, meu publico, meu leitor unico! Aguenta-me em teu lombol Sigamos os dois como até aqui, peripateticamente, a debater frivolidades e a repastar as misteriosas exigencias mentais dos nossos eus, apesar das centenas de quilometros que nos separam. A separação é apenas geografica — a menos separante das separações. Esta nossa caminhada já vem de dez anos. É provavel que um dia nos separemos *nel mezzo del camin...* na encruzilhada da Saciedade ou no pouso do Nada-Vale-a-Pena. Mas em que quilometro ficam essa encruzilhada e esse pouso? Não sei. Talvez para além da nossa vida — e morreremos sem te-los alcançado.

Continuemos, Rangel. A grande coisa duma viagem não é o chegar — é o ir.

LOBATO

Fazenda, 20,10,1914

Rangel:

Ora graças que nos encontramos de novo. Porque não tinha graça nenhuma que depois de tão comprida caminheira nós nos “estranhassemos”, num quasi divorcio, só porque você se meteu a eletricista e eu a fazendeiro. Vida em fazenda antes personaliza do que uniformiza. E argumento por argumento, os teus podem aplicar-se a você mesmo, que na classificação social tem a ficha de juiz mineiro. Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu *gesto coisas*, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconciente, que é o melhor: *géstio uma obra literaria*, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vitima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra ha um maldito prisma que desnatura as realidades*. E ha o francês, o maldito mácaqueamento do francês.

Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma serie de contos e coisas com uma ideia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontaneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro — especies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-de-serra, tambem é incapaz de outra piolhagem que não a da serra. Já te escrevi sobre isto; e se a ideia volta e insiste, é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo proprio.

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem — “agregados” aqui das terras. Persigo-os,

quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incendio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lendea, no utero duma cabocla suja pòr fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos duma negra parteira, senhora de rezas magicas de macumba. Cresce ño chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Ve-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulario e da “sabe-doria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mate, matar com a picapau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sitio onde nasceu, até que a morte o recolha. Constroi lá uma choça de palha igualzinha á paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi, com a mesma lombriga nas ventas. Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destroi, as velhas arvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. Havia uma gameleira colossal perto da choça, arvore centenaria — uma pura catedral. Pois ele derrubou-a com “tres dias de machado” — atorou-a e dela extraiu... uma gamelinha de dois palmos de diametro para os semicupios da mulher! Tambem extraiu da gameleira morta um pilãozinho de moer sal. Como aproveitou a gameleira, assim aproveitou a terra. Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho. E assim por diante. Um dia aparece o pó da Persia que afugenta a piolhada: o ita-

liano. Senhorea-se da terra, cura-a, transforma-a e prospera. O piólo, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante.

Como você vê, não é fantasia nem carocha. É uma coisa que está aí e ninguém vê por causa do tal prisma. Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto — e que até o Ricardo romantizou tão lindo:

Cisma o caboclo á porta da cabana...

Eu vou contar o que ele cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma "entrada", a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romantico já cristalizado — e até vê caipirinhas côr de jambo, como o Fagundes Varela. O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, ao Coelho, á Julia Lopes, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de indio, caboclo.

Entrementes, colho café, planto feijão, milho e arroz, acompanho a guerra, leio Albalat, fumo cigarros de palha, não pago dividas, carteio-me de longe em

longe com o Rangel e, sempre magro, vejo engordar á vista d'olhos a legião de parentes e amigos que hospedei este ano e hospedo ainda. Agora que te puseste fora da electricidade, que vais tu *começar* ou que tencionas *concluir*? Ando saudoso dos tempos de Areias, em que o correio me trazia os teus famosos romances numerados. Quando me mandas o ultimo? Vamos, Rangel, toca a andar. Quem sabe se estamos *perto*? Às vezes a gente chega inopinadamente.

LOBATO

Fazenda, 22,11,1914

Rangel:

Chove. Aproveito a interrupção dos serviços para pôr a minha correspondencia em dia. Creio que desta feita a montanha parirá. Sinto cá dentro as agitações do filhote. O diabo é que não é um filho só, sim ninhada — assuntos a dar com pau. Publiquei a semana passada um artigo no *Estado* e, com surpresa, recebi a proposito cinco cartas e um convite da Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo para fazer uma conferencia lá. Em vez disso, eu e minha mulher fomos ler o tal artigo, cheios de vontade de gostar — e nada vimos que provocasse o entusiasmo dos paulistas. Fiquei na duvida, porque cá no intimo, Rangel, acho o meu talento muito problematico; o que tenho é jeito, hãbilidade; e assim como sem ser pintor, pinto minhas aquarelas, sem ser caricaturista faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro conserto relógios (dos grandes), e conserto fechaduras,

e faço toda uma mobília tosca, como fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre (como a construi em Taubaté), assim também, por força desse mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o solido, o bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever. Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingênita do artista que cria inconscientemente e de jacto. Sou, em suma, o tipo do “curioso” — e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a “amador”. Eis Rangel, o que no fundo penso de mim.

A obra capital da minha literatura, Rangel, o porco macho da ninhada, é ideia muito velha em minha cabeça: o homem visto por um não-homem — e para comodidade este não-homem pode ser a alma duma montanha. Livro fragmentario. Impressões. Jactos. Manchas. Notas dum não-homem. Tenho algumas e mandarei para que ajuizes.

Outro feto que sinto no utero é um romance comico onde se desenvolva o quatrienio Hermes, visto por um Zé Ninguém que o hermismo plantou num cargo publico — de agente do correio, suponhamos. Outro feto que já me dá pontapés no utero é a simbiose do caboclo e da serra, o caboclo considerado o *mata-pau* da terra: constritor e parasitario, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio — inadaptavel á civilização.

Por hoje bastam essas tres amostras da barrigada. Mas antes delas o que vai sair é um estudo da guerra

dum *ponto de vista novo*. Novo, imagina tu! A *hostefagia*, Rangell! Não dar comida aos soldados para que lhes venha agua á boca á lembrança da *carne dos inimigos*. O grande premio do vencedor não é o saque — é a satisfação da fome velha com a carne assada dos inimigos. Napoleão trocará os quarenta seculos por quarenta mil bifés. “Camaradas, atrás daquelas pirâmides, quarenta mil mamelucos assaveis vos esperam!”

LOBATO



Este volume, o 11.º, da 1.ª Série das
"OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO"
foi composto e impresso na
Empresa Grafica da "Revista dos Tribunais" Ltda.,
rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo,
para a
EDITORA BRASILIENSE LTDA. — S. PAULO.
em 1950.



5



U. C. BERKELEY LIBRARIES



C055828829



